HISTORIA DO BRASIL

DO MESMO AUCTOR:

Historia do Brasil. Edição com estampas para a infancia, 1 pequeno volume.

CURSO SUPERIOR

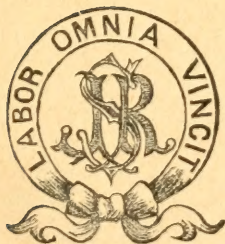
HISTORIA DO BRASIL

POR

JOÃO RIBEIRO

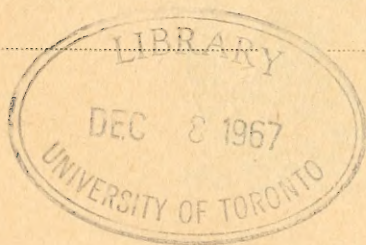
Professor de Historia da Civilisação e Historia do Brasil
do Gymnasio Nacional

Com um prologo de Araripe Junior

2.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CRUZ COUTINHO
DE Jacintho Ribeiro dos Santos

1901

N.º ....

Os exemplares da presente segunda edição da **Historia do Brasil** (curso superior) devem ser numerados e rubricados pelo auctor e editor.

JOÃO RIBEIRO

PHILOLOGO E HISTORIADOR

Em 1880 apparecia no Rio de Janeiro um moço nortista escrevendo grammaticas e ao qual se attribuia grande aptidão para os estudos de linguistica. Esse nortista, que então se soube ser de Sergipe como Sylvio Romero, limitava as suas aspirações ás glorias do mundo pedagogico.

Quem escreve estas linhas, por occasião de dar noticia, na *Semana*, (1887) de um diccionario grammatical, editado pela casa Nicolau Alves, disse que o auctor desse trabalho, bem como dos *Estudos philologicos*, publicados em 1894, distinguia-se dos outros seus collegas por uma singular vocação para aquillo a que os inglezes chamam em sentido particularissimo discernimento.

« Nem todo o homem de sciencia ou que se apresenta como tal, exprimia-me eu, dispõe dessa força inicial de discernir. Muitos individuos ha que a adquirem pela diuturnidade do exercicio, ou que nascem com a bossa da generalisação, mas que por conformação especial do intellecto nunca chegam a ter um sentimento

definido da funcção do discernimento. São estes seguramente os que mais exercem as suas aptidões em coordenar factos confusos, fugitivos, e que, por ultimo, na impossibilidade de tornar a verdade, por assim dizer, tangivel, acabam, concentrados em analogias arbitrarias, recorrendo á deducção de typos prestabelecidos.»

João Ribeiro não perdeu taes qualidades, antes as apurou; e o livro **Historia do Brasil**, que acaba de sahir dos prélos, prova-o sobejamente. A clareza do seu espirito, e portanto dos seus escriptos, avulta de dia a dia, tomando cada vez mais extensão scientifica e brilho litterario; o que se explica pela variedade de cultura do professor desdobrado num artista. Pintor, musico, poeta, formado em direito, o auctor da **Historia do Brasil**, que já manejava com vantagem os methodos de ensino inglezes, agora, depois de uma estada de dois annos na Allemanha, commissionado pelo Governo para estudar os processos de ensino superior de historia, surprehende-nos com uma feição nova e carregada desse genio paradoxal que, na patria de João Paulo Richter, tem produzido, senão arrebatado ao professorado, os mais scintillantes e originaes dos seus escriptores. Assim succedeu, entre outros, a Schopenhauer, a Max Stirner, e mais recentemente a Frederico Nietzsche, sendo que este é o que se pode dizer verdadeiramente a transfiguração de um grammatico e philologo num poeta de largo remigio. Pois bem, João Ribeiro assimilou esse espirito caracteristico da litteratura allemã; e não o fez em balde, porque hoje não hesita em o pôr ao serviço do ensino de historia geral da civilisação e do Brasil, dando aos seus novos trabalhos o encanto que só o homem de lettras, dedicado ao magisterio, ou o *privat-docent*, educado á moderna na philologia classica, consegue imprimir nesses manuaes insignes, que são a gloria da pedagogia do se-

culo. De facto, e o mestre com facilidade se convenceu disso, ha presentemente livros desta natureza na Allemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, que fazem pensar no que será o ensino no meiado do seculo xx: — uma inoculação electrica dos conhecimentos necessarios á vida pelos processos simplificadores da economia do esforço intellectual e pelo desenvolvimento do gosto artistico latente em todo o homem que não seja um cretino. Já se encontram, por exemplo, os *Albuns historicos* de Lavisse, que ensinam pela retina; e professores ha que preconisam a applicação á historia de uma especie de methodo Berlitz, isto é, a creação de estados de consciencia no alumno em virtude de continuos mergulhos num meio de resurreição historica. Comprehende-se, porém, que sacrificios de paciencia e de dinheiro não são precisos para promover esses passeios historicos maravilhosos e constituir gabinetes de trabalho de modo a utilisarem-se todos os esforços do professor. Na falta de taes recursos restam o manual e a *verve* do mestre. Na Allemanha e nos Estados Unidos a confecção de semelhantes manuaes suppletorios teem-se tornado uma questão vital. O methodo é a maravilha da escola e a delicia do professor; e no que entende com a pedagogia historica, completamente abolidos os processos de exposição, ainda infelizmente usados em nossas escolas, e que apenas servem para crear no alumno antipathias profundas por essa casta de estudos, o manual é a carta de navegação pela qual o peior piloto pode levar o discipulo ao porto de destino. O auctor da Historia do Brasil procura justamente fazer entrar a corrente pedagogica, que tem produzido esses trabalhos, nos nossos habitos de ensino.

« Não se exigem mais, da historia, dizem Langlois e Seignobos na sua *Introducção aos estudos historicos*, lições de moral, nem exemplos cavalheirescos, nem tambem scenas dramaticas ou pittorescas, sendo certo

que, quanto a taes objectos, a legenda seria preferivel á historia, porque ella apresenta um encadeiamento das causas e dos effeitos mais conforme aos nossos sentimentos de justiça, descreve personagens mais perfeitos e heroicos, scenas mais bellas e emocinantes.»

Os competentes, portanto, ha muito tempo condemnaram a mania de empregar a historia como instrumento de exaltação patriotica ou do lealismo, isto por uma razão obvia, e é que do methodo assim entendido resultava que illogicamente cada paiz tendia a fazer applicações da sciencia na conformidade dos seus interesses particulares, mutilando a vida dos povos no sentido dos seus odios ou dos seus enthusiasmos. É assim que vimos, para não ir muito longe, Oliveira Martins, aliás o maior escriptor de historia da lingua portugueza, deformar o typo de D. João VI, simplesmente porque este principe causou a Portugal o enorme prejuizo de arrebatar-lhe ou dar motivo a que lhe arrebatassem o Brasil. Não cabe aqui verificar até onde é licito utilisar a doutrina a paizes como o nosso, semicoloniaes. É difficil dizer si o mundo já póde dispensar esse, embora velho, conhecido instrumento de civilisação, e si esse apparelho de defeza nacional está no caso de ser abandonado tão cedo para dar logar a um cosmopolitismo duvidoso, inorganico, que, não podendo ainda ser o que Augusto Comte imaginava, não passa na realidade do campo de acção em que tripudia o egoismo feroz de alguns governos e se avantajam os grandes especuladores pertencentes á escola mystico-industrial preconisada por Cecil Rhodes.

Não sei tambem por outro lado si Fouillée terá razão quando se pronuncia pela educação no ponto de vista nacional, quebrando um tanto os excessos do ensino naturalista e pondo nos programmas mais *humanidades* do que sciencias praticas, o que até certo ponto não deixa de ser uma incoherencia á vista do edificante

exemplo e muito recente dos intellectuaes de França. É bem possivel que não tarde a chegar a epoca em que se encontre meios de fazer em minutos o que em outros tempos se obtinha em longas horas extenuantes, e que uma cuidadosa reforma dos estudos classicos indique o caminho de ganhar a vida em sociedade com grandes ideiaes, sem desprezo da poesia e da arte, e realisando nas fabricas os mesmos prazeres que gosam os artistas nos seus *ateliers*. Não duvido que se approxima o dia do triumpho annunciado por Fornelli na *Educação moderna;* e será então um gosto vêr applicar, em beneficio de todos os que teem figura humana, « o methodo da mente scientifica e artistica á mente pratica.» Ora é certo que nenhum caminho ha mais comesinho para essa tentativa do que a aprendizagem de historia. João Ribeiro o está aplainando e offerece já um tanto desbravado á nossa mocidade. Talvez seja o seu compendio o primeiro que encontro sobre o Brasil com a vibração do verdadeiro manual de historia moderna; e maior seria o seu valor, si, a par desse manual, eu visse o professor funccionando em collegio apparelhado, já não digo como o de Haward, nos Estados Unidos, mas como o de um paiz *soi disant* latino, refiro-me á *École des Roches* em França, onde se não ensina a historia separada da geographia, e, segundo informa Edmundo Demolins no livro *L'éducation nouvelle*, essa disciplina começa a ser professada desde os primeiros passos do alumno concretamente nos exercicios e diversões, fóra d'aula, antes de qualquer esforço de ordem puramente intellectual, e depois, quando já preparado o espirito infantil com um bom cabedal de factos pittorescos, de figuras humanas salientadas pelo relevo da esculptura, da pintura, da gravura, da anecdota, passa a ser incutida ou antes coordenada quasi intuitivamente sob o prestigio dos methodos superiores creados pela theoria evolutiva.

É pena que os programmas fatalmente adoptados entre nós não tenham permittido ao autor da **Historia do Brasil** distribuir as materias do manual de accordo rigorosamente com essa concepção do ensino historico geographico. Todavia, do exame do livro vê-se o empenho utilisado nesta direcção; e é manifesto o partido que o professor intelligente pode tirar dos capitulos não destinados á leitura do alumno. Neste ponto João Ribeiro abrio, se não estou enganado, uma phase nova para o ensino de historia no paiz; e oxalá que o seu exemplo não fique esterilisado diante da indifferença dos que estudam estas questões.

Não vou analysar a obra, cujo valor se impõe á simples leitura do indice. O auctor, conforme declara em uma nota final do livro, seguio á lettra as indicações de Martius, que incontestavelmente foi o iniciador da philosophia da historia da civilisação do Brasil no admiravel trabalho *Como se deve escrever a historia do Brasil.* O compendio, além disto, condensa e coordena as ideias dos espiritos mais esclarecidos que se teem occupado com o assumpto.

A alma da historia do nosso paiz como a de toda a America do Sul, o historiador a vae encontrar no espirito de navegação e na expansão economica europêa, que outr'ora benefica para a humanidade, hoje constitue talvez a causa das infamias em via de ser postas em pratica na Asia e na Africa pelas mesmas nações que illustravam essas regiões. Acaso essa ideia geral, como tambem as ideias adjectas e que no seu complexo são a ossatura da nossa historia, achar-se-hão mal collocadas num manual para meninos? *Hic jacet lepus.* A professor do typo regio com certeza isto se afiguraria o maior despauterio dos tempos que correm. Certo lente de latim, por exemplo, que eu muito conheço e considero um acerrimo apologista do *menor esforço,* diz, para quem quizer ouvir, que taes processos não

passam de tendencias levianas para innovações impraticaveis. Ora, isto só indica que, por desventura da nossa instrucção, ainda não se fechou o cyclo do magisterio-industria; nem se formou no paiz a corrente de sentimentos que julgo indispensavel á difusão do ensino pelo modo e intensidade por que o exige a Republica. Todavia vejo que ha professores como Said Ali e o auctor da **Historia do Brasil**, cujos horisontes não são limitados pelo interesse e pelo medo de progredir, e que felizmente vão aos poucos rompendo a especie de nevoeiro slavo que opprime as nossas escolas. Estes, pelo menos, acreditam que as ideias, por mais alevantadas que sejam, podem penetrar perfeitamente no intellecto do menino, com tanto que o mestre saiba approximar-se delles, despindo-se do espirito de pura bureaucracia pedagogica, e tenha o preciso talento de dar corpo ás coisas abstractas, ou melhor possa transformar as ideias geraes em sentimentos, vestindo-as com as côres dos objectos da vida diaria e familiarisando o espirito infantil com a sciencia, que, em ultima analyse, só é difficil emquanto reside na nomenclatura technica.

O manual de João Ribeiro constitue uma excellente guia naquelle sentido. O alumno só terá que lêr do seu livro as narrações e factos capitaes da historia nacional, o que se póde chamar a parte dramatica dos acontecimentos; o mais fica a cargo do professor. O compendio fornece todas as indicações que o devem induzir a estudar não somente a philosophia dos factos, a sua filiação, e as interdependencias geographicas, mas tambem a opportunidade de exhibil-as e o modo consentaneo a cada alumno de despertar o interesse sobre elles, servindo-se das analogias que no ambiente proximo se offerecem como vehiculo da iniciação. Esta direcção no compendio é dada ao mestre intelligente com o criterio desejavel, o que não o priva de mo-

difical-a, de accordo com a critica que cada professor tenha conseguido fazer sobre documentos originaes.

Ora, por exemplo, temos a lição de introducção do curso. Presumo que o mestre esteja numa sala, onde se encontrem alguns mappas muraes do Brasil e da Europa. Não custará a esse professor fazer a sua primeira lição chamando a attenção do alumno para os dois pontos geographicos — Portugal e Brasil — para sua situação continental e para a interposição do oceano, materialisando, por assim dizer, a ideia longinqua e obscura que a leitura daria da viagem de descoberta da America do Sul. Si ahi existirem os quadros da primeira missa de Victor Meirelles e de outros artistas que se teem occupado com o primeiro movimento da nossa historia, tanto melhor; poderá o dito professor reunir á primeira impressão produzida pelos mares e pelas terras distantes as figuras dos homens que tomaram parte saliente no descobrimento do Brasil e os actos mais importantes em sua ordem chronologica. Até este ponto o discipulo não terá ouvido nenhum famoso discurso, revelador da grande *sabença* do pedagogo, nem tão pouco terá sido torturado com prelecções sobre systemas de historia ou questões de exegese como por exemplo: — *seria João Ramalho o bacharel de Cananéa?* — *Brasil si deve escrever com* s *ou com* z*?* e outras bizantinices, que são o prazer predilecto de certos nephelibatas. Nada disto; mas agora será opportuno explicar, terminando a primeira lição, o indice do livro. Essa explicação converter-se-á facilmente, — e tudo depende do genio suggestivo de quem a emprehender, — num quadro synthetico e pittoresco da formação do paiz, e assim por diante. E' preciso que o menino, ao retirar-se da aula, saia com o sentimento de que o seu espirito cresceu, ampliando-se num rapto de alegria, como si por ventura elle tivesse assistido á descoberta do Brasil e houvesse acompanhado o seu

desenvolvimento em poucas horas. Semelhante estado de consciencia é a coisa mais facil de produzir na alma das creanças, que eu conheço, havendo mestres. E pode calcular-se a curiosidade com que no dia seguinte, á segunda lição, o alumno se apresentará pedindo os detalhes relativos ao esboço que lhe foi mostrado e que tanto o encantou. E' intuitivo o que se deverá propor á attenção escolar nas lições subsequentes.

O livro 4.º do manual, exemplifiquemos ainda, trata em globo da formação do Brasil; o n.º 3 inscreve-se com o titulo *Uma entrada.* Haverá capitulo de historia mais fatigante para o alumno chucro que a descripção do que era uma bandeira naquelles tempos? Por certo que não. Mas pense qualquer um de nós o que ha de interessante nesse phenomeno social, e o relevo que elle pode ter na bocca de um professor de talento, que seja homem de lettras e possua cultura geral. Si este se propuzesse a fallar á imaginação infantil, bastaria lembrar o drama no deserto, a lucta com a natureza, a guerra do selvagem, a surpreza das feras, o apparelho da defeza, e o heroe de uma entrada como por exemplo Anhauguéra. Depois as analogias para tornar comprehensivel a organisação da bandeira; não são ellas acaso uma região fertil onde o explicador iria buscar elementos fertilisantes do espirito dos alumnos?

Creio que não é necessario dizer mais relativamente ao livro de João Ribeiro, encarado como chave de ensino e de iniciação dos professores.

Resta referir-me um pouco á critica historica que se contém na obra, que, segundo sou informado, nesta segunda edição, sahirá ampliada e expurgada dos defeitos que o proprio auctor notou e que se devem á rapidez da composição.

João Ribeiro enfeixa os dois primeiros seculos da nossa historia em volta do espirito de navegação ou de descobertas e da causa do commercio livre. Sup-

ponho que o historiador simplificou de mais o que de si se acha envolvido em complicações inextricaveis. Si foi a causa do commercio livre que nos trouxe o jugo hollandez, o que não me parece ser uma causa absoluta, não foi com certeza a esquadra hespanhola que fundamentalmente nos defendeu dos *rouliers de la mer*. Sabe-se o que era o littoral do Brasil nesse periodo; sabe-se, tambem, a importancia que podia resultar das victorias dos piratas, cujas tendencias eram de todo oppostas á permanencia, e, por tanto, á colonisação ardua, trabalhosa e mesquinha, para a qual só o portuguez então se mostrava apto. Este factor, portanto, perde a sua gravidade e valor dynamico, desde que se attenda a que a força residente em terra sobrelevava, graças á intensidade dos interesses e da expansibilidade vernacula do caracter de alguns homens, a tudo quanto no mar surgia em opposição a esse desenvolvimento; porquanto o hollandez, si andara com brilho, em compensação a sua acção era fluctuante e aleatoria como tudo que repousava nos destinos da Companhia das Indias Occidentaes. No *Papel Forte* do P.e Antonio Vieira encontra-se, já se sabe que nas entre linhas, o segredo de todo o precario fulgor da aventura de Mauricio de Nassau. Todavia, a narração de João Ribeiro não exclue que se chegue a estas conclusões, uma vez que o espirito se apoie nos pontos marcantes da mesma narração.

Ha no livro uma corrente de ideias subterraneas que se prendem á federação. Porque, francamente, o auctor não derivou dos nucleos, que elle tão bem descreveu, no livro 5.º, com as suas edyosincrasias e caracteres ethnicos e de educação, a nossa transformação actual? Julgo haver percebido nisso uma tendencia, que, mais de uma vez, tenho profligado em conversa com o auctor. João Ribeiro deixou-se por algum tempo fascinar pelo Imperialismo da *english-speaking-race;* si com razão ou sem ella, não sei; mas o que affirmo

é que o seu espirito não comporta esse aspecto da actualidade politica do mundo, não só por contrario á sua indole e ás molas da sua intelligencia, mas tambem porque será um obstaculo ao embellezamento da obra, que em boa hora emprehendeu, de ensinar a historia de seu paiz ás creanças e aos homens que a não conhecem.

Mais duas palavras, e vou fechar este prefacio, escripto com o amor e prazer que me inspiram todos os assumptos nacionaes.

As duas palavras importam uma rectificação, em que sou pessoalmente interessado.

Tenho ou não tenho o direito de impedir que a proposito de um ascendente meu corram ideias pouco exactas? Parece que ninguem o negará.

Diz João Ribeiro na 1.ª edição da **Historia do Brasil**, referindo-se ao mallogro da Confederação do Equador (1824): « As adhesões foram mais palavrosas que effectivas desde Alagoas ao Ceará. » Ha nestes termos grave injustiça aos patriotas do Ceará. Si é verdade que Paes de Andrade, em Pernambuco, se retirou da lucta, apenas sentio o movimento das forças monarchicas, outro tanto não se deu no Ceará, que chegou a constituir-se em estado federado, pondo o presidente constitucional, organisando junta, arvorando bandeira, e depois elegendo o seu presidente, que foi Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, homem moço, de alma varonil e incapaz de recuar uma linha do seu proposito. Com effeito naquella ex-provincia as coisas não se passaram precisamente como diz o historiador. Correu muito sangue; houve lucta; e no patibulo padeceram

morte paternal, na conformidade do decreto de D. Pedro I, o padre Mororó e outros cearenses valorosos. Quanto a meu avô, em Santa Rosa, perto de Russas, a 31 de outubro de 1824 e depois de repellir a amnistia offerecida por Cochrane, cercado por 1:200 imperialistas, succumbio, morto covardemente por traidores, que se bandearam para o exercito inimigo. E' o que acho escripto nas paginas insuspeitas dos livros de Theberge, João Brigido e Studart. O Ceará, porém, tem sido infeliz com os historiadores geraes. Raras referencias se fazem aos seus sacrificios ; e quando se falla na propria abolição, se diz que os jangadeiros impediram o trafico e se colloca esse facto como incidente historico de importancia secundaria, quando é certo que a libertação subita de 18:000 escravos, pois tantos eram os ali existentes em 1878, foi uma surpreza e ao mesmo tempo um golpe de morte no animo dos abolicionistas dos processos lentos, evolutivos ou racionaes.

Rio. 15. VI. 900.

T. A. Araripe Junior.

Introducção do Auctor

(DA 1.ª EDIÇÃO)

Quando me propuz escrever este pequeno livro pensei em retornar á antiga tradição dos nossos chronistas e primeiros historiadores que ás suas historias chamavam de *Noticia* ou *Tratado* do Brasil. Com isso queriam significar o modo como suppriam a escassez de factos politicos com o estudo da terra e das gentes que a habitavam.

Este bello costume logo se perdeu porque adquirindo o Brasil os fóros de nacionalidade, a sua historia começou a ser escripta com a pompa e o grande estylo da historia européa; perdeu-se um pouco de vista o Brasil interno por só se considerarem os movimentos da administração e os da represalia e da ambição estrangeira, uns e outros agentes da sua vida externa. Era da natureza d'esses agentes transformarem-se em equivalencias novas, tão distinctas das primitivas, que seria difficil reconhecel-as. O que resta entre nós dos hollandezes? nada, senão os effeitos do monopolio e uns começos de sensibilidade pessoal e autonoma que nos produziu a irritação da lucta. Qual o vestigio dos hespanhoes em 60 annos de dominio? a possibilidade de formar sem contestação o Brasil maior e romper o estreito obice do me-

ridiano da demarcação. Nenhum dos dous grandes resultados é caracteristicamente hollandez ou hespanhol e a elles podiamos chegar por outros instrumentos do nosso destino.

Ao contrario, nas suas feições e physionomia propria, o Brasil, o que elle é, deriva do *colono*, do *jesuita* e do *mameluco*, da acção dos *indios* e dos *escravos negros*. Esses foram os que descobriram as minas, instituiram a criação do gado e a agricultura, catechisaram longinquas tribus, levando assim a circulação da vida por toda a parte até os ultimos confins. Essa historia a que não faltam episodios sublimes ou terriveis, é ainda hoje a mesma presente, na sua vida interior, nas suas raças e nos seus systemas de trabalho que podemos a todo o instante verificar. Dei-lhe por isso uma grande parte e uma consideração que não é costume haver por ella, n'este meu livro.

Em geral, os nossos livros didacticos da historia patria dão excessiva importancia á acção dos governadores e á administração, puros agentes (e sempre deficientissimos) da nossa defeza externa.

É certo e é difficilimo attender a todos os elementos que entraram na composição do Brasil, marcar-lhes o grau de collaboração em que agiram.

Seria preciso attender a um só tempo ao trabalho de toda a cultura collectiva, na vida official e na do povo.

A intelligencia que podesse abranger todo esse systema de equações differenciaes simultaneas, só essa teria o exacto e perfeito sentimento da nossa historia, como disse Du Bois Reymond, a proposito da historia do mundo.

Pelo exclusivo conhecimento das guerras nunca poderemos conhecer os povos, como nunca lograremos conhecer a victima pelas informações do algoz.

N'este livrinho, onde aliás não caberiam dissertações philosophicas, creio que ha uma ou outra d'essas idéas geraes. Liguei a historia das primeiras luctas internacionaes á grande causa economica da expansão européa, á causa do commercio livre.

Foi a causa do commercio livre que nos trouxe o jugo hollandez; só uma esquadra poderia defender-nos dos *rouliers de la mer* e essa foi a hespanhola, e depois foi ainda, indirectamente, a ingleza. Nem nós, nem Portugal comnosco, conseguiriamos tamanho resultado.

Pelas divisões adoptadas da *Historia commum* e *Historia local* (partes IV e V), quiz indicar, se me é permittida a expressão que acredito clara, as quatro cellulas fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo: a de **Pernambuco** que gera os nucleos secundarios da Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas e a cujo influxo maternal sempre obedecem (na guerra dos mascates, 1710-12, na revolução de 1817, na confederação do Equador); a da **Bahia** que absorve Ilheos e Porto Seguro e gera Sergipe; a de **São Paulo** donde evolve todo o oeste, com os bandeirantes, Goyaz, Minas, Matto Grosso; a do **Rio** que pelo elemento official em lucta com os hespanhoes faz nascer, e já tarde, as capitanias do extremo sul; a do **Maranhão** ou **Pará** que gera as unidades administrativas do extremo norte, e sempre viveu separado do Brasil e até pelos portuguezes lhe foi lembrado no tempo da independencia que poderia manter, como um novo Canadá, o lealismo á Corôa.

Esses são os nucleos primitivos do organismo nacional. Todos os demais são secundarios e recentes. Se a federação fosse menos politica e philosophica do que historica, attender-se-ia a essa importante consideração.

Cada um d'esses focos tem o seu sentimento caracteristico; o da *Bahia* é o da religião e da tradição; o de *Pernambuco* é o radicalismo republicano e extremo de todas as suas revoluções; o de *S. Paulo* (Minas e Rio) é o liberalismo moderado (acclamação de Bueno, as «provincias colligadas» que sustentaram a independencia com a monarchia, etc.); o da *Amazonia*, demasiado indiano, é talvez o da separação como o é no extremo sul o Rio Grande (a formação recentissima), demasiadamente platino.

Expuz que sempre houve nos nossos movimentos de

emancipação politica duas correntes liberaes separadas : uma dos *mamelucos* que desde o seculo XVII almeja em suas revoluções a republica, o federalismo e mesmo o abolicionismo; outra, da sociedade colonial que faz o constitucionalismo, o imperio e com elle a centralisação e a unidade.

Esta ultima corrente tende a desapparecer da politica pela progressão das raças nacionaes; a independencia foi para ella como que a suppressão de suas fontes e d'aqui a pouco o que resta do seu *substractum*, da sua base physica, terá desapparecido.

A monarchia é o ultimo vestigio da sociedade e do liberalismo colonial, é ao mesmo tempo o mais delicado e o mais tenue; era da sua natureza extrema e fragil dissipar-se como espirito. D'aqui por diante, como os europeus depois dos arabes, perdendo os seus ultimos preceptores, o Brasil terá que andar sósinho, e deshabituado do trabalho, ganhar o pão amargo da vida chamada independente.

Não passei além da proclamação da republica (1889); os successos são ainda do dia de hoje e seria prematuro julgal-os n'um livro destinado ao esquecimento das paixões do presente e á glorificação da nossa historia.

22 de Abril de 1900.

I

O DESCOBRIMENTO

Esta terra, Senhor... é em toda praia praina, chan e mui formosa... Em tal maneira é graciosa, que querendo-a aproveitar dar-se-á n'ella tudo.

PERO VAZ CAMINHA
Carta, no 1.º de Maio de 1500.

1

Os dous cyclos dos grandes navegadores

O primeiro impulso que arrastou os portuguezes ás terras incognitas da Africa foi a escravidão. Não haviam ainda os turcos fechado o caminho do Oriente, no fundo do mediterraneo, e já os portuguezes eram os grandes navegadores occidentaes. A caça do homem negro levou-os a arrostrar o *mar tenebroso* e desfazer a lenda medieval que considerava inaccessivel ao homem a zona tropical africana.

Mais tarde o ouro da Costa foi mais um incentivo, além da escravidão. Ainda o proprio Bartholomeu Dias que descobriu o cabo das *Tormentas* (depois da *Boa Esperança*), não sabia sequer que havia attingido o extremo meridional do continente negro e foi muito além d'elle pelos mares suppondo que tinha á esquerda a costa africana; pouco a pouco porém foi velejando e subindo para o

norte e teve a revelação jocunda de que havia contornado a Africa.

Desde esse momento firmou-se a idéa de attingir a India, pelo meio dia; o que Vasco da Gama realizou com inteira gloria.

Seria a America fatalmente descoberta pelos portuguezes dentro de pouco tempo, ainda que Colombo não existira; porque elles, por experiencia dos mares africanos, afastavam-se sempre para oeste com fim de evitar as calmarias da costa de Guiné; o proprio Vasco da Gama na sua celebre viagem bem perto passou das terras brasileiras e talvez só por acaso não percebeu qualquer indicio d'ellas. Cabral emfim que seria o Colombo portuguez, primeiro dos navegadores da India, avistou a terra americana a 22 de Abril de 1500. E' que elles seguiam a *corrente oceanica* que corre no Atlantico do lado das nossas praias.

O descobrimento do Brasil, pois, foi o que seria igualmente o da America, *um episodio do periplo africano.*

Por outra parte e de modo differente, desde os trabalhos de Marco Polo e dos cosmographos mais habeis, os espiritos livres haviam retomado a tradição antiga da Atlantide. A idéa predominante era mesmo que entre *Cathai* (China) e a Europa, o atlantico se estenderia apenas por 90 gráos.

Por isso mais tarde a *Antilha* foi considerada um trecho de *Zipangu* (Japão). Colombo partilhava d'essas idéas ainda que não primasse pela illustração, e escrevesse algures que o seu descobrimento nada dependera da geographia, astronomia, mappa ou qual-

quer indicação da sciencia; fôra obra divina e providencial. Era esse grande genio, porém, tenaz nas suas emprezas, talvez por ser tocado de fanatismo religioso. A sua intenção seria catechisar a gentilidade e extrahir ouro bastante para reconstruir o Santo Sepulchro. Não deixou todavia de ter informações mais ou menos precisas do pensamento de seus contemporaneos quanto á possibilidade da circumnavegação. E por isso, a gloria de realisar o grande commettimento é toda inteira d'elle e incomparavel.

Com a viagem de Colombo abre-se um novo *cyclo de navegações que tendem a attingir o oriente*, não pelo periplo da Africa, *mas directamente pelo poente.*

«El levante por el poniente», é a expressão propria d'esse grande pensamento.

O resultado foi a descoberta da America. Mas tal era a attracção da India que ainda depois foi tentado o periplo da America pelo extremo sul para chegar-se ao oriente-asiatico, tentativa louca e dispendiosa, attenta a vastidão da viagem que equivalia a uma circumnavegação do globo. Esse momento, vêl-o-emos, tem importancia na nossa historia.

O Brasil tambem necessariamente teria de ser descoberto n'uma d'essas viagens do *cyclo occidental*, e de facto o foi. Ojeda e Vespucio tocaram a terra brasileira no Rio Grande do Norte em 1499; Vicente Janez Pinzon e Diego de Leppe attingiram o Brasil em Janeiro, Fevereiro e talvez Março de 1500, precedendo a Pedro Alvares Cabral, o descobridor portuguez.

A descoberta da nossa terra foi pois feita

quasi ao mesmo tempo por hespanhoes e portuguezes, por isso que o Brasil achava-se na interferencia dos dois cyclos dos navegadores, o *cyclo atlantico occidental* e o *cyclo atlantico sul*, o dos descobridores do Novo Mundo e o dos do caminho da India que se cruzavam uns e outros na linha equatorial.

Os primeiros procediam *a priori* pretendendo a circumnavegação segundo um parallelo intertropical; os segundos *a posteriori* acompanhando a costa africana e só depois de terem verificado que era possivel contornal-a. A uns guiava a theoria da esphericidade da terra; a outros a experiencia e a pratica da navegação que elles proprios iam creando ao redor da Africa.

2

O descobrimento do Brasil pelo cyclo dos navegadores de oeste. Janez Pinzon e Diego de Leppe

Alonso, Francisco e Vicente Pinzon eram tres irmãos ricos, de importante familia andaluza, que collocaram os seus haveres em emprezas maritimas de grande ousadia. Foram sempre dedicados a Colombo e com elle descobriram a America; Alonso commandava a *Pinta* e Vicente a *Nina*. Mais tarde, sete annos depois, sem romper os laços de affeição com o descobridor do Novo Mundo, Vicente Janez Pinzon equipou uma frota de 4 caravellas e veio em procura de terras ainda não descobertas. Descendo ao sul da linha attin-

giu a costa do Brasil, reconhecendo um cabo que denominou de *Santa Maria de la Consolacion* a 20 de Janeiro de 1500. Esse ponto extremo do continente americano foi logo depois chamado o cabo do *Rostro hermoso* e pelos portuguezes cabo de Santa Cruz (nome do Brasil) e afinal cabo de *Santo Agostinho* (Pernambuco). Pinzon partira de Palos em principios de Dezembro. Attingindo a terra americana seguiu a costa pelo norte, por onde foi deixando signaes de occupação, inscripções nas arvores e nas rochas e segundo a narração dos chronistas hespanhoes, succedeu-lhe e aos seus sanguinolenta aventura com os selvagens que se lhes antolharam grandes e fortes como germanos. No rio Meary observou, e foi o primeiro, a *pororóca*, e navegou o *mar d'agua doce* do Amazonas.

Perdendo de vista o Brasil viajou Pinzon por outras terras americanas e só chegou a Palos em setembro de 1500, sendo logo depois creado — Governador das novas terras descobertas. — E' facto porém que d'ellas nunca tomou posse, nem em tempo algum fez valer os seus direitos. D'ahi por diante a sua vida é obscura; é companheiro de Solis na viagem ao longo da America do Sul em 1508; porém de 1523 em diante não se sabem mais noticias suas...

Poucas semanas depois de Pinzon, entre Fevereiro e Março de 1500, aportou ao Brasil outro navegador hespanhol de Palos, Diego de Leppe, que reconhecendo o cabo de Santo Agostinho navegou algum tanto para o sul, verificando então que a linha da costa

corria na direcção do sudoeste. Voltou depois para o norte e seguiu igual rumo de Pinzon. Depois d'essas viagens de Pinzon e Leppe ficou verificada a configuração pyramidiforme do Brasil pelo conhecimento da linha da costa ao norte e a curva d'ella para sudoeste.

Pelo que acabamos de relatar, não ha duvida alguma que os hespanhoes tiveram a prioridade historica ou chronologica no descobrimento do Brasil. Outras razões, porém, haviam de prevalecer, sobre tudo entre essas, o accordo diplomatico entre Hespanha e Portugal, sob o arbitrio da Santa Sé.

Quando se descobriu a America, então supposta India, houve um estremecimento entre as côrtes catholicas da Hespanha e Portugal. Este, a quem o Papa havia doado a India oriental, (tal se doavam a principes defensores da fé as nações de gentios) julgou-se lesado nos seus direitos. Tornou-se preciso regulamentar a conquista do occidente; n'esse sentido imaginou-se a *linha de marcação (1493)* que limitava a esphera da acção portugueza até 100 leguas além de Cabo Verde; esse limite cohibia demasiado a expansão portugueza; era a obra de um papa hespanhol (Alexandre VI) e o rei de Portugal esteve a ponto de pegar em armas e de com uma esquadra tomar á viva força as descobertas de Colombo. Ainda a intervenção do papa, ajudado pela sagacidade de Fernando de Castella, conseguiu conjurar o conflicto e depois de muitas negociações celebrou-se o *Tratado de Tordezillas* de 1494, pelo qual a linha definitiva da demarcação deveria correr a 370 leguas a oeste de Cabo Verde. Como

os papas não aceitavam a theoria da redondeza da terra, julgavam que assim de modo nenhum seria lesado o interesse da Hespanha.

Em vista d'esse tratado as terras descobertas por Pinzon e Leppe do cabo de Santa Maria de la Consolacion até o *mar d'agua dulce* (Amazonas) cahiam sob a esphera da posse portugueza. E é por isso que a prioridade d'esse descobrimento pelos hespanhoes, feito cinco annos depois do tratado, não poderia prevalecer. A verdade com tudo é que a Hespanha nunca occupou o norte do Brasil; nem hespanhoes nem portuguezes conseguiram colonisar essas terras no seculo XVI; ao findar esse seculo, o dominio portuguez no Brasil ia pouco além de Itamaracá e todo o littoral do norte até o Oyapoc estava vago e entregue aos piratas e ao gentio. E demais, toda a reclamação foi-se tornando obsoleta e impossivel desde que já em 1581 Portugal e o Brasil cahiam sob o dominio da Hespanha.

O Brasil foi para os portuguezes uma dadiva da sua diplomacia.

3

Descobrimento do Brasil pelo cyclo dos navegadores do Sul. Pedro Alvares Cabral

No dia 9 de março de 1500, sahia do Tejo em demanda da India, para proseguir na conquista encetada por Vasco da Gama, uma grande armada de treze caravellas e mais de

mil homens de guarnição. Um dia antes e que era domingo, esteve surta em frente á praia do Restello; toda a marinhagem ouviu missa e o sermão do Bispo de Ceuta na ermida de Belem onde foi abençoada a bandeira com a cruz de Christo. Foi esta levada em procissão até o embarcadouro e então entregue a Pedro Alvares Cabral pelas mãos de el-rei D. Manuel. Fizeram-se então as despedidas entre os adeuses do povo que accorrêra á praia.

Já no dia 14 passava a frota entre as Canarias.

Propositalmente, desviou-se do rumo habitual, diz-se que para evitar as calmarias africanas e é possivel tambem crêr que pelo instincto de novos descobrimentos a oeste, que já os havia e eram sabidos de todos. Commandava a frota Pedro Alvares Cabral, fidalgo e amigo de Vasco da Gama e por este recommendado a el-rei D. Manuel para succedel-o na conquista do oriente.

Tambem fôra experiencia e conselho de Gama esse novo rumo, para oeste das terras africanas; parecia-lhe melhor descer todo o atlantico, sempre ao largo, até a latitude do cabo da Boa Esperança, para só então dobral-o e demandar os mares orientaes. Assim o fez Cabral; mas de tal modo se afastou da costa africana que aos 21 de abril teve indicios de terra proxima pela presença de sargassos e plantas maritimas e no dia 22 avistou um monte de forma redonda a que deu o nome de «Monte Pascoal». No dia seguinte velejou, com os navios menores á frente, até que a sondagem accusou pouco fundo junto ao rio do Frade; procurou entretanto melhor abrigo

e seguindo sempre para o norte poude achar um porto «muito bom e mui seguro» que foi provavelmente a enseada hoje de Santa Cruz. N'um ilhéo que havia dentro do porto foi celebrada pelo guardião frei Henrique a primeira missa a 26 de abril, domingo da pascoela. Outra missa foi celebrada no dia 1.º de maio, em terra firme e na presença dos indios que, em grande numero, espantados, assistiam ás cerimonias do culto examinando as vestes insolitas dos portuguezes e a grande cruz toscamente feita de troncos da floresta brasileira e que ajudaram a erguer ao pé do altar. A terra supposta ilha foi chamada da «Vera-Cruz», ao depois « Santa Cruz ». Prevaleceu porém o nome de Brasil, pois que a terra da Santa Cruz, desdenhada quasi pelos seus descobridores, só chamou a attenção do mundo e d'elles proprios quando os attrahiu o commercio do «pau brasil » de que era a região muito abundante.

Dez dias estiveram em aguas e terras do Brasil, tomando provisões e entretendo-se com os naturaes da terra, que lhes pareceu rica de vegetação mas sem ouro e inculta. A 2 de maio aprestaram-se para a partida e deixando em terra dous degradados na esperança de mais tarde utilisal-os como interpretes, velejaram para a India, sendo mandada uma náo a Portugal para levar a noticia do descobrimento. Esta, não se sabe bem, foi a de André Gonçalves ou a de Gaspar de Lemos; e levou a relação da descoberta escripta pelo escrivão da armada Pero Vaz Caminha.

Na frota de Pedro Alvares Cabral e na

guarnição das náos iam homens que já tinham grande reputação e fama, Bartholomeu Dias, o descobridor do Cabo das Tormentas, Nicolau Coelho, o companheiro de Vasco da Gama e Pero Dias, irmão e companheiro de Bartholomeu, o physico mór João, o astronomo, e Duarte Pacheco, fidalgo e habil maritimo, que, a seguir as conjecturas de escriptores modernos, inspirara a derrota que conduzira ao novo descobrimento.

4

Questões e duvidas

BAHIA CABRALIA. O nosso historiador Varnhagem, talvez um pouco vaidosamente, para justificar o seu titulo (já então o possuia) de Visconde de Porto Seguro, procurou demonstrar que o primeiro desembarque de Cabral não foi na *Corôa vermelha*, ilhéo da bahia de Santa Cruz, mas no actual Porto Seguro. As suas razões são porém mal deduzidas da carta de Vaz Caminha, que é o unico documento do tempo e de auctor presencial dos successos e cuidadoso, pois era a sua profissão, em narral-os. Gabriel Soares diz que foi o desembarque no rio de Santa Cruz; e a enseada d'este nome está para o rio do Frade na distancia de « obra de dez leguas » assignaladas por Vaz Caminha. Além d'isso, o ilhéo da Corôa vermelha d'aquella bahia não deixa a menor dúvida que é o mesmo descripto pelo escrivão da armada « ilhéo grande que de

baixa-mar fica mui vasio» sendo o carão da praia fechado por um recife. Essa é a opinião de Mouchez, Rohan, sem fallar em antigas auctoridades da geographia patria como Ayres do Cazal, entre todas. A enseada de Santa Cruz tambem modernamente se denominou «Bahia Cabralia.»

SANTA CRUZ E BRASIL. Os nomes «Vera Cruz e Santa Cruz» desappareceram logo ao tempo da primeira colonisação do paiz. Os escriptores, sobre tudo os de condição ecclesiastica, conservaram-n'o contra a opinião do tempo e por motivos de sentimento religioso; era essa entretanto, mas sem rigor, a denominação official. O nome «Brasil» era já conhecido na Europa talvez desde o seculo IX, senão mesmo em epocas anteriores. «Bresill, Brasilly, Braxilis, Bresilium, Presill, Pressilli» etc., encontram-se em varios documentos medievaes. Um pau de tinturaria assim conhecido vinha do oriente e foi de certo introduzido pelos arabes que o chamavam «bakkam», que traduziram no latim «bresilium», procurando a analogia da raiz semitica «bak-kam» (ardente) com a aryana «bradsch» (port «braza», it. «brace», fr. «braise»). D'elle falla o geographo viajante Abuzeid El Hacen (IX seculo) e Edrisi (1153). A geographia mythica da edade media admittia uma ilha oceanica *Brazir*, *Bersil*, ao occidente, creada e devorada por um volcão, sem que a respeito d'ella mais nada se soubesse; por suppol-a existir entre os parallelos da Irlanda e dos Açores, dous nomes depois fixaram-se na geographia moderna que o indicavam, a rocha do Brazil *(Brazil Rock*, na Irlanda) e a ponta do

Brasil, na ilha Terceira. No dizer de Humboldt, o nome Brasil emigrou de Sumatra até o extremo-oeste na America, gastando nesse percurso quasi mil annos.

Acaso, tempestades, na viagem de Cabral. — Havia proposito (e era a recommendação de Vasco da Gama), de afastar-se da costa africana; havia sciencia de que os mares a oeste, na largura do 18 gráos (tratado de Tordezillas, 1494), eram de puro dominio portuguez; havia desejo de obstar aos progressos da expansão hespanhola no Atlantico e isso ia sendo causa de guerra dois annos antes do tratado; era pois natural que no interesse de explorar os seus proprios mares os portuguezes não hesitassem em varrel-os com as suas esquadras; e n'uma epoca de tantos e successivos descobrimentos, a esperança de se haver com outros era naturalissima. Na viagem de Cabral, que tinha róta certa para a India, não reinava o mesmo espirito divinatorio, unico que podia alentar a frota de Colombo. Não havia proposito de descobrir o Brasil, mas menos havia ainda o acaso ou a surpreza no descobril-o; o extremo oeste do Atlantico já havia revelado um mundo incognito desde 1492; e sem duvida alguma se as expedições maritimas portuguezas desde Dom Manoel, não fossem capitaneadas por fidalgos e homens de guerra (ao envez de maritimos e cosmographos como anteriormente o eram) a terra de Santa Cruz já haveria sido descoberta, antes de 1500, pelos proprios portuguezes. Quanto á versão de que Alvares Cabral foi arrojado para o occidente por *tempestades* é inverosimil. Não se encontra essa

noticia nos primeiros documentos do tempo na relação da *Coll. Ramusio*, nem na carta de Vaz Caminha (que se abstem de relatar, é verdade, os successos da travessia) nem nos escriptores portuguezes do seculo XVI, que trataram do assumpto, João de Barros, Damião de Goes, G. Corrêa, etc. Aquella affirmativa acha-se pela primeira vez em Rocha Pitta, *Historia da America portugueza*, escripta no seculo XVIII e de modo que não merece grande credito.

QUESTÃO CHRONOLOGICA. A data de 3 de maio para o descobrimento do Brasil é inteiramente arbitraria; não a justifica a correcção gregoriana, que se tem allegado em falso para legitimal-a. A data verdadeira é a de 22 de abril, em que se avistou a terra, e sobre esse dia nunca houve duvida que merecesse consideração. A correcção gregoriana, se fosse aceitavel tratando-se de facto anterior a ella, daria a data de 2 de maio.

Ignorada nos primeiros tempos a data verdadeira, o sentimento religioso imaginou-a a 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz.

GASPAR DE LEMOS? A carta de Vaz Caminha, que é o documento por excellencia da descoberta, não é explicita e não diz quem levou a noticia a Portugal, mas é verosimil que o portador, seguindo o rumo do norte, procurasse conhecer a extensão da costa e fosse o mesmo escolhido para dirigir a primeira expedição exploradora que em rumo certo veiu, *não a Porto Seguro, mas ao cabo de S. Roque* e desceu costeiando o littoral, o que parece itinerario de *pessoa já sabida* alguma cousa n'essas paragens. Essa consideração não é

entretanto de grande peso, porque da expedição fez parte A. Vespucio, que já conhecia de viagens anteriores (a viagem de Hojeda) o relevo da parte norte da America do sul, em parte, e já sabia da linha da costa sudoeste (viagem de Cabral); e vindo de Sevilha para essa exploração de 1501 já tinha noticia da viagem de Pinzon, que chegou a Palos no anno anterior, em setembro. Não lhe faltava mais que reconhecer a curva a norte e leste do Brasil. — Os escriptores portuguezes fallam de Gaspar de Lemos e André Gonçalves; Gaspar Corrêa cita o ultimo, mas Castanheda e os escriptores officiaes que em geral o repetem (João de Barros e D. de Goes), mencionam Gaspar de Lemos. Ainda que os chronistas officiaes tenham em seu favor o facto de que poderiam consultar os archivos, são sempre pouco cuidadosos no que diz respeito do Brasil, ao passo que Gaspar Corrêa é sempre consciencioso, se entendia melhor e pessoalmente na materia.

5

A primeira exploração

A noticia da descoberta da Terra de Vera Cruz causou grande e alegre surpreza na côrte de D. Manuel, o rei afortunado. Era mais uma esperança de riquezas imprevistas: a grandeza que d'essa terra dizia Vaz Caminha fez com que logo se aprestasse uma esquadra para reconhecer o paiz e as suas cos-

tas. Ainda mesmo que não se tratasse de regiões incultas sem interesse directo para a especulação do commercio, era de inestimavel preço esse ponto de repouso e de apoio, a meio caminho da India. A primeira expedição de tres navios deixou o Tejo em maio de 1501; não se sabe hoje quem a commandava senão que seria provavelmente o mesmo que levara a noticia. Seja como fôr, a pessoa mais eminente que n'ella embarcára foi de certo Americo Vespucio, o piloto e marinheiro mais instruido do seu tempo e que foi tambem o primeiro orgão de descredito da nossa terra. Não achou que a região valesse muito; sem ouro, sem povos productores, parecia-lhe uma propriedade mesquinha e dispendiosa; apenas notava a existencia do pau brasil, producto mediocre quando comparado ás especiarias; serviria a terra para abrigo pelos seus portos numerosos, com boa aguada e lenha para as provisões. A frota de exploração encontrou a de Cabral, que voltava da India na altura de Cabo-verde, e veiu tocar a costa brasileira no cabo de S. Roque, e correu-a toda de norte a sul até o cabo de Santa Maria (Uruguay); por onde foram passando, deram os exploradores, conforme o calendario, os nomes de santos aos accidentes geographicos: cabo de S. Roque (16 de agosto) cabo de Santo Agostinho (28 de agosto) Rio S. Francisco (4 de outubro) B. de todos os Santos (1 de novembro) C. de S. Thomé (21 de dezembro) « Rio de Janeiro » ? (1.º de janeiro de 1502) Angra dos Reis (6 de janeiro) S. Vicente (22 de janeiro); esmorecendo o chefe da expedição, Vespucio tomára o rumo de

sueste, depois de viagem tempestuosa, e chegou a Lisboa a 7 de setembro de 1502.

Depois d'essa exploração fecunda quanto aos progressos da geographia, mas inutil aos interesses do commercio portuguez, a terra de Santa Cruz foi relegada a verdadeiro olvido. Foi preciso que a ambição estrangeira viesse acordar o sentimento ou o appetite dos seus descobridores.

6

O Brasil esquecido

Depois da primeira exploração de 1501 as terras do Brasil tornaram-se constante theatro da pirataria universal. Especuladores francezes, allemães, judeus e hespanhoes aqui aportam, commerciam com o gentio ou asselvajamse e com elle convivem em egual barbaria. Os nevegadores de todos os pontos aqui se aprovisionam ou se abrigam das tempestades. Aventureiros aqui desembarcam; e vivem á ventura, na companhia de degradados e foragidos.

O que preoccupa a côrte portugueza de D. Manoel são as riquezas do oriente. Se ainda alguma expedição aqui toca e se demora, como a de Gonçalo Coelho e Vespucio, a que pelo naufragio e tempestade se divide em duas e estabelecem feitorias, uma no Rio de Janeiro outra em Santa Maria (Cabo Frio) 1503, não é o Brasil quem as attrahe mas sim ainda a fascinação do oriente. A expedição de

Gonçalo Coelho marca um *momento historico* distincto e importante: verificada como foi por Vespucio a configuração continental do Brasil, tão parecida com a da Africa, pensou-se em realisar o *periplo brasileiro* e contornar a nova Africa para chegar a Malaca, á «feira universal» do oriente;—tentativa fascinadora, o levante pelo sul, egual á de Colombo *el levante por el poniente*, empreza d'um tempo em que se julgava a terra menor do que era realmente e que o seu circuito apenas excederia de uma centena de gráos.

Não devemos pois contar a expedição de G. Coelho como destinada ao reconhecimento das terras brasileiras. Outras visitas ao Brasil eram as das esquadras da India, que vinham refrescar nos bellos e pittorescos portos: taes as de Affonso de Albuquerque, a de D. Francisco de Almeida e outros. Em todo o reinado do rei venturoso nunca mais se fallou da nova terra americana, que era o posto dos traficantes: n'esses vinte annos de abandono perdeu-se o nome official da terra (Santa Cruz), e formou-se o unico que aos extranhos a fazia lembrada: a região do *pau brasil.*

O vacuo produzido por esse desdem originou as lendas aventurosas proprias dos paizes primevos e sem historia, e assim formou-se a epopêa do *Caramurú*, o dragão do mar—um portuguez que naufraga na Bahia e exerce grande predominio sobre os selvagens. Na lenda, o segredo d'esse predominio é a arma de fogo que atemorisa o gentio. E' certo que Diogo Alvares (Corrêa) o *Caramboró* ou *Caramurú* é um personagem

importante ainda nos meiados do seculo XVI; é á sombra e á protecção d'elle que se colonisa a Bahia. E' falso, porém, que estivesse na côrte de Henrique II e fizesse ahi baptisar a linda esposa *Paraguassú*. A verdade, provavelmente, está em que a historia do *Caramurú* fundiu-se com outras de piratas francezes, sobretudo de Dieppe, que traficavam com os selvagens, carregando saguins, papagaios e brasil. Os escriptores do seculo XVIII e bajuladores genealogistas aceitaram o mytho e o embellezaram com outras interpolações. D'ahi nasceu o bello poema epico de Santa Rita Durão, que faz entretanto Paraguassú

> *De côr tão alva como a branca neve*
> *E d'onde não é neve, era de rosa.*

— Outra personalidade heroica é a de um velho degradado ou naufrago, João Ramalho, que os colonisadores de S. Vicente vieram encontrar com grande familia patriarchal fundada entre os indios. As suas extensas relações com os indigenas do littoral *tupiniquins* e os de serra acima, *guaianazes*, determinaram logo os dous pontos da primeira colonisação. Tambem a sua influencia foi grande e a lenda d'esse homem, que morreu centenario, faz remontar a sua vinda a uma época precolombiana. Seria elle o verdadeiro descobridor da America, segundo essa invenção aproveitada por varios escriptores e ainda n'este seculo revivida por Gaffarel?

A verdade é que muito pouco se poderia saber de um paiz entregue ao acaso. O reinado de D. Manuel é o periodo mythico da nossa historia. Ninguem, nem o rei nem a sua côrte futil e incapaz, (onde na cidade de Lisboa sobre duas mestras de leitura havia 8 perfumadores de luvas) poderia perceber a importancia do Brasil; era Portugal n'esse tempo a nação da grande riqueza e da grande miseria; o ouro portuguez corria em todas as partes da Europa; o *cruzado* circulava como a libra esterlina hoje, e Shakespeare escrevia no *Othello* (III, 4):

> I had rather have lost *my purse*
> *Full of cruzadoes.*

Mas ao lado do ouro nunca a penuria nem a ignorancia foram tão profundas. Com esse estado de espirito ama-se a dissipação e nunca a previdencia. Colonisar o Brasil seria dispendioso e sem lucro immediato. E o deserto florido da nova terra foi entregue ao esquecimento.

7

Os indios selvagens

A terra então descoberta era habitada por uma gente da mais infima civilisação; vivia da caça e pesca, não conhecia outras armas de industria ou de guerra senão o arco e a clava e andava em completa nudez. Entregues

á natureza, os indios não comheciam Deus nem lei, pois não era conhecel-os possuir o terror da superstição e o dos mais fortes. A feição dos indios, diz o escrivão da armada de Cabral, é «serem pardos, á maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos». Quando se disse a primeira missa na terra firme, ajudaram a elevar a Cruz e eram uns cento e cincoenta, que se misturaram aos christãos.

Estiveram a bordo dos navios de Cabral, onde não foram entendidos pelos imterpretes mas deixaram excellente impressão pela doçura de indole e pela curiosidade e innocencia de suas maneiras primitivas e ingenuas.

A principio suppoz-se que eram todos os indios do Brasil da mesma estirpe; mas dentro em pouco se percebeu que se distinguiam muito, uns de outros, pela diversidade dos costumes, sempre incultos, pela indole pacifica ou feroz ou ainda pelo habito de comerem a carne humana, o qual não era de todas as tribus; e distinguiam-se egualmente pela variedade das linguas. Mas na região do littoral, que foi a melhor e mais cedo conhecida, predominavam pelo numero e valentia os «tupis»: eram differentes tribus, de sul a norte, com differentes nomes; mas a lingua d'ellas era, com poucas differenças, a mesma, d'onde se lhe chamou merecidamente mais tarde a «Lingua geral». E' certo que os padres jesuitas, ao depois, e por necessidades da catechése, enriqueceram e aperfeiçoaram a lingua dos tupis e guaranis, e neste sentido não fizeram mais que os poetas e escriptores, que fixam em toda a parte a supremacia de um dialecto

que elles proprios ennobrecem sobre todos os demais. Em todo o caso ainda hoje não se sabe bem em quantas familias distinctas se dividem os indios de todo o paiz; são muito conhecidos os tupis e foram quasi os unicos que mais ou menos se approximaram das povoações civilisadas, que outros mais «bugres», os tapuyas, por exemplo, nunca puderam supportar sem rancor.

Portuguezes e indios praticavam-se mutuamente crueldades, porque não se entendiam e nem se podiam entender attentos os differantes gráos de civilisação. O indio tinha o sentimento da «propriedade collectiva» (da tribu) mas não o tinha da «propriedade privada»; o indio não julgava fazer mal, roubando; e assim muitos crimes que o eram para os christãos, para elles nada significavam. Por outra parte, qualquer ultrage feito a um indio por um só portuguez, d'elle eram considerados responsaveis todos os portuguezes onde os encontravam, o que fazia parecer má fé, traição ou ferocidade gratuita da parte dos selvagens. Os civilisados, entretanto, ainda hoje, na guerra, responsabilisam povos inteiros pelos erros ou crimes de poucos individuos.

Tinham os conquistadores na conta de homens sobrenaturaes, phantasmas vindos do mar, «caraibas» e era natural que fossem submissos ante o invasor. Esse, porém, pensou logo em transformal-os em escravos; a escravidão não era uma injuria para a consciencia dos negros, muito menos para a dos indios; mas era um acto e o principal effeito da guerra.

A escravidão era tambem o trabalho e o castigo corporal, e o indio, de natureza indolente,

não podia e não gostava de trabalhar. D'ahi nasceram muitos tumultos e vinganças atrozes.

A acção dos padres jesuitas, que logo no primeiro seculo diligenciaram civilisar os indios, não os tornou mais christãos do que o podiam ser; mas conservou-os agremiados, sem exigir maior trabalho que o que podiam dar e sobre tudo em muitos casos poupou-lhes a degradação, os horrores da crueldade, das doenças e da morte ao contacto dos conquistadores, a cujo captiveiro preferiam o suicidio.

8

A ethnologia brasilica

O problema da ethnologia brasileira, depois dos ultimos estudos, de origem allemã, apresenta já certos aspectos claros e definidos e pontos de apoio que se podem considerar definitivos desde já, quaesquer que sejam as lacunas que infelizmente ainda existam.

Ainda modernos investigadores, entre os quaes sobresahe Martius, não poderam achar a classificação definitiva dos indios brasileiros, mas em verdade accumularam um grande e substancioso material de factos que dentro de pouco tempo se tornou possivel affrontar sem excessiva timidez um ensaio de generalisação.

O sentimento mais primitivo e rude que se havia formado sobre os indios é que elles constituiam uma só familia, dilacerada em tribus apparentemente diversas, pouco inportando as differenças de lingua e muito

menos de civilisação e de cultura que entre ellas se podiam notar. O systema tinha a vantagem de trazer uma grande simplificação, embora á custa da verdade sacrificada. Entretanto, muitas das tribus differiam entre si mais do que differem européos e africanos actuaes, no ponto de vista da cultura geral; o povo *tupi*, comtudo, representava, como o judeu, o povo cosmogenico a que todos os mais se reduziam, máo grado a Babel das linguas. Era uma *raça geral*, a exemplo da *lingua geral*. Contribuia para isso o facto de ser o Brasil civilisado uma unica unidade politica, e os espiritos acostumavam-se a vêr debaixo do Brasil portuguez um só Brasil indiano. A prehistoria devia subordinar-se á historia.

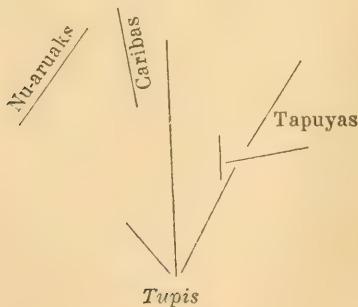
A verdade, porém, era outra. Pouco a pouco, estudadas as tribus nos seus multiplos aspectos, appareceu desde logo a irreductibilidade de muitas d'ellas.

Hoje *pelo menos* podemos assegurar que *quatro grandes nações* de indios são absolutamente distinctas. E são ellas: a *tupy*, a *tapuya (*ou *Gé)*, a *Nu-aruak* e a *cariba*. Fóra d'esses grupos existem ainda tres de menor importancia.

Além d'esses grandes grupos principaes ficam ainda varias tribus mui pouco estudadas e cujos caracteres, pelo que são conhecidos até hoje, não comportam uma reducção ao *schema quadruplo* que acabamos de indicar. E' esse, justamente, o lado obscuro da ethnologia brasilica e é o que provoca o ardor e a diligencia dos nossos investigadores.

Para figurar-se uma distribuição geogra-

phica das principaes nações indianas, basta-nos fazel-o a largos traços. Os *Tapuyas* acham-se localisados no planalto de léste do Brasil, não muito longe da costa, entre 5 e 20 gráos de latitude sul e 40 a 55 gráos de longitude occidental (meridiano de Greenwich). Os *tupis* se estendem pelo littoral do sul a norte e pelas regiões do Xingú e do Tapajós. Os *caribas* encontram-se principalmente nas Guyanas de léste e na Venezuela oriental. A nação *Nu-aruak* espalha-se no sentido do nordeste desde a Bolivia até á costa do norte de Venezuela atravez do Brasil e entre os limites de 60 a 75 gráos de longitude occidental. Tambem se chama *Maipurc* (L. Adan).

Podemos representa-los pelo seguinte diagramma que se imagina superposto a uma carta da America do Sul:

Por esse diagramma percebe-se que os *tupis* partindo do sul, onde se conservam mais puros,

(guaranis) penetraram pelo Brasil em tres direcções e correntes: a corrente oriental seguindo a costa e d'onde provavelmente expelliram os *tapuyas*, isto é, os barbaros; a corrente central e a occidental, que parecem menos importantes.

As migrações das varias nações indianas não se deram em direcções uniformes e a difficuldade de determinal-as não é pequena.

Que os *tupis* migraram do sul para o norte parece cousa liquida, e por muitos motivos. Mesmo nos tempos da descoberta já se podia observar essa direcção e sempre os colonisadores poderam observar que os tupis subiam o littoral, quer por impulso natural, quer tambem para evitar a occupação européa. Ao mesmo tempo sabe-se que a massa de tupis do sul, os guaranis, conservam uma lingua mais primitiva, mais contrahida, ao mesmo tempo que revelam inferiores aptidões e estado inferior de cultura.

Tambem ha todas as probabilidades em favor da direcção léste-oeste seguidas pelos *tapuyas* ou *Gés*, não só porque o grão de cultura d'elles vai ascendendo nessa direcção, como porque sendo expulsos pelos guerreiros tupis e sendo-lhes impossivel atravessar o mar, não tinham outro caminho a seguir que o de oeste.

A migração dos *Nu-aruaks* devia ter-se realisado em sentido contrario á dos *tupis*. Elles deviam ter descido do Norte para o Sul; o seu nucleo principal se acha localisado entre o Alto Amazonas e o Rio Negro.

O movimento dos *caribas* seguiu a direcção de Sul para Norte. Elles occupavam a região das Guyanas e já tinham effectuado,

pelo mar, a conquista das pequenas Antilhas. De onde teriam vindo? E' aqui o logar de mencionar-se a principal descoberta de K. von den Stein. Este, com Ehrenreich, conseguiu determinar a patria primitiva dos *caribas* nas fontes do Xingú. E' ahi que se encontram as hordas mais primitivas d'essa nação e as tribus mais meridionaes; d'ahi pois é que se estenderam para o Norte, pois é nessa direcção que se encontram as pégadas cada vez mais numerosas do *cariba*.

Além da questão das migrações levanta-se outra, a da fixação das épocas em que ellas se realisaram, e que é naturalmente muito mais delicada e difficil. O tereno é muito largo para as hypotheses, e eis porque é muito difficil apurar um accordo entre os ethnologos; essa discordancia prova, aliás, que no estado dos nossos conhecimentos a esse respeito estamos muito longe da verdade. E' possivel, entretanto, esperar-se que essa, como outras difficuldades, sejam resolvidas ao menos em uma medida satisfatoria quando os estudos anthropologicos e linguisticos chegarem nesse dominio a um gráo de precisão de que ainda hoje carecem.

O Dr. Carlos von den Stein pensa que houve tres épocas pre-européas quanto ao movimento das populações aborigenes.

A *primeira época* é representada pela expansão da raça *Nú* pelo continente e do *Aruak* sobre as pequenas Antilhas. Deve-se considerar a primeira essa época por não haver dados em contrario e por haver documentos de que as outras migrações são posteriores.

A *segunda época* é representada pelo desenvolvimento de poder dos *caribas*, que partindo do centro do Brasil marcharam para o norte e através do mar conquistaram aos Aruaks as pequenas Antilhas. O fundamento d'essa segunda época se acha no facto de que, quando os Europêos descobriram as pequenas Antilhas notaram maravilhados que as *mulheres* fallavam uma *lingua differente* da dos *homens*. Os varões eram *caribas* que matando os primitivos occupadores apossaram-se das mulheres da tribu vencida, conservando-as como despojos.

A *terceira época* é da expansão multipla dos *tupis* seguindo varias direcções do sul a norte, nomeadamente pelo littoral. Essa ultima época, que entra pelo periodo européo da America, é a mais segura e fundada em testemunhos, quer dos indigenas, quer dos primeiros colonisadores. Ao mesmo tempo que os *tupis* migravam para o norte, os *Gés*, vencidos e alcunhados de *tapuias* (barbaros) pela raça conquistadora, iam-se recolhendo para o occidente e para o fundo das florestas.

Será essa a verdade definitiva? Não cremos, quaesquer que sejam as probabilidades que em favor d'essa theoria militam.

Tudo parece indicar que essas tres epocas reduzem-se talvez á historia de um seculo, quando muito a do seculo XV, e não póde ir muito além. O movimento dos *tupis* e dos *caribas* é quasi do tempo da descoberta, e a conquista do littoral pelos *tupis* nada tinha absolutamente de definitiva. Talvez posteriores ao inicio d'ella nem quatro gerações houvesse decorrido. Ainda menos poder-se-ia af-

firmar da occupação das pequenas Antilhas pelos caribas de Venezuela e da Guyana.

O estudo do planalto oriental boliviano no seu declive até Matto-Grosso deveria ser mais cuidadosamente feito e não seria de admirar que d'ahi nos viessem revelações surprehendentes.

Desse foco ethnico, se lá existio, poderiam radiar-se todas as raças que compõem as nações tropicaes, porque é natural que ellas seguissem o curso dos rios, como talvez os tupis ao mesmo tempo pela bacia do Amazonas e pela bacia do Paraguay, como os Nu-aruaks pelo Amazonas superior e os caribas que sem duvida vieram posteriormente. O impulso d'essa emigração remotissima podia talvez achar-se ou na presença de uma civilisação superior como a que occupou o Perú e expellio os barbaros, ou em algum formidavel cataclismo não muito inverosimil na região vulcanica boliviana. A verdade é que só nessa região, que comprehende as fontes das grandes bacias fluviaes da America do Sul, é que se encontram vestigios simultaneos dos grandes grupos ethnicos que povoam o Brasil; lá e só lá, em uma area menor, se podem circumscrever o *Tupi*, o *Cariba* e o *Nu-aruak*, sem fallar de outros grupos até hoje irreductiveis ao schema já mencionado.

Passemos, agora, a caracterisar, embora sem grande individuação, os grupos principaes.

1. Os **Tupis**. Os *tupis* constituem o tronco ethnico mais conhecido e pelas suas aptidões guerreiras o que mais se expandiu e se misturou com outros. E' pois essencial distinguir

os *tupis puros* dos *mesclados*. Entre os primeiros estão os Guaranis do Paraguay e da Argentina ao sul, e a oeste e norte os Chiriguanos e Guarayos (Beni e Mamoré), os Apiacás e Parentintins (entre Tapajoz e Madeira) os Ouampis e Tembés (embocadura do Amazonas) e os Omaguas e Kocamas (entre o Napó e Ucayali). São esses que no schema mencionado se suppõem ter partido do sul, do Paraguay, e seguido varias direcções pela costa e pelo centro sempre em procura do norte.

Os tupis mesclados como os Jurunas, Manitsauás, Mundurucú, e Anetò (região do Xingú e Tapajoz) conhecem-se e caracterisam-se principalmente pelo dialecto impuro que fallam misturado de palavras de outras linguas.

Os *tupis mesclados* são muito interessantes sob todos os aspectos. Os *Jurunas* de pelle escura foram civilisados nos seculos XVII e XVIII e por effeito da catechése, se a allegação não era calumniosa, perderam o habito da anthropophagia.

Os *mundurucús*, tão bem descriptos por Martius, excediam na arte decorativa, nos artefactos de pennas e ornavam suas cabanas de multidão de trophéos, ossos de quatis, onças e porcos.

A qualidade proeminente de todos os tupis, além da paixão da guerra, que era nelles constante, era a arte da navegação. Todos são canoeiros habilissimos.

2. Os Gés. E' o nome que lhes dão Martius e tambem Ehrenreich, utilizando a palavra suffixa *gés* de muita frequencia na lingua d'elles. A denominação *Tapuyas* em vez de

Gés é, como se sabe, de origem tupi. Essa nação, se bem que não completamente estudada, é, na opinião de Ehrenreich, a mais interessante de todas as que povoam o Brasil, até por ser aquella que mais nitidas nos revela as phases de sua cultura. Os *Gés* de léste são os mais primitivos; caçadores rudes e primevos, não conhecem a agricultura, não praticam a navegação, não sabem construir casas, desconhecem a ceramica e a tecelagem, não conhecem o uso da rêde.

O facto verificado pelo ethnologo citado, de que a cultura dos *Gés* se desenvolve, ao passo que se caminha para oeste, prova que effectivamente foi nessa direcção que elles emigraram.

Os *Gés* decompõem-se em varias tribus, todas ferozes e em todo o tempo encaradas com terror pelos colonisadores. Taes são os *Botocudos* e os *Aymorés*.

Entre os *Gés* occidentaes, e conseguintemente mais cultos, notam-se os *Suyás* do curso médio do Xingú, que já sabem navegar, construir suas cabanas colmeiformes e fabricar varios utensilios de barro; e o que é caracteristico, já não usam o bodoque nem deformam os labios, o nariz e as orelhas como os rudes tapuyas, seus parentes de léste.

3. Os **Nu-Aruaks**. São assim denominados por causa do prefixo *Nú* que deixa vestigios e apparece em varias tribus affins que se estendem, como diz von den Stein, do Xingú aos Andes e do Paraguay ao Amazonas. A esse grupo pertencem no Brasil os Kustenaús do alto Xingú que usam rêdes de palmeira (e não de algodão como os caribas), os Moxós,

Baures, os Paumarys, interessante tribu aquatica e ichthyophaga que vive nos rios e lagôas, quasi sempre em suas canôas, segundo o testemunho de Ehrenreich.

Os indios *Aruaks*, propriamente ditos, perderam a antiga supremacia que estendiam até ás pequenas Antilhas e, depois da conquista pelos Caribas, de sua primitiva importancia apenas restam algumas tribus desoladas em condições mesquinhas, em Venezuela e na Guyana ingleza; nenhuma d'ellas habita o Brasil.

4. Os **Caribas**. Os *caribas*, que ao tempo da descoberta dominavam as Guyanas e haviam conquistado as pequenas Antilhas, suppunham-se provir do centro do Brasil, e já vimos que o Dr. K. von den Stein localisa a patria primitiva d'essa nação nas cabeceiras do Xingú. Foi ahi que o illustre ethnologo allemão encontrou varias tribus *caribas*, no mais baixo degráo de cultura como os *Nahuquas* e os *Bakairis*, que não conhecem sequer o ferro, nem as bebidas espirituosas, nem a banana.

Pelos caracteres anthropologicos e liguisticos essas tribus, aliás cercadas de tapuyas, nu-aruaks e tupis, ligam-se ao grupo dos caribas, cuja massa principal deslocada para o norte habita hoje a Guyana oriental.

Os *Bakairis* parecem ser os mais antigos pelo estado puro e rude da lingua e da cultura; mas ha ainda tribus de caribas no Madeira (os *Palmelas*) e no sul do Piauhy (os *Pimenteiras*).

Os *bakairis mansos*, no dizer de von den Stein, levam uma vida idyllica e bucolica; la-

vram e criam, vestem-se á européa e na sua lingua transparecem ás vezes vacabulos portuguezes. Ao contrario, os *bakairis bravios* andam nús e miseravelmente, de arco e flecha e em condições inferiores de vida e de trabalho. Os *Pimenteiras*, que desde 1775 aterrorisam os fazendeiros e criadores do Piauhy, parece que vieram de oeste e o seu dialecto não tem o suffixo *otò* do dos caribas que estacionam longe no Ucayali e no curso superior do Amazonas.

Nações não classificadas. Se a classificação acima reduz a poucos grupos um sem numero de tribus, é preciso confessar que ainda fóra d'ella existem mais cinco grupos já deliminados pelos estudos recentes: o *Karajá*, o *Pano*, o *Miranha*, e o *Guaycuru* e os sobreviventes do extincto Goytacaz, os *Puris*. São em todo o caso menos importantes que os quatro grupos mencionados, acima dos ainda não classificados.

Citaremos entre estes ultimos os *Juris*, os *Tekunas* e *Uapés* no oeste amazonico, os *Trumais* no Xingú e os *Borórós* na região do Araguaya, os *Guatós* no Rio S. Lourenço e o interessante povo hoje extincto dos *Kiriris* na região superior do S. Francisco.

Os *borórós* de lingua sonóra são caçadores incultos. Os *carajás*, já meio civilisados, ostentam aldêas e arruamentos de casas sobre os bancos arenosos do Araguaya, e fazem-se notar como criadores de araras, gallinhas e patos, e outros animaes como cães, porcos do matto, macacos, etc.

9

A colonisação. Capitanias hereditarias

O reinado de D. Manuel escoou-se inutilmente para a terra; mas já nos ultimos annos, attenta a pirataria dos traficantes de pau brasil, mau grado o monopolio portuguez, impunha-se uma das duas alternativas: ou colonisar a terra ou perdel-a. Embalde reclamava-se contra os corsarios de Honfleur e Dieppe; a côrte franceza parecia surda ou indifferente a todas as reclamações. Quando subindo ao throno D. João III (1521-1557) o novo rei lançou vistas mais resolutas sobre a colonia indefeza e abandonada. O seu primeiro acto foi a constituição de uma esquadra que devia estacionar e cruzar ao longo das costas brasileiras e ao mesmo tempo servir, quanto podesse, ao povoamento. Foi d'ella commandante Christovão Jacques, e compunha-se de seis náus. C. Jacques fundou uma feitoria em Pernambuco e fortificou-a. Seguindo para o sul, na bahia de Todos os Santos bateu e aprisionou 300 francezes, que levou para a Europa. Um anno mais tarde um galeão francez vingava esse desastre assolando a nova feitoria.

Tudo parecia recaír no olvido, quando corre a Europa a noticia da abundancia de prata vista nas mãos dos selvagens do rio descoberto por Solis. A ambição despertou de novo a apathia antiga e a dúvida de que esse rio estaria dentro da linha de demarcação fez

logo equipar a esquadra que com Martin Affonso de Souza, armado de poderes absolutos, conjunctamente com Pero Lopes, seu irmão, partiu para o Brasil. A acção de Martin A. de Souza limitou-se ao littoral brasileiro, onde foram collocados marcos do dominio portuguez.

A exploração ordenada a Martin Affonso de Souza e a seu irmão Pero Lopes (1530) foi a mais precisa nos resultados: tocou successivamente no cabo de S. Agostinho, em Pernambuco, Todos os Santos, Rio de Janeiro, Cananéa; Pero Lopes, só, foi até á ilha das Palmas (Rio da Prata); em todos esses lugares demorou-se algum tempo, e de volta, fundou S. Vicente e penetrou no interior até S. André da Borda do Campo (S. Paulo); ahi recebeu Martin Affonso o titulo de donatario de São Vicente. Logo ao chegar ao cabo Santo Agostinho destacou uma náu para oeste que explorou o littoral do Norte até o rio Gurupy, no Maranhão. Esse foi portanto o explorador que achou a expressão mais nitida da curva atlantica do Brasil, no curso de uma só exploração. E' provavel que Pero Lopes se adiantasse até o Rio da Prata, emquanto Martin A. de Souza restava em S. Vicente, e verificasse a nenhuma existencia de minas no Rio de Solis, ou mesmo fazendo as observações astronomicas, concluisse que este rio estava fóra da linha de demarcação. Voltaram ambos a Lisboa em 1533.

Tendo já no Brasil tres feitorias — Pernambuco, S. Vicente e Piratininga — D. João III desde o anno antecedente resolvera praticar o systema de colonisação, que Christovão Ja-

cques, natural da Madeira, já desde a expedição precedente havia, de accordo com o letrado Diogo de Gouvêa, proposto em 1527. Era o systema das capitanias hereditarias, antes applicado na colonisação da Madeira e dos Açores.

Christovão Jacques, ainda que o houvesse pedido, não foi contemplado. Foram-n'o, e de modo excepcional, os dous irmãos Souzas, Pero Lopes e Martin Affonso.

No Brasil, a corôa portugueza não encontrava povos bastante cultos para limitar-se a subjugal-os e impor-lhes o protectorado como na India. Aqui seria talvez mais facil o trabalho da conquista pela fraqueza da resistencia; mas era preciso povoar a terra inutil, pesquizar-lhe as riquezas ainda ignoradas, em uma palavra, fundar a sociedade e organisal-a. O governo acoroçoaria aos que quizessem vir a essas terras, portuguezes, especuladores e aventureiros, a leva voluntaria do povoamento; disporia de condemnados que mandaria a esse degredo e de forças de caracter militar que guardariam a posse da terra. Foi esse alvitre que prevaleceu, pois quando se soube o Brasil acossado de estrangeiros que negociavam com o gentio, foi que D. João resolveu crear postos de defeza entregues como *doações* a differentes fidalgos e capitães illustres portuguezes. Foi dividido o paiz em lotes de cincoenta leguas de costa e pela terra a dentro até á linha de demarcação. Cada lote d'estes coube a um *capitão-mór* (e ás vezes mais de um lote) o qual deveria cuidar da povoação e prosperidade das suas terras, exercendo sobre ellas direitos senhoriaes quasi

absolutos. Essas *capitanias* eram hereditarias e fôram doze, a saber: *S. Vicente*, *Santo Amaro*, [1] *Parahyba do Sul*, *Espirito Santo*, *Porto Seguro*, *Ilhéos*, *Bahia*, *Pernambuco*, e quatro capitanias ao norte da capitania da Parahyba até o limite extremo do Maranhão. Eram desiguaes, mesmo quanto á linha da costa e algumas nem sequer fôram povoadas ou mesmo visitadas. Esses fidalgos não eram bastante ricos para tomar a hombros tão dispendiosas emprezas, ainda podendo cobrar dizimas, escravisar o indio, retalhar as terras em sesmarias e não responder de tudo quanto fariam senão ao rei e em pessoa. Desde logo denunciou-se a fraqueza essencial do systema: em terra tão vasta, as capitanias, indifferentes entre si, não attendiam ou não podiam resistir ao perigo constante da invasão corsaria franceza, que aqui e alli as atormentavam. Faltava-lhes a unidade e o sentimento do interesse commum. Isso junto aos insuccessos de muitas d'ellas, determinou o rei de Portugal em 1548 a abolir as excessivas franquias que gozavam e subordinal-as a um Governo Central que teve a sua séde na Bahia. — A Bahia ficava quasi no meio mathematico da linha de costa melhor conhecida então e que ia da *Laguna* (em Santa Catharina) até o rio *Gurupi* (Maranhão). Propriamente, porém, o Brasil habitado, e com grandes claros, estendia-se apenas de Cananéa a Itamaracá.

---

[1] Este era um dos tres lotes — Sant'Anna, Santo Amaro e Itamaracá — doados todos a Pero Lopes de Souza.

Póde-se dizer que a corôa portugueza, cedendo quasi todos os seus direitos magestaticos aos donatarios, o que reservava para si, não chegava para pagar o serviço da religião que lhe competia manter e de facto reconhecia a independencia quasi illimitada da nova conquista.

Essas franquias tão prematuras abysmaram logo as primeiras esperanças.

10

O drama e a tragedia das capitanias

A idéa de povoar o Brasil pelo regimen feudal das doações, partiu de Diogo de Gouvea, portuguez de grande instrucção que dirigia um collegio em Paris, d'onde sahiram os fundadores da companhia de Jesus e que fez parte mais tarde da Universidade de Bordeus. Diogo de Gouvea associou-se a Christovão Jacques, no pedido de concessões para colonisar o Brasil em 1527. Não se sabe bem porque, não fôram attendidos; mas a idéa, alguns annos depois, fructificava.

Não era aliás cousa nova, esse regimen já antes applicado aos Açores e á Madeira; mas era um golpe ousado nas leis e no proprio interesse do absolutismo real a tanto custo conseguido contra os privilegios dos senhores e fidalgos. Presumivelmente, não quereriam os conselheiros da corôa que a iniciativa d'esse golpe partisse de vassallos. D. João III não hesitou em vibral-o contra a propria realesa,

entregando a colonia ás oligarchias soberanas, apenas temperadas pelo protectorado da corôa, fraco e a tão larga distancia quasi inutil.

Mas era preciso adoptar uma resolução prompta antes que os aventureiros se apossassem da terra; e para um paiz de pequena população não haveria talvez outro recurso senão aquelle para fomentar a povoação da nova colonia.

As capitanias eram independentes entre si e nellas o donatario era pouco menos que o senhor absoluto. Pouco reservou para si a corôa, o quinto dos metaes e pedras preciosas (de cuja existencia aliás nada se sabia), e o resto do systema, tributario quasi todo de imposto directo (dizimos, vigesimos da producção, da pesca, etc.), revertia na maior parte ao interesse da colonia. Adoptavam-se as leis da metropole, mas interpretadas com liberalidade, considerando prescriptos os crimes commettidos além do oceano, não fôssem traição ou moeda falsa, e alargando-se sem limitação o direito de asylo. Essas medidas favoreciam a colonisação porque as leis criminaes portuguezas (o livro V das *Ordenações*) eram de tal modo draconianas e absurdas que quasi ninguem lhes escapava: pequenas faltas eram alli tidas por crimes graves e a phrase *morra por ello* era a sentença commum de qualquer delicto. Apesar d'isso a população de Portugal, que attingira a 3 milhões d'almas e a preferencia da emigração para a India, a perspectiva do deserto que era a terra americana, tudo amesquinhava a corrente do povoamento. Ninguem queria vir para o Brasil por

sua propria vontade. Vinte annos depois de constituidas, as capitanias hereditarias não sommariam *tres mil colonos*. A terra era desprezada e mesmo mal vista porque os degredos menores levavam á Africa, e os maiores ao Brasil.

Logo ao se estabelecerem fôram os colonos, longe da civilisação, adaptando-se á vida selvagem e acceitando muitos dos usos dos indios. Em pouco tempo trocaram os alimentos tradicionaes pelos da terra e em vez do pão, a farinha da mandioca. Aprenderam por vezes a manejar o arco e flexa, a governar as *igaras* pelos rios, a dormir em *rêdes*, a fazer a *covaira;* para essa assimilação contribuiam, na falta de mulheres brancas, as uniões com as indias, com as quaes constituiam familia. Tambem facilitava essa barbarisação de costumes a presença do negro africano, logo cedo importado, mais docil e submisso ao branco, em cujo serviço trabalhava. Logo as plantas tropicaes uteis da Africa e da India, o *aipi*, a *pimenta*, o *cará*, juntaram-se á *mandioca*, ao *milho* e á *banana* indigenas. O Brasil não possuia mammiferos domesticaveis e foi o gado introduzido das ilhas portuguezas; introduziu-se então e egualmente a cultura da *canna de assucar* em S. Vicente em 1532 e d'ahi se espalhou por todas as capitanias. Essa era a grande agricultura, em tal clima e tempo, só possivel com os escravos que no mesmo momento vinham de Guiné. A grande propriedade começou com a escravidão e foi a causa de tumultos com os indios, cuja escravisação dubiosamente legal não tinha então assumido cara-

cter de importancia. E' o tempo dos *sesmeiros*, em que são solicitados e concedidos pelos donatarios tratos de terra *(sesmarias)* a particulares que lhes devem vassalagem. A fusão das raças branca, negra e vermelha traduzem-se em varios typos de crusamento *(mameluco, mulato, cafuso)* branco-indio, branco-negro, indio-negro, e tanto nas raças como nos costumes e na linguagem que se apropriou de vocabulos africanos e indigenas.

Os colonos, porém, dentro em pouco conheceram o perigo de tanta confusão. A sociedade mesclada, incapaz de unir-se, logo se enfraquece e se corrompe. Em breve os indios os incommodam e é preciso organisar escaramuças em que nem sempre são vencedores. Por outra parte, os corsarios francezes atacam as povoações depredando-as, e entre o perigo do mar e o de terra, o colono, sitiado, estabelece-se de preferencia a meio caminho da floresta virgem, um pouco afastado da embocadura dos rios e, egualmente, em alguma eminencia. As primeiras cidades do Brasil começam pelos morros e só tarde descem á planicie e nunca se formam á borda do mar e, mesmo nos rios, só nos lugares onde não chega o navio de longo curso — essa é a prudencia dos fundadores no seculo XVI e no seguinte, que foram uma lucta interrompida pela posse da terra. Assim fundaram-se S. Christovão, Olinda, S. Vicente, longe-perto do oceano, Bahia e Rio (Morro do Castello) nas eminencias; cidades á bôca do oceano como Fortaleza, Maceió, Desterro, Aracajú etc., são recentissimas. Esse problema foi logo resolvido em S. Vicente por Martim Affon-

so, que ao lado d'esse porto creou logo depois Piratininga, no planalto, serra acima, asylo contra o corsario do mar e guarda avançada contra a floresta povoada de indios.

Não se pode sustentar (o que aliás tem sido feito) que o regimen das capitanias fosse um desastre, só pelas dolorosas tragedias de que foram theatro; ao contrario, foi a salvação certa da colonia. Não havia outro meio de que lançar não naquelle tempo. Ainda hoje o Brasil resente os germens das oligarchias locaes que, como então, apenas toleram o protectorado do principe, vencedoras umas vezes, vencidas outras. Toda a nossa historia é o desenvolvimento d'esse duello original. Revezam-se cada seculo. As capitanias apparecem no seculo XVI; a união necessaria pela guerra hollandeza domina no seculo XVII; o espirito das capitanias volta de novo a emancipar-se no seculo XVIII, com as minas; a união com a monarchia subjuga-as no seculo XIX. Parece que o seculo XX se abrirá de novo com o particularismo feudal.

Não ha que recriminar contra esse rythmo natural da nossa historia, do qual o principio da unidade tentado com Thomé de Souza, realisado com a monarchia, tenderá sob qualquer forma a prevalecer no futuro.

Naquelle tempo a depravação dos costumes era grande e foi a praga das cidades; a falta de escrupulos, a impunidade dos crimes novos junta a dos prescriptos, a libertinagem occasionada pela presença de raças consideradas indignas, a quasi ausencia dos orgãos da religião nesses primeiros ensaios de estabelecimento, accrescidos ás calamidades do mar

indefeso e do matto virgem, representam o quadro imperfeito d'essa lucta gigantesca dos donatarios.

Alguns sacrificaram a fortuna, a saude e todos os bens, sem excluir a honra e a memoria dos nomes nobilissimos que traziam.

Muitos d'elles succumbiram tristemente na tarefa; outros nem chegaram a inicial-a, assaltados logo pelo infortunio. A expedição que viera colonisar o Maranhão (J. Barros) naufragou ou dispersou-se pelo mar; os colonos salvos vagaram pelas costas, reduzidos á fome; fabricaram frageis embarcações e nellas entregando-se em desespero ao oceano foram parar ao Haity, onde aos miseros aventureiros nem sequer concederam a esmola de voltar á patria; apenas á força de supplicas e diligencias que o amor paterno inspirava, conseguio João de Barros rehaver dous filhos que estavam entre os desmandados. Entretanto por causa d'essa expedição quasi ia havendo uma grande guerra; quando ella se organisou em Lisboa com grande luxo de armas e material de guerra, correu o boato, e era verdade, que pretendiam os expedicionarios, chegando ao Maranhão, conquistar a terra por ella dentro até ás regiões do ouro do Perú, que então fascinava o mundo e acendia a cupidez dos aventureiros. O embaixador hespanhol naquella cidade chegou a communical-o ao seu rei. E eis afinal o triste epilogo d'essa aventura criminosa!

Tambem foi uma tragedia a historia do donatario da Bahia, Francisco Pereira Coutinho. Homem já de edade, doente, tardo e irresoluto, foi um dos ultimos a colonisar o seu

feudo (1537); já ahi encontrava um nucleo de homens livres que assenhorearam-se da terra (o *Caramurú* e outros). Em breve os seus proprios sesmeiros e vassalos unidos aos indios, que entretanto e a principio pareceram pacificos, revoltam-se e põem em sitio apertado ao velho donatario. Chega um clerigo impostor que traz um falso documento de prisão do capitão-mór que desamparado se refugia em Ilhéos. Parece que na insubordinação dos colonos e dos indigenas havia o conselho de Diogo Alvares, personalidade cujo prestigio proprio eclipsava o do donatario.

Coutinho voltou á Bahia, um anno mais tarde, a chamado dos seus falsos amigos; mas naufragando na ilha de Itaparica e caíndo em poder dos indios, que o reconheceram, foi feito prisioneiro de guerra e, em lugubre festim, foi morto e devorado pelos canibaes, segundo a terrivel usança.

Essa aventura repercutiu dolorosamente na côrte de Dom João III, onde outras agruras não faltavam.

Taes contratempos e outros que ainda houve seriam, como foram, inevitaveis ao povoar um paiz sem immigração expontanea, sem animaes, sem trigo, com plantas que ainda não tinham a tradição do uso e sem recursos e ao mesmo tempo ameaçado dentro e fóra do seu ambito. Apesar de tudo, esse regimen, n'esse tempo em que Portugal dictava ao mundo o exemplo do imperialismo, foi adoptado por outros paizes colonisadores, e os donatarios brasileiros correspondem aos *Seigneurs* francezes do Canadá, aos *Patrone* das colonias hollandezas, ao *Staroste* inglez

5

da Carolina, etc. O systema devia ser mantido e o foi; cumpria aparar-lhe os exaggeros que a experiencia mostrára inconvenientes e principalmente a excessiva interindependencia das capitanias que as faziam indifferentes senão inimigas, e reforçar o laço commum d'ellas por um governo tambem prezente e capaz de protegel-as realmente e defendel-as de todas as eventualidades. Os proprios donatarios, que eram os orgãos naturaes do particularismo, sentindo proxima a hora da total ruina, fòram os mesmos que em clamor universal reclamaram a união. A 12 de Maio de 1548 escrevia Luiz de Goes, de S. Vicente a D. João III: — Venha V. A. em nosso auxilio: em breve esta terra se perderá e os francezes que a tomarem tomarão depois a Africa e irão atacar a Asia portugueza; e se esses presagios não movem V. A. tenha V. A. compaixão e piedade de tantas almas christãs d'esta terra.

No mesmo anno creou-se o *Governo Geral* (1548) e fôram cumpridos assim os desejos de todos.

Drama e *tragedia* das capitanias, dissemos, ao caracterisar esses primeiros annos do provamento. Só a *comedia* de facto não existia porque era o accordo de todos que a terra era «triste e melancolica», sem prazeres e divertimentos, rude, ignota «e desconsolada». A grandeza da paisagem asphyxiava o homem; os vis insectos, venenosos reptis, monstros conhecidos e imaginarios, as doenças e todos os males da luxuria e da ambição pareciam aqui prosperar e recrudescer com a nostalgia da patria distante.

11

Synthese final. O humanismo e o renascimento

A epoca dos descobrimentos, da qual não fizemos mais que descrever em detalhe um dos seus episodios, é a grande éra do *humanismo* e do *renascimento.* E' o triumpho das idéas classicas que o obscurantismo da edade média havia sepultado no olvido.

Nesse momento critico revivendo-se a antiguidade no meio chistão, domina ao lado das idéas pagãs o mysticismo religioso. A «nova cavallaria do oceano» beata e atroz, é ao mesmo tempo mystica, religiosa, fanatica e cruel; — em todas as regiões, e em toda a parte o seu escopo *é dilatar a fé*, mas não sem antes de tudo *dilatar o imperio.* A elevação e a indignidade, a crueldade e a doçura, a ambição e a piedade, commercio de escravos com a catechese dos infieis, Las Casas e os Pizarros e Almagros, Anchieta e os Gamas e Albuquerques, os apostolos e os aventureiros, os santos e os heroes florescem todos nesse momento de transição para a historia moderna.

Mesmo isoladamente nos individuos essa contradição, signal da grande energia e do trabalho das idéas, persiste entre a religiosidade e o livre pensamento. A viagem de Colombo é uma heresia — *el levante por el poniente;* e Colombo entretanto é religioso até á superstição: O Orenoco é para elle o caminho

do paraiso terrestre de Adão e dil-o convencidamente. Parece que toda a sciencia de Colombo deriva de um mediocre tratado *De Imagine Mundi* de Pierre d'Aelly.

No emtanto o que o distingue além da fé e tenacidade, diz Humboldt, é a sua penetração, a extrema finura com que elle aprehende os phenomenos externos. Torna-se, pois, no seu tempo, o orgão do humanismo classico, o grande renovador das idéas antigas, e na geographia as idéas antigas deixadas no grande olvido medieval, preoccupado de fervor christão, eram que existia um mundo ao occidente. A esphericidade da terra estava na doutrina de Pythagoras, em Aristoteles que a cria redonda porém pequena, na tradição da *Atlantida*, continente submerso de que deviam existir fragmentos esparsos (talvez as ilhas africanas de certo visitadas pelos phenicios). Seneca escrevera esses versos propheticos:

> Venient annis sæcula seris
> Quibus Oceanus vincula rerum
> Laxet, et ingens pateat tellus,
> Tethysque novos detegat orbes
> Nec sit terris ultima Thule.

«Seculos virão em annos distantes em que o Oceano relaxará os laços das cousas; verse-ha então immensa a terra, Thetys mostrará novos mundos e entre as terras Thule não será mais a ultima.» Havia sido já a opinião de Platão no *Timeus* e o foi de toda a antiguidade culta. A America foi pois tambem a obra da renascença.

Egualmente o foi o periplo da Africa. Iniciou-se pelo commercio de escravos no seculo xv, mas já no seculo seguinte soffreu o influxo dos estudos classicos. Effectivamente já os phenicios haviam longos seculos feito a circumnavegação do continente negro—seis seculos ao menos, antes de Christo. Herodoto narra a viagem de alguns phenicios a mandado do Pharaó Néchao, em circumstancias que não se podem contestar; elles desceram o Mar Vermelho e voltaram pelas columnas de Hercules, verificando que a Africa era isolada das outras terras, excepto ao norte do Egypto. D'essa viagem resultou a ordem de abrir-se um canal do Mediterraneo para o Mar Vermelho. (616—600 A. C.) Segundo Herodoto, essa viagem durou tres annos e analysando-a, diz Peschel que duvidar d'essa empreza é injustificavel pois os marinheiros phenicios não estavam mais atrazados que os navegadores dos seculos xv e xvi e antes, a difficuldade da navegação vindo de leste é menor porque é feita no sentido da corrente sul do oriente e o unico trecho realmente difficil é a travessia de Cabo Verde a Gibraltar, quasi o ultimo da circumnavegação.—Tambem os carthaginezes com Hannon (480—470 A. C.) exploraram a costa africana até além de Guiné, onde capturaram uma Chimpazé femea que tomaram por mulher natural da região. *Do periplus* de Hannon se gravou uma inscripção carthagineza, de que possuimos a traducção em lingua grega.

Se bem que os nevegadores, exceptuando talvez Vespucio, não tivessem grande erudição, todavia faziam essas idéas parte da

cultura universal e achavam-se disseminadas por todos os espiritos. Não era pois de estranhar que a «cavallaria do oceano», embora inconscientemente, fosse levada a pôr as suas ambições e energias ao serviço da sciencia renascida. A segunda metade do seculo XV decuplicou a area conhecida do mundo, revelando a immensidade da terra incognita. O trabalho dos navegadores excitava no seio das universidades européas a febre da erudição antiga, onde se ia buscar a chave de tamanhos mysterios tanto tempo obscurecidos.

Inaugurando a colonisação do Brasil pelo systema feudal das doações, tambem não fizeram os portuguezes cousa differente do que já haviam experimentado os colonisadores greco-phenicios da antiguidade. Essa analogia talvez não seja de todo furtuita; Diogo de Gouvêa, de Paris, o auctor da proposta do regimen colonial, professor universitario, theologo e lettrado, era de facto um grande conhecedor das letras classicas. No seu collegio em Paris e posteriormente na Universidade de Bordeus, Diogo de Gouvêa occupava lugar conspicuo entre os homens de espirito do seu tempo.

Elle de certo sabia que numa das colonias da antiguidade (que se suppõe Malabar) era o sandalo como o páo brasil exclusiva materia de permuta nos primeiros tempos. Depois do oriente o commercio expandiu-se pelo Mediterraneo, com o *ambar* e os metaes. Parecia-se esse caso com o da «terra do brasil» e só lhe faltavam os entrepostos phenicios, as feitorias de propriedade privada sem as quaes não se poderia crear o commercio.

Os greco-phenicios tiveram colonias de duas sortes: as *Apoekias* que eram formadas e mantidas e defendidas por iniciativa de donatarios e as *Kleruchias* que eram de todo submettidas e preservadas pelo estado. Como lá, nós evoluimos da *Apoekia* para a *Kleruchia*, do particularismo feudal para o absolutismo da corôa.

II

Tentativa de unidade e organisação da defeza

...Está capaz para se edificar n'elle um grande imperio.

GABRIEL SOARES. *Trat. do Brasil.*

1

O triumpho da America

O meiado do seculo XVI marca um momento original da historia humana: o polo da attenção universal declinou de chofre para a America. Foi uma declinação gigantesca que abalou o mundo; desfez-se a magia do oriente com o sandalo e as especiarias, e a ella succedeu agora a fascinação do ouro em massa e da prata do Mexico e do Perú, envoltos nas façanhas sangrentas e inauditas dos conquistadores. Á realidade, que já era assombrosa, juntaram-se lendas ainda mais inverosimeis, e talvez sem ellas o povoamento do novo mundo fôra impossivel.

Para nós foi um momento decisivo. Ao norte do Brasil é que se collocava o imaginario paiz do *El-Dorado*, ficção maravilhosa de um reino encantado cujo principe, ungido ao anoitecer de oleo, pela manhã, ao levantar-se revolvia-se em pó de ouro resplandecente. *El-Dorado* tinha palacios de esmeral-

das e saphiras e os seus dominios eram fechados por cordilheiras de crystal. Essa legenda abriu o appetite dos aventureiros, já preparados pelas riquezas magnificas dos Incas. E punha-se essa região encantada, como em geral succede, no trecho então menos conhecido da America do Sul, entre o Oyapoc e o Maranhão e pelo interior d'essas terras e d'ellas por oeste até os confins das cordilheiras. Foi para achar o paiz assombroso que Orellana desceu do Perú, e foi o primeiro, por um rio gigantesco que parecia antes oceano e onde bateu um *exercito de mulheres* (Amazonas).

Essa aventura dava-se ás portas do Brasil; isso chamou a attenção dos portuguezes, que tambem commovidos pelas legendas que corriam o mundo, volveram a pensar mais detidamente na America. Sabia-se já então que a terra do Perú era a mesma do Brasil; o mesmo continente e por conseguinte a possibilidade das mesmas riquezas; o primeiro governador (Th. de Souza) prestou logo muita attenção ao descobrimento das minas que se suppunha, não tardaria a realisar-se. A todo o tempo, os flibusteiros francezes accossavam as costas que as capitanias não podiam defender; era mister portanto soccorrel-as, *firmar a propriedade do solo* entregue aos aventureiros de toda a parte e *organisar a defeza;* não tardaria a guerra pela posse do Brasil e então estaria elle (como esteve depois na verdade) apparelhado para resistir e expellir os invasores. A *unidade* do paiz sob um governo unico foi ao mesmo tempo um acto de boa politica interna por-

que obstava a ruina das capitanias enfraquecidas por tantas causas, e de grande previsão quanto a politica exterior porque fornecia a base da reacção nacional contra os francezes e inesperadamente contra os hollandezes.

Já agora na consideração universal, a America deixára de ser o mundo deserto, maravilhoso e inutil. O ouro, as pedrarias, o commercio da escravidão e riquezas apenas suspeitadas attrahiam a cubiça européa, e provocavam uma crise geral de todos os valores economicos; o valor da prata ficou reduzido a um quarto, e d'ella consistiam a maior parte de alfaias e baixellas das casas ricas e das egrejas. As cidades maritimas da hansea, allemãs, flamengas e as cidades italianas tomam a primasia sobre as antigas *feiras* das cidades interiores. Cada nação sonha repetir-se no novo continente: uma Nova França, uma Nova Hespanha, uma Nova Inglaterra.

O contrario succedia, porém, ao Oriente.

A India começava talvez a despertar a repulsa entre os espiritos mais eminentes; era um sorvedouro de homens validos e de esquadras que o oceano devorava. As riquezas de outr'ora iam desapparecendo; a empreza Cabral rendia aos capitaes 500 %; agora já as emprezas da India eram um sacrificio. Em trinta annos (1521-1551) perderam-se 32 náos reaes no valor de mais de quinhentos mil cruzados. Os serviços de guerra traziam o thesouro acabrunhado de tenças e mercês vitalicias e ao mesmo tempo, ceifando a nobresa e os homens validos, despovoavam os campos. Dissipavam-se assim todas as ener-

gias da raça portugueza. O ouro que vinha passava para Veneza e Flandres, onde estavam as industrias. Portugal ficára sendo apenas o quartel militar da Europa, cheio de soldados e consumidores, morada de extranho luxo e de miseria maior ainda que o luxo. Não tendo capacidade para a vida industrial, o paiz sabia absorver sem utilisar, e haurir sem alimentar-se. A opulencia de suas conquistas como por encanto passava ás mãos dos extranhos e no meio de tanta riqueza D. João III pedia emprestado ás praças estrangeiras. «A conquista da India não nos deu campos em que semeassemos (diz um escriptor d'esse tempo) nem em que apascentassemos gado, antes nos tira os que nisso nos havia de servir. Leva-nos homens sem nos dar outros que os suppram. Com as ilhas e o Brasil não succede outro tanto; com as ilhas, porque se povoam d'uma vez; com o Brasil, porque sobre povoar-se com degradados, com muito proveito e pouca despeza do reino, é fertilissimo em assucar e outros productos e até do trigo o pode ser e não está tão distante que nos não possa valer em occasião de apuro como não o póde a India.»

2

O Governo Geral. Thomé de Souza e Duarte da Costa

A experiencia da fraqueza das capitanias e da desmoralisação e depravação d'ellas e a ameaça constante dos piratas, na maior parte francezes, que impunemente commerciavam

com os indios e procuravam estabelecer-se na terra, induziram D. João III a crear o *Governo geral do Brasil.*

Comprou-se para séde d'esse governo a capitania da Bahia, á familia do donatario cujo destino lugubre ha pouco referimos, ponto magnifico pela excellencia do porto como por estar quasi no meio das costas já aqui e alli occupadas desde Cananéa até Itamaracá.

Foi primeiro governador nomeado **Thomé de Souza** (1549-1553), homem prudente e sisudo, como era sua fama, e que chegou a 29 de Março de 1549. Logo assistido de portuguezes o *Caramurú* e outros que ahi estavam numa pequena povoação á barra do golfo, e com auxilio dos indios, lançou os fundamentos da *Cidade do Salvador* na chapada da montanha, no logar que hoje se chama *cidade alta.*

Thomé de Souza era bastardo, porém de grande estimação entre a nobreza pelos seus serviços prestados no Oriente, e por « ser um homem sério, » cousa pouco vulgar n'aquelle tempo entre os homens de menos esmerada educação.

Com elle vieram um *Ouvidor-mór*, Pero Borges, que tinha a seu cargo os negocios de justiça; um *Procurador* Antonio Cardoso de Barros que devia arrecadar os impostos e mais dinheiros da corôa, e um *Capitão-mór da costa*, Pero Goes da Silveira, que devia viajar e guardar o littoral. Dois d'estes eram antigos donatarios, Antonio Cardoso, do Ceará, que não colonisou e Pero de Goes, (irmão do Damião de Goes, o chronista) da Parahyba

do Sul, onde os indios assaltaram e incendiaram os primeiros estabelecimentos. «Acudi com toda a gente que pude, disse elle n'uma carta ao rei, mas quando lá fui estava tudo destruido.» Essas novas funcções no governo geral eram como uma compensação aos infelizes vassalos. O governador geral era, como os capitães-móres das capitanias, tambem o commandante das tropas.

Em companhia de Thomé de Souza vieram seis Jesuitas sob a direcção do Padre Manoel da Nobrega. Vinham para catechisar os indios e prestar á colonia os serviços da religião e dos bons costumes, então quasi abandonados. Eram, além de Nobrega, os padres Alpiscueta Navarro, Antonio Pires, Leonardo Nunes e os irmãos, Diogo Jacome e Vicente Rodrigues.

A administração de Thomé de Souza foi habil e de muito fructo. Organisou a defeza das colonias, fortificando-as e tornando obrigatorio por toda a parte o serviço militar, mas sem excesso. Protegeu os indios, mas não sem castigal-os severamente quando necessario; de uma feita, tendo estes massacrado e devorado dois portuguezes, aprisionou dous quaesquer *murubixabas* (assim chamam aos chefes) atou-os á bocca de uma peça que fez disparar em seguida. Essa crueldade foi bem inutil e parece inexplicavel n'um homem como Thomé de Souza, que para poupar a população ou augmental-a revogava a seu arbitrio as leis penaes das *Ordenações*, perdoando a faccinoras e criminosos de toda a casta. Assim accumulou muitas difficuldades para os seus successores e auctorisou maiores injustiças.

Percorreu varias vezes as capitanias, dando auxilio e conselho, creando povoações (Conceição de Itanhaen e Santo André) promovendo a expulsão dos hespanhóes que commerciavam já pelo sertão do rio Paraná.

No seu governo, o Brasil foi feito bispado separado do do Funchal de que dependia e o primeiro Bispo foi D. Pero Fernandes (Sardinha) que chegou em 1552.

Como Thomé de Souza, o novo bispo attendendo a que vinha a «terra tão nova» queria dominar pela condescendencia despindo-se de rigores aqui inapplicaveis.

Ficava assim completo nos seus orgãos essenciaes o governo do imperio, que nascia no meio de tantas difficuldades.

Logo no anno seguinte, completando quatro annos que era o tempo designado, pediu para recolher-se ao seio da familia que deixara na patria. Em todo o resto da vida, porém, foi sempre o conselheiro do governo nas cousas do Brazil.

Duarte da Costa (1553-1558).—Foi o successor de Thomé de Souza. Prestou egualmente serviços de valia, mas estava longe de ser como o seu antecessor. O seu caracter é mais fragil e não parece que fosse dotado de espirito politico essencial á sua missão. Deve-se-lhe entretanto fazer justiça notando que a sua administração foi muito mais tempestuosa que a de Thomé de Souza; no seu tempo, já esclarecidos da perversidade dos colonos, os indios em grande alliança sob o commando de um terrivel cannibal *Cunhã-bebe*, desde o Cabo Frio até a Bertioga, levantaram-se

6

fazendo grandes mortandades e zombaram dos portuguezes.

Tambem francezes calvinistas se estabeleceram numerosos na bahia do Rio de Janeiro (1555) com o seu chefe Nicoláo de Villegagnon, que se fortificou na ilha que tem o seu nome hoje.

Duarte da Costa pedia recursos que nunca chegavam e não podendo combater ficava na inacção, preferindo-a á vergonha da derrota certa.

Tambem vieram com elle novos jesuitas, e entre esses José de Anchieta, o apostolo do Novo Mundo, a quem se deve ter chamado á civilisação milhares de homens embrutecidos pela selvageria, e ter promovido a paz entre elles e os colonos com risco de vida e com grandes, constantes e penosos trabalhos nos quaes consumira a existencia, pondo em prova a sua admiravel caridade e amor dos homens.

Na administração de Duarte da Costa, deram-se divergencias entre o bispo e o governador, sobretudo pela desmandada conducta do filho d'este, Alvaro da Costa, moço de grande coragem porém de costumes soltos. Parece que o bispo o reprehendeu em publico n'um sermão, momento em que geralmente se condemnavam os excessos e a libidinagem dos colonos. Outras razões haveriam além d'esse pretexto e por isso formaram-se, entre os colonos, partidos de um e outro lado que ameaçavam perturbar a ordem. O rei fez chamar o bispo. Pedro Fernandes effectivamente embarcou em 1556; mas ainda nas costas do Brasil, nos baixos chamados de

D. Rodrigo, perto do rio Cururipe, naufragou, e com outros que iam, foram devorados pelos Caetés. A consternação produzida por essa desgraça ao menos poz termo a todas as disputas.

Em 1558 Duarte da Costa terminou o seu governo. O caracter de Duarte da Costa resentia-se de egoismo e de parcialidade em tudo que dizia a si proprio ou á familia. Por causa do filho deixa lavrar a contenda com o bispo e fomenta-a desmoralisando perante o rei ao velho sacerdote. Não abandona o governo sem reservar para si as melhores sesmarias.

Por esse tempo morria na Bahia o celebre *Caramurú*, já muito carregado de annos e que fôra a testemunha dos grandes acontecimentos da terra, nos quaes tivera não pepequena parte.

3

A fundação da Cidade

A fundação de uma cidade não era problema novo para os portuguezes; muitas viram elles nascer nas ilhas e na Africa ao redor dos fortes ou ao pé das feitorias; aqui na America dar-se-ia o mesmo mais tarde, e as cidades surgiriam umas das missões e aldeias dos indios, outras das feiras do sertão, dos pousos de passagem e travessia dos grandes rios, muitas ao pé dos fortes que assegura-

vam as *entradas* pelo interior, da mesma maneira que os *bourgs*, os *caster* e as *abbadias*, e os *vada* dos rios, os mercados (*kermesses*) dos tempos medievaes.

Em todas essas, a primeira consideração intuitiva era a da defeza contra a ameaça externa. Thomé de Souza hesitou na escolha entre differentes pontos e decidiu-se pelo local que é hoje o da cidade. Transferiu o nucleo de portuguezes que já ahi estavam e habitavam quasi ao pé da barra, na *Villa Velha*, mais para dentro do golfo, e para o *alto da motanha* que, ingreme do lado do mar, seria por isso mesmo facil de defender. Na praia, que mais tarde o commercio povoou, havia excellente aguada para os navios.

E com firmeza metteu mãos á obra.

Foi logo aberta uma estrada pela montanha que conduzia ao sitio escolhido na esplanada; fez logo uma grande cerca de páo a pique a modo de trincheira provisoria que mais tarde se melhorou fazendo-a de taipa para que a sua gente toda e soldados que trabalhavam na edificação ficassem ao abrigo de qualquer surpreza do gentio; foram depois arruadas as casas, que eram cobertas de palmas de coqueiro, e abertas as praças onde se foram fazendo as casas maiores do governador, a da camara, a cadeia, alfandega e casa dos contos, ou thesouro, etc. No meio da praça, como de costume, elevara-se o pelourinho. Ao mesmo tempo construiam-se o Collegio dos padres jesuitas e outras egrejas. Toda a gente ahi trabalhava e se improvisava de mechanico, afora os mestres de officio que tinham vindo. Os degradados, e demais colo-

nos portuguezes que estavam na *Villa Velha* onde se havia antes aposentado como foi possivel todo o pessoal, foram transferidos para a nova povoação, agora cheia de vida e movimento. Por ventura o espectaculo de uns ao lado de outros, os homens da mais pura virtude e a ralé do crime, tão dissemelhantes e tão congregados, suggeriu a Thomé de Souza (que era tambem um bastardo) a idéa de que esse novo asylo era o symbolo da alliança e da paz entre os homens, e assim deu por armas á cidade em campo azul uma pomba tendo no bico um ramo com tres folhas de oliveira. *Sic illa ad arcam reversa est*, era a legenda.

Sem duvida alguma e por esse tempo foi a Bahia a unica metropole do oceano. A multidão dos « varredores do mar » hollandezes, normandos ou iberos aqui cruzavam as suas frotas do oriente e do occidente. Trinta ou quarenta annos de existencia deram á povoação o seu caracter definitivo.

A cidade ia rapidamente crescendo. As casas agglomeravam-se pelo dorso ou pelo declive da montanha. Todos os annos aportava uma esquadra de ordem do rei com todos os recursos necessarios, mantimentos para a vida, sinos para as egrejas e artilharia para a praça, gentes para povoal-a, orphãs para casar e dignificar o lar vasio ou manchado pelo concubinato, degradados, e escravos para a agricultura. Vinham nella tambem os alimentos tradicionaes do homem branco, o vinho, o trigo, o azeite, que a colomnia não produzia, e mais as sementes da India, as vaccas e os carneiros, os porcos e os gallinaceos

das ilhas. Assim se foi agglomerando o povo. Annos mais tarde dizia G. de Souza: «Não faço menção d'outras ruas porque são muitas e seria um nunca acabar;» tão grande era já a cidade. Entre as ruas a mais formosa era a dos mercadores que ia da praça central até á Sé, com as suas lojas de drogas, de pannos e sedas. A praça era aberta do lado do mar onde a montanha caía a prumo; d'esse lado estava postada a artilharia grossa; os outros lados eram feitos pelas casas do governo, e outras. As festas religiosas eram continuas e attrahiam pela sua pompa a curiosidade dos indios. A belleza e movimento da nova povoação attraíam os grandes das capitanias que aqui passavam. Nas cercanias verdejavam as hortas, ao modo dos casaes, que alimentavam e abasteciam o mercado, e mesmo na cidade o que a fazia pittoresca eram os vergeis e pomares das casas, cheios de arvores da tamara, da laranja, do figo, da romã entre os pampanos das latadas, ao lado das quaes emergiam ante-diluvianas e insolitas as largas folhas da bananeira emquanto aqui e alli sussurravam as palmas dos coqueiraes como remigios de frechas monstruosas crivadas no solo. Todo esse espectaculo era novo para os que chegavam, pela flora da paysagem, pela confusão das raças que a animavam e ainda pela atmosphera de liberdade, quiçá até de licença, que se respirava no mundo americano.

4

As tres raças. A sociedade

Logo cedo no Brasil, na sua capital, como nas demais povoações, a obra da civilisação foi deturpada pelo conflicto das raças, disfarçado em democracia, fructo antes da luxuria que da piedade dos peninsulares. Desde o primeiro momento o branco, o indio e o negro se confundem. O contacto das raças inferiores com as que são mais cultas sempre desmoralisa e deprava a umas e outras.

Principalmente, porém, deprava as inferiores pela oppressão que soffrem, sem que este seja o peior dos contagios que vem a supportar.

E' claro que negros e indios, não poderiam ser senão a occasião de desdem e de odios que gera e escarneo dos superiores. A mulher de raça inferior não consegue ser dignificada, nem mesmo depois de formada a raça mestiça. O proprio governo considerou por vezes uma infamia o casamento promiscuo de brancos e negros. O padre Nobrega diz numa de suas cartas que um branco raptara uma india e, censurado o seu procedimento, entendeu que estava justificado, só com baptisal-a. Como poderia fundar-se um Estado sem a possibilidade de fundar-se a familia?

O branco procurava (e isso havia já dous seculos na peninsula) o pretexto real do clima para evitar os duros trabalhos da agricultura tropical e assim escravisara os negros, e agora, quanto podiam, os indios. Começam as

expedições escravistas manchadas na atrocidade de todos os crimes. A primeira consequencia para os colomnos era a ociosidade dos remediados e ricos, o luxo e com elle a depravação da energia e a dos costumes. Quasi toda a gente tinha escravos, ou indios ou negros. Esse costume gerava o sarcasmo, o odio, o desprezo de um lado e a perfidia de outro e o desprezo da piedade e do respeito humano. Se accrescentarmos que na maioria eram os brancos degradados e criminosos, pode-se fazer idéa dos crimes que então se commettiam e da dissolução que lavrava em toda a sociedade. Entre raças diversas toda a mistura por assim dizer se torna em combinação; taes contactos destroem a humanidade no homem. Nada escapa á distribuição do mal que a sociedade gera e espalha por todos os escaninhos onde o sua seiva circula. Instituindo a escravidão, a profissão principal do colono era a preza humana, a caça aos selvagens. Os que ouviam a voz dos jesuitas ou da consciencia, fixavam-se no solo e fundavam os engenhos; mas compravam os escravos que os demais iam arrancar á floresta ou atravez dos mares á Africa. Os demais, entregavam-se ás actividades vagabundas do contrabando, das rixas e demandas e do jogo «que tão publico andava» diz o padre Blaques. Os vicios dos christãos, diz ainda o mesmo jesuita, junctava-se aos da gentilidade «fazendo uma embrulhada *diabolica.*»

A dissolução da vida moral inventara a exculpação de que os crimes «de lá» já não o eram aqui; tambem os hollandezes de Per-

nambuco dirão mais tarde que não ha crimes «aquem da linha equinoccial».

Os portuguezes que vieram estabelecer-se nas terras do Brasil não pertenciam á classe media, aliás pouco populosa n'esses começos da edade moderna, maximé em Portugal, onde não havia industria nem já agricultura. Eram fidalgos ou infimos plebeus e degradados; a maior parte, gente aventurosa e sem consciencia. Uns poucos vinham por senhores; outros e na maioria, por governados senão detentos; — melhor parte era a que pesquisava a fortuna e as aventuras, ou fugia á sanha da perseguição religiosa. Todos entretanto reflectiam o estado de alma de Portugal do tempo da Inquisição, do paiz da Europa onde era mais cara a vida e onde o monopolio das especiarias, das sedas e preciosidades do oriente tinham desenvolvido o luxo, a corrupção e profunda miseria. Motins sanguinolentos abalavam Portugal no tempo em que lá fóra a scentelha da Reforma passava no ambiente; taes foram os horrores, os assassinatos, as mortandades contra judeus e suspeitos de livre pensamento, que se achou logo louvavel crear-se o tribunal da *Inquisição*, ao menos como um instituto legal que punha um termo ao tribunal tumultuario das ruas.

Taes eram na colonia os **brancos**.

A gente valida era dizimada no oriente ou em Africa; ficava e crescia a população parasitaria, ignorante, cruel e fanatica. Nos poucos, na maioria provincianos, que sobreviveram ou resistiram a essa dissolução felizmente é que estava a vitalidade nacional, nos

seus navegadores e artistas; mas eram insignificantes para obstar ao desastre proximo.

Vindo para o Brasil, os **brancos** traziam todos esses vicios da decadencia que não deixavam de empanar a coragem, o valor e espirito de aventura que lhes eram proprios. Os colonos são turbulentos e deshumanos; em breve odeiam o trabalho que relegam ao indio ou ao negro; adoptam a indolencia e os costumes dos naturaes, que pervertem até physicamente trazendo o contagio das epidemias. Os de baixa condição, agora com a fortuna facil, tornam-se arrogantes, arruinam-se no luxo das sêdas e de todos os prazeres sensuaes. Dentro de pouco a fortuna mais tardia e honesta do trabalho agricola é perturbada pela imaginação das minas, dos *el-dorados* e de riquezas phantasticas — miragem continua e quasi sempre desmentida pela decepção no primeiro seculo.

O elemento conservador e aristocratico da colonia compõe-se dos grandes *senhores de engenhos* — estes á moda arabe, com a moenda triplice, impellida quasi sempre á mão pelos escravos (porque no principio, o muar é ainda raro). Depois dos *senhores do engenho* ha os mercieiros da cidade, os ourives que são em grande numero e os pequenos commerciantes. Entre uns e outros estão os capitães do *resgate* que capturam os indios, ao tempo que fazem o pau brasil e as industrias extractivas.

O **negro**, o fructo da escravidão africana, foi o verdeiro elemento economico, creador do paiz e quasi o unico. Sem elle, a colonisação seria impossivel ao menos ao dissipar-se

a illusão do ouro e das pedras preciosas que alentavam, em grande parte e a principio, os primeiros colonos. A adaptação dos *brancos* ao novo clima, como a de certas plantas, exigia esse arrimo d'onde lhe vinha a vida. Tambem por outro lado foi o negro o maximo agente differenciador da raça mixta que no fim de dous seculos já affirmaria a sua autonomia e originalidade nacional.

Os primeiros negros são de Guiné, mas dentro de pouco o trafico attinge Angola e a contra costa em Moçambique, e de lá chegam levas nas esquadras negreiras, todo o anno.

O **indio** formava uma população muito varia nas suas tribus, algumas d'estas talvez mais distanciadas entre si, do que dos brancos, e possuia tal mobilidade de *habitat* que seria difficil ao menos em parte assignar-lhe região e dominio proprio. Esse elemento ethnico pouco contribuiu e contribue ainda pouco no desenvolvimento economico e moral do paiz — mas com toda a sua mesquinhez de acção é todavia caracteristico, e tem sido falsa ou verdadeiramente utilisado como factor aristocratico na historia da lucta entre colonos e jesuitas e quatro seculos mais tarde entre os revolucionarios da independencia; os autonomistas mais tarde dirão que descendem do cabocolo. O sentimento de humanidade não justifica a escravidão *negra* de preferencia á *vermelha*, menos culta; antes o justificava o instincto practico, senão o prejuizo da côr, por se considerar a ultima mais proxima do branco.

O *branco* intelligente mas avido e atroz, o *negro* servil e o *indio* altivo mas indolente,

são os tres elementos d'onde vae saír a nacionalidade futura. Mas a agitação ethnica é toda subterranea e está repartida por todo o subsolo, guardando a futura erupção.

As aldeias de indios tornavam-se perigosas desde que a embriaguez pela cachaça nellas entrára com a civilisação. Então assassinatos e mortes eram frequentes e segundo o costume d'elles, por motivos minimos e insignificantes.

Nas cidades, a sua condição era mais toleravel; e a ellas accorriam sobre tudo as mulheres indias que preferiam naturalmente o trato dos europeus. Alguns as desposavam; outros, quasi todos, abusavam da innocencia d'ellas como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por egual a concubinas e escravas.

Todavia os colonos as tinham em certa estima. Pero Lopes de Souza escrevia das mulheres Tupinambás em 1531 que «eram alvas e mui formosas e não haviam nenhuma inveja ás de Lisboa.» Na celebre carta de Vaz Caminha lê-se que ellas *(Tupininiquins* de Porto Seguro) eram «moças bem gentis.»

As povoações do seculo XVI traduzem em seus aspectos, excellentemente, o estado d'alma brazileira naquelle tempo, que é ainda o de hoje do interior do paiz: o luxo das sedas e a ignorancia crassa. O rico ocioso dá para demandar, passar a vida nessas rixas de matar o tempo.

Asselvajam-se os costumes. «O que mais espanta os Indios e os faz fugir dos portuguezes, diz Anchieta, são as tyrannias que com elles usam obrigando-os a servir toda a vida como escravos, afastando-os de paes,

mulheres e filhos, ferrando-os e vendendo-os!! Nas colonias são por egual e rapidas as fallencias, a ruina e a fortuna. A prosperidade e a dissipação são gemeas.» «*Qualquer peão*, diz G. Soares, anda aqui com calções e gibões de setim ou damasco, e trazem as mulheres com vasquinhas do mesmo os quaes, como tem qualquer possibilidade, tem suas casas mui bem concertadas e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro.»

A riqueza das cidades é entretanto movel e precaria e quasi sempre, naquelle tempo, destruida pela repatriação dos commerciantes.

A verdadeira base economica do Brazil desde aquelle tempo é a agricultura. No tempo de Anchieta os engenhos iam por 3, 8 e 12 legoas pelo interior; não ia além de certo a penetração e o povoamento da gente civilisada. Mas eram já numerosos os engenhos de assucar que trabalhavam com os muares ou os escravos importados de Guiné.

Ainda que um pouco mais morigerada e culta não podia essa classe conter a desordem das povoações. Para esse escopo trabalhava outra classe, aquella a quem devemos o germen da reacção contra o espirito corruptor da cultura colonial.

5

O elemento moral. Os Jesuitas. Anchieta

O elemento moral d'essa sociedade que florescia pela decomposição das raças foi a Companhia de Jesus. A ella coube essa responsabilidade difficil no meio de todos os tropeços e perfidias criados pela inercia do estado e pelo appetite voraz dos colonos. Só ella é quem préga os principios; todos os estados estão absorvidos pelos interesses praticos. Por isso o seu inimigo é a legião toda dos conquistadores. O governo é muita vez e quasi sempre obrigado a transigir com o colono: o proprio Thomé de Souza, grave e circumspecto, é vencido pelo contacto d'essa gente criminosa e inquieta; pede sempre pessoas «habeis e honestas» o que não o impede de confessar ao rei que não castigara dois francezes ladrões e piratas que aprisionara porque um era bom lingua e outro ferreiro e convinha aproveitar gente que «não cobrasse do thesouro,» e rovogava as *Ordenações*, menos por liberalismo do que por espirito rudemente pratico.

O jesuita porém era inflexivel. Nunca cedia, nem condescendia. Combatia todos os escandalos e maldades, as perseguições inuteis aos indios, as relações illicitas e ás vezes monstruosas que destruiam o respeito mutuo entre os homens e impossibilitavam a constituição da sociedade civil. Nessa terra «desleixada e remissa» diz Anchieta, em vinte annos, de cerca

de 100 mil indios baptisados por todo o paiz, não haveria mais que a quinta parte; o resto fugia para a floresta, afim de escapar ao captiveiro e a outras atrocidades. Os roubos das suas terras já lavradas, o castigo gratuito a pau e a espada, aterrorisava os incolas. «Ficamos entre elles, diz o padre Blasques, havidos por mentirosos, e a nossa doutrina desacreditada.» Nem por isso arrefeciam os padres nessa improba lucta, que teve varias phases e a que succumbiram por fim, expulsos do paiz que educaram e onde foram a voz quasi unica do espirito christão.

A' vista da libertinagem dos colonos, pediam para o reino que mandassem mulheres «ainda que fossem erradas.» E foi pelas suas instancias que vieram orfãs desvalidas para se casarem com empregados, funccionarios ou pessoas de merito.

D'este modo procuravam levantar os costumes e nobilitar a descendencia d'esses homens que aqui lançavam os fundamentos da nova civilisação. Foram os jesuitas os primeiros mestres da mocidade americana e nas suas casas e collegios abriram escolas gratuitas que o povo todo frequentava.

De toda essa pleiade dos primeiros padres que aportaram á nova conquista com Thomé de Souza e Duarte da Costa, entre elles dous principalmente se distinguiram, Nobrega e Anchieta. Mas é todavia Anchieta, o grande apostolo do Brasil e nos seus feitos e vida só comparavel a S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias.

Anchieta nasceu em Tenerife em 1534. Não tinha pois ainda 20 annos (1553) quan-

do pizou o solo d'essa natureza maravilhosa e incomparavel. Essa impressão deveria ser profunda no seu espirito de poeta imaginativo e mystico. Pode-se d'elle dizer que é brasileiro porque aqui se completou e amadureceu a flor e o fructo da intelligencia. Falleceu em 1597 na capitania do Espirito Santo. Dos 63 annos da sua vida, quarenta e dous passou-os pois sob o céo brasilico, no seio das nossas florestas, nas aldeias dos indios, e só acaso no palacio dos governadores quando intermediario e arbitro da paz entre os incolas e os conquistadores, e assim correu-lhe a vida entre innumeraveis riscos e provações que ainda por longo tempo nobilitarão a sua memoria de santo.

O Padre Nobrega e os primeiros jesuitas imaginaram exaggerar o culto externo para despertar a attenção do gentio. Nesse tempo as procissões e romarias eram frequentes; trombetas, tambores e musica, sons ruidosos e o pannejamento de labaros e pallios vistosos e flammulas que adejavam pelas ruas «enramadas» e pelo solo tapetado de folhas, impressionavam fortemente os catecumenos.

A esse apparato Anchieta, que era poeta, juntou o singular encanto do seu estro, compondo *autos* ao modo dos que a litteratura peninsular já possuia, *mysterios* religiosos e dialogos em versos que as creanças indigenas representavam nas aldeias da catechese. Foi elle o primeiro mestre da lingua tupi que ordenou em livros e em grammatica e affeiçoou ás necessidades da religião e da vida nova que trazia aos selvagens; e foi talvez tambem o primeiro mestre da lingua por-

tugueza dos primeiros brasileiros brancos ou mamelucos.

E não é só o mestre, é o diplomata na triste eventualidade das guerras, é o medico que aprende dos indios a virtude das plantas e conhece da medicina do seu tempo os remedios proprios e é elle tambem o enfermeiro dedicado. Trabalha em todos os officios, que aprende por esforço proprio.

No tempo de Anchieta a provincia do Brasil já possuia tres collegios e residencias da companhia, templos da virtude e do trabalho onde não penetravam as rudezas da lucta pela existencia, e onde a piedade pelo proximo era o primeiro dever. Pode-se avaliar dos seus serviços quando se sabe que os padres estavam sempre ao lado dos governadores nas rebelliões dos selvagens, e d'esses os que já haviam ouvido a voz dos jesuitas podiam «chegar a cem mil», diz Anchieta.

6

A rehabilitação e a defeza

Por esse tempo apontavam já todas as questões que vieram mais tarde desenvolver-se, e desenhavam-se todos os traços que deviam compor a physionomia dos seculos seguintes. A escravidão negra era já o apoio da vida economica; a paz com o gentio já se havia roto de modo irreparavel e data d'aqui a grande confederação dos indios de *Cuñabebe*

contra os conquistadores, e com ella a scisão profunda entre o *jesuita* patrono da raça perseguida e o colono. Tambem já nesse tempo ha ensaios de *expedições* e *bandeiras* á cata das minas; e das principaes citemos uma em S. Vicente á chegada de Martin Affonso e outra no tempo de Thomé de Souza em Porto Seguro, esta composta de 12 homens ao mando de um parente de Jorge Dias, o capitão-mór, que acompanhado do padre jesuita Aspilcueta Navarro galgou a serra e navegou por um rio até longe no interior. Voltaram elles sem ter encontrado cousa alguma. Já datam d'esse tempo e mesmo de antes as ameaças continuas dos flibusteiros que punham em risco o dominio portuguez na America.

De tudo pois que vae succeder só os factos variam, mas as causas geraes são as mesmas: o corso no mar, a escravidão na borda maritima, a ambição do ouro nos desertos incognitos do interior.

Na verdade, ao approximar-se o fim do primeiro seculo da conquista os dominios portuguezes não eram futeis nem somenos. O Brasil d'então formava uma serie continua de colonias semi-agricolas (do typo *das Plantation-colonies* inglezas), só servidas por escravos e que ia de S. Vicente a Parahyba. Além d'esses limites, num grande trato, nenhum colono havia no norte nem no sul; mas dentro d'elles, agitava-se a vida activa nas pequenas villas proximas ao mar e nos engenhos, que já attingiam a mais de uma centena, povoados de milhares de escravos negros e indios. Além d'esses nucleos, havia as aldeias

e casas de jesuitas, quasi duzentas, onde se agrupavam numerosos proselytos, sobre tudo creanças, sob a protecção dos padres. Em Pernambuco, S. Vicente e Bahia havia aulas de latim e de casos de consciencia e por toda a parte aulas de lêr. A vida era de «festa e prazeres» diz Anchieta

A' *melancolia* dos primeiros tempos succedia senão a alegria, ao menos a jovialidade que dá a existencia facil quando não tranquilla. E havia muitas razões para a transformação do antigo sentimento.

A vida civil da mãe patria resentia-se de profundas modificações sob o novo clima. Ao codigo draconiano das *Ordenações* que a tudo punia com a morte e o degredo, succedeu interpretação mais liberal e talvez de tolerancia excessiva. Golpeiando a lei, dizia o pratico Thomé de Souza agora que as *Ordenações* haviam sido feitas quando ainda o Brasil não existia. E a instituição das capitanias não era um golpe contra a *lei mental?* o exemplo vinha, pois, da corôa.

Com as capitanias, retrocedeu-se ao feudalismo, que a realesa na metropole havia ferido de morte; mas ao menos com ellas, guardou-se a joia mais valiosa da corôa.

Entre todas as leis novas, a que entretanto caracterisa esse periodo é a que para segurança da terra organisava as milicias. Grande acto de previsão, fundado nas flibusterias constantes que infestavam a costa e que veiu facilitar a defeza do paiz na lucta contra os francezes e hollandezes.

Ordenára o rei que cada donatario tivesse em sua capitania, com a polvora necessaria,

pelo menos dois *falcões*, seis *berços*, seis *meios berços*, vinte *arcabuzes* ou espingardas, vinte bestas, outras vinte lanças ou chuços, quarenta espadas e outros tantos gibões d'armas, dos que se usavam (acolchoados de algodão para amortecer o tiro das frechas).

Aos *senhores de engenho* e fazendas, obrigava a quatro terços de espingardas, vinte espadas, dez lanças ou chuços e vinte gibões; *todos os outros moradores* deveriam ter ao menos uma arma, e não a tendo «tratariam de obtel-a dentro de um anno».

O desrespeito d'essa lei importaria incursão em graves penas. Foi essa a primeira milicia nacional, primeiro grito de alarme contra a invasão estrangeira. O futuro dirá se efficaz; mas d'este momento em diante a surpreza não tem mais razão de ser. Já cada um recebera sua senha; as capitanias guardam de reserva a porção util de suas forças prestes ao primeiro embate.

Não se poderia exigir d'esse corpo quasi sem homogeneidade e sem coordenação de movimentos outra resistencia, nem melhor capacidade de reacção. A organisação das milicias era pois, sem duvida, o primeiro signal de sensibilidade da nossa vida externa. Os orgãos da nossa peripheria aguçam-se para a defeza: trincheiras, fortins e artilharia grossa guarnecem varios pontos do littoral, na Bahia, S. Vicente, Pernambuco. Montões de granadas, de pregos, e pelouros, descançam entre as setteiras d'onde espiam os guardas vigilantes. Ao lado dos presidios agrupam-se centenas de choças de indios, engajados para

o serviço e d'ellas se formam lentamente novos nucleos de povoamento.

E' que o Brasil é já a terra da fortuna facil, e do peregrino poderá dizer a sentença do Bispo de Leiria: «Vá degredado para o Brasil d'onde voltará rico e honrado».

O costume do resgate em que por uma faca ou um pente obtinham-se escravos e papagaios, abria agora margem, ás grandes lavouras do assucar e do algodão que as pesadas urcas levavam além do Atlantico.

Fôra injusto o labéo atirado por Vespucio á nova terra que vae agora ser disputada pelos dominadores do oceano.

III

Lucta pelo commercio livre contra o monopolio

(FRANCEZES E HOLLANDEZES)

1

«Militaria»

A organisação da defeza fôra sem duvida o grande e primeiro trabalho do governo unitario e geral; seria impossivel estendel-a por todo o immenso littoral da região portugueza na America sem o concurso de esquadra numerosa; mas não se limitou nem por isso aos unicos pontos do povoamento, onde pozera pé o colono. Foi o tempo de Duarte da Costa e Men de Sá, aquelle em que o indio foi duramente combatido e victimado; massacres de grandes hordas foram feitos, a que não faltava a surpreza nocturna e o incendio das aldeias construidas de palha; á menor provocação do indio, respondia o colono com as suas terriveis — *entradas* — expedições militares que penetravam o interior do paiz levando a escravidão e a morte. Foi egualmente nesse periodo que começou de agir a protecção e a piedade dos jesuitas. A' guerra aos indios, juntou-se por fim a animosidade, mais

tarde guerra franca aos jesuitas por parte do colono. D'isso trataremos no momento mais proprio.

Pode-se entretanto affirmar que houve certa desidia no governo de Th. de Souza. Não só elle acoroçoou a desproporcionada crueldade da reacção dos colonos contra o indio, como descurou a defeza e a conscripção obrigatoria, o que maiormente se sentiu no tempo dos seus successores. Em qualquer caso, fosse contra os indios ou contra o estrangeiro, o estado de guerra se foi pouco a pouco tornando permanente.

A arte da guerra soffreu as modificações que impunham as circumstancias do novo meio e o grau de civilisação do inimigo.

Contra o indio, os processos tornaram-se naturalmente mais barbaros. A politica do colono começava por explorar a situação de discordia sempre usual entre os *morubixabas* e tomava o partido de uns contra os outros; esse recurso barbaro, ainda o utilisou nos tempos modernos o Brasil independente alliando-se a Urquiza e a Flores. Na lucta contra os indios os principaes auxiliares dos portuguezes eram egualmente indios. Na Bahia logo ao principio verificou-se que os tupinambás do leste (da cidade) eram inimigos de todos os outros de Paraguassú. Para abater os *Tamoyos* no sul o colono serviu-se do odio tradicional que contra elles tinham os *temimimós*. Dissensões taes davam-se mesmo dentro das tribus e as dilaceravam e era sempre d'esse corrupto estrume que germinava a victoria dos conquistadores.

A habilidade consistia em util mas deshu-

manamente fomentar essa intriga continua entre os indigenas.

Não havia lugar aqui para se constituirem exercitos ao modo dos da peninsula. Desde logo a cavallaria, aliás já desacreditada na Europa, foi banida pela quasi rareza dos animaes. A infanteria, dividida em *terços* (regimentos) não luctava em formaturas especiaes e as suas armas eram poucos e pesados *arcabuzes* que só no seculo seguinte são aligeirados na forma de *mosquetes*, e no resto piques e chuços, mais a espada. No tempo de Gabriel Soares podiam-se recrutar «4.000 pretos de Guiné e 6.000 indios flecheiros.» O canhão de pequeno calibre, o *falcão*, é mais proprio da guerra naval.

Armas novas, ás vezes trazem os europeus como as espingardas de dous canos usadas por alguns francezes no Maranhão (1614).

Nas guerras navaes tambem se introduziram modificações importantes. A mais curiosa d'ellas foi a organisação de terriveis esquadrilhas de canôas, extremamente móveis, invenção do selvagem, utilisada com exito. Com taes esquadrilhas é que se decidiu a tomada do forte de Villegagnon e da ilha de *Paranapuan* (I. de Governador) e com ellas faziam guerras de perfidia os indios de Itaparica e Seregipe, no reconcavo.

— Salvador Corrêa de Sá, o primeiro governador do Rio, tomou com uma esquadrilha de canôas em Cabo Frio uma náu franceza de duzentos toneis.

Essas esquadrilhas operam com exito á noite porque quasi sem vulto só são percebidas pelo inimigo tardiamente; e numerosas

como os manipulos das legiões antigas é muito difficil infligir-lhes perda total.

Na guerra de grande estylo como a dos hollandezes pouco poderiam servir. Nesta, utilisaram-se os typos em uso na Europa e nesse tempo a *galé* de grandes dimensões, a *nave* de 25 pés de altura e 30 no lugar dos castellos, de grande bellesa pelo apparelho dos mastros de velas triangulares e plataformas de defeza no tope d'elles; o *galeão* que como o *bergantim* são antes navios da paz, e de mercadoria e transporte; a caravella de *popa quadrada* e dois castellos, de velame quadrangular em vante. O uso do pêz ou alcatrão e os morriões accezos para o incendio das náos inimigas, canhões roqueiros carregados de pregos, pedras e pelouros e outras especies, formavam o material de combate.

O que de ordinario sobrevinha a essas náos de linha, quando em alto mar, era a dispersão, porque era quasi impossivel governal-as com attenção no acceso da pugna. São frequentes por isso as acções indecisas ou falhas no oceano como foi a de Adrião Patrid entre Bahia e Pernambuco.

O salario dos soldados era insignificante; no tempo dos hollandezes e na milicia organisada por Men de Sá no Rio de Janeiro ganhavam tres vintens por dia, mas só os pobres; porque o serviço militar é dever publico. A's armas offensivas junctavam o uso do *gibão*, couraça de panno cheio de algodão, para amortecer as frechadas do indio.

Nas *Entradas* contra os indios do sertão, iam mamelucos faladores da lingua, soldados portuguezes e indios armados de frecha. O

lingua falava aos sertanejos na fartura do peixe e de outras vantagens da vida na costa — se elles não annuiam em descer, estava travada a guerra e feitos escravos os que se podiam apanhar. Essa barbaridade confrangia todos os sentimentos humanos, mas como diz Fr. Vicente do Salvador «quebravam os prégadores os pulpitos, mas era como se prégassem no deserto».

A lei tolerava e consentia que o colono fizesse o *resgate* de indios, isto é, comprasse aos caciques victoriosos os prisioneiros de guerra, os quaes segundo os costumes d'essa gente eram, como vencidos, condemnados á morte. O colono, porém, préviamente fomentava a guerra ou a fazia elle proprio.

Na arte da fortificação das cidades, no que era essencial, ainda a necessidade impoz os processos rudimentares já conhecidos, a *caiçara* de páos, as *juçaras* ou cercas de espinhos ou as trincheiras de taipas, como logo se fez na fundação da Bahia. Os primeiros fortes que se construiram, insignificantes, não podiam resistir a um embate serio. Só no seculo XVII é que com o exemplo da grande guerra dos hollandezes, se cuidou da fortificação moderna em baluartes, com bastiões apropriados para a defeza obliqua; o flanqueiamento das linhas e o cruzamento dos fogos são os dous excellentes principios introduzidos nessas obras de defeza. Tambem foi o exemplo da guerra hollandeza que fez o governo portuguez em 1668 reformar as antigas e inuteis fortificações do Rio de Janeiro.

2

A França Antarctica

Nicoláo Durand de Villegagnon, cavalleiro da ordem de Malta, por experiencia pessoal de suas viagens, sabia que de grande interesse para a França seria organizar a posse do Rio de Janeiro, já iniciada por innumeros francezes. Poderia favorecel-o o rei de França, pois entre este paiz e Portugal, já havia uma «guerra surda» de reclamações e protestos contra os piratas bretões e normandos que salteiavam Guiné e o Brasil. Vinham ainda em seu auxilio os interesses dos armadores, do commercio maritimo, do páo brasil e da pimenta e outros productos da flora e fauna dos tropicos; e ainda por ultimo a necessidade de grande alcance politico e moral de contribuir para a paz publica, abrindo aos calvinistas francezes perseguidos na patria, um asylo e refugio sob o céo americano. Essa ultima razão interessou o almirante Coligny, que gozava de grande favor junto ao rei Henrique II, que concedeu a Villegagnon dous navios de guerra e um pequeno transporte para a expedição. Aventureiros, colonos e calvinistas, logo que o bando se espalhou, acorreram a engrossar a expedição e nella embarcaram no Havre; ao partir, uma grande tempestade fel-a arribar a Dieppe, onde grande parte dos embarcados acharam melhor e mais seguro ficar em terra. Velejára em fim a pequena esquadra atravez do oceano e apoz

viagem tempestuosa aportou ao Rio em novembro de 1555. A principio quiz fixar-se a colonia em um pequeno ilheo *(Ratier*, ilha da *Lage)* na embocadura da bahia. Por impropria, transferiu-a d'ahi para a ilha de *Seregipe* (hoje Villegagnon) onde se firmou definitivamente. Entrincheirou-se nos pequenos montes que havia nessa ilha e que foram arrasados dous seculos depois, quando a nivelaram; e ahi construiu o forte chamado de *Coligny*, em honra do seu protector. Eram uns oitenta os colonos. Mas não viveram em paz por muito tempo. A austeridade de costumes de Villegagnon era uma barreira aos instinctos sensuaes dos seus companheiros, que viam nesse asylo americano apenas uma occasião de escaparem aos deveres da civilisação. Logo formou-se uma conspiração contra o chefe, capitaneada por um d'aquelles interpretes que já se tinham barbarisado ao contacto do gentio. Castigou-os duramente Villegagnon fazendo-os enforcar, ou executar militarmente ou perdoando á troca de trabalhos forçados. Infelizmente, porém, escapára ao castigo o culpado principal, o interprete, que desde então procurara por todos os meios fazer levantar a revolta dos indios contra os colonos.

No anno seguinte, a feitoria franceza, recebeu um grande numero de colonos, cerca de 300, que vieram com a esquadra de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon; então espalharam-se pela ilha de *Paranapuan* e pela margem occidental da bahia, onde logo se formaram grandes plantações uteis e florescentes. A ellas se aggregavam e pediam al-

liança os indios, os quaes Villegagnon attrahia pela liberalidade e por não fazer distincção entre elles e os brancos senão que estes lhe pareciam mais corrompidos e criminosos.

Foi talvez a discordia sectaria o estorvo d'essa colonisação tão sabiamente iniciada. A França Antarctica devia ser o asylo do protestantismo francez; mas é da natureza do protestantismo, sobretudo naquelle tempo de paixão pelo *livre exame*, o dividir-se em dissidencias e dissenções pessoaes, sendo cada um auctoridade bastante em materia de fé. Os padres calvinistas que vieram na expedição de Bois-le-Comte logo acharam que Villegagnon não professava a doutrina verdadeira e não entendia o sentido verdadeiro do christianismo. Richier, Chartier, João de Lery, theologos de Genebra, vinham reproduzir no Novo Mundo as rixas religiosas do velho. Villegagnon, que amava sobretudo a disciplina militar, em que se fez marinheiro e que pedira ministros «para catechisar os selvagens», não possuia talvez convicções profundas, e sob o peso de taes irritações extemporaneas sentiu-se talvez secretamente convencido de que era melhor voltar ao catholicismo. Não o fez declaradamente, porque já era grande a sua responsabilidade. E' certo que na Europa o calvinismo de todas as seitas reformistas foi a mais fanatica e intolerante, sobretudo no governo, e d'isso davam aqui exemplo os theologos chegados, com grande escandalo e desordem. Depois de varias escaramuças, Villegagnon fel-os embarcar para a Europa, não sem recommendal-os secreta e barbaramente á policia catholica que então

dominava a França. Aportaram todavia os miseros a uma povoação protestante do littoral francez onde não foram perseguidos, e tornaram na Europa conhecido Villegagnon pelo epitheto de *Caim da America.*

Tambem voltou Villegagnon á Europa (1559), mas com o projecto de adquirir meios e recursos para conquistar o Brasil aos portuguezes. A occasião não era mais favoravel; as preoccupações da França eram outras e tormentosas; sem a protecção de Henrique II, que havia fallecido, e sem o auxilio e antes com a má reputação que lhes prepararam os calvinistas, nada conseguiu e abandonou os seus projectos, nunca mais voltando á America.

Ficou assim a colonia franceza do Rio entregue ao acaso e ao seu proprio destino.

3

Caracter de Villegagnon

Lustre da marinha franceza, homem de energia e illustração notaveis, foi entretanto o heroe da mallograda França Antarctica, victima das maiores injurias dos seus contemporaneos. Os calvinistas, attrahidos ao seio da sua tyrannia na America, pozeram-lhe o infame epitheto de Caim, para significar que assassinou os seus irmãos. Muitos historiadores resuscitaram e revigoraram as razões que o malsinaram; mas, sem verdadeira critica nem exame.

A verdade provavel é que Villegagnon appellára para os calvinistas como para a população mais disposta a emigrar, e podia fazel-o com sinceridade, sendo naquelle tempo um dos proselytos da Reforma. Mas o seu espirito interiormente vacillava; elle não conhecia perfeitamente a doutrina genuina como o affirmaram os theologos de Genebra que vieram aggregar-se ao aventureiro. Verdade mais geral é que toda a França hesitava: o protestantismo era uma questão germanica e exercia seu influxo sobre a França, onde o elemento germanico tem a sua parte; mas a França no fundo é latina e a solução da fé para ella veio afinal ser, o que devia ser, o catholicismo. Se a França, toda a nação, hesitou, vacillou e definiu-se, egual sorte tiveram os seus filhos. Muitos d'elles aceitaram e repelliram a nova fé e de tal modo que se tornou proverbial a reconversão com a phrase de mófa — *voltar ao Egypto* — isto é, ao seio do catholicismo. Pouco mais tarde um dos maiores reis da França, Henrique IV, vacillava entre a reforma e o catholicismo, que afinal triumphou. Como pois estranhar em Villegagnon essa contradição propria da época? Nelle, homem de disciplina e de governo, commandante de aventureiros e soldados, em breve se fez a convicção de que o *livre-exame* conduzia á destruição da obediencia e da subordinação. Na sua colonia os theologos lhe discutiam os pareceres e avisos e a sisania logo se manifestára. A contradição das suas opiniões explica-se pela versatilidade e fluctuação das idéas do tempo. Os dois chronistas da *França Antarctica*, são um

exemplo: Thevet, catholico e J. de Lery, calvinista, sobre identicos successos teem opiniões diametralmente oppostas. Que esperar-se pois de semelhante estado d'alma?

Ao contrario, todos os indifferentes ao fanatismo reformista fazem grandes elogios a Villegagnon, sobretudo da qualidade que mais lhe negam: a piedade humana e a liberalidade. Villegagnon, de resto, era um espirito pratico; elle pedia aos theologos de Genebra a catechese, base da alliança do indio e aos demais o desenvolvimento da cultura e das plantações já iniciadas na terra; os theologos, porém, vieram para transformar a ilha de Coligny numa pequena Bizancio, com as suas multiplas questões sobre a *eucharistia*, d'onde conluios e intrigas do seu sanguinolento Evangelho (Thevet). Basta para justificar a honorabilidade de Villegagnon quem como elle conhecia a responsabilidade do governo colonial e era seu adversario: Men de Sá, que o exalta e nobilita aos olhos da posteridade, dando-o como um homem puro e philantropo.

4

Expulsão dos francezes do Rio de Janeiro

Já desde o tempo de Duarte da Costa existia, sob o mando de Villegagnon, a colonia de protestantes da ilha de Seregipe na bahia do Rio de Janeiro, onde attrahindo o gentio faziam lucrativo commercio.

As difficuldades em que se via Duarte da Costa, as dissensões com o bispo, a guerra dos indigenas em varias capitanias, juntas á falta de maiores recursos collocaram-no em completa inacção. O egoismo do governador amplificava ainda esses contratempos. A camara da Bahia pedia ao rei pelas *chagas de Christo* que viesse novo governo.

Foi nomeado Men de Sá, homem experimentado, sabio em «lettras legaes» e irmão do celebre poeta Sá de Miranda. Men de Sá governou 15 annos, de 1557 a 1572; era um homem de costumes rigidos e de grande fé. A confiança de que gozava junto ao rei dava-lhe ainda maior perstigio que aos seus antecessores, e elle veio para governar o Brasil pelo tempo que quizesse. Foi seu primeiro cuidado atalhar as muitas demandas, o jogo e os abusos que encontrou na colonia; dominar os gentios rebeldes pela força e aos mansos convertel-os e agrupal-os em aldeias dirigidas pelos jesuitas.

Chegado um reforço de náos que pedira para Portugal resolveu expellir os francezes fortificados no Rio, o que logo fez derrotando-os, fazendo cem prisioneiros e logo depois demolindo e inutilisando as fortificações de *Seregipe*.

Essa victoria, porém, fora inutil porque a maior parte dos vencidos haviam-se debandado pelas terras e internado na floresta, de modo que apenas Men de Sá se retirára, de novo os francezes voltaram ao littoral.

Tornava-se indispensavel fundar ahi uma cidade, nucleo de resistencia contra os piratas. Fundou-a Estacio de Sá, sobrinho do

governador, junto ao Pão de Assucar, na *Praia vermelha*, onde se fortificou construindo algumas trincheiras. A nova povoação era apenas um mesquinho acampamento militar d'onde Estacio de Sá começou a escaramuçar contra francezes e indios que principalmente occupavam a ilha *Paranápuan* (mais tarde do Governador), e o littoral de oeste — até o rio Carioca. Essas guerrilhas, porém, nada traziam de definitivo e eram occasião de muitas perdas inuteis de ambas as partes (1565-66). D'esse estado de cousas teve noticia Men de Sá, que embarcou na Bahia na esquadra de Christovão de Barros e reunindo reforço de gente e canôas em S. Vicente aproou para o Rio de Janeiro. Então a guerra com o numero dos combatentes tomou aspecto mais rude; investindo contra os francezes tomou-lhes Men de Sá as posições de *Uruçumirim* (praia do Flamengo) e *Paranápuan* (ilha do Governador); aqui a victoria foi completa, mas não sem a perda de muitos bravos e entre ellas a de Estacio de Sá, ferido mortalmente no rosto por uma frecha. Tambem foi ella manchada pelo fanatismo e crueldade dos vencedores, que fizeram crucificar alguns vencidos colonistas que escaparam ao massacre da batalha (1567).

Não tiveram os portuguezes o prazer de aprisionar a Villegagnon; suppunham-n'o no Rio de Janeiro, mas já havia, muitos annos antes, abandonado, e para sempre, a colonia.

A' victoria dos portuguezes seguiu-se a transferencia da cidade para o morro de São Januario (hoje do *Castello*). Ahi foi fundada com as cerimonias usuaes a capital da nova

capitania e traçada na ondulosa esplanada do morro a praça onde ficariam as casas do governo e um forte. Mais tarde derramou-se a cidade pela encosta abaixo até á planicie. Foi primeiro governador d'ella Salvador Corrêa de Sá, sobrinho do heroe que conquistou a terra aos francezes.

5

Guerra de religião

Pela primeira vez no Brasil repercutiu, no combate de *Uruçumirim* e *Paranápuan*, o exemplo insolito d'essas guerras de religião que abalaram a historia européa do seculo XVI. Não havia a America ainda conhecido esse flagello do antigo mundo. O que accendia o furor do soldado lusitano era menos o enthusiasmo patriotico que o mau zelo, o odio fanatico e ignorante; o principal alvo era tripudiar sanguinolentamente sobre a heresia reformista que ousava alçar o collo no occidente. Para isso não pouco contribuira o fervor dos jesuitas, que foram o nervo principal d'essa guerra e os primeiros que se interessaram em desligar os tamoios da alliança, ao vêr d'elles, corruptora dos protestantes. A summa de todo esse esforço, que se deve a Anchieta, foi o armisticio de *Iperoy*, que dentro em pouco se inutilisou por si mesmo, porque não era proprio do selvagem a sciencia ou constancia dos compromissos diplomati-

cos.[1] Isso ainda mais redobrou o zelo do apostolado catholico que tinha grande interesse nessa guerra que se pudéra dizer *sua* e que devia ser o exterminio dos huguenotes. Foram as informações de Anchieta, passando á Bahia para receber ordens sacras, que por fim venceram a Men de Sá. Tudo se foi preparando para dar-se ao massacre o caracter de um grande holocausto pela fé. Escolheu-se o dia de S. Sebastião, que era o nome do rei e da cidade nascente, para ao sol do glorioso martyr realisar-se a hecatombe. Logo numa das primeiras escaramuças no mar espalha-se a lenda de um milagre como os de Ourique e Aljubarrota. São Sebastião, trespassado de settas de ouro fulgurantes, apparece no ardor da refrega entre nuvens de pó animando os guerreiros. O mesmo fanatismo que inicia a lucta termina-a com seu cortejo de iniquidades. Quando cessaram os pelouros e as bombardas, começou a sangue frio a crucfixão dos vencidos. Nem um só tamoio escapou com vida e os francezes que não acharam a morte na hora do exterminio *foram pendurados em páos para escarmento* .., diz Simão de Vasconcellos, um dos apologistas d'esta carnificina.

Annos antes o germen d'esse fervor contra a heresia apparecera, quando vindo dos

---

[1] Suppunha Anchieta nos indios dos quaes obtivera a promessa de paz a memoria que elle proprio tinha quando ficando isolado entre aquelles por dous mezes em refens, ahi mesmo para cortar pensamentos impudicos escreveu o seu poema consagrado á Virgem. Tambem o tratado de Iperoy foi escripto na areia mas já sem a memoria ingente que o podesse revocar á vida.

francezes em S. Vicente andára por lá um sabio hellenista letrado de grande labia, fallando sinistramente ácerca das imagens santas, das bullas e indulgencias (João de Bolés). Ao sabel-o, o provincial Luiz da Gram, sae precipitadamente de Piratininga para acudir a tempo «ao principio d'esta peste que tinha já infeccionado as povoações maritimas». Violentamente é preso o herege e remettido para a Bahia. Esse infeliz, em 1567, quando já vencidos e exterminados os francezes no Rio, para ahi foi remettido afim de ser justiçado «por ventura no lugar onde começára a semear as suas heresias».

Foi o ultimo echo da guerra, repercutido quando já o olvido se fazia sobre ella. Não justificam essa monstruosidade a legislação e os costumes do tempo, como o pretendem alguns. O programma do Brasil era já o povoamento e por isso aqui fechavam-se os olhos sobre o *L. 5* das *Ordenações*, e os reclamos da *Inquisição*. Sem embargo, os tentaculos do polvo europeu ás vezes attingiam o ultramar.

No momento da execução de Bolés, a impericia do algoz, que lhe atormentava a agonia, fez que José de Anchieta auxiliasse o condemnado a morrer. Acto de fina caridade, diz o chronista, e tanto maior, dizemos nós, quanto elle tem sido invocado contra a santidade do apostolo. [1]

---

[1] E' innegavel a execução de um calvinista no Rio. Mas contesta-se que fora João de Bolés ou João de Cointha, senhor de Bolés, fidalgo francez e que é o

6

Origens do Rio de Janeiro

«Por não sei que descuido, diz Fr. V. do Salvador, esteve esta terra por povoar» e esse descuido prolongou-se demasiadamente até que de vagabundos que eram os flibusteiros francezes se fixaram de Cabo Frio ao Rio de Janeiro. Causa pasmo que esse trecho, o mais magnifico da capitania de S. Vicente, não fosse aproveitado pelos descobridores: é que provavelmente não era conhecido quando repartido o paiz pelas capitanias. E' muito duvidoso que a homens navegantes impressionasse melhor o Parahyba do Sul, Macahé e Cananéa do que o incomparavel golfo de Guanabára. O primeiro explorador, Americo Vespucio, na carta que descreve não o nomeia sequer! A este attribuem agora os criticos modernos o ter dado a denominação de Janeiro porque devia ter ahi estado nesse mez; mas não ha provas de que tivessem dado

Monsieur Heitor da relação de João de Lery. Este Bolés parece que da Bahia foi mandado a Lisboa, ao rei cardeal ou ao tribunal do Santo Officio e d'ahi degradado para a India, e perdem-se ahi as noticias d'este personagem. Parece pois que se prendiam numa só personalidade as historias de dous hereges, victimados ao certo cá e lá ou pelo degredo ou pela execução. A identidade de J. Cointha e J. Boulez ou Bolés foi estabelecida de modo definitivo pelo dr. Ramiz Galvão. — *Rev. Inst.*, t. 47. II.

essa denominação nem ahi estado, e ha a presumpção de que tendo os exploradores de 1501 dado os nomes de santos aos pontos que tocaram (na terra que era já de Santa Cruz) S. Roque, S. Agostinho, S. Francisco, etc., só aqui deliberassem abrir excepção unica com o nome de Rio de Janeiro. O primeiro navegador que ao certo sabemos aqui esteve foi Fernão de Magalhães em 1519, no dia de S.ta Luzia, na sua viagem de circumnavegação do globo; o historiador da sua viagem, que escreveu muito depois dos successos, diz simplesmente que os portuguezes chamavam a essa bahia de *Janeiro* e os castelhanos de *Santa Luzia*, mas essa asserção não envolve a de prioridade para os portuguezes. Se os Castelhanos não se arrogaram a posse da terra é que sabiam ser portugueza, isto é, estar dentro do meridiano da demarcação. Egual procedimento tiveram apoz a descoberta e curso do rio Amazonas por Orellana.

Não seria talvez desarrazoado suppor que o Rio de Janeiro é um descobrimento francez, ainda que nos faltem provas. Os portuguezes nunca denominavam os logares pelas datas e se não nos enganamos Rio de Janeiro seria o unico exemplo: ao contrario, esse systema de nominação não é raro entre os francezes. O costume modernissimo de designar logares por nomes de datas nós o tomamos d'esse povo.

Não passa isso de uma conjectura, mas é sabido que para os primeiros colonisadores passou essa bahia despercebida, pois não podia ser desamparada e abandonada pela de Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, etc., o

que só se pode explicar por ignorancia absoluta d'esse ponto da costa, pois mais tarde homens como Thomé de Souza tomavam-se de admiração diante d'este soberbo golfo, que ainda em 1552 considerava um rio: «Mando o dibuxo d'elle a V. A., escrevia ao rei; mas tudo é graça o que d'elle se pode dizer, senão pinte o que quizer como deseje um rio — isso tem este de Janeiro. Parece-me que se deve fazer alli uma povoação honrada e boa». Villegagnon compara-a na belleza ao lago de Genebra, levado pelo influxo que o fazia amar o berço do calvinismo. Se os primeiros exploradores d'ella não fallam, se A. Vespucio na viagem de 1501 não a menciona, é que uns e outros não a conheceram antes dos francezes e de Fernão de Magalhães.

Os piratas normandos e bretões, que continuamente hostilisavam o dominio dos portuguezes e lhe assaltavam as náos da India e da America e quasi suscitaram a guerra entre os dous paizes, exerciam o commercio com o indigena desde os primeiros annos da descoberta. Por varias vezes encontraram-se com os portuguezes, com sorte varia no combate; mas de ordinario derrotados, buscaram afinal no 3.º decennio do seculo os pontos do littoral onde os portuguezes não se haviam fixado; evitaram a Bahia, Olinda, S. Vicente e occuparam de preferencia o norte do Atlantico, e a leste, Cabo Frio e o Rio de Janeiro. Ahi os seus agentes, commerciaes e interpretes, juntos a outros aventureiros, fundiramse com a população nativa a ponto de aceitarem d'elles os costumes mais barbaros como a anthropophagia, se é certo o testemunho

dos contemporaneos. Essa população de francezes e mamelucos francos fornecia uma base excellente para o estabelecimento solido de uma *França Antarctica.*

Se quizessemos levantar a questão (e a previsão do futuro nos recommenda que não a taxemos de puramente academica), a questão de prioridade na civilisação d'este trecho da terra, nada haveria a oppor de fundamental ás pretenções francezas. Foram elles talvez os descobridores, e com certeza foram os primeiros d'entre os homens civilisados que ahi se estabeleceram. Não se lhes poderia oppôr, como aos hespanhoes, o respeito da linha de marcação, que era um accordo apenas entre os dois paizes da peninsula, aos quaes ambos o papa hespanhol Alexandre entregava tranquillamente o dominio temporal do planeta.

Durante largo tempo acossados nas terras de norte e sul, os indios do Rio formaram uma confederação de Cabo Frio até S. Vicente, em defeza da terra natal; foi a maior que jámais os indios fizeram no Brasil, e a fama monstruosa de *Cunãbebe*, o chefe que se gabava de cursar-lhe nas veias o sangue de cinco mil inimigos devorados em combate, atemorisava os portuguezes; os primeiros, elles idearam as esquadras de canoas, leves e rapidas, cheias de guerreiros com as quaes varias vezes abordavam á noite os grandes navios artilhados dos europeus e crearam assim uma arma terrivel inteiramente nova e que foi mais tarde utilisada. Por isso estava esse trato de terra entregue ao selvagem e evitado dos portuguezes. Os francezes lograram depois conquistal-o, não sem grandes conces-

sões, ao indigena, com as quaes, segundo o testemunho de Men de Sá, Villegagnon «leva muito differente ordem que nós levamos; é liberal em extremo com elles e faz-lhe muita justiça.» Eis o honesto depoimento de um inimigo dos francezes.

Depois da victoria definitiva dos portuguezes, Men de Sá transferiu a *Villa Velha*, conservando o patrocinio de S. Sebastião, para o morro chamado hoje do Castello, em cujo alto foi traçada a praça com a matriz (hoje egreja dos Capuchinhos) as casas da camara e do governador, todas de pedra e cal e o forte de *S. Januario*. Era intuito formar uma nova cidade real como a Bahia, capaz de defender e soccorrer as capitanias meridionaes.

7

França equinoccial.
A expansão geographica no limiar do novo seculo

No periodo que vae da guerra franceza á guerra hollandeza decorre meio seculo de actividade em que a colonia, sem embargo de outras aggressões externas, regulou a questão dos indios: esta, porém, só ganhou mais tarde verdadeira solução e por isso não convém, sacrificando a chronologia, estudal-a neste momento que é apenas o do seu primordio.

Graves successos, porém, da historia por-

tugueza vieram modificar a situação do Brasil. O joven rei D. Sebastião, numa guerra temeraria e imprudente em Africa, desappareceu na batalha de Alcacer-Kibir, onde foi sacrificada a flôr da nobreza de Portugal (1578); succedeu-lhe no throno o tio, o cardeal D. Henrique, velho sem forças e já perto da morte, que foi d'ahi a um anno. Varios foram os pretendentes á corôa, e pelo direito e pela força d'ella se apossou Philippe II da Hespanha.

Esta grande mutação na metropole transformou os destinos da colonia.

As cousas foram reguladas de modo que o Brasil, como Portugal, continuava a ser governado por funccionarios portuguezes; mas não era menos certo que passára a ser uma colonia da Hespanha, entregue assim ás vicissitudes e destinos da nação hespanhola. D'esse modo é que grangeamos a inveja universal que excitava no mundo o gigantesco imperio hespanhol e com ella a inimisade da Hollanda.

No Brasil, a administração depois de Men de Sá foi dividida por dous governadores geraes, um tendo a sua jurisdicção de Porto Seguro para o Norte com a séde na Bahia (Luiz de Brito), outro regendo as capitanias do Sul, com séde no Rio de Janeiro (Antonio de Salema) 1572. Essa divisão provou mal, e logo se restaurou o governo uno e geral (1577).

Só nos seculos seguintes vae a questão das minas determinar a existencia do governo independente no sul.

Nos tempos da dominação hespanhola estenderam-se os limites da colonisação e povoa-

mento, que então eram em Itamaracá para mais além, pela conquista da *Parahyba* (1584) e do Rio Grande do Norte (1597). Ainda em 1610 fundaram o ponto de Fortaleza (Ceará) e mais tarde *Camocim*. Esses movimentos para o Norte foram inseguros e lentos, e tinham em mira pouco a pouco approximarem-se, como sentinellas avançadas, do Maranhão onde se haviam estabelecido os francezes e de modo que carecia habilidade e força para expellil-os.

Desenganados da *França Antarctica* mas não do Brasil, cujo dominio portuguez jámais reconheceram, intentaram os francezes fundar a *França equinoccial.*

Sabe-se que ahi estavam desde 1594; dous armadores de Dieppe, Jacques Riffault e Carlos de Vaux, fixaram-se na ilha do Maranhão e apoiaram-se no gentio, como o tinham feito seus compatriotas no Sul. Não sem successos obtiveram a protecção da corôa, que enxergava nesse estabelecimento de iniciativa privada o ensejo de dominio no futuro. Oito annos mais tarde (1612), nova expedição de gente, sob o commando de La Ravardière, se aggregou á primeira e conjunctamente fundaram a cidade de S. Luiz, em honra de Luiz XIII.

Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, Nicoláo de Harley e Francisco, senhor de Rassily, todos homens de consideração e protegidos da rainha regente, traziam por divisa o emblema de um navio governado por mão feminina: *Tanti dux fœmina facti.* A colonia era misturada de catholicos, que predominavam, e protestantes; com aquelles veio

o capuchinho Claude d'Abbeville, que foi o historiador da grande aventura.

Foi por essa razão e em vista dos progressos da colonia franceza nesse momento (1613) e poucos mezes depois que Jeronymo de Albuquerque se approximou dos invasores fundando o forte extremo de *Camocim*. Os adversarios entre-olhavam-se indecisos, mas o encontro era já inevitavel. J. d'Albuquerque tomando a iniciativa, no anno seguinte, saltou com 500 homens em Guaxenduba e d'ahi conseguiu derrotar os francezes, que acharam mais prudente assignar a paz.

Houve entretanto grande cortezia entre os contendores, que em verdade não se fiavam muito dos recursos proprios. Francezes e portuguezes combinaram em enviar mensageiros ás cortes de Hespanha e França para com maior auctoridade resolver a quem caberia a posse litigiosa da terra.

A paz, porém, foi violada por Alexandre de Moura, de patente maior que Jeronymo de Albuquerque, o qual chegando com grandes soccorros de gente e de armas deu combate aos francezes, obrigou-os com victoria facilima a capitular, mas não abusou d'ella. Os francezes retiraram-se socegadamente para a patria, apenas deixando como tropheu dos vencedores a artilharia.

Occupou-se assim o porto de *S. Luiz* (1614-15) e a consequencia d'essa guerra foi o acto de previsão do governo mandando fundar e colonisar o Pará (1616). O novo *Estado de Maranhão* (Ceará, Piauhy, Maranhão e Pará) data de 1621.

Vê-se conseguintemente que *a expansão*

geographica da colonia portugueza pelo littoral estendeu-se de Itamaracá até ao Amazonas, em trinta e dois annos, desde 1584 — conquista da Parahyba — até 1616 — occupação do Pará; toda essa enorme região estava desde o descobrimento inteiramente abandonada, apesar das mallogradas tentativas de colonisal-a logo ao tempo das capitanias hereditarias. *O Brasil attingia, assim, em 1616, pelo littoral do Norte, o seu meridiano extremo, que era o da linha da demarcação.*

E' verdade que fomos ainda além d'essa linha conquistando o Amazonas, mas esse meridiano resultava de um accordo com a Hespanha (tratado de Tordezilhas) e Portugal e Hespanha eram uma e unica nação nesse tempo.

O conhecimento do interior do paiz, ao norte, continuava entretanto muito limitado. Muitas expedições *de resgate* do indio, de certo, se tinham feito pelo sertão, mas não tinham produzido o povoamento d'elle, e antes o despovoamento pela emigração dos indios perseguidos. Outras *entradas* foram feitas em busca de minas. A de Gabriel Soares, o celebre chronista, penetrou mais de 100 leguas, rumo do S. Francisco, fundando a meio caminho e no ponto terminal fortins com guarnição; expedição mallograda (1591). Os Paulistas, de iniciativa propria, organisados em caravanas militares ou *bandeiras*, penetram pelo interior das terras do sul; uma das primeiras d'ellas nessa epoca é de 1602, desde São Paulo ás cabeceiras do S. Francisco, de que temos o roteiro de Glimmer (*apud* Marcgraff). Esses movimentos, que caracterisam o

seculo XVII, serão estudados mais tarde — por agora, entretanto, convém apenas notar que a *penetração do interior do Brasil nos começos do novo seculo estava reduzida apenas, no norte ao curso inferior dos rios, do Parahyba do Sul ao rio Goyana em Pernambuco, numa faixa mais ou menos de dez legoas, que é a zona da agricultura da canna de assucar e do algodão.*

A *zona da criação*, que se desenvolve no seculo XVII, vem augmentar extraordinariamente essa profundidade, ao norte, abrindo caminhos pelo centro e em opposição aos rios que correm para leste e servem á zona agricola.

A *zona das minas*, ao sul, que tambem se desenvolve nesse seculo, torna conhecido o interior das terras meridionaes intertropicas.

No extremo sul (do Paraná ao Rio Grande), o conhecimento do interior excepcionalmente precede o do littoral, pela frequencia dos caminhos e do commercio das missões, e, porque estando fóra (de Laguna para o sul) do meridiano de Tordezilhas, os portuguezes não o colonisaram e os hespanhoes, ricos de terra em demasia, não passavam quasi aquem do Prata. Os jesuitas e os guaranys foram os instrumentos de ligação d'essas terras (Uruguay, Paraguay e Paraná) que a politica separava e dividia.

A synthese e os principios geraes que se tiram d'esses factos é que a colonisação peripherica do Brasil dependeu da *necessidade do territorio continuo:* só depois de S. Vicente e Espirito Santo colonisa-se o *Rio:* depois de Bahia e Pernambuco, colonisa-se

Sergipe; foi preciso a posse da colonia do Sacramento no Prata para colonisar o trecho de *Laguna ao Rio Grande do Sul.*

A's vezes um dos termos d'esta serie é o estrangeiro. O *francez* localisado no Maranhão impelle o portuguez (cujo limite de occupação effectiva era a Parahyba) a occupar o Ceará.

— O outro principio geral relativo á colonisação interna e povoamento depende exclusivamente da condição industrial: emquanto o Brasil é *agricola* a penetração pelo interior é a minima; é a maxima com a *criação de gado* e a descoberta das *minas*, industrias ou productos do intimo sertão.

— O terceiro é que excluido o mar, caminho de todas as civilisações, o *grande caminho da civilisação brasileira* é o Rio de S. Francisco; é nas suas cabeceiras que paira a primeira bandeira de Glimmer e d'ahi se expande e ondula o *impulso das minas;* é no seu curso medio e inferior que se expande e propaga o *impulso da criação*, os dous maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piauhy (ligado a Pernambuco) abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brasil brasileiro.* O extremo norte, a Amazonia, é em excesso indiatico; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino: ambos esses extremos estão fóra ainda hoje do seu influxo original; revolucionam-se quando tudo está em paz ou prosperam no meio da miseria universal.

8

O verdadeiro antecedente da invasão hollandeza

Em geral explica-se a aggressão dos hollandezes ao Brasil pela guerra que sustentaram por setenta annos contra a poderosa Hespanha, defendendo a sua independencia e liberdade religiosa contra os reis hespanhoes, campeões do catholicismo. Mas essa explicação, satisfactoria em parte dos successos, é insufficiente para comprehendel-os no todo.

A historia universal não se compõe apenas de dados politicos. O mesmo destino que a posição maritima á beira do littoral europeu assegurava a Portugal, caberia agora á Hollanda possuindo ainda maiores riquezas hydraulicas e um instincto de commercio ainda mais intelligente e desenvolvido.

A aggressão hollandeza, como a franceza e ingleza, explicam-se antes por um principio superior, que nesse tempo foi a consequencia dos descobrimentos do oriente e do occidente, e esse principio era a lucta do *livre commercio* contra o *monopolio.* Portuguezes e hespanhoes pretenderam haver aberto o oriente fechado pelos turcos e o occidente ao mundo, mas em verdade um e outro ponto dos quadrantes estavam fechados para o resto do mundo. Foi justamente nessa lucta em que faziam o papel de *piratas ou corsarios* que francezes, inglezes e sobretudo hollandezes, começaram a formar esse immenso poder naval, essa supremacia maritima, que acabou

por substituir a dos seus rivaes. O *commercio livre* foi a obra do individualismo, das emprezas privadas: os governos europeus por impotencia reconheciam o monopolio iberico, o que não os impedia de auxiliar secretamente as tentativas contra elle.

Um rei francez dizia com espirito nunca ter lido a verba testamentaria em que Adão legava o mundo aos hespanhoes e portuguezes. E era para todos uma novidade em direito fazer-se do descobrimento de caminhos maritimos o signal da propriedade.

A lucta contra os francezes e inglezes não traz ruptura official com Portugal e a Hespanha, tão pouco seria capaz de trazel-a a da Hollanda. Já havia muitos annos, antes da guerra transoceanica entre Hollanda e Brasil, que a bandeira de piratas hollandezes foi vista nas costas do Brasil. Em 1587 e em 1595 piratas hollandezes em tres náos associam-se a Lancaster para a pilhagem de Pernambuco; ainda em 1604 sete navios hollandezes forçam o porto da Bahia, aprisionam um navio ricamente carregado e incendeiam outro. Leis prevenindo a defeza dos portos e ordenando que as náos de commercio fossem comboiadas em fortes esquadras não impediram que os hollandezes chegassem a aprisionar em 1616 vinte e oito, e em 1623 setenta náos do commercio brasileiro.

Todos esses factos se deram ainda quando não se pensava em invasão e appropriação do Brasil.

Certamente era já a Hollanda (como o era toda a Europa) inimiga da Hespanha. Mas era a «politica oceanica» do seculo XVII, de que

foram elles os mestres, os *rouliers de la mer*, que os impellia a roubar o sceptro peninsular, que por sua vez haviam de em breve ceder aos inglezes.

Foi portanto o *monopolio* a rasão da guerra, e não talvez a *posse do territorio* idéa suggerida mais tarde como um meio de garantir o commercio colonial. Com pequenas alterações, assistimos ainda hoje nos dias que correm ao desenvolvimento do mesmo drama que se origina das rivalidades economicas.

Os francezes foram successivamente vencidos, recuando no rumo de norte da *França Antarctica* (Rio) para outros pontos momentaneos, Cabo Frio, Rio Real (Sergipe) Parahyba do norte, Maranhão, (onde se fixaram por algum tempo com a *França equinoccial)* e afinal, expellidos de todo o Brasil, fixaramse além dos nossos limites na Guyana.

Os inglezes nunca se entregaram a maior empreza que a de fugitivas pilhagens como a de Thomas Cavendish, que assaltou e incendiou Santos, 1591; James Lancaster, que com o hollandez João Vanner apoderou-se por um mez de Olinda, 1595.

A Inglaterra, ainda combalida pela guerra civil de York e Lancaster, ensaia apenas a sua expansão, que será no tempo do Cromwell; então não terá que abater a Iberia, já abatida, senão a Hollanda. A distribuição do mundo caberá á Inglaterra. A America ficará protegida em todo o seculo que finda pelo prestigio das ideas revolucionarias e da republica, prestigio e sympathia que cessaram já com a decepção secular das vergonhosas republicas americanas.

No caso nosso, no seculo XVII, contribuia para essa exacerbação universal do commercio contra o monopolio a situação incommoda do estrangeiro no Brasil. No tempo dos portuguezes podiam os estrangeiros domiciliar-se na colonia sob certas limitações e com licença do governo; mas Philippe II, nas leis de 1600, renovadas em 1627, fechou quasi o Brasil aos estrangeiros, prohibindo-lhes a agricultura, o trabalho privado e muitos receberam ordem de repatriação ou de exilio.

Com isso o commercio europeu soffria; as industrias e manufacturas, que só havia em Flandres e na Hansea europea, não achavam em que empregar os seus capitaes nem onde haver livremente a materia prima ou trocar os principaes productos. Ao contrario o *monopolio* hespanhol apoiado por um despotismo poderoso e tão poderoso quanto inepto, exultava.

Por isso mesmo uma das condições da paz de Haya é a garantia de livre commercio no Brasil para os Hollandezes e mais tarde tambem para os inglezes.

O poder hollandez, onde mais tarde se firmou, foi muito mais liberal. Entretanto não esteve livre de toda a queixa. Logo na Bahia (*Relação verdadeira* escripta por official da armada hespanhola da recuperação) um francez se apresenta allegando que não «pelejaria contra a Hespanha porque os hollandezes quando o trouxeram lhe disseram que iam povoar terra e que todos os inglezes e francezes se queriam vir, mas não o podiam pelas muitas guardas que lhes tinham postas; e

que ao que sabiam se queria vir, o enforcaram logo».

A historia de Pernambuco reduz essa allegação a pura calumnia.

A illiberalidade do governo provocando a ameaça externa, além dos motivos já existentes para a represalia, inquietava ainda mais o colono. Nesse tempo o povo vivia em sobresalto, em continuos alarmes, esperando um dia ou outro, do lado do mar, os mensageiros da morte e da desolação. Cada navio que apontava no horisonte punha a população alvoroçada, que accorria ás praias para verificar ou desenganar-se do eterno pesadello.

Sobretudo na Bahia esse temor era excessivo e todo o mundo contava com uma invasão proxima. Não o era menos o proprio governo, que morosamente se apparelhava, formando milicias e organisando a resistencia.

Por tardar a catastrophe foram todos perdendo o temor d'ella, substituido agora pela zombaria dos incredulos.

9

Invasão. Perda e restauração da Bahia

(1624 — 1625)

A Hollanda em guerra com a Hespanha havia assignado uma tregoa de doze annos em 1609. Um anno antes de expirado o armisticio, em 1621, organisou-se naquella republica uma companhia com grandes cabedaes

para o fim de com esquadras arrancar á Hespanha os thesouros que cursavam o mar, coalhado de galeões que vinham do Mexico, Perú e das Indias e egualmente conquistar algumas terras proprias para o commercio.

«A Companhia, diz um dos nossos historiadores, chamou-se das *Indias Occidentaes*, porque se destinava a operar na America, bem como uma outra das *Indias Orientaes* desde 1602 operava na Asia, com immensos prejuizos para a Hespanha. Um conselho de dezenove membros, que por isso se intitulava conselho dos XIX, tomou a direcção da companhia das Indias Occidentaes, conforme os seus regulamentos, e em 1623 resolveu fazer invadir o Brasil, e de preferencia conquistar a cidade do Salvador. Equipou uma esquadra de vinte e tres navios e tres yachts conduzindo mil e setecentos soldados, além de mil e seiscentos marinheiros da tripulação; o almirante foi Jacob Willekens; o vice-almirante Pieter Pieters-zoon Heyn; o commandante das tropas e futuro governador dos paizes que se conquistassem, Joan van Dorth.

A esquadra hollandeza fez-se ao mar em Janeiro de 1624, e com a unica excepção do navio em que ia Joan van Dorth ancorou no dia 8 na bahia de Todos os Santos.

Diogo de Mendonça Furtado, governador geral, recebêra de Lisboa avisos da projectada invasão hollandeza, e chamara em soccorro da cidade os habitantes do reconcavo e do interior; estes porém, demorando-se o inimigo, e tomados do cuidado das lavouras abandonadas, retiraram-se em breve da capital, instigados ainda mais a fazel-o pelo bispo

D. Marcos Teixeira, que por um erroneo principio de caridade esse conselho lhes déra: resultando d'ahi achar-se o governador-geral apenas com algumas dezenas de soldados e com pouco mais de mil paizanos armados, que possuidos de terror foram fugindo, quando appareceu a esquadra hollandeza, que entrou pela barra a 9 de Maio, sendo a cidade facilmente tomada no dia seguinte pelo major Albert Schouten que, na falta de Joan van Dorth, commandou as tropas de desembarque e prendeu Diogo de Mendonça, que se retirara para o palacio, depois de ter combatido com desespero [1]

Joan van Dorth chegou no dia seguinte, tomou conta do governo, e reputando-se estabelecido com segurança o dominio hollandez no Brazil, foram pouco a pouco retirando-se os diversos contingentes da esquadra. [2]

Entretanto ia-se organisando do interior da Bahia um exercito para resistir ao inimigo, que desde logo ficou encurralado na cidade. Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, achou-se designado nas vias de successão para substituir a Diogo Mendonça

---

[1] Os hollandezes apagaram o incendio de 15 navios, ateado pelos portuguezes, que os abandonaram, e fizeram calar os fortes da *Barra* e do *Mar*. O povo da cidade, em grande parte, aproveitando a noite d'esse dia, fugiu; os que ficaram abriram francamente as portas aos hollandezes, admirados da facilidade da conquista.

[2] Foi proclamada a liberdade da religião e o respeito á propriedade; escravos e neo-christãos vieram juntar-se aos conquistadores.

Furtado; emquanto porém se esperavam as suas ordens, foi escolhido para dirigir a administração e a guerra o bispo D. Marcos Teixeira, que prestou relevantes serviços, deu o commando das forças aos chefes Lourenço Cavalcanti e Antonio Carlos de Barros, animou a todos com seu exemplo e ardideza, pôz em sitio a cidade do Salvador, e mais por certo fizera se não tivesse succumbido a tanto labor, morrendo a 8 de outubro de 1624.

Já a este tempo era commandante das forças bahianas o capitão-mór da Parahyba Francisco Nunes Marinho, que fôra mandado com soccorros de Pernambuco por Mathias de Albuquerque, e ainda no fim do mesmo anno de 1624 D. Francisco de Moura, natural do Brasil, chegou da Europa, despachado com o titulo de capitão-mór do reconcavo para tomar o commando das tropas na Bahia, e effectivamente nelle substituiu a Francisco Nunes Marinho.

Entre os hollandezes tudo andava mal depois da retirada da esquadra; Joan van Dorth cahia em uma emboscada e morrera a golpes de espada em um combate corpo a corpo com o capitão Francisco Padilha; Albert Schouten, seu successor, morreu tambem pouco depois; Willem Schouten, irmão d'este, chamado a substituil-o, deshonrou-se por actos indignos que plantaram a indisciplina no exercito hollandez; a cidade do Salvador, emfim, cada dia mais apertada, se achava em rigoroso sitio.

A 29 de março de 1625 uma numerosa esquadra hespanhola e portugueza commandada em chefe por D. Fradique de Toledo

Ozorio, appareceu diante da Bahia, e pondo-se logo em communicação com o exercito de terra, e reforçando-o com as tropas de desembarque que trazia, occupou a barra, e completou assim o cerco da cidade. [1]

Os hollandezes, sobresaltados com tão grande perigo, demittiram Willem Schouten; mas Joan Ernst Kijff, que o substituia no commando das tropas, resistiu apenas um mez, e capitulou a 30 de Abril, entregando a cidade com toda a artilharia, armas, munições, navios, dinheiro e preciosidades, e o mais que houvesse naquella e nestes, e com garantia da sua volta para Hollanda com as suas tropas em navios para esse fim concedidos, havendo finalmente mutua restituição de prisioneiros.

No dia 1.º de maio de 1625 as bandeiras hespanhola e portugueza tremularam na cidade restaurada, e tres semanas depois trinta e quatro navios hollandezes, sob as ordens do general Bondewiyn Hendrikszoon, appareceram diante da Bahia, trazendo inutil socorro, e sabendo da recente perda dos seus retiraram-se, seguindo o rumo do norte, sem que D. Fradique se animasse a ir atacal-os.

Ao mesmo tempo que a esquadra de D. Fradique chegava á Bahia, o vice-almirante hollandez Pieter Heyn, commandando quatro navios, atacava a capitania do Espirito Santo,

---

[1] A noticia da perda da Bahia causou grande excitação em Madrid; foi considerada uma mostra do «castigo de Deus» e por isso realisaram-se muitas preces nas igrejas. Entretanto só 8 mezes depois partiu a esquadra libertadora.

fazendo saltar na villa, em março de 1625, trezentos soldados, que foram vigorosamente repellidos, prestando ahi soccorro inesperado Salvador Corrêa de Sá, que do Rio de Janeiro partira com alguma força por ordem de seu pai, para ajudar a expellir os hollandezes da cidade do Salvador.

Frustrada a sua interpreza no Espirito Santo e abatido pela noticia da restauração da Bahia, Pieter Heyn velejou para a Hollanda no mez de maio, ficando assim o Brasil completamente victorioso, e livre dos Hollandezes, nesta primeira guerra.

10

Invasão de Pernambuco. Guerra da libertação

(1630 — 1649)

Foi o governo hespanhol avisado de que os hollandezes com grande esquadra pretendiam invadir e conquistar Pernambuco. Essa capitania pertencia a Mathias de Albuquerque, que então na Europa recebeu o ridiculo auxilio de 3 caravelas e 27 soldados.

A esquadra, commandada por Loncq, appareceu diante do Recife onde, por falta de defeza, obstruiram a enseiada do porto submergindo velhos navios. As tropas hollandezas desembarcaram um pouco ao norte sob o mando de Weerdenburgh e com resistencia insignificante tomaram Olinda e Recife, então

abandonado da população, que fugira para o interior.

Succedeu aqui o mesmo que na Bahia. Organisaram-se emboscadas e guerrilhas com soldados e patriotas que se intrincheiraram a meio caminho, entre Olinda e Recife, no lugar que foi chamado o *Arraial do Bom Jesus*. A importancia d'este nucleo de reacção, ainda que exaggerada pelos chronistas, foi todavia de alguma significação, por que inquietava fortemente os hollandezes. Mathias de Albuquerque tirou d'esses parcos recursos grande audacia de planos. Mas a lucta era, por desigual, precaria.

Em breve, a população percebeu que era duvidosa a conveniencia de hostilisar as auctoridades hollandezas em proveito das portuguezas, muito mais despoticas e crueis.

Portuguezes em grande numero aceitaram o commercio dos hollandezes, que sabiam bem intencionados. O brasileiro Calabar, grande conhecedor do logar, passou-se para as tropas inimigas; tem sido o seu nome por isso malsinado porque a esta parsonalidade emprestaram um prestigio sobrehumano de fazer voltar a fortuna para o lado dos que, aliás, sempre desde o começo a tiveram. Os hollandezes dentro em pouco, embora inquietados pelas emboscadas, foram batendo os portuguezes e em successivas conquistas alargaram o dominio para o norte até o forte dos Reis magos (R. G. do Norte) e para o sul até Porto Calvo e afinal o rio de S. Francisco. Durára cinco annos (1630-1635) a conquista.

Vendo-se baldo de recursos e de elementos de resistencia, Mathias de Albuquerque an-

nunciou a sua retirada convidando os que queriam ser fieis á patria e á religião a acompanharem-no. Foi um momento solemne esse em que o velho guerreiro vencido fazia o desesperado appello aos habitantes da terra; a sua voz, que a emoção dos successos tornára extranhamente eloquente, teve grande repercussão; uma grande turba de velhos e moços, mulheres e crianças, indios e escravos commovidos pela noticia do exodo seguiram o chefe derrotado, arrostando as privações e os perigos da longa marcha por terra agora suspeita. Seguiram para o sul atravez de florestas, com as continuas surprezas da fome, da sede, e da guerra até as Alagoas. Ahi em Porto Calvo, numa emboscada, aprisionaram a Calabar e, como é proprio da fraqueza humana, vingaram-se dos seus desastres talvez com a alegria de vêl-o expiar no patibulo o preço da infamia. Ahi disseminaram-se e perderam-se.

No mesmo anno uma esquadra hespanhola desembarcava nas Alagoas 1:700 homens sob o mando de D. Luiz de Rojas y Borjas, que vinha render a Mathias d'Albuquerque. Logo na primeira batalha foram derrotados por Artichofski, morrendo nella o general hespanhol. O resto das tropas ficou com o Conde de Bagnuolo, e então voltou-se de novo, por falta de exercicio regular, ao systema de *guerrilhas*, em que se fizeram heroes o indio Camarão, o negro Henrique Dias e o branco Vidal de Negreiros.

Era então o governo hollandez em Pernambuco dirigido por um principe, Mauricio de Nassau, o modelo da justiça, da tolerancia, da liberdade e do talento politico e mili-

tar. As guerrilhas foram pouco a pouco enfraquecendo e Nassau conseguiu pacificar o territorio até o extremo do rio de S. Francisco, onde fundou o forte de Mauricio (Penedo). Bagnuolo retrogradou até ás terras da Bahia. Pelo mar, os hollandezes fizeram represalias, atacando a Bahia e o reconcavo e com o almirante Huijgens destroçou, na altura da Parahyba, uma esquadra hespanhola de setenta e tres náos de D. Fernando de Mascarenhas, que logrou escapar e chegar á Bahia, só, numa pequena caravela.

Pouco depois chegava ao Brasil a noticia da restauração de Portugal, que sacudira o jugo hespanhol e acclamára rei D. João IV. Este grande acontecimento devia ser prenuncio da paz, porque a Hollanda dizia guerreiar a Hespanha e não aos portuguezes. Não era porém motivo para que entregasse as conquistas feitas com sacrificio de vidas e de dinheiro. Entretanto para tratar da questão celebrou-se um armisticio por alguns annos.

Os hollandezes aproveitaram-se d'esse armisticio com pouca lisura, estendendo mais os seus dominios até o Maranhão pelo lado norte, e até o rio Sergipe pelo lado do sul; porventura pensavam elles, como o pensava o mundo, que a independencia portugueza era precaria e succumbiria ao primeiro embate com a Hespanha.

Pouca lisura tambem houve por parte do governo portuguez; porque em todos os actos officiaes reconhecia o dominio da Hollanda no Brasil e ao mesmo tempo auxiliava secretamente e animava a revolta dos brasileiros

contra aquelle dominio, sem se descuidar de negal-o em publico. Assim foi pouco a pouco formando-se a resistencia; no Maranhão alguns portuguezes se revoltam e pegam em armas (1642). Vidal de Negreiros parte para Pernambuco (1644) e d'ahi sob pretexto e licença de visitar a familia na Parahyba, faz o percurso pelo interior, incitando as populações á revolta e chamando a seu partido, entre outros, o opulento fazendeiro João Fernandes Vieira, que se tornou a alma da guerra da libertação, o «Governador da Liberdade» como emphaticamente foi appellidado.

A insurreição foi preparada, e havendo d'ella denuncia, rompeu antes do dia marcado (que era o de S. João) a 13 de Junho de 1645.

Esse movimento era favorecido pelo estado de espirito dos colonos. Viveram excellentemente sob o governo de Mauricio de Nassau; depois que este porém se retirára desgostoso dos negocios, o governo caíu nas mãos de hollandezes inhabeis, intolerantes e ávidos, que faziam grande mal ao paiz e creavam muitos descontentes.

A insurreição pernambucana abriu uma serie de luctas por espaço de nove annos: aos seus homens, que se diziam os *independentes* reuniram-se os famosos e já provados guerrilheiros Camarão, H. Dias e outros. Depois de um sem numero de escaramuças e combates parciaes trava-se a primeira batalha dos *Gararapes* (19 de abril, 1648) onde foram mais de quatro mil hollandezes batidos pela metade em numero de brasileiros, que occu-

pavam uma estreita passagem. O general Segismundo Schkoppe retirou-se ferido.

O sitio do Recife obrigou os hollandezes a uma nova sortida com o coronel Van den Brincke, que amanheceu o dia 19 de Fevereiro occupando o alto dos Gararapes vendo o exercito pernambucano a dominar egualmente uma altura fronteira. Ao meio dia trava-se a batalha que dura até á noite; o commandante hollandez morre na acção e o seu exercito é derrotado perdendo muitos prisioneiros e toda a artilharia (1649).

Essa victoria não decidiu dos acontecimentos futuros. Hollanda, preoccupada com a sua guerra contra a Inglaterra, abandonou as conquistas do Brasil aos seus proprios destinos.

Com quanto victoriosos, os pernambucanos não cogitavam ainda de apossar-se do Recife; mas continuaram a lucta com grande felicidade em outros pontos, até que cinco annos depois, em 1654, os hollandezes abatidos cederam e capitularam, assignando o accordo da campina do *Taborda* pelo qual abandonavam o paiz e as armas e se concedia a amnistia aos portuguezes e a todos os que viviam sob a jurisdicção hollandeza.

A victoria, mais apparente que real, foi obra exclusiva dos patriotas. O governo portuguez não poude prevalecer-se d'ella para impor condições, o que era impossivel, pois a Hollanda conservava ainda a supremacia no Indostão e no Atlantico com as suas poderosas frotas.

O tratado de paz com a Hollanda só foi

assignado em Haya em 1661, sendo rei de Portugal Affonso VI; por elle a Hollanda vendia caro as suas conquistas, obtida a restituição da artilharia, garantia de liberdade religiosa e favores ao commercio hollandez e cinco milhões de cruzados de indemnisação.

11

Verzuimd Braziel [1]

A epoca do Brasil hollandez foi realmente grande e sumptuosa. Não só foi grande por serem os nossos mares, pela primeira e ultima vez, o theatro da lucta de esquadras gigantescas e das grandes acções navaes que nesse seculo fizeram a primeira distribuição do mundo, como principalmente pelo exemplo de cultura liberal e de civilisação que a nossa terra jámais conhecera.

Então soava a hora da decadencia hespanhola e começava a fulgir a alva ephemera da Hollanda, que precedeu o sol da Inglaterra. Eram as victorias no oceano que decidiam os destinos do mundo.

---

[1] Esta expressão *Verzuimd Braziel* («Brasil desamparado») foi creada pelo poeta nacional hollandez van Haren e tornou-se proverbial para exprimir a avarenta desidia com que á troca de cinco milhões de cruzados (paz de Haya) o governo de Hollanda entregára a colonia fundada por Nassau.

Vindo governar o Brasil, o conde de Nassau trazia o proposito de crear além do Oceano uma patria livre. O paiz pareceu-lhe «um dos mais bellos do mundo», assim o diz na primeira carta que d'aqui escreve. Soldado glorioso da guerra dos trinta annos e espirito esclarecido, filho espiritual das universidades de Herborn, Basilea e Genebra, onde se zelava a tradição do humanismo, elle considerava seu primeiro cuidado manter a mais larga tolerancia religiosa. Os catholicos brasileiros teem plena liberdade do culto; as procissões religiosas, como no outro tempo, com exquisito esplendôr percorrem as ruas do Recife. Ao lado d'estes, e com egual pompa, celebram os judeus o *sabbath*. Muitos d'esses judeus eram portuguezes, que a inquisição tendo varrido do solo nativo refugiaram-se na Hollanda; e agora passavam os mares em busca da terra onde, sob um céo livre, soava a lingua amada que não esqueceram no exilio.

A aversão dos brasileiros foi desapparecendo e mudou-se afinal em agradecida sympathia. Os homens mais eminentes da terra e os mais humildes achegaram-se ao principe que os protegia a todos, reparando os males e as injustiças da guerra. Entre esses achavam-se João Fernandes Vieira, que será mais tarde a alma da insurreição, e Fr. Manoel do Salvador, um dos commensaes do principe. Ninguem se lembrou de reagir contra o invasor que cumulava de beneficios e ennobrecia a terra conquistada; e ficava já longe, no olvido, a retirada de Mathias de Albuquerque com todos os que «seguiram a patria e a religião dos maiores»; antes já o ouvido se ha-

via affeito ao hymno patriotico «*Wilhelmus van Nassauwen*», que nas grandes occasiões estrugia os ares.

Tambem sorriu a liberdade para aquelles negros que, se abandonavam a resistencia portugueza, eram logo recebidos na Nova Hollanda como homens livres. Na constellação semi-obscura das capitanias, brilhava Pernambuco como a primeira estrella.

Um dos cuidados do principe foi embellezar a cidade, cuja população crescia já com rapidez, e mais ainda com a demolição de Olinda. Um artista da escola hollandeza, Pieter Post, deu os planos dos novos trabalhos de *Mauritzstadt* (a cidade Mauricia). Creou-se o bairro na ilha de Antonio Vaz; ahi plantaram-se centenas de palmeiras, laranjeiras e granadilhas, transportadas já adultas e em todo o viço, ao redor do novo e soberbo *sans-souci* (Vrijburg), palacio esplendido que Nassau construira ás suas expensas e que custou seiscentos mil florins, com seus bellos torreões de vigia sobre o mar. Sumptuosa ponte ligava as duas partes da cidade e ainda outra foi lançada para o continente, onde levantou o seu palacio de verão o *Schoonzigt* (Boa Vista).

A essas grandezas sumptuarias juntaram-se outras opulencias da cultura; artes e letras floresceram sob o seu governo. «Uma multidão de artistas, diz De Crane, pintores, architectos, esculptores e mecanicos haviam-no acompanhado ao Brasil ou para lá foram a chamado seu.» Era seu medico o celebre naturalista de Leyde Piso. Com a recommendação de João de Laet veiu outro naturalista, Marcgraff. Ambos estes sabios foram os pri-

meiros que fizeram explorações scientificas regulares da nossa natureza e tornaram conhecidas a *terra da promissão* no dizer dos botanicos. Fez construir um observatorio astronomico na ilha de Antonio Vaz. Franz Post, o pintor, de certo foi o primeiro cuja palheta traduziu a paisagem e o céo do Brasil.

Com egual fulgor brilhava o regimen de liberdade que implantára. Pela primeira vez sob o nosso céo reunem-se assembléas deliberativas, onde cidadãos eminentes teem a palavra e a iniciativa do conselho. Muitos dos brasileiros tomam nella parte conspicua.

A lingua hollandeza, como a nossa, tornara-se então familiar e commum e era ouvida na cidade e nos campos. Casamentos não raros, apesar da differença de religião, se faziam entre brasileiras e hollandezes. E a concordia parecia abençoar a união dos dous povos.

Dentro em pouco esse periodo de ouro sumiu-se. Exasperado e desgostoso pela mesquinhez e pela avareza e cupida ganancia da Companhia das Indias, que suspeitava em Mauricio a intenção (talvez não de todo infundada) de crear um reino independente — o principe se demittiu da direcção da nova colonia e voltou para a Europa. Mais tarde, e para obstar ao desastre que essa retirada invocára, de novo o chamam; mas impoz então as condições a que a cubiça servil dos mercadores não podia submetter-se.

D'ahi data a ruina do Brasil hollandez. O governo passou a mãos inhabeis e agrestes de tres ávidos mercieiros que inauguraram o regimen da intolerancia, do arbitrio, e das vexações pecuniarias. Fazendo da adminis-

tração um mero emprehendimento mercantil, provocaram a antipathia dos naturaes e acordaram o desejo já sopitado da revolta. Aquelles proprios brasileiros e portuguezes que viviam contentes sob o jugo paternal de Mauricio, são agora os primeiros que hasteiam o pendão da rebeldia.

O sentimento moral e como soe sempre ser todas as virtudes do caracter abatem-se na indifferença dos especuladores. Volta o tempo das elevações de homens leigos e de corruptos funccionarios, o ardor da fortuna rapida e da licença outr'ora reprimida da plebe.

Agora, como antes de Nassau e como nas antigas capitanias portuguezas, o principio é que áquem da linha equatorial não existem mais crimes puniveis (vulgatum inter deteriores: ultra aequinoctialem non peccari, diz Barlœus).

Para cumulo de infortunio, sobrevem nesse momento uma crise monetaria, que se em outros tempos poderia ser solvida com prudencia, agora não podia ter mais solução; os senhores de engenho, endividados pelos dinheiros e compras de escravos importados pela Companhia, encontraram no novo Governo a pressão e ameaça de duras penas judiciaes. Pegaram pois em armas e assim nasceu a insurreição pernambucana.

A avidez da Companhia das Indias havia perdido o Brasil. A' hansea mercenaria e bolsista faltava o sentimento delicado dos interesses moraes; faltava-lhe o Imperio.

Caberá pois ao Brasil hollandez, esquecido e desamparado, o epitheto que lhe deu o poeta: *Verzuimd Braziel!*

IV

A FORMAÇÃO DO BRASIL

(1600 — 1777)

A. A HISTORIA COMMUM

> O jesuita, o criador e o paulista são os tres grandes factores da grandeza territorial do Brasil. O jesuita ao norte e ao sul, conquista os valles extremos do Paraná e do Amazonas; o criador occupa toda a região interior do Piauhy á Bahia; o paulista bandeirante das nascentes do S. Francisco e Rio Doce penetra até Goyaz e Matto Grosso.

1

A administração

Em todo o curso da historia da colonia, até o tempo de Pombal, a administração não brilha de certo com grande esplendor, e antes se eclipsa e desapparece, quando no meio d'ella o destino colloca uma personalidade da estatura do principe de Nassau.

Os administradores do Brasil portuguez, conforme as qualidades proprias da raça, são antes reaccionarios (o que os faz ás vezes parecer liberrimos) do que conservadores, e em caso nenhum liberaes; confundem a auctoridade com o despotismo, como os governados a liberdade com o espirito faccioso. Alguns são notaveis pelo talento militar, quasi todos mediocres pelo espirito politico.

Em qualquer caso, o grande merecimento d'elles é a escola de severa honradez em que foram educados e de que dão fulgurante exemplo aos seus inferiores.

Os subalternos, porém, os capitães-móres

das comarcas e outros officiaes secundarios distinguem-se pela venalidade e corrupção dos processos com que governam o povo.

Isso não succedia com os governos geraes. As proprias leis que regem a sua conducta são escrupulosas e inflexiveis e conformes ao bem commum.

Não podia o Governador crear officios ou empregos novos, meios certos de corrupção; e as promoções estavam reguladas de antemão com grandes minucias; não podiam lançar nos bens, se fossem á praça, e a todos os officiaes e ás camaras era dado o direito de relatar o que quizessem inda na falta de queixas «porque era necessario (diz uma provisão) que esta liberdade existisse»; não podia pôr preço ao frete de navios, etc. Todos aquelles que tinham o officio de juizes não podiam contractar casamento nos dominios da sua jurisdicção.

Por outra parte, essa demasia de escrupulos talvez tolhesse a largueza de meios de que poderiam lançar mão os governadores em beneficio da terra. A sua administração é mesquinha de iniciativa e balda de recursos; os seus ordenados e honorarios não correspondem á honorabilidade da posição, e muitos d'elles, assim como os antigos donatarios, aqui arruinam a fortuna e o bem estar.

A administração *una* com Thomé de Souza (1548) foi logo scindida em duas, em 1572, com Luiz de Brito e Almeida, com séde na Bahia, e Antonio de Salema, no Rio.

O limite entre os dois governos era Porto-Seguro. Cinco annos depois, 1577, voltava-se á união dos dous governos.

Renova-se a scisão em 1607, com D. Diogo de Menezes (Conde da Ericeira), no norte, e D. Francisco de Souza (no sul). A medida estava relacionada com os boatos de minas descobertas ao sul do paiz. Nova reunião se opera em 1616.

Essas vacillações tinham origem na difficuldade real que offerecia o governo de paiz tão vasto e onde reclamos tão differentes ás vezes não podiam ser satisfeitos pela mesma medida. A difficuldade tornou-se ainda maior com a colonisação do extremo norte, nos começos do seculo XVII; então a corôa resolveu reunir o Brasil antigo sob o mesmo governo *uno*, separando porém o *Estado do Maranhão* (do Ceará ao Amazonas), que passaria a obedecer á metropole (1621).

Esta separação do extremo norte tinha outro motivo material e era a difficuldade de navegação do contorno da costa de norte para leste que detinha os navios por longo tempo, pela natureza contraria das correntes e dos ventos. Este problema aliás só no seculo actual foi resolvido pela navegção a vapor.

Quasi todas essas hesitações datam do dominio hespanhol, que não deixára de perturbar a unidade do governo portuguez, ainda que a Hespanha, durante a annexação, deixasse aos portuguezes o cuidado de se governarem e de governarem as suas colonias [1].

---

[1] A absorpção de Portugal pela Hespanha durou de 1581 a 1640. Com a restauração reinaram em Portugal e Brasil, no periodo de que nos occupamos, D. João IV, de 1640-1656; Affonso VI e Pedro II, de 1656-1706; D. João V, de 1706-1750; D. José, de 1750 a 1777.

O systema de divisões e subdivisões era o mesmo praticado no Mexico e Perú e Rio da Prata pelo Governo da Hespanha.

O grande trabalho dos governadores é a solução de dous problemas capitaes: a questão dos indios, cuja liberdade convinha ao rei favorecer, e a questão da defeza contra os inimigos externos, mais temerosa e cheia de perigos. A primeira entretanto é que accende discordias constantes na colonia, sobretudo entre colonos e jesuitas, e as quaes não raro affectam o prestigio da administração, como succedeu por mais de uma vez. Nas questões externas, só em 1750 é que começa francamente a acção diplomatica com o antigo litigio das fronteiras, antes d'isso entregues ao systema de usurpações por occupação e represalias.

Não podiam mesmo as negociações diplomaticas iniciar-se mais cedo. Quando cessou pela reforma o prestigio do Papa sobre os povos, começou a balbuciar a doutrina do internacionalismo com Grotius no seculo XVII e só no seculo seguinte é que por toda a parte a diplomacia se organisa, na forma e pelos processos que desde então conhecemos.

Ao passo que a corôa vai adquirindo por compra e indemnisação ou tomando a viva força as capitanias feudaes das mãos dos seus donatarios, os governadores do Brasil vão pouco a pouco, como veremes opportunamente, creando *Capitanias reaes* ou d'*El-Rei*, formadas dos territorios novos conquistados aos indios; estas ficam sob a jurisdicção do Governador geral.

Paulatinamente a corôa vae assim des-

truindo os senhorios feudaes creados por D. João III.

Desde a restauração, o Brasil passa a vice-reino. O primeiro vice-rei é D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, 1640. Mas esse titulo não é habitual dos governadores; é dado apenas a alguns d'elles (Conde Obidos, 1663; Conde de Villa Verde, 1714, etc.); nem esse titulo trazia significação de especial auctoridade, pois de todos os governadores do Brasil o que maiores poderes exerceu foi o Conde de Bobadella (Gomes Freire de Andrade) que nunca teve o titulo de vice-rei. Na sua morte, (1763) a séde do governo geral passou para o Rio de Janeiro, desde então capital da colonia e do paiz.

A legislação da colonia acompanha as suas vicissitudes e novas leis aggregam-se ás antigas. A's leis *manuelinas* juntam-se as *philippinas* do tempo da annexação e d'esse tempo data egualmente o *Codigo das minas*; todas as leis da metropole são áquem do Atlantico interpretadas com maior brandura a principio, porque o Brasil é de si uma estação penal, e depois em todo o rigor quando «ha quasi tantos brancos aqui como no reino». As leis sobre os *indios* (de que em outra parte tratamos) são liberaes. Os *escravos negros* porém nunca tiveram a seu favor senão a philantropia dos brancos.

O terror de todos os administrados são os governadores subalternos, *capitães-móres*, que se impõem pela força, o abuso e o arbitrio, no que tinha perfeitos auxiliares nos *mestres das ordenanças*, agentes ferozes do recrutamento, com cujos processos barbaros,

sob o manto da lei, faziam extorsões e exerciam infames vinganças.

No que respeita á religião, sob o regimen do padroado, o clero constituiu sempre uma classe de funccionarios do Estado e nos ultimos tempos da colonia exerceu grande influencia politica, não sem prejuizo da disciplina da egreja; mas era esse influxo naturalissimo, pois no clero estava provavelmente a classe mais culta e liberal do tempo.

Do bispo primaz da Bahia dependiam os demais bispos do Brasil (e desde 1676 até á Independencia os de Loanda e S. Thomé na Africa): o Estado do Maranhão com o valle do Amazonas e os seus bispos estavam porém sob a jurisdicção do arcebispo de Lisboa.

A justiça era a principio administrada pelos juizes ordinarios e um ouvidor geral, que vinha de tres em tres annos, e quando eram graves os casos se lhes juntavam o Governador e o Provedor-mór dos defuntos e outros letrados. Em 1608 foi creado o *Tribunal da Relação* da Bahia. O povo esperára com frieza a vinda dos desembargadores, mas logo se deu por satisfeito quando teve d'elles a experiencia da inteireza no julgar e da expediencia dos negocios.

O direito portuguez nessa larga epoca de dous seculos evolve segundo os proprios caracteres da historia interna. O costume das *côrtes* quasi se havia obliterado e com isso perderam as liberdades publicas; são aquellas reunidas uma ou outra vez no tempo da dominação hespanhola e por fim, no reinado de D. João V, desapparecem e se extinguem com os progressos do absolutismo real. E'

nesse reinado que se supprimem no Brasil, como factores de rebeldia, os *juizes do povo*.

A legislação portugueza forma no seculo XVII a sua terceira collecção de *Ordenações*, as *Philippinas* (Filippe II) organisada por dous jurisconsultos, Paulo Affonso e Pedro Barbosa, e concluida por Dameão de Aguiar e Jorge Cabedo. A compilação deixa muito a desejar pelas contradições que encerra e pela utilisação anti-methodica das materias accrescidas ás leis Manuelinas e que foram principalmente as leis já colligidas em Duarte Nunes de Leão. Os direitos subsidiarios são o romano e o canonico; e na falta, as doutrinas de Accursio e Bartholo «praxistas velhos e já desacreditados» na opinião de um jurista historiador. O resultado d'esta disposição, diz Coelho da Rocha, foi que os juizes nas especies duvidosas não profundaram as leis nem recorreram ao seu espirito e analogia, contentando-se com fazer acompanhar as suas decisões de um longo prestito de auctores não só jurisconsultos, mas até moralistas ou canonistas, o que na linguagem do tempo constituia a *opinião commum*. Da mesma maneira as allegações dos advogados reduziam-se pela maior parte á accumulação tão extensa como fastidiosa de remissões quasi sempre copiadas e muitas vezes improprias. A par d'este vicio introduzia-se o outro de julgar pelos *arestos* e *casos julgados*, sem examinar escrupulosamente a identidade da especie nem os motivos legaes da sentença que se trazia para exemplo.

D'ahi por deante as leis que nos importam em maior grau são as de Pombal, relativa-

mente ás cousas do Brasil. São ora leis proteccionistas da agricultura, principalmente de certos ramos novos e incipientes, e o mal inspirado proteccionismo das Companhias de Commercio (do Maranhão, da Parahyba) que foram em breve extinctas. Concessão de licenças (muito limitada é certo) para algumas industrias (fabrica de lonas da Bahia); a renovação do *quinto* do ouro em vez da capitação (mas monopolisando para a corôa o contracto dos diamantes), e o acto mais importante, que foi a incorporação das capitanias, que eram ainda feudatarias, ao dominio da corôa. [1] Outras leis suas foram contraproducentes, despoticas em grande numero e algumas d'ellas pelo menos abominaveis como o foi, para desgraça da educação nacional e desamparo das raças opprimidas, a expulsão dos jesuitas.

2

A zona da criação

O conhecimento do interior do paiz, entre as capitanias da Bahia e do Estado do Maranhão, foi realisado, graças á natureza do terreno, que é quasi uniforme na geognose d'essa região. O primeiro trecho do sertão é

---

[1] Eram ainda neste tempo capitanias hereditarias Itamaracá, Porto-Seguro (confiscado), Ilhéos, S. Vicente, e ainda quatro de menor importancia: Campo de Goytacazes, Bragança, Joannes (Marajó) e Alcantara.

verdejante, cortado de rios e cheio de flores; é o *Mimoso* da linguagem sertaneja; o segundo trecho com os seus sangradouros de pouca agua forma o *Agreste* com a rara vegetação das *catingas* que, por um processo de selecção, se desfolham nos mezes de sol como as plantas da zona fria no inverno. A terra é salitrosa e arida.

Ahi, de vez em quando, vem as seccas que são terriveis. Num ou noutro, a agricultura seria impossivel, como seria impossivel por egual a *criação* na região das florestas da Amazonia ou da Serra do Mar. Por isso em toda essa região formou-se o abastecedouro animal do Brasil antigo. Os seus nucleos de população conservaram melhor as tradições que o *folk lore* nacional ainda exprime; o typo ethnico é mais puro e superior ao do littoral, quasi de todo ennegrecido pela escravidão africana. Os sertanejos são brancos e muitas vezes louros, mais frequentemente ruivos; tem virtudes cavalheirescas, o sentimento talvez exaggerado da honra, o que os faz frequentemente appellar para as armas, que todos desde a infancia manejam com pericia. Desconfiam da civilisação e do littoral, onde a hospitalidade é rara ou perfida, aonde só descem nas *feiras* e para cambiar os productos. D'elles é que teem origem seitas religiosas, germen de tumultos que, de vez em quando, ensanguentam o sertão. Parece que nisso, como o gado que apascentam, trahem qualquer cousa do sangue arabe. São descendentes de portuguezes e ilhéos que, internados desde o seculo XVII, perderam o contacto permanente da civilisação; e com essa

perda aprenderam, de instincto proprio, as industrias essenciaes á vida. Vestem-se em geral de couro, da cabeça aos pés; de couro e chifre são os seus utensilios domesticos, onde guardam liquidos e solidos; alimentam-se de caça, do leite, fructas acidas e da carne, e d'esta fazem a farinha com que ajuntam o leite, substitutivo frequente da agua.

A esse povo sobrio como o dos beduinos deve-se o conhecimento do sertão brasileiro, que ha tres seculos occupam.

A principio os *criadores de gado*, antes de feitas as entradas que repelliram os indios, estabelecem-se apenas nos reconcavos das povoações, naturalmente por maior segurança dos caminhos; na Bahia vão até a Torre d'Avilla (governo de D. Francisco de Souza), mas a conquista de Sergipe abriu o caminho do Sertão Agreste (das catingas), além de Itabaiana; d'ahi é que irradia a expansão sertaneja até o Parnahyba num periodo de oitenta a cem annos; as antigas *passagens* do Rio de S. Francisco, *Urubú de cima* e *Urubú de baixo*, marcam as linhas d'essa radiação.

Povoações antigas ainda restam, antigos pousos dos sertanejos, Geremoabo, Geru, Capim Grosso, Cabrobó, de differentes edades, que marcam as pegadas dos vaqueiros.

Com a guerra hollandeza abriram-se ao transito todos os caminhos, d'antes picadas, que os exercitos ou as tropas de guerrilha percorreram desde o Rio Real até a Parahyba. Toda a margem esquerda do baixo S. Francisco e a comarca do sertão de Carirys velhos, a região do chamado *Mimoso* ficou inteira-

mente conhecida de uns e outros dos belligerantes. A ligação do *Mimoso* com o *Agreste*, que domina o planalto do Ceará e Piauhy, já fôra feita no tempo da conquista do Maranhão por M. de Nassau, sem fallar que da zona mais visinha ao littoral entre a Parahyba e o Ceará, já os portuguezes, os indios e os capuchinhos haviam feito o trajecto por terra na expedição contra La Ravardière.

Ao passo que se iam desbravando e conhecendo os caminhos do sertão, por elle se iam estabelecendo nesta parte estações de criação, unica industria possivel, sobretudo no *Agreste*. Vemos por exemplo que já é importante essa industria nas cercanias de Itabaiana ao tempo dos Hollandezes, que as conquistaram para abastecimento de carne; estende-se a criação pelo interior até S. Francisco e já em 1673 Domingos Affonso, proprietario da fazenda *Sobrado*, naquelle rio, penetra pelo norte para fundar os seus curraes até o Piauhy, e domar os indios bravios, para o que se reune ao guerreiro paulista Domingos Jorge. A primeira fazenda de Domingos Affonso foi a de *Poções de Baixo*, no Rio Canindé, e fundou mais trinta e duas, cuja enorme area disputou aos bravios *Pimenteiras* e *Acroaz*.

Por esse passo estava vencida a linha das serras dos *Dois irmãos*, de *Cariris novos* e *Ibiapaba*, que de sul a norte extremavam os dous grandes sertões do norte.

Podemos, pois, considerar por completamente explorada, conhecida e utilisada até os fins do seculo XVII a zona limitada pelo *Paraguassú* (Bahia), *S. Francisco* (Chique Chique), *Serra dos dois Irmãos* e *Piauhy*; e o

mar Atlantico desde o *Parnahyba* até a *B. de Todos os Santos.* Isto é, a zona da criação do gado.

Do Piauhy para o norte como do Paraguassú para o sul, as *entradas* pelo interior ou se limitam ao trafego dos rios, navegando a remos ou a *ajoujos* nas cachoeiras, ou quando feitas por terra não conseguem fixar-se em povoações senão raramente, de modo que o rapido povoamento do sul tem o seu lugar mais exacto no seculo XVIII, que é o da expansão da historia das minas.

O conhecimento e povoação do littoral do extremo norte iniciou-se e completou-se no seculo XVII. Até o fim do seculo anterior, já o dissemos, o Brasil maritimo não ia além da Parahyba. Mas o estabelecimento dos francezes no Maranhão indicou a necessidade de colonisar o extremo norte: assim se fez logo com o Ceará em 1610 (Martim Soares Moreno) com a expulsão dos francezes por Alexandre de Moura e Jeronymo de Albuquerque, da ilha de S. Luiz (1615), a fundação de Belem do Pará (1616), por Caldeira Castello Branco. O Curso do Amazonas já era conhecido desde as maravilhosas façanhas de Orellana (1540) e outros aventureiros hespanhoes. A primeira expedição regular de origem portugueza é a do capitão-mór Pedro Teixeira (1637-39), tão exaggeradamente encomiada por alguns dos seus chronistas; Pedro Teixeira plantou o marco divisorio dos dominios portuguezes e hespanhoes no rio Napo; mas, não fundou povoação. A conquista do Amazonas é feita pelas numerosas missões de religiosos e jesuitas; a primeira, de Fr. Theo-

dosio no Rio Negro, (aquella hoje Jahu) data de 1668 ; deve-se porém assignalar o fortim do Rio Negro, fundado em 1660, como origem das habitações de indios no lugar que é hoje Manáos.

Se pois em 1750, ao negociar-se o tratado de Madrid, podiamos reclamar todo o oeste da America do Sul até quasi o cordão da cordilheira andina, no sul devemol-o aos paulistas, e ao norte devemol-o aos religiosos, e sobretudo aos jesuitas que encheram de vida com as suas missões o deserto do Amazonas até o Javari. Tambem de certo contribuiram para a nossa expansão a oeste, o facto de que as populações hespanholas, aggremiando-se nos Andes pela riqueza das minas, não galgavam senão raramente as vertentes orientaes, onde verificaram não havia ouro, senão florestas e rios magnificos.

A *criação* não produzia o imposto e por isso deixa de interessar á corôa, nem sequer é mencionada nas historias da administração, (caracter geral das historias escriptas); mas é, ao contrario da turbulencia do littoral ou das aventuras das minas, o quasi unico aspecto tranquillo da nossa cultura; por ella abriram-se as communicações terrestres iniciadas pela conquista e conservou-se, como ainda hoje se conserva, nas estancias sertanejas, o verdadeiro caracter da vida colonial.

3

Uma «Entrada»

As *Entradas* eram expedições feitas pelo colono á cata de indios para escravisal-os ou ainda á busca de minas de metaes e pedras preciosas, de que corriam sempre phantasticas noticias.

E' uma face inteiramente nova, differente do movimento pastoril (ao qual precede) e tem maior analogia com as emprezas dos *pioneiros* da America do Norte. Com as *entradas* expurga-se o territorio do perigo das ciladas e mesmo da presença dos indios e com ellas estabelecem-se por terra as communicações outr'ora fluviaes ou maritimas.

Por isso frequentes vezes os governadores e capitães-móres, para impôr respeito ao gentio, organisavam expedições pela terra interior, onde não era pequeno o morticinio dos selvagens. Uma d'essas expedições foi a de D. Francisco de Souza ao Rio Real, que fez afugentar os indios por mais de sessenta leguas, tal o terror e maldade que ia semeando pelos caminhos. Não gostavam muito os colonos d'este systema de guerra, menos por virtude e misericordia do que pelo espirito pratico. Nem por isso eram as entradas de inciativa dos colonos menos ferozes que as outras.

« As guerras, diziam elles, afugentavam os Gentios, como se vira nesta, e nas que seu antecessor lhes havia feitas, com o que os

fez afastar do mar mais de sessenta legoas; seria melhor trazel-os por paz, e por persuasão de Mamalucos; que por elles saberem a lingoa, e pelo parentesco, que com elles tinham porque Mamalucos chamamos mestiços, que são filhos de brancos, e de Indias, os trariam mais facilmente que por armas».

Eis como um dos nossos antigos chronistas descreve essa empreza:

«Por comprazer aos supplicantes deo o Governador as licenças, que lhe pediram, para mandarem ao sertão descer Indios por meio dos Mamalucos, os quaes não iam tão confiados na eloquencia, que não levassem muitos soldados brancos, e Indios confederados, e amigos, com suas frechas, e armas com as quaes, quando não queriam por paz, e por vontade, os traziam por guerra e por força: mas ordinariamente bastava a lingoa do parente Mamaluco, que lhes representava a fartura do peixe, e mariscos do mar de que lá careciam, a liberdade de que haviam de gozar, a qual não teriam se os trouxessem por guerra.

«Com estes enganos, e com algumas dadivas de roupas e ferramentas, que davam aos *principaes*, e resgates, que lhes davam pelos que tinham presos em cordas para os comerem, abalavam aldêas inteiras, e em chegando á vista do mar, apartavam os filhos dos paes, dos irmãos e ainda ás vezes a mulher do marido, levando uns o capitão Mamaluco, outros os soldados, outros os armadores, outros os que impetraram a licença; outros quem lha concedeu, e todos se serviam delles em suas fazendas, os irmãos e alguns os vendiam senão o serviço e quem os compra-

va, pela primeira culpa, ou fugida que faziam, os ferrava na face, dizendo que lhe custaram seu dinheiro, e eram seus captivos; quebravam os prégadores os pulpitos sobre isto, mas era como se prégassem em deserto.

«Entre estas entradas no sertão fez uma Antonio Dias Adorno, ao qual encommendou o Governador que trabalhasse por descobrir algumas minas. Entrou pelo rio das Contas, que é da Capitania dos Ilheos, e seguindo a sua corrente, que vem de mui longe, rodeou grande parte do sertão, onde achou esmeraldas, e outras pedras preciosas de que trouxe as amostras, e o Governador as mandou ao Reino, onde examinadas pelos lapidarios, as acharam muito boas; mas nem por isso se mandou mais a ellas, signal que haviam lá ido mais a buscar peças que pedras, e assim trouxeram 7:000 almas dos Gentios Topiguaens, sem trazerem algum mantimento, que comessem, em duzentas legoas, que caminharam muito devagar, por virem muitas mulheres, e crianças, e muitos velhos, e velhas, sustentando-se só de fructas agrestes, caça, e mel, mas isto em tanta abundancia que nunca se sentio fome, antes, chegaram todos gordos, e valentes; donde se collige quam fertil é aquelle sertão, e pelo conseguinte com quanta facilidade se pudera tornar em busca das pedras preciosas já descobertas, e descobrir outras.

«Tambem mandou o mesmo Governador um Sebastião Alves ao rio de S. Francisco com officiaes, e tudo o mais necessario para fazer huma embarcação em que por elle navegassem para descobrir algumas minas, e

para isso escreveo a hum grande *principal* do sertão chamado *Porquinho*, que o ajudasse com gente, e tudo o mais que pudesse; elle mandou um vestido de escarlata, e uma vara de meirinho para trazer na mão.

«Levou este recado um Diogo de Crasto, que já havia estado em sua casa, e sabia bem fallar-lhe a lingoa, e outro grande lingoa, que havia sido Irmão da Companhia, chamado Jorge Velho.

«Estimou muito o *Porquinho* vêr o caso que delle fazia o Governador, e nunca jámais faltou em quanto os brancos o occuparam; e assim poz com sua ajuda o capitão a embarcação em boa altura, e a fez em parage donde o rio era todo navegavel, porque dalli para baixo lhe ficava já a cachoeira, e o sumidouro, quando lhe chegou uma carta do Governador Lourenço da Veiga, que succedeo a Luiz de Brito, em que mandava que logo lhe viesse dar conta da fazenda de El-rey, que levara, obedeceu o homem, e posto que depois tornou não achou já os seus, que se haviam mettido com outros de Pernambuco a descer Gentio, como elle tambem fez, e todos lá acabaram.

«Não só da Bahia, mas tambem dos Ilheos, e de Pernambuco, se fizeram neste tempo outras *entradas*.

«Dos Ilheos foi Luiz Alvares Espinha com pretexto de fazer guerra a certas aldêas dahi a trinta legoas, por haverem em ellas mortos alguns brancos, porém não se contentou com lhe fazer, e captivar todos aquelles aldeãos, senão que passou adiante, e desceu infinito Gentio.

«De Pernambuco fora Francisco de Caldas, que servio de Provedor da Fazenda, e Gaspar Dias de Taide com muitos soldados ao rio de S. Francisco, e ajudando-se do *Braço de Peixe*, que era hum grande *principal* dos Tobajares, e da sua gente, que era muito esforçada, e guerreira, entraram muitas legoas pelo sertão, matando os que resistiam, e captivando os mais.

«Tornando-se depois para o mar com sete mil captivos determinaram pagar ao *Braço* com o levarem tambem amarrado, e todos os seus, porém elle os entendeo, e não deixando de os servir com mantimentos das suas roças, e caça, do matto, para aquelles, deo duzentos caçadores para assegurar mais a sua caça, e depois que os teve seguros, que nem se vigiavam, nem lhes parecia haver para que, mandou chamar outro principal seu parente, chamado *Assento de Passaro*, que viesse com os frecheiros da sua aldêa, e avisou os seus caçadores, que estavam entre os brancos, estivessem alerta na madrugada seguinte, para que, quando ouvissem o seu urro costumado, darem juntamente nos nossos, e lhes não escapar algum com vida; e assim foi que achando-os dormindo mui descuidados, subitamente os accommetteram com tanto impeto que não lhes deram lugar a tomar armas, nem a fugir, e os mataram todos; e soltos os outros Gentios captivos, depois que ajudaram a festejar a sua liberdade, commendo a carne de seu mar vingança destas mortes, sendo Tobajares, e contrarios senhores, os deixaram tornar para onde quizeram; só escapou dos

nossos um Mamaluco, que uma moça, irmã do principal *Assento de Passaro*, escondeo.

«Este levou a nova aos brancos, que estavam no porto esperando, e depois nelles a Olinda, onde foi muito sentida de todos, pranteando as viuvas seus maridos, e os filhos seus paes, que alli morreram. Nem parou aqui o mal, senão que os homicidas, temendo-se que os brancos fossem tomar vingança destas mortes, sendo Tobajares, e contrarios dos Potiguares, se foram metter com elles na Paraiba, e se fizeram seus amigos para os ajudarem em as guerras, que nos faziam.» [1]

Esta descripção dá na sua simplicidade eloquente a idéa d'essas terriveis caçadas humanas que se podem contar por milhares, e jámais cessaram de todo no Brasil colonial.

4

As primeiras bandeiras

As *bandeiras* organisadas para a exploração das terras tinham constituição especial, que só tornavam comprehensivel o genio e a pertinacia dos aventureiros que as compunham.

Como nas caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação, que é quasi fatalista e a sobriedade levada ao extremo. Os que partem não sa-

[1] Fr. Vicente do Salvador, 92-94.

bem se voltam e não pensam mais em voltar aos lares, o que frequentes vezes succede. As provisões que levam, apenas bastam para o primeiro percurso da jornada; d'ahi por diante, entregue á ventura tudo, é enigmatico e desconhecido.

Só a formação de uma raça inteiramente acclimada ao sol e ao céo do Brasil, como era a dos paulistas, poderia preparar tamanhos resultados.

No intimo das terras marcham como se navegassem atravez dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e alli seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios que fallam de outros paizes distantes e de caminhos ainda não trilhados pela civilisação. Se é preciso descer um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboletam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas, de cujos troncos e ás vezes dos cortices formam esquadrilhas de canôas, carcomendo-os a fogo.

Quando se julgam promptos, logo embarcam numerosos no meio do alarido de todas as vozes, com a mesma animação ruidosa do primeiro dia. Quando a alimentação e as munições se esgotam ou a terra lhes nega a caça ou os vegetaes reparadores, não desanimam; acampam de novo, queimam a vegetação bravia em longos tratos de terra e fazem a roça onde semeiam os cereaes. Esse acampamento dura até a colheita, que é sobre tudo de milho por mais prompta e rapida, e nesse meio tempo, emquanto o mi-

lharal cresce, toda a terra circumvisinha num raio de muitas leguas fica conhecida.

Nessas *bandeiras* vemos figurar toda a gente, homens de todas as qualificações, indios de todas as tribus, mulheres, padres e creanças e grande numero de animaes domesticos, cães, gallinhas, carneiros, fóra as bestas de carga. E' uma cidade que viaja com os seus senhores e seus governados; nella não faltam as rixas e differenças: mas o alvo principal e a esperança commum as põe de accordo e harmonia. De caminho, as crueldades que praticam são inauditas, os sacrificios que exigem são terribilissimos; os indios perdidos na floresta se lhes aggregam para não succumbir ante a caudal que passa e que tudo subverte.

Como sempre succede nessas congruencias ficticias que a ambição diabolica reune e argamassa, esta mesma as desune pela imaginação e realisação de crimes monstruosos. Os envenenamentos, os perfidos homicidios, todas as insidias são postas em pratica, como previo sacrificio, que a sangrenta posse do thesouro antecipadamente reclama.

Muitas d'estas bandeiras orientam-se pelas santas cruzes, piedosos e soturnos symbolos dos naufragios moraes por esses invios caminhos.

Nada as detem, nem os desfiladeiros e precipicios, nem a sêde ou a fome, nem as commoções da natureza ou as fadigas do espirito, nem a guerra ou as ciladas da terra desconhecida. No tempo do *resgate* ainda tinham um termo essas expedições, que era o dos primeiros rios navegados. Na epoca do *oiro*

não conheceram mais limites, avassalaram o deserto por centenares de leguas desde o Tieté a Santa Cruz de la Sierra, da serra do mar atlantico até onde se avistam os perfis da cordilheira andina.

A geographia phantastica que emprestavam ao Brasil no seculo da descoberta, imaginando-o cheio de maravilhas insolitas no seu interior obscuro, com o *El-dorado*, as jazidas de esmeraldas, as arvores de *sabão* e de *vidros* com os seus gigantes de quinze pés (os *coruguecanas)*, os animaes monstruoses e terriveis, que eram guardas naturaes de ignotos thesouros, devia necessariamente excitar o desejo de aventuras analogas áquellas que a fama universal consagrára com os conquistadores do planalto peruviano.

«Era crença em voga, diz o doutor Theodoro Sampaio, entre os colonos, haver um *quê* de mysterioso impedindo o descobrimento das riquezas do sertão e que a morte era o castigo inevitavel do indiscreto que ousava revelar-lhes o segredo.» Frei Vicente do Salvador nos transmitte essa crendice popular, talvez originada dos repetidos insuccessos com que se coroaram as primeiras tentativas.

De certo, uma tal ou qual desdita agourentava os mais bem combinados tentamens.

Aleixo Garcia não lográra tornar da sua jornada tão arrojada, que por muitos se considerou fabulosa. Pero Lobo perecera trucidado nas margens do Paraná em 1531 com toda a sua numerosa comitiva. A expedição de que fez parte o padre Aspilcueta Navarro em 1552 não teve exito. A galé do commando de Miguel Henrique, que Thomé de

Souza enviára a explorar o rio São Francisco, nunca mais tornára. Sebastião Tourinho, se logrou vêr a serra das Esmeraldas, não trouxe provas cabaes d'ellas. Antonio Dias Adorno, percorrendo os mesmos sertões, não logrou melhor fortuna. Sebastião Alvares, nos sertões de S. Francisco; Luiz Alves de Espinha nos dos Ilheos; Francisco de Caldas em Pernambuco; Diogo Martins Cão, por alcunha o Mata-Negros, e Marcos de Azevedo no Espirito Santo, representam outros tantos insuccessos.

Todavia, o seculo XVI, que findava sem poder revelar os thesouros do sertão, não legava ao novo seculo uma sementeira de descrenças ou de desanimo, como era facil de prever de tão repetidos infortunios. As pesquizas redobram.

João Coelho de Souza, antes de 1580, levára tres annos a percorrer os sertões das cabeceiras do Paraguassú e morrera em tão ingrata jornada, em sitio ignorado, legando a Gabriel Soares, seu irmão, o capital não de ouro, que o não logrou descobrir, mas de experiencia para novas e mais arrojadas tentativas do descobrimento.

Gabriel Soares, de posse dos roteiros que lhe deviam desvendar a elle os segredos das minas que o irmão não lográra explorar, parte para a Europa, vai á Côrte de Castella, solicita favores, promette compensal-os com valiosos descobrimentos, consegue mercês e beneficios, obtem, por fim, que lhe mandem dar armas, munições e gente e regressa ao Brasil.

Não foi, comtudo, mais afortunado o in-

clyto auctor do *Roteiro do Brasil.* Gabriel Soares, chegando á Bahia, depois de haver naufragado nas costas de Sergipe, retira-se para o seu engenho, á margem do rio Jaguaripe, a reunir gente, e toma socios para a empreza, que se lhe affigurava auspiciosa. Parte, emfim, penetrando nos sertões do Paraguassú pela vereda do mesmo Jaguaripe, cujo valle remonta até proximo das cabeceiras; passa pela serra do Guarerú, onde está hoje a povoação da Pedra Branca e ahi levanta uma casa forte; segue a atravessar o Paraguassú abaixo do logar onde se fundou mais tarde a povoação de João Amaro e ahi proximo levanta outra casa forte; envereda para o noroeste entranhando-se nas catingas ao oriente da serra do Orobó. Faz outra casa forte no meio d'estes sertões entre os Payayás e prosegue rumo do noroeste, atravessando o rio de Jacuipe e attingindo as cabeceiras do Itapicurú, proximo do logar onde, depois, se fundou Jacobina. Explora as serras comvizinhas, descobre indicios de ouro e prata na Pedra Furada, e, d'ahi, galgando a Chapada, penetra nas campinas altas do valle superior do rio do Salitre e por ellas vai até o Morro do Chapéo, cujos sertões põe-se a percorrer em todos os sentidos, quando a morte o colheu a elle e a mór parte da sua comitiva em sitio que ficou até hoje ignorado.

Dos despojos da mallograda empreza ficou para a Historia a vaga tradição que os annos engrandeceram e transfiguraram na mais famosa lenda de nossa Historia: *as minas de prata.* Melchior Dias Moréa, destemido sertanista das margens do Rio Real, ap-

parece, então, após oito annos de continuadas pesquisas pelos mesmos sertões, com esse lendario descobrimento, cujo segredo a ninguem jámais transmittiu. Solicitações, rogos, ameaças, prisões, nada o demoveu da resolução que tomára de não deixar passar a extranhos as glorias, as honras e beneficios que para si pedira em troco de seu segredo, uma ficção talvez, uma chimera, mas quem sabe tambem senão um segredo verdadeiro, que valia as mercês que a Côrte lhe negára?

E assim passaram á posteridade, como um enigma indecifrado, essas *minas de prata* de Roberto Dias (nome de um dos successores de Melchior); minas mais potentes que as do proprio Potosi, mais ricas que as de ferro de Bilbáo, e com as quaes se poderiam calçar todas as ruas de Madrid, segundo o asseverava o mallogrado aventureiro.

Era a prata o metal de estimação mais commum nestes tempos. A America, depois da conquista do Mexico e do Perú, tinha-a espalhado abundantemente por toda a parte. Alterosos galeões conduziam para a Europa todos os annos riquissimos thesouros. Estavam no auge da sua producção as minas de prata de Potosi, descobertas em 1542 no Alto Perú, e de que o Brasil se separava apenas por uma linha imaginaria.

D'ahi a crença geralmente espalhada de que a America Portugueza tambem possuia muita prata; e então pelos seus sertões se procuravam vestigios d'ella. Do ouro quasi que se não falava. As chronicas e escriptos do tempo, como contos imaginosos do povo, davam á prata maior valia. Toda de prata

era a encantada cidade Manóa, cujos reflexos á noite simulavam no céo a via lactea. Tambem de prata são as minas que ficaram para sempre um segredo do obstinado aventureiro descendente do Caramurú.

De prata são ainda as *serras resplandescentes* dos sertões de Porto Seguro e que se tornaram lendarias com o nome de *Itáberábussû.*

Eis como o historiador Gandavo nos conta a origem d'essa famosa legenda:

«A esta Capitania de Porto Seguro, diz o citado historiador, chegaram certos indios do sertão a dar novas de umas pedras verdes; que havia numa serra muitas leguas pela terra dentro, e traziam algumas d'ellas por amostras, as quaes eram esmeraldas, mas não de muito preço; e os mesmos indios diziam que d'aquellas havia muitas, e que esta serra era muito formosa e *resplandescente...*» Esta serra resplandescente que o gentio em sua lingua dizia *Itáberaba-oçû*, e que a corruptela em labios portuguezes transformou em *Taberaboçû* [1] e mais geralmente em *Sabaráboçû*, vai ser por todo o seculo seguinte o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle do S. Francisco, das quaes não poucas vararam os sertões em busca de Porto Seguro ou do Espirito Santo, d'onde lhes vinha a longiqua tradição da *serra das Esmeraldas.*

---

[1] Monsenhor Pizarro nas suas Memorias escreveu ainda *Tabaraboçú.*

A lenda de *Sabaráboçû* vai ter larga repercussão entre os mamelucos de S. Paulo. Começa aqui esse periodo das pesquisas sertanejas, de que a expedição de 1602, do commando de Nicoláo Barreto, é uma das primeiras e mais memoraveis, mas cujos feitos só se salvaram para a Historia nas notas de viagem de um aventureiro estrangeiro. Começa esse periodo das expedições longiquas para descerem indios para as lavouras ou para buscarem minas, cujos thesouros só um seculo depois de porfiadas tentativas se desvendam. Um seculo inteiro a bater os sertões atraz de uma chimera... [1]

A bandeira de Glimmer, de que temos um roteiro em latim conservado na obra de Piso e Markgraff, seria de certo uma das primeiras organisadas e levadas a effeito no tempo em que fôra nomeado Governador geral D. Francisco de Souza e o fôra com a recommendação da Côrte de investigar as minas que se diziam existir no Brasil. E' provavel que fosse elle quem promovesse essa expedição que teve logar em 1602; sabe-se d'outra parte que em 1599 o governador geral esteve em S. Paulo e ahi teve noticia do que corria acerca da serra de *Sabarabussû* (*Sabaroason* de Markgraff) e suas minas de prata. D'ella fez parte um hollandez, Wilhelm Glimmer, que vivia em S. Vicente e cerca de oitenta portuguezes. A bandeira seguiu pelas margens de Tieté, tomou o Parahyba depois de

[1] Dr. Theodoro Sampaio. Memoria lida no Instituto Historico de S. Paulo.

descer um affluente d'este, transpoz a serra da Mantiqueira e depois de cortar varios rios attingiu a região visinha do Alto São Francisco. [1] Gastaram-se nove mezes nessa expedição, que foi de todo infructifera.

Não era pouco, porém, haver-se já desvendado, com esta e outras aventuras que se seguiram devidas ao genio paulista, o segredo do sertão meridional, e em que vem afinal o descobrimento das minas conpensar os sacrificios anteriores.

—*Ouro!* foi afinal a exclamação desejada.

5

A escravidão vermelha

Depois que em 1615 os portuguezes expelliram os francezes da ilha do Maranhão, considerou-se indispensavel crear uma forte posição no Rio das Amazonas; pois desde quando **Francisco Orellana** no anno de 1541 descera esse rio, muitos e varios boatos se espalharam da grande população e das riquezas em ouro das terras adjacentes, e os hollandezes deram mostras de pretender conquistal-as.

Foi **Francisco Caldeyra** mandado do Maranhão

---

[1] Baseado na semelhança e ás vezes identidade do roteiro de Glimmer com o de Paes Leme e Fernão Dias (quasi um seculo posterior) o dr. O. Derby reconstituiu o itinerario como deixamos indicado.

no anno de 1615 e na errada convicção de que no *golfo de Goajará* estava a margem meridional do Amazonas, alli fundou no mesmo anno a cidade do *Pará*. Os occupadores acharam em florestas extensissimas muitas tribus de indios que se assignalavam por costumes brandos e pareciam favoraveis ao desenvolvimento da colonisação.

Naquelle tempo deviam os incolas primitivos representar o lugar dos, ainda raros, escravos negros na agricultura e em outros trabalhos corporaes; e conseguintemente procuravam os novos colonos estabelecer-se e fixar-se no meio dos indios, o que lhes assegurava serviço certo, pela astucia ou pela força. O systema de reduzir os indios a escravos, quando combatidos e feitos prisioneiros em combate, foi tão antigo no Brazil quanto os primeiros estabelecimentos dos portuguezes nas terras de São Paulo. Em verdade haviam os reis de Portugal reconhecido a liberdade dos indios, e principalmente foi por D. Sebastião no anno de 1570 e por D. Filippe II no anno de 1605 determinado em lei, que somente os antropophagos e os prisioneiros em guerra declarada pelo governo deveriam ser considerados escravos, e todos os demais gente livre, não devendo ser constrangida a trabalho algum contra a vontade; mas os colonos continuaram sempre na sua caça de escravos, e sabiam apresentar a escravidão dos indios como cousa propicia e até necessaria aos interesses da corôa, de modo que D. Filippe III, depois de haver feito uma lei de abolição da escravidão dos indigenas, revogou-a no anno de 1611, declarando não

só perdida a liberdade d'aquelles indios aprisionados nas condições já mencionadas, mas até auctorisando os colomnos a comprar aos indios os prisioneiros d'estes e aconselhando a creação de colonias correccionaes sob a inspecção dos brancos.

Consoante essas determinações legaes, entrou para os estabelecimentos portuguezes uma grande multidão de indios. A ambição de fazer fortuna com o trafico levou os mais emprehendedores dos colonos ao curso superior dos rios do Estado do Gram Pará, e contribuiu em verdade, por esse modo, para o conhecimento geographico do paiz.

Assim, emprehendeu **Manoel Pires** no anno de 1565 e 1567 duas viagens, uma até á embocadura do Rio Negro, a outra no ultimo rio por elle acima; e ao tempo que d'ahi trazia mais de mil indios para o Pará tomou posse de toda aquella região para a corôa portugueza. Logo em seguida foi posto na embocadura do Rio Negro um destacamento de soldados encarregados de apoiar n'aquellas terras o commercio de escravos *(Destacamento do Resgate)* e mais tarde lançou os fundamentos da Villa da Barra do Rio Negro, cuja fortificação se fez sob o governo de **Antonio d'Albuquerque Coelho** no anno de 1671.

D'aquella região foram arrastados os *Jurupixanas* ou *Juruunas* (rostos negros) raças varias aparentadas entre si, que se distinguem por uma mancha escura do rosto (*Malha*) de tatuagem, e ainda hoje em dia em que o seu numero mui significativamente diminuiu, são preferidos a outros como romeiros e bons trabalhadores. Quão consideravel

fôra o numero de indios do sertão, que eram trazidos pelo rio abaixo, pode-se avaliar do facto que d'uma feita mais de mil d'esses desgraçados foram expostos á venda no Pará.

Muitas vezes não occultavam os caçadores de gente a sua crueldade, e outra vez a coloriam por um perverso plano (que já havia agastado ao Padre Acunna) e que consistia em levantar cruzes nas visinhanças das aldeias indigenas e se essas não se achavam mais depois de algum tempo, consideravam-no uma offensa ao christianismo, servindo-se d'esse pretexto para a insidiosa guerra. Successivamente foram aqui e alli, como pontos de apoio do infame commercio, no sertão, e pelas margens do rio construidos fortes ou fazendas isoladas, e o trafico vermelho organisou-se de maneira semelhante ao do trafico negro na Africa. Onde porém os indios se contrapunham a esses começos de hostilidade, por astucia ou pela força, ahi terrivel e sanguinolento massacre se punha por obra em guerras de exterminio.

O reverendo Antonio Vieira, o jesuita voluntarioso, que tão convencida e eloquentemente defendeu o direito de humanidade dos indios, estimava na sua exposição ao Rei, em dous milhões o numero total dos indigenas do Estado do Gram Pará e Maranhão (que incluia a esse tempo tambem o Ceará e o Piauhy) e affirmava que os portuguezes nos primeiros quarenta annos da conquista d'aquellas regiões haviam destruido quatrocentas aldeias de indios. Ainda que a primeira d'essas affirmativas pareça muito exaggerada, pois André de Barros, outro escriptor jesuita, posteriormente

avaliava a população indiana apenas em duzentos mil, deve-se entretanto acceitar com segurança absoluta que aquelle terrivel e generalisado systema da escravisação indiana golpeou de profundas e ainda hoje sensiveis feridas a prosperidade do Estado do Pará.

Mais se enraizavam os interesses dos colonos portuguezes nesse trafico e mais viva contra elle era a reacção dos jesuitas; seus esforços generosos succumbiam, porém, ante as inclinações hostis da burguezia, e das outras corporações religiosas.

Tamanho era aquelle interesse que, quando apoz a Restauração de Portugal, el-rei D. João IV, no anno de 1652, quiz de novo instituir a liberdade dos indios, os governadores do Maranhão e do Pará viram-se coagidos a modificar aquella lei liberal, tolhidos pelo levante do povo. Foram expulsos da terra os jesuitas, e á frente até d'elles **Vieira** (1661) porque combatiam a caça humana illegal que, apoz essa expulsão, continuou com maior vivacidade.

Por terem nella vantagem os maiores potentados da terra, que eram justamente membros da camara, foi patrocinada sob a auctoridade municipal a *entrada* dos indios de commercio dados por prisioneiros de guerra *(Indios de resgate)* até o anno de 1679, em que foi renovada a prohibição do trafico vermelho, os jesuitas de novo repostos, e a elles entregue a administração e a cura dos indios, —medidas que francamente sempre eram altamente reprovadas pelo povo e mesmo pelas outras ordens religiosas.

D'ahi data para os indigenas um periodo

favoravel, pois os jesuitas fundaram numerosas aldeias onde muitas tribus de indios eram reunidas; procuraram ganhal-os pela brandura, civilisal-os e fazel-os occupar-se convenientemente com a lavoura dos generos alimenticios e artigos de commercio, — e lá achavam os indios um asylo contra a barbaria dos seus perseguidores. Começou-se d'ahi por diante a tratal-os melhor e tel-os em maior estima. Os indios viviam entre os jesuitas sob a condição de tutelados, ao que muito se prestava a sua indolencia. Em meia liberdade, e ainda proximos das mattas d'onde os tiraram e não coagidos pela civilisação das cidades, viviam elles commodamente assim em grandes agrupamentos e preferiam de muito essa morada ás dos brancos. Era-lhes permittido em parte do anno saírem fóra das aldeias; pelos trabalhos que faziam, com excepção dos que cumpriam para augmentar as provisões da communidade, eram pagos em objectos de casa, uteis ou necessarios ou em vestidos. Eram ensinados na religião christã e instruidos no pensamento de certos deveres para com o Estado.

Indisputavelmente era essa a condição mais favoravel aos indios, tanto para elles proprios como para os interesses do Estado, que de tempos a tempos por intermedio dos padres, requisitava para os ter nos trabalhos publicos, na remagem, nas péscas etc. Tambem outras ordens religiosas, principalmente a dos Carmelitas, tomaram parte por egual modo na civilisação dos indios e todas se enriqueceram pela diligencia d'elles; pois que sob a inspecção dos missionarios colhiam os

preciosos productos naturaes da terra que vinham desembarcar nos conventos.

Os jesuitas tinham grande numero de Missões taes, ao longo da costa da terra firme, na ilha de Marajó e no interior pelo rio Amazonas até o extremo limite da região portugueza, no *Rio Javary*. A situação das aldeias foi de florescimento até a extincção da ordem dos jesuitas, por cuja causa no anno de 1759 foram do Pará e Maranhão não menos de 112 jesuitas deportados para a Europa. **De La Condamine** que, pouco antes, no anno de 1741 visitou as missões ao longo do Amazonas, descreve-as como abastadas e mais prosperas que as hespanholas de Mainas. Os institutos jesuiticos passaram então a outras ordens religiosas. No anno de 1718, segundo **Berredo**, (*Annaes*, p. 322) existiam dezenove aldeias dos jesuitas, quinze dos capuchinhos, doze dos carmelitas e cindo dos Mercenarios.

Pombal, transviado tanto por informações falsas como pelo terror chimerico e arraigado odio contra os jesuitas, pela extemporanea expulsão d'esses, deu, sob mais de um aspecto, sensivel golpe nas importantes colonias de Portugal, e no que diz respeito aos indios, sem duvida alguma, preparou-lhes a ruina civil e aquella triste e irremediavel condição em que hoje em dia vemos a raça vermelha nessas terras.

6

O jesuita e o colono do norte

Depois dos infelizes acontecimentos que impossibilitaram a primeira colonisação, e da guerra dos francezes [1] e da iniciativa da insurreição contra a Hollanda, o *Maranhão* gozou d'alguma tranquillidade e novo impulso do seu desenvolvimento,

Pequenas questões de limites com os francezes estabelecidos agora em Cayenna e outros attritos de egual motivo com a Colombia e Perú nunca chegaram a caracter de relevancia.

Grande causa de perturbações, porém, foi como em quasi todo o Brasil a questão dos indios, em cuja protecção com as leis de Deus e do rei, gastaram os jesuitas toda a energia moral de que eram capazes. De modo nenhum queriam os colonos sujeitar-se aos principios de humanidade e liberdade que, ao menos a respeito dos indios, a religião e o governo civil tinham já adoptado, e mesmo só consentiram que os jesuitas se estabelecessem no Maranhão sob a promessa de não se envolverem com aquelle odioso problema. Muitas foram as leis que se decretaram ácerca da melindrosa questão, mas eram todas sophismadas quando não abertamente esquecidas. A lei de 1611 (que renovava os principios da de

[1] Assumptos já tratados, pag. 43-44 e 105-109.

1574) auctorisava a escravisação do indio turbulento preso em guerra justa ou o resgate do prisioneiro de outras tribus já condemnado, como era uso entre ellas, á morte. Essa lei favorecia os planos tenebrosos da escravidão — porque havia sempre pretexto para realisar o resgate e fazer a guerra e dal-a por justa; á sombra d'ella cresceram tanto os abusos que a lei de 1652 procurou extirpal-os prohibindo a escravidão e proclamando a liberdade dos indios.

Vimol-o já no capitulo antecedente, na legislação a respeito da raça opprimida.

Ao sabel-o enfureceram-se os colonos do Maranhão, já compromettidos em grandes emprezas e negocios. Quando o novo Governador Geral, Balthasar de Souza Pereira, publicou o acto, os colonos de S. Luiz levantaram-se em rebellião, e pegando em armas, reuniram-se na praça do Mercado. Para cohibil-os foi mister suspender a execução da lei. Identico tumulto houve em Belem e as duas cidades combinaram em appellar para o rei enviando procuradores a Lisboa.

Não era regular esse procedimento, que entretanto a auctoridade não sem vexame supportára com o fim de evitar maiores desacatos.

Foi nesse momento (1653) que desembarcou no Maranhão um homem extraordinario, grande defensor da raça opprimida, o padre Antonio Vieira, o orador maior e um dos mais habeis diplomatas do seu tempo. Abandonára os favores e valimento da côrte e contra a vontade do rei, para vir aqui com grandes esperanças satisfazer a sua vocação de mis-

sionario. Encontrou o Maranhão lavrado da discordia: «não ha aqui quem instrua, diz elle, mas ha todos que escravisam.» As perversidades e cruezas que então praticavam com o trafico eram inauditas, e a menor d'ellas, por menos afflictiva, era o assassinio. O primeiro sermão do padre Vieira em S. Luiz, concorrido pela curiosidade universal de ouvir o grande pregador que deliciava a côrte, marca o inicio da perigosa resistencia: «No nosso Evangelho offereceu o demonio (dizia elle) todos os reinos do mundo por uma alma; no Maranhão não é necessario ao demonio tanta bolsa para compral-as todas... Basta acenar ao diabo com um tujupar de pindoba e dous tapuyas e logo está adorado com ambos os joelhos. Oh que feira tão barata! Negro por alma e mais negra ella que elle! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver; e a tua alma será minha escrava por toda a eternidade, emquanto Deus for Deus. Este é o contracto que o demonio faz comvosco!» Pouco a pouco Vieira mostra a perdição eterna dos homens que reteem e não restituem as liberdades alheias; allude á lei do monarcha annunciada pelos tambores e agora a da religião pelas trombetas da fé.

O effeito foi extraordinario. O governador, os colonos e os padres todos se ajuntaram para compor um accordo ácerca da escravidão dos indios; e cada um dos que retinha em casa escravos, envergonhados do crime, os restituiram á liberdade.

Mas foi ephemera essa impressão sentimental, e Vieira, grande conhecedor de homens, bem o percebeu. Sem poder destruir a

escravidão, tratou de humanisal-a, promovendo o plano de deixar aos indios do serviço domestico a opção pela liberdade e agrupar os do interior em missões e aldeiamentos, que até então não existiam ahi, e como servos do Estado podiam ser cedidos aos colonos por tempo certo e mesquinho salario.

Evitava-se de tal modo o enraizamento do principio nefando e abria-se uma porta á redempção do velho abuso.

Esta obra, precaria diante da dissolução dos costumes, abateu com um golpe dado pelo rei, que ignorando os successos da prégação recente, attendeu aos procuradores de Belem e S. Luiz. Todo o trabalho de Vieira ficou assim inutilisado.

Não descançou porém o missionario na sua obra de philantropia, e logo poz em acção a eloquencia propria e o influxo que exercia na côrte. Embarcou para Lisboa e, com a habilidade e recursos proprios, obteve do rei a lei de 1655 que favorecia a sua propaganda, e entregava a Vieira a direcção da reforma que nella se continha; mais ainda, a essa lei e por pedido de Vieira seguia-se a nomeação de André Vidal de Negreiros, o heroe da guerra pernambucana, para governador do Maranhão, com o qual contava reduzir os colonos a obediencia. André Vidal, homem religioso e leal, era um enthusiasta dos projectos do celebre jesuita.

Voltou Vieira para o Maranhão, onde encontrou já o novo Governador do Estado. A acção combinada de ambos não poude comtudo desarraigar o entranhado abuso. Senhores de escravos eram todos, funccionarios,

juizes, padres e religiosos, só com excepção dos jesuitas; todos os crimes neste particular eram absolvidos, e por muitos, incitados. Fazia-se pois do pio proselytismo uma arma de combate contra os jesuitas. E contra elles, não hesitaram em empregar a força.

Os jesuitas tinham-se estabelecido no Gurupá (Amazonas) d'onde dirigiam as missões no interior; para livrarem-se da visinhança incommoda, uma vez os rudes caçadores de gente fizeram embarcar á força os padres que ahi estavam e os recambiaram para Belem. O governador, é certo, castigou os desalmados e baniu-os do Maranhão; mas o castigo por frouxo e vacillante, longe de intimidar, excitára a colera dos correligionarios.

Nesse meio tempo (1665-1669), a obra das missões produzia os seus fructos. Os indios de Marajó, outr'ora duramente perseguidos, nas suas umbrosas aldeias recebiam agora sem rancor a civilisação; a conversão irradiou de Belem pelo Tocantins, de Gurupá pelo Xingu e Tapajós acima; outras missões numerosas foram povoando o extensissimo curso do Amazonas. Na região oriental do Estado, no Camocim e na serra de Ibiapaba pela primeira vez ouviu-se o Evangelho nos aldeiamentos das tribus, agora entregues á agricultura e á paz.

Poderia de certo Vieira orgulhar-se da santa empreza!

Os colonos submettiam-se de mau grado, sabendo que Vieira exercia grande poderio no animo de D. João IV. Com a morte do regio protector (1656) e a sahida de Vidal de Negreiros, animou-se a audacia dos descon-

tentes, cujo numero avolumou com o novo curso das cousas. O senado de Belem punha-se á testa dos escravistas e numa carta a Vieira insinuava as excellencias da escravidão. Nomearam-se novos procuradores para representar ao novo rei sobre a eterna pendencia.

Foi quando um monge vindo de Lisboa, de má fé tornou publicas algumas cartas particulares de Vieira, onde se pintavam com côres negras mas exactas as miserias moraes da colonia. Então o povo, açulado pelos detractores dos jesuitas, levantou-se em grande tumulto, que o governador não soube reprimir, e arvorando-se com os seus tribunos ou *juizes*, que escolheu tumultuariamente em soberana auctoridade, assaltou e destruiu o collegio dos jesuitas, prendeu e deportou a todos os padres da companhia. O padre Vieira, nesse momento em Belem, quiz deter a obra satanica dos revolucionarios, mas debalde; não foi ouvido; antes maltratado e preso, foi banido perpetuamente do territorio.

Caíu então o Estado em anarchia chronica, a que dava ainda maior realce um ou outro momento de tranquillidade obtida á custa da degradação do governo diante do juiz do povo, logo escolhido, ou do Senado da Camara. Vieram de novo os jesuitas mas sem garantias e sem o poder de intervenção, no que os colonos chamavam por euphemismo os negocios leigos, para encobrir com aquella obnoxia expressão a licenciosa immoralidade.

7

O colono e o jesuita no sul

Ao abrir-se o seculo XVII a questão capital para os paulistas é a escravisação dos indios que, como ao norte, tambem abrasava o sul.

Nessa era chegava ao auge. Não podiam supportar os agricultores e colonos a presença de tantos indios nos aldeiamentos dos jesuitas e aos quaes com um simples aceno de força poderiam coagir ao trabalho senão escravisar totalmente. Sob perfidos pretextos procuravam attrahir os indigenas regulando salarios ou outras recompensas; mas os jesuitas percebendo bem o alvo que visavam e que um resto de escrupulos fazia mascarar com a apparencia de bons propositos, sempre se oppunham aos planos da desleal má fé do colono. Organisaram-se então com desusado apparato as grandes caçadas de indios, os *descimentos* a ferro e fogo de centenas e milhares de escravos que, arrancados á liberdade nativa em grande parte, desappareciam pela morte voluntaria ou manchavam-se em vinganças sanguinolentas quando escapos aos mercados de S. Paulo e Rio.

A Companhia de Jesus reclamava e embalde, embora só pedisse o cumprimento das leis. Em breve, as terras de S. Paulo, com as suas florestas vascolejadas até os infimos esconderijos, ficaram desertas e tornou-se for-

çosa aos conquistadores a exploração extrema, do sul até o Paraná e do norte em mais largo ambito ainda não percorrido.

Na direcção do sul, porém, vieram os paulistas a encontrar-se de novo com os seus eternos antagonistas; os jesuitas hespanhoes já dominavam com suas missões os rios Paraguay e Paraná; ahi já floresciam duas povoações hespanholas, a *Cidade Real de Guayra,* na foz do Piquiry e *Villa Rica,* no Ivahy, entre as quaes estava a região semeiada de missões prosperas, alegres e numerosas de indios. Exasperados ficaram os paulistas ao vêr nessas aldeias o eterno estorvo da infame caçada e o asylo agora concorrido da raça perseguida, que as procurava como um sanctuario, onde estaria seguro abrigo contra a onda escravista. Os escrupulos antigos quanto aos aldeiamentos de S. Paulo, que a bandeira necional protegia, agora já não tinham mais razão de ser para os caçadores. Guerreiavam estes de *motu proprio* e sem o conselho mas com sciencia das auctoridades e mesmo contra as antigas ordens reiteradas do governo contra o trafico. A questão foi exclusivamente voltada contra os jesuitas que os colonos hespanhoes, tambem conniventes, por identicos motivos não se dispozeram a defender. Anno a anno, expedições paulistas se organisavam para aniquilação successiva da serie de missões do Paraná; a primeira ameaçada foi a da Incarnação, 1628; nas cercanias d'esta e de outras eram capturados os indios que acaso sahiam fóra dos reductos.

Em 1629 partiam mil paulistas e 2 mil in-

dios, alliados sob o commando do famigerado escravista **Antonio Raposo.** Abandonados do governo paraguayo, os jesuitas só contavam comsigo proprios, quando chegou precedida de impia fama a numerosa expedição paulista, e exigiu da missão de Santo Antonio a entrega de um prisioneiro que fugindo do comboio dos escravos nella se havia asylado... O Padre Mola, que dirigia o aldeiamento, respondeu que um homem livre e sob a protecção do Rei não podia ser entregue á escravidão.

Fôra o bastante. Na manhã seguinte caíram de chofre em bandos os paulistas sobre a missão; rogos e supplicas dos padres não os demoveram da carnificina, de que ainda escaparam os fugitivos; e sobre os cadaveres dos que resistiram viu o Padre Mola, os olhos rasos de lagrimas, ruir com fragor as ultimas cabanas que o incendio consumia.

Já consumada a destruição, e quando ainda fumegavam as aldeias destroçadas, partiu o lugubre prestito dos vencidos — homens, mulheres e creanças, sob o açoite dos conquistadores.

Assim queimaram mais tres missões do Paraná. Entretanto, seguindo o rasto dos escravistas, amparando os moribundos abandonados e apanhando os indios que caíam desfallecidos na marcha, vieram dous jesuitas, os Padres Mansilla e Manseta, testemunhas do abominavel successo, pedir justiça ás auctoridades civis de S. Paulo e do Rio, que, conniventes, não acharam mais que as boas palavras da resignação e da paciencia, para lhes desfazer o aggravo.

Desolados com a inutilidade e desproveito de suas queixas, partiram os padres para a Bahia, onde os ouviu o Governador Geral, o Conde de Miranda; impossivel era restituir os escravisados já vendidos e dispersos, todavia ordenou uma devassa. Mas ao voltarem os jesuitas a S. Paulo, maiores desacatos os esperavam da parte da colonia impenitente; foram presos pela populaça amotinada e enfurecida; o commissario da devassa ordenada aterrorisou-se e fugiu. Os dois jesuitas, uma vez soltos a pedidos e rogos dos seus irmãos do Brasil, voltaram sem outra consolação que a de ter cumprido até o extremo o dever que lhes dictára a consciencia.

A impunidade dos paulistas persuadiu-os a continuar na obra satanica; todas as regiões habitaveis foram batidas e dentro em pouco das missões do Paraná não restavam mais que desoladas ruinas. Mais tarde vieram ás mãos com os hespanhoes das duas cidades, que tiveram o mesmo destino, e assim toda essa região, embora deserta, foi incorporada a S. Paulo e portanto ao Brasil pela inulta conquista.

Não descançaram os jesuitas nem pozeram á margem a causa dos indios, e tanto menos quanto os paulistas, insaciados com a região que haviam já expurgado, faziam grandes correrias até o Uruguay.

Cançados das soluções timidas e indecisas dos governos da colonia, dirigiram-se directamente Ruiz de Montoya a Philippe IV, em Madrid e Diaz Tanno ao Papa Urbano VIII, em Roma; os dous soberanos renovaram e revigoraram as leis e bullas já dadas contra

a escravisação dos indigenas, fazendo-as extensivas á região do Prata. No Rio de Janeiro a victoria dos amigos do selvagem excitou extranha colera; os escravistas amotinados assaltaram o collegio dos jesuitas e estes seriam mortos naquelle momento se não fosse a intervenção do governador, que prometteu alcançar dos padres o não se intrometterem nas questões dos agricultores e mercadores de escravos.

Ainda peior succedeu em S. Paulo, foco de taes desregramentos. A bulla de Urbano VIII, quando lida em publico pelos jesuitas, levantou a população dos colonos em grande e formidavel tumulto, que acabou por arrancar da residencia os padres e expellil-os da terra (1640); a intervenção do governo conciliador do Rio veio exacerbar os animos sem proveito para a concordia commum.

Nesta data havia Portugal restaurado a monarchia portugueza, noticia auspiciosa para toda a colonia, mas que foi recebida com frieza e absoluta indifferença pelos paulistas. Eram já estes uma raça differenciada pelo mestiçamento e pela heterogeneidade de outros povos adventicios, de modo que o *lealismo* á corôa portugueza era nelles um sentimento desconhecido e talvez mesmo antipathico. Para tal estado de espirito contribuiam as liberdades de acção que haviam por innata ousadia conquistado e ainda os recentes successos que os traziam desgostosos da acção moralisadora dos jesuitas e do Estado. Parece que pensaram, nessa crise, em se tornar independentes e em constituir um reino (antes e de facto, uma republica aristocratica),

pelo que escolheram um rei em Amador Bueno, lavrador rico e estimado, de origem hespanhola, aparentado com as familias mais importantes da terra e que gozava de extensa popularidade. Os povos, com grande alarido, acclamaram-no; elle não ousou, porém, acceitar a corôa que lhe offereciam. Com a sua obstinada recusa, foram-se apagando as velleidades da revolução separatista e acabaram todos acclamando D. João IV.

Continuou, não obstante, a anarchia, porque a força do Governo do Rio, apenas limitada ao littoral, não tinha meios de galgar o então quasi invio declive que o separa do planalto de S. Paulo; teve que *tratar* com os poderosos representantes de S. Paulo e dobrar-se ás exigencias d'elles, não sem injuria do decoro de sua nominal auctoridade. Os paulistas comprometteram-se a obedecer ás ordens d'el-rei, mas reservavam-se o direito do que elles proprios faziam questão: a exclusão dos jesuitas e a regulamentação do que dissesse respeito aos indios. Ganharam assim grande mas bem triste victoria.

Certo, esses resultados eram provisorios e de Lisboa é que dependia a ultima palavra. D. João IV restabeleceu os direitos conculcados dos jesuitas (1643), mas tão difficil fôra restabelecel-os que só de facto dez annos depois poude a companhia rehaver, já amortecido e quasi nullo, o seu dominio nas terras paulistas.

8

A escravidão negra

A escravidão negra começou com os descobrimentos portuguezes na Africa. Foi um portuguez, Gilianes, o primeiro que aprisionou nas Canarias alguns homens, que escravisou e trouxe a vendel-os na Europa; o principe Henrique, extranhando essa crueza, mandou que o aventureiro os restituisse á patria d'onde foram roubados. A ousadia do pirata, porém, foi logo despertando a cubiça de outros; a lugubre aventura encontrou defensores e foi logo largamente imitada. Em 1442 Antão Gonçalves aprisionou varios mouros da Costa do Ouro e só os restituiu e resgatou a troca de escravos negros, em numero de dez, os primeiros que lavraram o solo europeu.

Começou assim o infame commercio. Muitos theologos e doutores justificavam essa maldade que, parecia-lhes, era o castigo predestinado á raça de Cham e um beneficio feito á barbaria irreligiosa e perdida para a fé e para a civilisação. Desde logo, quando descoberta a America, foram nella em 1501 introduzidos os escravos negros, a pedido de Nicoláo Ovando de Hispaniola. A experiencia demonstrou quanto se devia preferir o negro activo e submisso ao indio indomavel e indolente. Os proprios theologos defendendo com Las Casas a liberdade dos indios, ao mesmo tempo eram indifferentes ou aconselhavam a escravidão africana.

As importações da Inglaterra excediam as exportações portuguezas em cerca de *um milhão esterlino*, pago em ouro do Brasil, porque a Inglaterra não recebia productos (assucar, tabaco, etc.), que tinha nas suas colonias. O cambio de Lisboa cahiu 15 % com esse desequilibrio; as casas inglezas em Portugal tomaram conta do commercio interno. As *frotas do Brasil*, das Companhias de Commercio *são inglezas* de facto, ainda que não *figurem nomes senão portuguezes*. Calcula-se em *2 biliões e 400 milhões* de francos *o ouro* exportado do Brasil, no periodo de 60 annos que se seguiram á descoberta das minas, somma que passou quasi toda aos inglezes, porque em Portugal a circulação apenas era de 15 a 20 milhões e o paiz devia 72.

Foram pois as minas de ouro do seculo XVIII, isto é, as minas do Brasil que, quanto podiam crear, crearam a prosperidade actual da Inglaterra.

Por essa razão é que o monopolio do seculo passado não resuscita uma nova Hollanda nas nossas praias. Desde que o ouro emigra para a Inglaterra, para que a conquista? A herdeira do dominio hollandez nos mares não havia mister de taes esforços.

Pombal tentou deter, no declive extremo, a decadencia do poderio commercial portuguez; mas as medidas auctoritarias de que lançou mão, vistas num tempo como o de hoje, parecem menos despoticas do que erroneas; justifica-as, emtanto, o patriotismo do grande estadista e a ignorancia coeva nas questões economicas.

Nos primeiros tempos, o Brasil tinha um

commercio relativamente livre de peias; o estrangeiro, sob certas limitações, podia estabelecer-se nas povoações e em 1579, entre Santos e Londres, abria-se o commercio livre que cessou todavia dentro em pouco.

Com o dominio hespanhol começou o regimen fortemente exclusivista.

Voltando a considerar o regimen colonial, a exemplo da Hollanda, Portugal resolveu crear eguaes companhias do commercio, que assegurando o monopolio estavam pelo numero dos seus navios mais aptas para a defeza das mercadorias atravez dos mares e em condições de perseguir o contrabando e as fraudes do commercio livre.

A *Companhia geral de Commercio*, foi instituida em março de 1649 para durar por vinte annos e, acabados elles, por mais dez se fosse isso desejo dos que a compunham. Recebeu por armas a esphera armillar de Dom Manuel. Devia mandar ao Brasil por anno duas esquadras de comboy, composta cada uma de dezoito navios de vinte peças pelo menos.

A companhia era formada de accionistas dos quaes nove eram deputados ou directores e os que possuiam nella empregados dez mil cruzados tinham o gozo de immunidades e privilegios e isempção e independencia dos tribunaes, ficando apenas sujeitos ao parecer da corôa. Podia a *Companhia* alistar tropas de mercenarios e até officiaes do exercito real. Todas as mercadorias embarcariam nos seus navios, tanto a exportar como a importar, pagos os premios de transporte regulados de ante mão. Em especial, porém, só a compa-

nhia podia vender na colonia os generos de grande consumo como o vinho e outros; a esse privilegio juntara outro, iniquo, de prohibir no Brasil o preparo de generos que podessem lesar, por substituição, as vendas privilegiadas. Assim prohibiram o *vinho de mel* (a aguardente) o que excitou grandes reclamações que afinal triumpharam da iniqua prohibição. Era essa a bebida da gente pobre e dos escravos e tinha nos engenhos largo consumo. Os quatro *generos estancados* eram *farinha de trigo*, *vinho*, *bacalhau* e *azeite*. Excepto o vinho, não tinham, de facto, succedaneos na colonia e eram ao demais de preço fixo.

Substituiu-se assim o antigo monopolio da metropole pelo monopolio de uma sociedade particular que reduzia os productores e consumidores brazileiros a perfeita escravisação. O mesmo fez a Inglaterra com a sua colonia do norte da America, e se nella não cobrava impostos directos tambem não pagava os serviços da religião nem da administração. O monopolio portuguez era muitissimo mais suave, sem embargo dos vicios e prejuizos que trouxe comsigo.

Houve grandes abusos nesse monopolio e deram origem a motins que no momento opportuno registraremos. Logo no começo a Companhia, sem dados estatisticos, calculou mal o consummo da colonia e provocou uma grande carestia de viveres essenciaes.

A guerra da Hollanda ainda durara por esses tempos mais dous annos e o inimigo tomara 37 navios da empreza; isso fel-a, sem

duvida, aggravar as condições do monopolio para resarcir pela extorção o que pelo infortunio perdera.

Não foram melhores as outras companhias que mais tarde se crearam, no tocante ao regimen de excepção. Mas á *Companhia do Grão Pará e Maranhão*, do tempo de Pombal, instituida em 1755, attribue-se a prosperidade real das capitanias de que trazia o titulo; attribuição feita com pouca justiça e criterio porque essa prosperidade proveio da guerra da independencia da America; o Maranhão tornou-se o emporio do algodão. [1] Ainda nos confirma nesse parecer o facto de que a *Companhia de Pernambuco e Parahyba*, fundada quatro annos depois, tanto mal causou que, como a outra, foram ambas extinctas.

10

Rebellião contra o monopolio. Bekman.

A *Companhia do Commercio do Maranhão*, que tinha o monopolio da exportação e importação, logo depois de ser fundada (1682) tornou-se antipathica ao povo, a quem servia mal e abusivamente.

Resolveram os colonos reagir contra o monopolio odioso e, amotinados, acharam um

---

[1] O mesmo facto deu-se no seculo actual com a guerra da *secessão*, que creou a prosperidade ephemera da industria do algodão em varias provincias.

chefe na rebeldia de Manoel Bekman, homem de espirito bem dotado, grande e rico proprietario, que já por velhos motivos se achava desavindo com o governo colonial.

Ahi nas suas terras celebraram os rebeldes reuniões secretas destinadas a subversiva propaganda e d'onde escreviam cartas e boletins adrede espalhados afim de accender a revolta por todos os pontos. Encontraram sectarios mesmo no pulpito, onde se aconselhou abertamente a sedição.

Assim se foi preparando a indisciplina que o mal estar do momento aggravava.

Quando já não era mais discretamente possivel contel-a, appareceu em S. Luiz Manoel Bekman com mais de 60 cumplices e aproveitando a presença do povo numa procissão religiosa que se fazia na noite de 24 de Fevereiro (1684), formou uma grande reunião popular que se postou ameaçadoramente diante das portas da cidade, em frente ao claustro de S. Francisco.

«A duas cousas, dizia Bekman em inflammado discurso, devemos pôr termo — aos jesuitas e ao monopolio, afim de que tenhamos as mãos livres quanto ao commercio e quanto aos indios. Depois mandaremos um procurador a El-rei.»

A' questão do monopolio juntava-se pois essa outra incandescente da escraviação dos indigenas, que a cobiça do colono fomentava.

Apenas uma só voz, no momento em que Bekman falava, com grande risco, protestára, mas fôra suffocada pelos applausos ao agitador. Um dos presentes, Manoel Serrão de Castro, desembainhando a espada: «Agora

ou nunca, é o tempo de agir,» disse. Todos lhe seguiram o exemplo.

Foram logo presos o governador e auctoridades civis e militares; a guarnição adheriu ao tumulto e todos os fortes e a cidade cahiram em poder dos revolucionarios.

Em seguida constituiram uma Junta com representantes, dois de cada classe: — clero, nobreza e povo, — a qual immediatamente decretou a abolição do monopolio, o banimento dos jesuitas e a deposição das antigas auctoridades, medidas todas sanccionadas pelo vozear da populaça e festejada emfim por um solomne *Te Deum* na cathedral.

O governo executivo da revolução coube a tres nobres, auxiliados por funccionarios e assistidos por dous *Procuradores do Povo* que eram como os tribunos da plebe antiga. Um d'estes fôra o proprio Bekman, que ganhara grande prestigio sobre a massa popular e a dominava á vontade, de modo que era afinal o agitador aquelle que governava a todos.

O proprio governo do Pará, onde já haviam chegado alguns emissarios da revolução, teve que ficar inactivo, e deu-se por contente em preservar a sua capitania do contagio da rebellião, tomando o compromisso de representar officialmente contra o monopolio. Todavia, para não assistir ao espectaculo sem precaver-se do perigo proximo, enviou negociadores, que arriscadamente se approximaram dos rebeldes. Um destes intermediarios propunha a Bekman vantagens especiaes, amnistia completa, honras e empregos, e 4000 cruzados, se depozesse as armas;

o agitador respondeu-lhe altivamente que se retirasse, sem perda de tempo, da cidade.

No fim de algum tempo muitos, atemorisados, queriam que se voltasse á submissão legal. A revolução não realisara as esperanças dos seus proceres e nem a alentava a sympathia vulgar que taes golpes de audacia soem despertar. Foi reintegrado no posto o commandante militar da cidade, Miguel Bello da Costa, que dispondo da força mais disciplinada, com a debandada dos patriotas, se tornou agora o arbitro da situação, sem atrever-se comtudo a dar decisivo golpe no governo revolucionario, que assim se protrahiu até o anno seguinte.

Havia emfim chegado a Lisboa a noticia da rebellião, e temeu-se alli que os maranhenses se atirassem aos braços dos francezes de Cayenna, em occasião que não seria desprezada por Luiz XIV, que desde longo tempo ambicionava a posse do valle do Amazonas. Fizeram-se logo, em Lisboa, preparativos de soldados e navios para a expedição restauradora da lei, e cujo commando coube ao experimentado guerreiro e estadista Gomes Freire de Andrade.

Pouco teve a fazer contra a revolução, que já estava por assim dizer dissolvida e desmoralisada. Um anno de governo é sempre demais para um regimen revolucionario; promessas e ambições, que o tumulto e a anarchia favoreceram, agora mal satisfeitas ou desenganadas, pediam a volta da ordem legal. Gomes Freire, ainda nas aguas do porto de S. Luiz, foi informado d'esse estado de

ruina do malsinado governo, e desassombradamente fez desembarcar as tropas, que se apossaram dos fortes e tiveram logo a adhesão da guarnição e do povo, que assistia impassivel ao desembarque.

Gomes Freire era um homem benevolo e tranquillo e estava disposto a só agir contra a multidão em caso de resistencia armada. A resistencia em que antes se pensara para obter-se ao menos a amnistia, não se realisou e antes a adhesão foi universal. Bekman e os mais compromettidos fugiram.

Gomes Freire proclamou o perdão a todos, excepto aquelles aos quaes não lhe era possivel perdoar. Um tribunal extraordinario julgou os culpados, condemnando-os ao banimento ou á prisão, e á morte os mais compromettidos, Manoel Bekman e Jorge de Sampaio. Bekman, refugiado nos mattos, foi preso pela delação infame de um seu afilhado e protegido, que mais tarde teve morte violenta garroteado numa moenda.

Os bens de Bekman foram confiscados; mas na hasta publica foram arrematados por Gomes Freire, que os restituiu á viuva e aos orfãos do desventurado.

11

A rebellião da Bahia

Em 1682 houve grave tumulto na cidade do Salvador.

O governador geral, Antonio de Souza Menezes, homem leal e de boa fé deixou-se

levar pelo alcaide-mór (commandante militar) Francisco Telles de Menezes, pessoa que por seu despotismo e abuso de força excitou logo a antipathia e o rancor dos povos, e por um dos seus desaffectos, senão victimas, foi publicamente assassinado.

O assassino, lisongeado e cercado de povo asylou-se no convento dos jesuitas. Não podia o Governador tolerar que tal crime se désse e contra um alto magistrado, valido seu. Mas logo confundiu a boa razão com a colera irreprimivel e commetteu grandes desacatos, prendeu varios jesuitas com abuso e maus tratos e tornou diante do Rei a companhia como responsavel d'aquelle homicidio. Fez deter, no acto da missa, homens das mais illustres familias da cidade como complices, mandantes e conniventes no crime, demittindo-os ao mesmo tempo de empregos ou dignidades se os tinham; tudo sem processo e arbitrariamente. As prisões ficaram cheias e os perseguidos e o senado da camara enviaram queixas ao rei pela frota real, que partia do porto d'esta vez levando *mais queixas que caixas* (de assucar) segundo um dito do tempo.

Depois de alguns mezes, não podendo conter-se em paz diante de tamanho abuso, ia a cidade levantar-se em revolução quando, para felicidade de todos, aportou á Bahia o novo governador geral, o Marquez das Minas, que conseguiu restabelecer a concordia.

Novos tumultos em 1712 agitaram a cidade no momento em que as duas outras grandes capitaes do Brasil soffriam os horrores da guerra: *Pernambuco*, a guerra civil dos mas-

cates, e o *Rio*, a invasão de Du Gay Trouin. Esses successos haviam despertado a prudencia do Governador geral, que entendeu pôr em estado de defeza as fortificações e constituir uma esquadrilha de cruzadores. Para obter o dinheiro necessario a esses preparativos lançou um imposto de dez por cento *ad valorem* nas materias de importação. A imposição foi mal recebida pelo commercio, que via nella um gravame, não provisorio mas perpetuo; e quando o novo governador, Pedro de Vasconcellos e Souza (1711), a poz em execução, a rebellião manifestou-se. Um ajuntamento tumultuario elegeu um **Juiz do Povo**; os sinos tocaram a rebate e logo foi o palacio do governo cercado de todos os lados da multidão que clamava em alarido infernal cada vez mais ameaçadoramente e mandava uma deputação, e á frente d'ella o *Juiz do Povo*, para bradar justiça. Pedia-se a abolição do iniquo imposto, inclusivè a revalidação do antigo preço do sal (que era então parte do monopolio real). O governador, Pedro de Vasconcellos, affectando serenidade, pois estava intimamente irritado, respondeu que não podia satisfazer a vontade dos queixosos e que não fazia mais que cumprir as ordens d'El-Rei. Essa resposta, talvez por inesperada, ainda augmentou a exacerbação dos rebeldes, que resolveram, com as proprias mãos e á força, fazerem-se justiça; dirigiramse ao contractador do monopolio do sal, cujo domicilio foi varejado; saqueiados os cofres e gavetas, que abriram, ao que se seguiu a demolição do predio, que abateu entre as vozearias da canalha amotinada. A familia do

infeliz contractador, como elle innocente, logrou escapar á furia indecorosa da ralé.

Para aplacar esses desvarios sahiu o piedoso arcebispo com o S. S. Sacramento sob o pallio até o lugar do conflicto, onde todos, como de costume, se aggregaram á procissão; mal fôra deposta na sua custodia a sagrada hostia, voltou de novo da egreja a turba ignara com os antigos instinctos de anarchia a sitiar o palacio do governador que, vendo-se coagido, capitulou, ordenando por escripto quanto exigiram e a amnistia para todos. Cessou assim o tumulto.

Mas não estava tudo acabado. A demagogia, exultando com a recente victoria, de novo rugiu na praça publica e exigiu tumultuariamente do misero governador que enviasse uma frota para a restauração do Rio de Janeiro, invadido pelos francezes. Os rebeldes retomavam assim, e por conta propria, o plano que dias antes fôra dado como origem do tumulto. Embalde retorquiu o governador que não tinha meios nem dinheiro; indicaram-lhe os thesouros dos claustros, que depois o commercio honradamente restituiria. Submetteu-se o governador; mas neste interim veiu a noticia de que os invasores já haviam evacuado o Rio de Janeiro.

Com essa experiencia ficou provado que a concessão liberal dos *Juizes do povo* tolhia e muitas vezes annullava a acção do governo. Era proprio d'este tribunato revolucionario agitar as baixas paixões do vulgo e nellas fundar o seu unico prestigio. Foi por isso abolido (1712).

12

As minas

Diz um grande geographo, Peschel, que foi o ouro ou a illusão do ouro que povoou quasi toda a America. As colonias francezas e inglezas do norte no seculo XVI desappareceram litteralmente pela fome e apenas o commercio de pelles e o tabaco no seculo seguinte salvou a civilisação anglo-saxonia da inteira ruina na America.

A tão rude destino não ficou sujeito o Brasil; bastaria a agricultura dos tropicos para alimentar a civilisação até que o ouro fosse descoberto; todavia sempre foi a imaginação do precioso metal o alento que amenisava a melancholia dos expatriados.

O thesouro, comtudo, que foi o sonho de todas as gerações dos primitivos colonisadores, só veiu a revelar-se dous seculos depois da conquista.

Um seculo antes do esperado milagre já se havia o governo apparelhado para assistil-o. Foi de 1608 a 1617 separado do norte o governo do sul e o primeiro governador, D. Francisco de Souza, trazia o pomposo titulo de Governador e Intendente das minas.

Em Madrid elaborara-se já com grandes minucias o *Codigo mineiro* que havia de regular a situação da especulação futura; já

tinha a côrte hespanhola a experiencia de eguaes maravilhas como as do Mexico e Perú, que tanta ambição e tumulto despertaram. [1] Entretanto annos, lustres e decenios decorriam marcados de continuas decepções; *entradas* e *bandeiras* batiam as solidões sertanejas trazendo enganosos minerios que provados á analyse nada revelavam de preciosos.

Em verdade, achou-se o ferro abundante em S. Paulo e um pouco de ouro, raro, na mesma capitania; as lavagens do ouro d'ahi e do Paraná, que foi logo por todos os recantos explorado, quasi nada produziam e reclamavam sacrificios que não eram compensados. Caíram pois no olvido.

A esperança, porém, de novos descobrimentos fortaleceu-se com esses primeiros e raros indicios, e varios decretos de 1670 e 1694 davam grandes promessas aos descobridores, titulos de nobresa e uma das tres ordens de cavallaria, afóra outras vantagens. Ha noticias de pelos meiados do seculo XVII haver um certo Marcos de Azevedo subido um rio, que se suppõe o Rio Doce, com um unico camarada e ter trazido d'aquellas invias paragens muitas esmeraldas e prata; não querendo fazer revelações teve que soffrer trabalhos, foi preso e morreu na prisão sem communicar o segredo. O governo, reconstruindo o roteiro de Azevedo por noticias va-

---

[1] O *Codigo mineiro* elaborado em 1603 (Filippe III) ficou na cancellaria de Lisboa até 1619, quando foi expedido; só se tornou publico no Brasil em 1652.

gas, commandou a Barbalho Bezerra uma expedição; mas Bezerra logo falleceu emquanto se discutia o emprehendimento. [1]

Um ricaço de S. Paulo tomou a si a exploração regular do interior; a elle se deve o conhecimento do vasto sertão das Minas Geraes, como ao depois se chamou. Era este homem já maduro porém de animo juvenil, **Fernando Dias Paes Leme**, experimentado em emprezas de egual ordem como eram as *bandeiras* de caça aos indios. Apoz a morte de Bezerra, resolveu pessoalmente e á propria custa organizar a empreza de descobrimento, pelo que o Governo lhe concedeu por antecipação (1672) o titulo de Capitão-mór das minas de esmeraldas. No anno seguinte partia a bandeira de Paes Leme (1673) para longa e extrema jornada; de espaço a espaço lavravam plantações e formavam estações que deviam ser intermediarias entre o termo da expedição e o ponto de partida. Depois de penosas marchas attingiram a *terra deserta (Hyvituyahy)* entre as cabeceiras do Rio Doce e do S. Francisco, no logar que é hoje o Serro; ahi fez quartel o aventureiro e por quatro annos destacou sortidas para todos os

---

[1] *Entradas* houve anteriores a esta como a de *Francisco Bruza de Spinosa*, que explorou a região das minas Arassuaby, Minas Novas, Diamantina e Serro, segundo indicou Capistrano d'Abreu e se vê das *Cartas dos Jesuitas* (carta de Aspicuelta Navarro) 1553. A de Martins Carvalho data de 1567. Ambas precedem as de Sebastião Toucinho, todas partindo de Porto Seguro e pelo Jequitinhonha, e a ellas se seguem varias outras. *Vide* Xavier da Veiga. *Ephemerides*, I, 375.

pontos. Ouro ou pedras preciosas não se acharam.

Provações soffreram, incalculaveis; na maior parte os companheiros esmoreceram, e outros, conspirando contra o chefe inflexivel, desligaram-se d'elle e tomaram o caminho da patria. Paes Leme conservou-se indifferente e inaccessivel ao desanimo. Cheio dos seus proprios sonhos, o espirito seu havia-se endurecido, tornando-se alheio á mobilidade das paixões dos que o cercavam, e aos rigores e ás inclemencias do deserto. Despachou um correio á mulher para mandar-lhe de tudo quanto necessitava, e vindo as suas provisões que a esposa preparou não poupando as joias «e os adornos das filhas» internou-se mais e mais pelas florestas ainda hoje invias e quasi desconhecidas e attingiu as terras pantanosas de Vupabussú (depois *Lagoa encantada).*

Ahi dizia a lenda que eram em montões as esmeraldas e ahi permaneceu com louca temeridade o ousado bandeirante, mal grado as febres, a insalubridade da região e o descontentamento dos seus. A' sua vontade de ferro tudo se dobrava ou havia de quebrar-se. N'uma rebellião deu o duro exemplo de enforcar na primeira arvore um seu filho natural que surprehendera entre os rebeldes. Com esse castigo, a que a sua louca rudeza emprestava extranha auctoridade, todos voltaram á obediencia. E, afinal apoz tantos trabalhos, conseguiram esses aventureiros achar as preciosas pedras que pesquizavam. Carregados de montões d'ellas voltaram a S. Paulo, que Paes Leme não conseguiu tornar a vêr porque esfalfado e desfallecido expirou nas

margens do Rio das Velhas. Não teve ao menos a decepção de verificar, como se verificou, que as pedras que descobrira não eram esmeraldas. O seu enteado Manoel Borba Gato, que veiu com um novo bando depois nas suas pegadas, chegou ainda a tempo de dar um adeus ao moribundo e de receber-lhe das mãos o illusorio thesouro.

Manoel Borba Gato continuou, por seu turno, a dirigir novas *bandeiras*, e outras muitas se multiplicaram pelo territorio das Minas, que foi nesse tempo varrido em todas as direcções.

Rodrigo Castello Branco, funccionario da corôa, intendente das lavagens d'ouro de S. Paulo, veiu á frente de uma bandeira encontrar-se acaso com Borba, de quem exigiu submissão que foi recusada. Já se ia apaziguando, comtudo, a disputa quando, ao ouvirem qualquer palavra inconveniente, alguns camaradas de Borba assassinaram o intendente das minas. [1]

O sangue e o crime acompanhavam, como sempre, o trabalho cupido da ambição. Foi esse homicidio o signal de acontecimentos inesperados.

Sob a ameaça da justiça, Borba internou-se com seus camaradas para as regiões do S. Francisco e cortou todo o commercio com a civilisação e o mundo que para sempre

---

[1] Segundo Pedro Taques foi o proprio Borba Gato o assassino. «Precipitou-se, diz o chronista, tão arrebatado em furor que dando em D. Rodrigo um violento empuxão, o deitou ao fundo de uma alta cata na qual caíu morto.»

abandonara. Em cada um d'esses homens encontra-se o exemplo de ferrea e indomavel vontade. Para Borba agora o mundo seria o premio da fortuna ou da audacia. O descobrimento das minas, se o fizesse um dia, traria a prescripção do crime hediondo de que fôra cumplice, senão principal causa. E na verdade poude elle realisar essa grande esperança!

No lugar onde é hoje Sabará achou e explorou uma serie de jazidas e lavagens de ouro. Já então, trilhado pelos aventureiros, o local não offerecia segurança e o criminoso debandou para os lados do Rio Doce, onde viveu da selvagem hospitalidade d'uma tribu de indios, entre os quaes foi quasi rei.

Vinte annos (1680-1700) tinham já decorrido da sua aspera expiação no deserto, e a nostalgia da patria que a melancolia da velhice aggravara tornara-se n'elle invencivel. Pediu para S. Paulo á familia que rehabilitassem o seu nome, e o governo fez-lhe a promessa de esquecer a grande falta se indicasse os lugares das minas descobertas. Com grande regosijo Borba aceitou a promessa e fez a revelação dos thesouros que havia descoberto o que, além do esquecimento do crime, lhe valeu novas e grandes honras.

Alguns annos antes do descobrimento das minas de Sabará, outras mais para o sul foram descobertas. Um paulista de Taubaté, **Antonio Rodrigues Arzão**, em 1693 havia explorado o Rio Doce e descera até a Victoria do Espirito Santo para onde levou amostras de ouro, de tres drachmas, das quaes se cunharam duas medalhas, uma para o governador, e com a outra voltou elle a Taubaté onde pouco depois morreu.

O seu cunhado, **Bartholomeu Bueno de Cerqueira**, continuou a obra encetada, levando-a ainda mais longe. Era este um bandeirante de grande fama que já em 1670 numa expedição de resgate, havia penetrado até o intimo sertão de Goyaz; e bastava-lhe soerguer a bandeira para á sombra d'ella acorrer a multidão de aventureiros do tempo. Em 1694 veiu com grande companhia acampar nas immediações de Villa-Rica, cuja região explorou com insignificante colheita de ouro, umas doze oitavas que, provadas excellentes em Taubaté, vieram ter ás mãos do Governador geral Antonio Paes de Sande, levadas por Carlos Pedrozo. Recebeu este em recompensa a patente de commando da cidade de Taubaté e o encargo de erigir alli uma fundição e cobrar o quinto dos metaes que de lei cabia á Corôa.

— O ouro emfim! era a confirmação das esperanças de todo um seculo. Não havia mais duvida a respeito das riquezas agora tão frequentes vezes e por tantos logares reveladas com todas as provas palpaveis. O rumôr d'esses achados e de outras maravilhas que a legenda dos grandes successos amplifica, resôa até o littoral, corre por todo o paiz e atravessa os mares. As expedições multiplicam-se, as caravanas se improvisam e as lendas perdem a côr da phantasia que a mesma realidade supplantava; faz-se tregua á caça do indio e agora a nova senha é arrancar aos latibulos da terra o thesouro precioso; todos os terrenos suspeitos de riqueza occulta são escarvados em fossos que as chuvas tropicaes transformam em boqueirões e abysmos. Renova-se o terrivel enigma que, nas origens da

civilisação, só podia ser desvendado a preço da vida. Luctas e rivalidades ensanguentam os caminhos, ha pouco virgens e impollutos; as cidades de S. Paulo e Taubaté olham-se despeitadas e d'ahi a pouco inimigas irreconciliaveis. A essas antipathias locaes vem juntar-se o quinhão dos aventureiros do Rio, que movidos da mesma cupidez abrem agora pela serra do mar o novo caminho das minas. Contra uns e outros, como se as dissenções domesticas não bastassem, invade agora o sertão a exotica caravana dos *emboabas* que atravessaram o oceano e desdenhando a lavoura da zona maritima, impellidos pela mesma nevrose varejam os paramos extremos do sertão. Travam-se combates que coalham o deserto de horridas carnificinas. Os lugares d'essas hecatombes trazem ainda nos nomes a lugubre memoria dos successos: o *rio das Mortes... a matta da Traição...*

Ondas de gente de toda a estirpe e feição avassallam o deserto subitamente. Povoações surgem subitas do solo. A vida ahi se torna carissima; por um boi paga-se cem oitavas de ouro; por alqueire de farinha, quarenta; porque o ouro é demasiado e os alimentos são ouro. Ao mesmo tempo o luxo infrene campeia: são importados para esses invios pousos, simples acampamentos sem conforto, as delicadezas e eguarias raras, as alfaias, as meias e capas de seda e de damasco e de velludo. São muitas as ruinas das fortunas e maiores são ainda os desenganos; e pelos que se locupletam no triumpho ha legiões inteiras e obscuras de sacrificados, que queimaram seus haveres, venderam seus enge-

nhos, abandonaram a prole e a affeição dos amigos.

Parecia aqui confirmar-se as palavras do padre Vieira ácerca de quando se descobrissem as minas:

«No mesmo dia havieis de começar a ser feitores e não senhores de toda a vossa fazenda. Não havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canôa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi senão para o manter e servir com elle. A roça haviam-vol-a de tomar de aposentadoria para os officiaes das minas; o canavial havia de ficar em matto, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas, e vós mesmos não havieis de ser vossos, porque vos haviam de apenar para o que tivesseis ou não tivesseis prestimo; e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos havieis de ser os moidos.»

A prophecia realisava-se com a mesma tonalidade sombria d'esse grande pintor das paixões humanas.

Essa onda de emigração mesmo europea para a região das minas apavorou a corôa portugueza que nella via o despovoamento do reino e a divulgação sempre perigosa, de seu bel thesouro. Longe pois de favorecer o povoamento das terras auriferas procurou cohibil-o a força de leis, sobretudo quanto aos estrangeiros. [1] Os navios, sobretudo nos por-

---

[1] O estrangeiro sempre vivera no Brasil sob o regimen de excepção; depois do advento da casa de Bragança (1640) os inglezes e hollandezes foram conside-

tos do sul, eram vigiados e não deviam demorar-se muito nos nossos mares. A fiscalisação estendia-se ainda ás terras interiores; o commercio terrestre para o Paraguay hespanhol que se fazia entre Rio, S. Paulo e Paraná, foi rigorosamente prohibido.

Egualmente a transmigração crescente dos portuguezes inquietava o governo. Em 1732 uma consulta do Conselho Ultramarino registrava essas apprehensões:

«A fama d'essas riquezas convida os vassallos do reino a se passarem para o Brasil a procural-as, e ainda que por uma lei se quiz dar providencia a essa deserção, por mil modos se vê frustrado o effeito d'ella, e passam para aquelle Estado muitas pessoas assim do reino como das ilhas, fazendo esta passagem ou occultamente negociando o transporte com os mandantes dos navios ou seus officiaes, assim nos de guerra como nos mercantes, ou com fraudes que se fazem á lei, procurando passaportes com pretextos e carregações falsas. *Por este modo se despovoará o reino, e em poucos annos virá ter o Brasil tantos vassallos brancos como tem o mesmo reino.*»

Apesar de todas as medidas do governo, a região das minas povoa-se rapidamente. De todos os lados os arraiaes transformam-se em povoações, e estas em cidades de grande agitação e movimento. Em duas gerações apenas

---

rados com maior favor. Estes eram os estrangeiros unicos, entre os naturalisados, que podiam visitar a terra das minas.

a terra do ouro realisava com maior pompa o que dous seculos de colonisação e de lentos sacrificios haviam feito para as outras capitanias.

13

Revolução nativista pernambucana

(Mascates)

Tempos depois da guerra hollandeza, em Pernambuco, foi pouco a pouco nascendo odioso antagonismo entre a aristocracia brasileira dos *senhores de engenho*, que em geral tinham casa em Olinda, e os negociantes portuguezes, que habitavam o Recife, appellidados, com desprezo, de *mascates*. Entre as origens d'esse sentimento estava a ruina da antiga capital, arrasada nos tempos da guerra, e agora ainda mal erguida, mutilada e cheia de estragos, ao passo que a povoação maritima tinha desde então crescido em grandeza e prosperidade.

A reconstrucção de Olinda não lhe havia trazido o explendor antigo e em todo o caso não era mais admissivel que o Recife, ora prospero, permanecesse como no outro tempo sob a jurisdicção da antiga capital. Accresciam a estas razões outras oriundas do espirito nativista dos pernambucanos, que nunca

podiam tolerar de boa vontade o ascendente dos portuguezes.

Não entrava por pouco nessa rivalidade a circumstancia (que egualmente explicára em parte a insurreição dos agricultores contra os hollandezes) de serem agora os portuguezes negociantes os credores de proprietarios perdularios ou imprevidentes. Um signal constante d'esse antagonismo era por todos os meios e sempre excluir os portuguezes dos cargos municipaes. Os *mascates*, para evitar essa odiosidade, pediram para elevar-se o Recife á categoria de cidade, o que era de estricta justiça, e tanto o pediram que afinal a côrte de Lisboa lhes deu o justo despacho (1710).

Lembremos em favor dos pernambucanos que se eram máos devedores, de peior fé eram os usurarios capitalistas do Recife, que exerciam abominavel pressão sobre os lavradores. Havia, portanto, de ambos os lados resentimentos fundados que só o tempo e a moderação poderiam dissipar.

E foi o que não houve; o capitão general procedeu com prudencia, ao demarcar o novo municipio, só concedendo ao Recife as tres parochias da villa — (a peninsula, a ilha de Santo Antonio e a Boa-Vista), que eram o ambito da cidade hollandeza, e deixando todo o resto do territorio a Olinda. Fez-se a consagração do novo municipio, segundo o velho uso portuguez, plantando na praça principal o pelourinho, symbolo da auctoridade e da justiça. Essa cerimonia foi com grande discrição quasi feita ás occultas; as pedras do pedestal do pelourinho, depositadas primei-

ramente no pateo d'uma fortaleza, foram carregadas á noite e á noite mesmo argamaçadas. Ao amanhecer, Recife era cidade.

Veiu por fim o presidente da camara de Olinda ter com o Governador e lançou o seu protesto insinuando que quem soubera erguer um pelourinho, tambem poderia arrasal-o. O capitão general Castro fez prender a este e outros successivos oradores que o procuraram, e um dos quaes pertencia á familia dos Bezerras, de grande prestigio e influencia. Tambem nessa occasião dous outros dos Bezerras haviam sido presos para responder por crime de homicidio, cousa não muito rara numa sociedade tinta duas vezes no sangue do escravismo e que encontrava em todos, como ainda hoje, a condescendencia da absolvição. Toda a nobreza sentia-se ultrajada e estava já disposta a agir, quando o governador ordenou o desarmamento geral, prohibindo o uso particular das armas — medida que não se cumpriu, e antes augmentou o numero dos rebellados.

Parece que com essas demonstrações não havia mais que superar o curso dos acontecimentos. Dias depois, alguns perversos dispararam um arcabuz de ballas hervadas sobre o governador Castro, em Boa-Vista, o qual, ferido, escapou todavia do perigo.

As condições então peioraram terrivelmente, e não sabendo a quem responsabilisar, como sempre succede, começou o governo desenfreiada reacção contra todos os suspeitos e innocentes. Dous dos assassinos foram presos e de mistura com elles outras pessoas de consideração.

Logo houve divergencia entre o governo e o bispo de Olinda, Manoel Alvares da Costa, que sahira em viagem de correição pela diocese, em vez de assistir ao governador doente e impossibilitado, ao qual pela lei devia substituir em taes casos. Acompanhava o bispo um official de justiça, nesse momento suspeito de cumplicidade no attentado, e tropas foram enviadas para captural-o; o bispo, recusando a entrega, á mão armada bateu as tropas do Governador.

Foi esse o signal da revolução. A leva era geral; a nobreza reunindo a sua gente, e eram vinte mil, sitiou apertadamente o Recife. O Governador ainda de cama, sem recursos para resistir e na impossibilidade de recebel-os d'outras capitanias, resolveu negociar, propondo a entrega dos presos depois do desarmamento dos rebellados. A resposta foi que — os pernambucanos libertal-os-iam quando quizessem e que tinham vindo para buscar a cabeça do governador e outras mais. — Percebendo que nada conseguiria, o governador achou que era melhor ceder e logo embarcou para a Bahia e com elle ricos negociantes portuguezes.

O Recife cedia assim aos sitiantes, e dois dias durou a festa dos triumphadores; ao som de canticos religiosos arrasaram o pelourinho, symbolo do municipio e, diga-se-lhes em seu abono, nem o saque nem desacato algum foi praticado.

Reuniram-se afinal os vencedores numa assembléa original (e de modo que lembrava o costume germanico do *Landtag*) de povos da cidade e proprietarios das terras e resol-

veram sobre o governo da capitania: d'elles, o partido moderado e lealista indicava o bispo para tomar as redeas do poder; o partido mais exaltado, porém, dando maior significado á revolução, opinava por uma especie de republica, recordação ainda sobrevivente do regimen hollandez das Provincias Unidas ainda não olvidado em Pernambuco, ou talvez por instincto natural d'aquelles que viam na autonomia melhor e justo equilibrio dos interesses nacionaes. Esse partido era porém uma minoria e não prevaleceu.

Organisou-se o governo provisorio de seis membros, todos brasileiros. Ainda se fiára tudo do rei, que deveria aceitar o facto consummado ou caberia então em ultima hypothese a declaração da republica independente. Pouco a pouco a influencia do partido legal se foi accentuando e entregou-se o governo ao bispo de Olinda até á vinda provavel de novo governador. Aproveitaram os revolucionarios todavia o momento para crear uma magistratura liberalissima, a dos *Juizes do Povo* (como já haviam feito os rebeldes do Maranhão). Constrangidamente aceitou o Bispo o doloroso encargo e o seu primeiro acto foi o da amnistia e esquecimento do passado.

Não estava porém sopitado o espirito revolucionario. E um grande proprietario, até agora sem papel nesta lucta, surgiu á tona com extranha audacia. Era Bernardo Vieira de Mello (commandante de um regimento desde o tempo das guerras dos Palmares levadas aos negros fugidos) que gozava de enorme prestigio. Era homem cruel e sanguinario que olhava para a sociedade como para a lepra

da escravidão em que elle se corrompera; como todos os grandes desequilibrados, tinha ás vezes noções exageradas e falsas do brio e do pundonor. [1]

Era natural que esse exaltado procurasse um papel a desempenhar na tragedia da anarchia. Fez-se chefe dos radicaes e partiu para o Recife com o plano de fazer reembarcar o novo Capitão General, se chegasse sem a amnistia. No Recife, onde chegou com forças militares que apparentava destinadas á caça de um quilombo, foi recebido com grandes demonstrações, que só o terror justificava, pelas auctoridades provisorias; mas logo pelos moderados, que o vigiavam, foi descoberto o plano do hospede, o qual era apoderar-se do deposito da polvora ou fazel-o voar aos ares. Vieira de Mello foi advertido amigavelmente pelo Bispo de que deveria deixar o Recife; não se incommodou Vieira com essa ordem e deixou-se ficar tranquillo fiado nos seus apaniguados, que em grande numero acampavam perto da cidade, e o governo teve que calar e submetter-se.

Entre os capangas, chamados de *regimento* de Vieira e açulados por elle, e a guarnição militar deram-se attritos que em breve

---

[1] Era esse falso pundonor todavia proprio da sociedade do tempo. Bernardo Vieira de Mello, em conselho da familia, resolveu e fez impassivelmente assassinar uma enteada accusada de adulterio; depois do parto, pois a misera creatura estava gravida, foi executada. As auctoridades não impediram o crime e nem se atreveram a perseguir os assassinos.

se tornaram em disturbios. Começou Vieira a exigir o castigo dos soldados do governo sem consideração de que fossem ou não provocadores, e o Bispo, com condemnavel fraqueza sem ouvir os officiaes, ordenou a prisão e deportação dos soldados accusados. Acharam estes, que eram uns dez, um asylo no convento dos Carmelitas e vendo-se perdidos tentaram uma leva de broqueis em favor do rei e contra o caudilho republicano.

Ao sol do meio dia, de armas na mão, marcharam até o quartel dos tambores, aos gritos de — *viva El-Rei! morte aos traidores!* e a elles logo se aggregaram as forças realistas da guarnição, os negros Henriques e os indios alliados d'este regimento e os mais que queriam e o povo, acolhendo-se á sombra do pendão real. Em todos os pontos da cidade a contra-revolução triumphava. Vieira de Mello, o espirito irrequieto que a provocara, cercado em seu domicilio foi preso e os seus sequazes debandaram e fugiram.

O Bispo, amedrontado do tumulto por ignorar os intuitos do movimento, foi logo esclarecido, confirmou a prisão de Vieira e entregou o commando militar a João da Motta, um dos proceres dos lealistas. Nesse momento era o Recife, cujas fortalezas foram apparelhadas para a defeza, o baluarte unico da realeza contra a capitania revoltada (1711).

A proclamação lagalista dizia que ainda e sempre era governador da capitania Sebastião de Castro e Caldas, ausente, e o Recife continuava o gozar os direitos de cidade.

Toda a terra circumvisinha se levantou vendo perdido o fructo da victoria; foi posto

em cerco o Recife, que resistiu galhardamente, mas viu com dôr a retirada do Bispo e do Ouvidor que prometteram trabalhar no campo adverso pela pacificação dos espiritos. Ficou unico senhor da situação **João da Motta**. O Bispo não voltou como promettera e mesmo com as suas habituaes vacillações passou-se ao partido dos pernambucanos que o induziram a chamar a Olinda o regimento dos Henriques e a denegar ao Recife, o titulo de municipio. Foram as suas ordens duramente repellidas por todos os do Recife, que um a um pondo a mão sobre os Santos Evangelhos, juraram derramar até a ultima gota de sangue em sustentação do acto d'El-Rei.

Recomeçou a guerra civil, porém sob novo aspecto. As tendencias republicanas de outr'ora desappareceram e ambos os partidos diziam-se leaes á monarchia; concorrera de certo para essa feição não só a experiencia dos factos anteriores como a presença do Bispo ao lado dos revolucionarios. Ainda que estes obtivessem vantagens, não estava no temperamento do Bispo capitanear as levas guerreiras; deixou o governo, que passou ao Ouvidor Geral e ao senado de Olinda. No correr da lucta, que teve varias peripecias, o Recife conseguiu o auxilio e a alliança do Capitão-mór da Parahyba João da Maia da Gama; mas em verdade nenhum dos contendores conseguia submetter o adverso. Nesse interim chegou de Lisboa uma frota portugueza trazendo o novo governador geral **Mendonça Castro e Vasconcellos**, a quem ambos os partidos enviaram mensagens cordeaes e acolheram com applausos.

Com a prisão e deportação de alguns re calcitrantes, estabeleceu-se a ordem com mais doçura do que crueldade, o Recife triumphou afinal guardando os privilegios municipaes e a concessão foi feita (e que logo caíu em desuso) de ser Olinda seis mezes no anno a residencia do Capitão General.

Esta guerra de 1710-11, abalando todas as classes sociaes, como que esgotou a força revolucionaria e o espirito de susceptibilidade dos pernambucanos; sobre ella deve passar um seculo de tranquillidade.

14

Revolução nativista em Minas (Emboabas)

A cubiça do ouro sempre semeiou a discordia entre os homens. Não era pois de estranhar que o descobrimento das minas plantasse logo a divisão entre os paulistas. A principio as rivalidades começaram entre os bandeirantes de S. Paulo e os de Taubaté; ao depois, assumiram odioso aspecto quando, abalados com as maravilhosas noticias, os forasteiros do littoral e de além mar precipites buscaram a região dos thesouros. O movimento da immigração era extraordinario e o proprio governo portuguez, como já vimos, cogitou de refreiar e prohibir essas partidas de gente que ameaçavam despovoar o reino. Como quer que seja, os *forasteiros* que immi-

gravam para a terra das minas, cedo perceberam que não poderiam viver sob o jugo oppressivo e selvatico de uma raça forte como a dos paulistas, acostumada ao mando e que por escarneo os chamava de *emboabas*. A principio soffreram humildes o jugo, mas crescendo em riquezas e em numero, ganharam a audacia e a consciencia do valor proprio. Para acabar as rixas que já iam nascendo e pôr um termo á anarchia e falta de segurança da terra ainda sem governo regular, pediram ao Governador geral do Rio de Janeiro que nomeiasse um capitão que assegurasse a justiça.

Em uma terra, porém, onde não havia auctoridades, aos crimes succediam logo desforras e vinganças pessoaes formando-se instinctivamente partidos execraveis em guerra de exterminio. Cada facção protegia ou dava guarida aos criminosos que a outra perseguia ou procurava punir e desde logo *emboabas* e paulistas tornaram-se irreconciliaveis inimigos. Desordens taes propagaram-se de Caeté a Sabará Bussu e Rio das Velhas, de modo que ardia o paiz em guerra civil perfida e emboscada. Correndo a noticia de que os paulistas premeditavam realisar o massacre dos portuguezes, estes, alarmados, escolheram um chefe em Manoel Nunes Vianna, homem poderoso e valente, já conhecedor e parte nos primeiros tumultos que originaram a nova situação.

Nunes Vianna marchou com toda a sua gente para Ouro Preto e destacou mil homens sob o commando de um conhecido faccinora Amaral Coutinho em soccorro dos *emboabas*

do Rio das Mortes. Conseguiu Coutinho com grande superioridade dominar e sitiar uma mata onde se refugiaram os paulistas; estes, conhecendo a inutilidade da resistencia, pediram paz e vieram depôr as armas. Coutinho preferiu deshonrar a victoria passando-os todos a fio de espada; houve protestos, mesmo entre os seus, contra essa infame e monstruosa immolação.

A infausta noticia, voando de aldeia a aldeia, encheu a todos de profunda consternação. O Governador partiu immediatamente do Rio. Os criminosos, temendo o castigo, de novo reunidos sob Manoel Nunes Vianna vieram ao encontro da auctoridade e postaramse em attitude hostil no sitio de Congonhas. Temendo maior desacato, por covardia, ou talvez por outros motivos, D. Fernando de Lancastre achou que era mais prudente retroceder ao Rio de Janeiro.

Outro governador que succedera áquelle (Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho) veio a Minas, sendo bem recebido pelos triumphadores que, afinal, com a monstruosidade mesma dos seus barbaros processos haviam de qualquer modo restabelecido a ordem publica.

Mas os que não podiam resignar-se a esse triumpho e a essa lugubre paz eram os paulistas, que viram caír em ruinas e em proveito dos forasteiros, aquelle poderio que a sua invenção, e diligencia e industria haviam creado. Não havia muito tempo, emquanto os forasteiros viviam no conforto das povoações maritimas, elles, os paulistas, affrontavam a risco de vida o perigoso mysterio do deser-

to. Sentiam-se agora incapazes de soffrer a irritação continua d'essa injustiça. No recondito dos lares, as esposas exprobravam aos maridos a serenidade com que esqueciam tamanhas affrontas e a cobardia com que curtiam a insupportavel derrota.

Tomados subitamente de novo animo, aggremiaram-se em fim sob o commando de Amador Bueno, de grande fama de intrepido, chegaram em fim ao Rio das Mortes, onde acamparam triumphalmente. Breve triumpho, porém; porque acossados pelos *forasteiros* tiveram que retirar-se sem ignominia, mas sem lucro e apenas com um lampejo de gloria.

Cahira a região das Minas em poder dos forasteiros.

V

FORMAÇÃO DO BRASIL

B. HISTORIA LOCAL

1

Historia local

Ainda que sejam hoje numerosas as divisões administrativas do Brasil e ainda que a acção da monarchia brasileira lhes désse perfeita coordenação e unidade, a extensão geographica e tambem a historia das antigas capitanias confirmam a existencia de grandes grupos locaes em que se reparte a immensa area do paiz.

Foram esses grupos (que ainda o são por varios aspectos) não menos de cinco: 1.º O *Extremo Norte*, o antigo *Estado do Maranhão* (do Amazonas ao Ceará) que até os tempos da independencia desenvolveu-se separadamente do governo geral, e ainda no momento da emancipação politica pensou-se nas côrtes portuguezas separal-o do resto do Brasil como o fez a Inglaterra com o Canadá ao emancipar-se a America do Norte. 2.º O *Norte*, a capitania geral de Pernambuco, em cuja esphera de influencia, provada sempre na

conquista hollandeza e na revolta de 1817, entravam R. G. do Norte, Parahyba e Alagoas; corresponde esse grupo ao *Brasil hollandez* no momento do armisticio. 3.º O *Centro*, isto é, a Bahia e as dependencias suas, Sergipe, Ilhéos e Porto Seguro a ella aggregadas. 4.º O *Interior*, que é *S. Paulo* con as terras de oeste, sul e norte, conquistadas pelos bandeirantes paulistas, isto é, Paraná, Goyaz, Minas, Matto Grosso, que depois se desaggregaram e formaram capitanias á parte. 5.º o *Rio de Janeiro*, a unica cidade do littoral da colonia que tinha grande importancia equivalente e logo maior que Bahia e Pernambuco; ao Rio fica submettido todo o fraco littoral do sul, (aberta apenas a excepção de S. Paulo) isto é, Santa Catharina e Rio Grande, ambos de povoação recente. [1]

I. O **Extremo Norte** (1.º grupo comprehendendo a Amazonia, o *Maranhão*, Piauhy e Ceará). O **Estado do Maranhão**, independente do governo geral do Brasil, foi creado em 162. e abrangia toda a região do extremo norte a partir do Ceará e pelo interior quasi todo o valle do Amazonas: a séde do governo era S. Luiz e a elle obedeciam as tres capitanias

---

[1] Ainda hoje pouco haveria a modificar nessas divisões, que se desenvolveram como unidades historicas, autonomas, a não ser talvez o accrescentar-se a existencia de um grupo extremo meridional (6.º *Rio Grande*) differente do Rio de Janeiro e outro extremo septentrional (7.º *Amazonas)* differente do Maranhão; e mais o (8.º) *Ceará*, que mesmo nos tempos coloniaes viveu indeciso entre as orbitas administrativas do Maranhão e de Pernambuco.

então existentes, a do Ceará (que constava apenas de um estabelecimento, Fortaleza) *Maranhão* e *Pará*. Em certo momento (de 1637 a 1642) houve uma quarta capitania, a do *Cabo do Norte*, que foi logo dissolvida e incorporada ao Pará.

Os destinos do grande estado começaram com o monopolio da Companhia do Commercio.

Mas a Companhia do Commercio em breve agonisava e foi abolida. Todos esses acontecimentos se deram emquanto era governador do Maranhão Gomes Freire de Andrade, que conseguiu estabelecer a ordem e grangear sympathias em todos os partidos locaes e mesmo achou meio de favorecer aos maranhenses quanto á escravisação dos indios em *justa guerra*, no interesse da Religião e da Corôa, porque os indios rebeldes faziam tanto mal ao christianismo como ao governo; com essa dubia transacção ganhou a possibilidade da paz.

Voltaram de novo os jesuitas e continuaram (embora tolhidos) no serviço inestimavel e abençoado das missões.

Pouco a pouco foi progredindo o conhecimento das terras ainda não exploradas, sobre tudo do lado do Amazonas, e por essa razão vae crescendo a importancia do *Pará*, de modo que ora Pará ora Maranhão é a residencia do governador do Estado, que afinal se fixa em Belém do Pará. [1]

---

[1] São governadores notaveis, depois de Gomes Freire: Sá de Menezes, 1687-1690; Antonio de Albuquerque, 1690-97 (pequenas questões de limites com

O regimen de monopolio de 1675, que havia causado tantos dissabores, foi renovado em 1755 pelo Marquez de Pombal com a creação da *Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão*, instituida sob novos moldes para fomentar o povoamento, a lavoura e o commercio d'essas regiões, com o capital primitivo de 1:200 acções de 400$000; datam d'esse tempo novas immigrações de portuguezes, o fomento de industrias extractivas do Amazonas, a cultura do arroz e do cacáo e do algodão em grande escala. A companhia, depois da quéda de Pombal, foi abolida (1777).

Tambem do tempo de Pombal datam as novas leis sobre a condição dos selvagens que foram subtrahidos á direcção dos jesuitas e entregues á administração leiga pela creação de *Directorias* e sob o influxo do principio theorico da liberdade dos indios, na verdade iniciaram a escravidão disfarçada e d'ahi orinou-se o despovoamento e ruina das aldeias outr'ora florescentes.

Jesuitas e outros religiosos haviam de facto realisado para a civilisação a conquista do Amazonas; ao longo d'elle e de seus affluentes estabeleceram uma serie de missões e aldeiamentos que com os do littoral iam do Ceará a Guyana e da foz do Amazonas ás missões do Perú; em 1755 eram em numero de 60, das quaes 28 dos jesuitas, 15 de capuchinhos, 12

---

os francezes de Cayenna); Costa Freire, 1706-1717; Bernardo Pereira de Berredo, 1718-22; de nome glorioso como escriptor e annalista do Maranhão, Mendonça Furtado, 1751, irmão de Pombal.

de carmelitas e 5 da ordem dos mercenarios; entre essas differentes ordens, que trabalhavam no mesmo intuito de paz, houve por vezes violentos conflictos, e os indios de differentes missões procediam considerando-se de differentes tribus e inimigos; os proprios ecclesiasticos, ás vezes envolviam-se na lucta, o que succedeu sobretudo entre carmelitas e jesuitas.

As missões do Pará e Maranhão teem caracter original e proprio quanto á organisação do trabalho. Nas missões do Paraguay e da California os indios não teem propriedade privada e trabalham para o thesouro commum; e ainda as missões são absolutamente fechadas aos forasteiros. Aqui, ao contrario, cada familia de indios tem sua lavoura e só alguns, *mediante salario*, trabalham certo tempo do anno para a missão; tambem, posto que as leis prohibam o ingresso do forasteiro nas missões, elles teem aqui por tolerancia dos jesuitas hospitalidade, e frequentemente as colonias dos presidios utilisam-se da egreja da missão proxima nas necessidades da religião. Se é a missão no Paraguay *patriarcal*, aqui approxima-se da natureza civil do *Estado*. [1]

Pombal arruinou todo esse systema unico, compativel com a indole dos selvagens e que os conservava num estado propicio a pouco a pouco se erguerem ao nivel de população util. [2]

---

[1] Handelmann. *Geschichte v. Bras.* 276.

[2] Apesar da legislação posterior em favor dos indios, de D. João VI, o Regul. imperial de 1845 e os se-

O **Estado do Maranhão** desmembrou-se em varias capitanias, que vieram a tornar-se autonomas.

O **Grão Pará** tornou-se capitania geral separada e elle proprio se dividia geographicamente em *Pará*, *Guyanna brasileira* (margem septentrional do Amazonas) e região do *Solimões* (oeste do Amazonas). A separação fez-se primeiramente nos negocios ecclesiasticos pela creação de um bispo em Belem (1719) que tinha jurisdicção por todo o Amazonas e até Matto Grosso e Goyaz *inclusive*. A separação politica, já insinuada pela residencia do governador no Pará, torna-se effectiva em 1760 — que marca a dissolução do Estado do Maranhão. Desde esse momento em diante tanto o *Pará* como o *Maranhão* obedece cada qual independentemente á côrte de Lisboa. [1]

O **Piauhy** foi colonisado e occupado em 1674 por Domingos Affonso, criador e dono de fazendas da margem pernambucana do Rio de S. Francisco; perseguido dos indios e das seccas, este criador seguiu para noroeste em

---

guintes reintegraram as aldeias á direcção dos missionarios. Mas de 60 que eram seriam agora uma duzia, seis no Pará, quatro no Alto Amazonas e dez no Maranhão (Rel. offic. de 1855.) A escravidão dos indios não cessou de todo no Amazonas, embora encoberta sob a apparencia da liberdade. O celebre Wallace conta como no seu tempo (1851) se aprisionavam e vendiam as creanças selvagens, que eram desde então utilisadas no serviço domestico nas povoações.

[1] Só em 1850 (Lei de 5 de Setembro) é separada do Pará a provincia do Alto Amazonas.

procura de campinas melhores, e estabeleceu-se ás cabeceiras do Parnahyba, ricas de aguas e pastagens. Assim começou a colonisação do Piauhy. A Domingos Affonso juntou-se o paulista caçador de escravos Domingos Jorge e ambos expurgaram a região, que foi logo povoada de sertanejos pernambucanos. O governador do Estado do Maranhão mandou mais 300 deportados. A fortuna territorial immensa e o gado de D. Affonso foi legada aos jesuitas sob condição de obras pias e desde então regularisaram a colonisação das terras até que foram incorporadas á corôa no tempo de Pombal, quando foi expulsa do Brasil a companhia (1759). A capitania do Piauhy sempre se conservou dependente do Maranhão e só neste seculo (1811) constitue governo separado.

O **Ceará**, já o vimos, foi occupado pelos portuguezes (M. Soares Moreno) no tempo da invasão franceza no Maranhão e depois fez parte do dominio hollandez. Até esse tempo o unico lugar habitado é o mesquinho forte fundado em 1613 (Fortaleza), mas depois de exterminados os indios em continuas guerras, de 1680-90, a colonisação se inicia com ardor. Já desde 1655 os jesuitas se estabelecem na serra de Ibiapaba e d'ahi estendem o seu influxo em todas as direcções, de tal modo que na maior parte as povoações d'esse perimetro se originaram de aldeamentos e missões. Os governadores de Pernambuco e do Maranhão disputavam a jurisdicção d'esse territorio e d'essa disputa viveu largo tempo o Ceará quasi autonomo, mas sob as garras de dois consules independentes, um *commandante* da

Fortaleza e um *auditor* que administrava e distribuia a justiça. Esta situação foi regularisada pela creação de um governo do Ceará em 1799.

II. **O Norte** (segundo grupo, comprehendendo Alagoas, *Pernambuco*, Parahyba e Rio Grande do Norte).

E' em torno de Pernambuco que gravitam no seu desenvolvimento historico os estados que se formam do Rio de S. Francisco até o Ceará.

A principio só havia as duas capitanias feudaes de Pernambuco e Itamaracá; antes da guerra hollandeza fundam-se duas outras — Parahyba e Rio Grande, que pertencem á corôa; e mesmo a corôa reclama depois da guerra as capitanias feudaes que seus proprietarios não poderam e nem poderiam ter defendido durante aquella guerra externa. Os descendentes dos antigos donatarios, Pero Lopes de Souza (Itamaracá) e Duarte Coelho (Pernambuco) pleitearam a restituição das suas capitanias; a herança d'este ultimo veiu a parar nos condes de Vimioso que já tarde, no tempo de D. João V, obtêm a indemnisação de 80 mil cruzados! A familia de Pero Lopes conseguiu, após um processo de 40 annos, a restituição dos seus direitos (1693) e poude conserval-os por muito tempo até que a capitania foi vendida a D. José por 40:000 cruzados em 1763.

Depois da guerra hollandeza, todas as terras do Ceará ao S. Francisco, ainda que divididas em capitanias, estavam submettidas a um Governo geral de Pernambuco, que primeiro coube a um dos principaes heroes da in-

surreição — André Vidal de Negreiros. D'esse dominio geral destacaram-se emfim autonomos, Parabyba em 1799, Alagoas em 1817 e o Rio Grande do Norte em 1820.

A capitania de Pernambuco foi em todo o curso da historia o exemplo da prosperidade. Ao fechar-se o primeiro seculo, e em cincoenta annos de colonisação, tinha uma população branca de 2:000 homens, 4 a 5 mil escravos sem falar em innumeros indios: a base da vida economica era a agricultura e moíam então cerca de setenta engenhos de assucar. No periodo hollandez a guerra não destruiu, antes fortaleceu a fortuna da capitania, e mais que tudo tornou o povo cioso de suas franquias, pois a libertação do territorio fôra tambem obra sua desajudada quasi do influxo official.

D'esse orgulho nativo deram logo provas os pernambucanos, de modo que o governo d'essa capitania se tornou desde então difficil e delicada tarefa. O seu primeiro capitão-mór depois da guerra, André Vidal de Negreiros, teve que governar contra a aristocracia nativista e ganhou a reputação de tyranno (1657-61). Não teve melhor sorte e antes peior o seu successor Jeronymo de Mendonça Furtado (1664) que era aliás uma indigna auctoridade; a proposito foi de certo o sermão de Antonio Vieira sobre o *Bom Ladrão* e onde o jesuita dizia que o verbo *rapio* se conjugava em todos os tempos e modos na colonia portugueza.

Originalissima foi a revolução que rebentou nesse tempo. Fazia-se uma procissão do *Nosso Pae* como é costume ao levar-se o S.^mo^ Sa-

cramento por occasião da agonia de qualquer moribundo; o capitão-mór, homem religioso, ao passar o prestito pelo palacio a esse se aggregou, como o faziam todos, para acompanhal-o até a egreja.

Os descontentes então que formavam o prestito, á frente da egreja, desmascararam o intento que levavam e cercaram de espadas desembainhadas o capitão-general, a quem reprochavam de tyranno ainda maior que os oppressores de Hollanda. Mendonça não viu outro recurso que voluntariamente submetter-se e entregou a espada a André de Barros Rego, que em nome d'el-rei, da nobresa e do povo pernambucano o lançou na cadeia publica (1666).

Esse motim quasi ia degenerando em grave questão internacional. Estacionava então no porto do Recife uma esquadra da Companhia franceza das Indias Orientaes que aqui refrescava de viagem para Madagascar e fôra com grande obsequio e delicadas demonstrações recebida pelo capitão-general; adrede espalharam os descontentes, talvez para justificar a criminosa audacia, que era intuito do governador entregar a terra aos francezes, cabendo-lhe assim a pecha de réo de alta traição.

O povo, acreditando nesta balela, pegou alvoroçado em armas e sahiu em perseguição de alguns marinheiros desembarcados que na ignorancia de tudo, surprehendidos, perseguidos e rechaçados acharam asylo no convento dos capuchinhos. Ahi a multidão, cercando o claustro, cobriu-os de improperios e baldões e o morticinio seria certo se o governo provisorio sabendo do motim não corres-

se a apazigual-o e a dar excessivas excusas ao almirante francez.

Grandemente infeliz foi porém o capitão-general já então preso e que sendo levado a Lisboa não foi ouvido; para aggravação de infortunio, seu irmão Francisco de Mendonça havia traidoramente passado para as fileiras hespanholas e elle proprio, ainda que innocente, foi condemnado a degredo perpetuo para a India. Assim, o motim pernambucano ficou sem correctivo da auctoridade real, que se não o approvou pelo menos não quiz abertamente condemnal-o. Mais tarde abre-se para Pernambuco um periodo revolucionario de grande intensidade e que dura quasi meio seculo e é o mais saliente signal do espirito autonomico da colonia. Dos successos que o caracterizam já demos noticia na parte anterior ao tratar da guerra dos *Mascates*.

Ha de 1711 em diante um longo repouso, apenas interrompido pelas successões da vida administrativa. Mas o germen da rebellião está guardado nos espiritos até que o sol da revolução franceza de novo o chame á vida na revolução de 1817.

A historia do **Rio Grande do Norte** está ligada á da guerra hollandeza. Em 1654 D. João IV faz doação do Natal a Manoel Jordão que, naufragando no Rio Potengy, nenhum fructo tirou d'esse presente. Mais tarde analoga doação foi feita em 1689 (D. Pedro II) a Lopo Furtado de Mendonça.

A historia anterior apenas se limita á fundação do forte dos Tres Reis Magos em 1597 no tempo de D. Francisco de Souza; mas o territorio só mais tarde foi colonisado; na

guerra hollandeza os hollandezes com Calabar em 1632 apoderam-se de toda a região.

A **Parahyba** começa com a colonisação simultanea de francezes e portuguezes (fundação da aldeia da *Camboa*) nos dous ultimos decennios do primeiro seculo. A conquista realisa-se com uma expedição apparatosa em 1584: a esquadra hespanhola de Flores Valdez bloqueia a Parahyba emquanto forças de terra, ao mando de Filippe de Moura e Fructuoso Barbosa, occupam o interior; foi então fundado o forte de S. Filippe no Cabedello que garantiu os primeiros ensaios da difficil colonisação que nascera entre a ferocidade dos indios e a pilhagem das náos francezas.

Na grande guerra, a Parahyba tambem cedeu ao jugo hollandez, mas nobilitou-se a patria de André Vidal no tempo da insurreição.

Alagoas só se desliga de Pernambuco no seculo actual, 1818, em que constitue capitania independente. Foi essa região theatro da guerra hollandeza, em certo tempo aterrorisada pela formação de *quilombos* ou agglomerações de negros que, fugindo ao captiveiro, viviam de pilhagens e roubos tanto mais frequentes e crueis quanto eram os escravos perseguidos pelos *Capitães do matto. Capitães do matto*, assim se chamavam os caçadores de negros, aos quaes a lei em regulamentos especiaes concedia poderes discricionarios contra aquellas miseraveis creaturas que fugiam ao jugo da escravidão. O *capitão do matto* commettia nessa barbara profissão talvez ainda maiores crimes que os negros e matava muito mais do que capturava os fugitivos.

Com a guerra hollandeza os escravos, como muitas vezes os senhores, abandonando as lavouras foram-se internando pelo sertão e formaram grandes agglomerações por toda a região do norte e seguindo o cordão da Serra da Barriga.

Um digno chefe d'esses capitães do matto, o paulista Domingos Jorge, com escolta numerosa, assolando e batendo o interior, deu cabo dos *quilombos*.

O facto foi depois exagerado e accrescido de lendas acerca de um *quilombo* no cume dos Palmares, onde os negros, arregimentados sob um chefe, o *Zumbi*, defenderam-se heroicamente e de lá preferiram atirar-se ao precipicio que voltar á escravidão dos civilisados.

III. **O Centro** (terceiro grupo: comprehendendo Sergipe, *Bahia*, Ilhéos, Porto Seguro). A região do S. Francisco ao rio Mucury abrangia quatro capitanias, duas da corôa, **Bahia** e **Sergipe**, e duas feudatarias, *Ilhéos* e *Porto Seguro*.

As duas ultimas foram incorporadas á da Bahia. A dos *Ilhéos* ao fechar-se o seculo XVI pertencia aos herdeiros de Lucas Giraldes que a venderam á casa do Conde de Castro e por um descendente d'este, Antonio de Castro, vendida á corôa no tempo do rei Dom José (1761) que lhe concedeu o titulo de Conde de Rezende e Almirante dos mares portuguezes e um padrão de 5.000 cruzados. A capitania de *Porto Seguro*, havia dous seculos dos duques de Aveiro, foi confiscada com os outros bens do ultimo duque José Mascarenhas, criminoso de alta traição, cumplice no

attentado contra D. José, pelo que perdeu a vida (1759).

Egualmente só pouco antes da independencia (1820) foi Sergipe separado da Bahia. D'esta arte pela natureza da região e dos successos politicos a historia local d'essas capitanias não se accentuam por divergencias especiaes e notorias.

A **unidade de governo** estabelecida com Thomé de Souza foi illusoria e fugaz. A supremacia da Bahia dissipou-se com as successivas divisões, do governo do sul, da separação do Maranhão e mesmo da capitania geral de Pernambuco (em 1657). O desastre da **unidade** favorecendo o separatismo de outras terras, limitou de facto o dominio da Bahia á região que indicamos. Com o 4.º Vice-Rei começa essa dignidade a ser inseparavel da do governador (desde Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 1720); mas logo em breve a residencia do Vice-Rei é transferida para o Rio de Janeiro (1760) que d'este momento em diante é a capital do Brasil.

Conservou porém a Bahia a supremacia na hierarchia religiosa. O primeiro bispo do Brasil é o de S. Salvador (1551). Num momento em que essa cadeira estava vaga, a Curia romana e o Rei D. Pedro II (1676) separaram da jurisdicção brasileira o Estado do Maranhão e restituiram á da Bahia o vice-reinado de Angola. Em todos os tempos foi a Bahia, com as suas numerosas egrejas e claustros e pelo esplendor do culto, a cidade do Brasil onde mais intenso é o sentimento religioso e onde tambem não é menor a superstição e a crendice, que é a forma da religiosi-

dade das raças africanas, que ahi sempre houve em grande numero.

A colonisação de **Sergipe** iniciada em 1590 por Christovão de Barros e por successivas entradas para domar os indios dos rios Real, Sergipe e Japaratuba foi estorvada com a guerra hollandeza que aliás tornou conhecidas todas as terras da capitania. No fim do seculo XVII rebentaram ahi graves tumultos que revelavam já o poder da aristocracia dos *senhores de engenho* que se oppunham abertamente ás auctoridades. Sempre d'elles, se ha prisão de um aggregado, arrombam a cadeia e desrespeitam a paz publica, acompanhados de multidão de sequazes; a ordem restabelece-se, mas os governadores nunca se atrevem a punir os criminosos e por *expiação* apenas ordenam que façam uma *entrada contra os indios*, pretexto de novas ferocidades; tal succedeu em 1696. Por largo tempo Sergipe (como o Pará, Maranhão e Alagoas) gozou da malsinada reputação de terra ingovernavel, atulhada de assassinos e criminosos da peior especie. Com o tempo se desvanece essa fama, que é aliás a de toda a terra brasileira.

A **Bahia** depois dos successos da guerra hollandeza, e quando recuperou a tranquillidade, traçou a conquista do sertão durante as attribulações d'aquella guerra todo de novo conquistado por tribus barbaras de indios, que aproveitando a ausencia dos colonos devastaram a terra e impossibilitaram o estabelecimento dos portuguezes. Com uma turba de paulistas sob a direcção de João Amaro, em 1763, começou-se a expurgar o

territorio com as milicias a posto, em grande apparato de guerra; tomaram as tropas diversas direcções até o Rio de S. Francisco; milhares de indios foram abatidos e suas aldeias arrazadas, outros milhares algemados vieram trazidos ao mercado da escravidão e os que a ella ou á morte escaparam, fugiram para além dos vestigios do homem civilisado. Os resultados da expedição de João Amaro asseguraram apenas a possibilidade da colonisação do interior, que não se fez a mais do que havia, de modo que, passada uma geração, os indios voltaram de novo ás florestas d'onde a rude chacina de carne humana os havia refugiado. E ainda até hoje, ao menos na região meridional, os Aymorés e Puris tornam difficil o caminho das grandes florestas do interior.

O que não poude a caçada e a morte ao gentio, melhor o obteve a instituição de missões que conseguiram em parte domar o indio bravio e chamal-o ao gremio da civilisação.

IV. **O interior**: grupo comprehendendo *S. Paulo*, Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso. [1]

A Capitania geral de *S. Paulo* que resultou da fusão das antigas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro e logo se emancipou da

[1] Vide a nota [1] da pag. 249. Por ella se vê que a jurisdicção do Rio, interrompida no littoral de S. Paulo, (desde 1709), continúa de Santa Catharina até o extremo sul; ao passo que nos seus primordios S. Paulo domina todo o sertão do oeste, em região quasi equivalente a todo o resto do Brasil.

administração do Rio de Janeiro, veiu a ser a maior capitania do Brasil, pois estendia-se para Oeste até os limites hespanhoes e para o norte até o Maranhão, com a successiva conquista e occupação do interior pelos ousados paulistas. D'esse enorme trecho de terra foram-se desprendendo e formando outras capitanias novas que a importancia dos lugares ia creando: a de *Minas Geraes*, em 1720; a de *Goyaz*, em 1744; e a de *Matto Grosso*, em 1748, que então nessas datas tiveram governo separado.

Nas suas origens foi a Capitania de **S. Paulo** (S. Vicente) a mais antiga do Brasil, e onde se instituiu melhor ordenada a colonisação e a agricultura segundo as fórmas e os processos que depois se generalisaram para as outras partes do paiz. Toda a população estava condensada em S. Paulo e Santos, para onde logo cedo vieram transplantados a escravidão africana, os animaes domesticos europeus, o gado e a canna de assucar. Da população branca, derramada por entre a dos indios, originaram-se caribocas e mamelucos, que mais tarde se distinguiram como os mais audazes pioneiros da terra na organisação das *bandeiras*, no commercio da escravatura indigena, d'onde resultaram conflictos memoraveis com os jesuitas e horriveis fratricidios pelo descobrimento das minas. [1]

---

[1] Os principaes assumptos a que alludimos achamse já desenvolvidos em outros logares d'este livro. *Bandeiras* (pag. 153), *Minas* (pag. 203), conflictos com os *Jesuitas* (pag. 175).

Foi então a infame prêa dos indios posta um pouco á margem, e as correrias em busca de metaes preciosos avolumaram-se com o concurso de estrangeiros e de gente de toda a casta.

Em 1709 as capitanias de S. Vicente e Itanhaen, pelo preço de 40:000 cruzados, foram annexadas á corôa e logo independentes do Rio de Janeiro e formando com Minas uma capitania á parte.

Quando governava D. Pedro de Almeida, produziram-se grandes levantamentos e desordens, com a cobrança do quinto do ouro; para melhor attender á justiça d'esses casos, D. João V, em 1720, desmembrou Minas de S. Paulo. Data d'essa desaggregação novas conquistas que os paulistas emprehendem sob o governo de Rodrigo Cesar de Menezes, descobrindo novas minas de ouro em **Goyaz** e em Cuyabá. O Governador passou-se para **Matto Grosso** a fim de dividir as terras auriferas, regularisar a arrecadação e interesses do fisco em tão longinquas paragens. Em breve Matto Grosso e Goyaz são feitas capitanias independentes. Tres capitanias de immenso territorio foram assim conquistadas para a corôa pelos paulistas em menos de um seculo.

O primeiro paulista que penetrou em **Matto Grosso** ainda no seculo XVI, foi Aleixo Garcia com uma escolta de indios baptizados. D'ahi por diante numerosas bandeiras ao norte (a de Manoel Corrêa pelo Araguaya, etc.), e ao sul, exploram a região, sem nellas fundar estabelecimentos duraveis. Uma d'ellas, a de Paschoal Moreira Cabral, seguindo as pégadas de outra anterior, (a de Antonio Pires de

Campos, 1768), subiu pelo rio dos Cuxipós e, encontrando ouro, parou no sitio chamado *Forquilha* e despachou um proprio para dar a auspiciosa noticia ao conde de Assumar, governador de S. Paulo. A' divulgação da noticia, atiraram-se inexpertos e numerosos aventureiros á cata do metal, e por desconhecerem os longos e invios sertões, morreram á fome ou nas emboscadas dos ferozes Payagás e Gaycurús; outros lograram alcançar o Paraguay subindo e descendo em zig-zags longuissimos e com grande desperdicio de tempo, todos os varios rios que lhes pareciam dever levar á região ambicionada. A insignificancia dos achados não compensava tamanhos sacrificios, que só a esperança de novas surpresas alentava. Assim começaram a existir os arraiaes e povoações de Matto Grosso.

As expedições de Matto Grosso levaram á occupação de **Goyaz**; uma d'ellas, a de Manoel Corrêa, voltou pelo Araguaya em 1647, e penetrando até o pequeno rio dos Araes, ahi apanhou algumas oitavas de ouro. As expedições d'este tempo eram, para assim dizer, de *longo curso* e muito frequentemente vinham parar no Amazonas e no Maranhão, descendo a corrente dos grandes rios do norte. Um dos mais audazes aventureiros da época, Bartholomeu Bueno da Silva, cuja fama e terror entre os indios lhe grangeiaram o nome de feiticeiro, ou *Anhanguera*, diz-se por ter ameaçado aos selvagens de pôr em labaredas as mattas e os grandes rios do interior (e para demonstrar aos supersticiosos selvagens a possibilidade da façanha, fazia arder a aguardente numa escudela), partiu de S. Paulo

em 1682 e penetrando no sertão de Goyaz conseguiu effectivamente colher grandes porções de ouro. Maior colheita, de 8:000 oitavas, colheu depois o filho de Bartholomeu Bueno, e da sciencia d'este resultado data o povoamento regular de Goyaz. Bueno filho foi nomeado capitão-mór das novas terras e encarregado da arrecadação do quinto. Começa aqui a éra naturalissima das sedições e dos crimes frequentes entre a gente ambiciosa e adventicia, ao que põe um termo a creação de um governo separado do de S. Paulo.

A historia de **Minas Geraes**, depois de sua separação, que foi em 1720, [1] e quando quasi toda a população se condensava a sudeste (Ouro Preto, Marianna, Sabará, etc.), começa com a expansão do povoamento para o norte (Minas novas, então annexada á Bahia), e para noroeste (o rio e as minas de Paracatú, 1744).

Lourenço de Almeida foi o primeiro capitão-geral; com a terminação, embora não completa, das antigas desordens, começaram a florescer ao lado da mineração as outras industrias uteis da agricultura e da criação, que alli tomaram grande incremento, e de maneira que ao dizer d'um viajante celebre, «Minas poderia viver sem o concurso do resto do mundo».

Com a nova capitania, cogitou o governo em arrecadar melhor os direitos sobre o ouro e tratar de substituir o quinto pela capitação

---

[1] Antes d'esta data tem historia commum com S. Paulo. Vide o capitulo *Minas*, pag. 203.

dos escravos occupados na mineração; meio de evitar o contrabando e outras fraudes. O povo offereceu pagar 100 arrobas annuaes, quando não attingisse essa enorme somma a cobrança do quinto. Não foi acceita a proposta (1734). O governador Gomes Freire de Andrade fez adoptar o imposto de capitação, que durou até 1751.

Por esse tempo occupavam-se na mineração cerca de 80:000 homens, ou o terço da população. Assim empobreciam ou esgotavam-se as lavras de ouro, successivamente abandonadas, umas pelas outras, até mesmo pela insufficiencia technica dos exploradores, ineptos ou sem capitaes; dentro em pouco começou a decadencia, de modo que nos tempos da independencia do Brasil occupavam-se da mineração apenas 5:000 pessoas. Em 1819 o quinto rendeu apenas 7 arrobas; as fundições reaes estiveram todo o tempo pejadas e mortas. [1]

Além da riqueza do ouro, concedeu a natureza á feliz capitania mais o thesouro dos diamantes. Poucas milhas ao norte do Serro em rude e aspera região cortada de limpidos regatos, acharam os bandeirantes as primeiras pedras preciosas. Sebastião Leme do Prado enviou algumas d'ellas a Lisboa (1725); outro mineiro, Bernardino da Fonseca Lobo, fez egual remessa (1728) de bellos exempla-

---

[1] Von Eschwege computou a producção do ouro no Brasil até 1820 (incluido o calculo de contrabando, etc.), em 63:467 arrobas e 14 marcos, do valor de 650,000,000 Thaler pr. Crt., que nada deixaram de grandioso e util na terra d'onde foram arrancadas.

res, que foram então reconhecidos na plenitude do seu valor: um consul hollandez ou um portuguez da India declarou que eram magnificos diamantes. A corôa deixou a exploração dos diamantes aos particulares, reservando-se como a respeito do ouro, a superintendencia e fiscalisação do producto, impondo em vez do quinto, um imposto de capitação sobre cada pessoa occupada naquella industria; o imposto a principio era de 5$000 réis e foi augmentando até 40$000 réis (1731, 20$000; 1733, 25$000; 1734, 40$000); os diamantes só podiam ser embarcados na frota real e pagavam 1 % *ad valorem.*

E' o tempo em que o districto dos diamantes recebe de subito mesclada população de 40:000 immigrantes de todas as condições que procuravam as pedras prociosas e á vista dos fiscaes se refugiavam nas grimpas das serras (garimpeiros). Luctuosas tragedias passam-se entre esses aventureiros, a que só guiava a ambição; uma das lavras é descoberta entre os malditos gritos de *Mata! mata!* e o labeu do nome fica perpetuado. A producção foi enorme; em Lisboa e na Europa o diamante desceu tres quartos do valor; queda que o governo conseguiu sabiamente corrigir, limitando os excessos dos garimpeiros, as fraudes, elevando a capitação do explorador a 240$000 réis e afinal declarando de 1.º de Janeiro de 1740 em diante monopolio da corôa. Foi o monopolio arrendado primeiramente a João Fernandes de Oliveira; depois a Felisberto Caldeira Brant, que não podendo solver o que devia, foi responsabilisado, deportado para Lisboa onde morreu na prisão.

Mais tarde Pombal, que procurava remediar a tudo com regulamentos e outros apparatos de policia-administrativa, reformou e regulamentou com rigores tão escusados a industria dos diamantes que depois de tirada aos livres garimpeiros, de facto frustrou as esperanças que nella se haviam posto.

v. **O Sul** (quarto grupo, comprehendendo Espirito Santo, *Rio de Janeiro*, Santa Catharina, Rio G. do Sul). [1]

A capitania geral do **Rio de Janeiro** em 1658 emancipou-se da subalternidade da Bahia, e comprehendia mais a da **Parabyba do Sul** ou S. Thomé (Campos de Goytacazes) incorporada já á corôa, e tinha superior jurisdicção sobre outras capitanias privadas, **Espirito Santo, S. Vicente** e **S. Amaro**, que foram pouco a pouco passando ao dominio do Rei. O *Espirito Santo*, que foi doado a Vasco Fernando Coutinho, foi afinal comprado por D. João V em 1717 pela somma de 40:000 cruzados. O mesmo rei, attendendo aos interesses e desenvolvimento das minas, separou S. Paulo e Minas reunidos, da jurisdicção do Rio (1706) e depois annexou ao dominio do Rio as capitanias do Sul *Santa Catharina* e *Rio Grande do Sul* (1738). [2]

A historia do Espirito Santo consiste em

---

[1] Neste grupo de estados separamos o de S. Paulo, que promove o povoamento do interior e por conseguinte abrange a historia de Minas Geraes, Matto Grosso e Goyaz.

[2] As antigas capitanias de S. Amaro e S. Vicente, depois de longas questões de limites, foram reunidas sob a denominação de S. Paulo e incorporadas á corôa.

encarniçadas luctas entre os colonos, que apenas occupam o littoral e os indios bravos botocudos e goytacazes, que descem de vez em quando em correrias até a costa. Para combatel-os serviam-se os colonos dos outros indios mansos da raça tupi, mais valentes e cultos, localisados muitos d'elles nas missões jesuiticas de Itapemirim, Villa Velha e S. Matheus. No tempo da primeira invasão hollandeza (na Bahia) o Espirito Santo soffreu um ataque da frota de *Patrid*, que foi heroicamente repellido, sendo as tropas dos invasores obrigadas a embarcar rapidamente, desenganadas da victoria (1625).

Continuaram as missões e aldeiamentos a prosperar até que Pombal os entregou ás avidas e incapazes *directorias* que aqui, como por toda a parte, os arrastaram á completa ruina.

A capitania do *Rio de Janeiro* enriqueceu e teve incremento extraordinario logo nos seus primeiros tempos; era um dos emporios do grande commercio que então se fazia com o Rio da Prata e mesmo com o Perú, apesar das rigorosas prohibições do governo hespanhol (1552). Isso explica porque já em 1648 póde ella, dominando os mares com seus proprios recursos, soccorrer e libertar Angola da invasão hollandeza. O commercio com o sul avalia-se por essa informação de que quando por accordo de Hespanha e Portugal se ordenou a cessação dos escambos, havia no Rio de Janeiro só em mercadorias 600:000 cruzados, exclusive outros valores. Depois da perda do commercio estrangeiro vem compensação ainda maior com o descobrimento das minas e o commercio interno, que por esse

motivo se desenvolve. Todas essas vantagens deram primasia á cidade de S. Sebastião, que logo se impoz como capital do Brasil. Não menos contribuiu para a sua fortuna a longa paz que desfructou em quanto o Norte se debatia e se esgotava com a guerra estrangeira.

Poucas são as interrupções da tranquillidade da capitania mais oriundas de visinhos immoderados ou do arbitrio vulgar de auctoridades pouco conscienciosas. Uma d'ellas é a reacção dos colonos contra os jesuitas pela eterna causa dos opprimidos indios (1640). [1] Successo sem duvida mais importante é a invasão dos francezes de Du Clerc e a de Du Gay Trouin, que foram repercussões da guerra da successão de Hespanha em que Portugal tomou o partido d'esta contra a França. [2] Represalias momentaneas não perturbaram a vida natural da cidade, mas evidenciaram a quasi inutilidade dos seus meios de defeza e das fortificações que apoz esse desastre foram restauradas. Este periodo de 1710-12 são tres annos criticos na historia do Brasil, no qual se debatem na guerra civil ou estrangeira, Pernambuco, Bahia e Rio, isto é, os tres grandes centros da vida colonial.

A capitania de Santa Catharina fazia parte a principio da capitania de Santo Amaro, doada a Pero Lopes de Souza e em 1711 encorporada á corôa. A colonisação começa tardiamente por parecer talvez a terra afastada das

---

[1] Vide a Parte IV — *Historia Commum*, sobre a *Escravidão Vermelha*, pag. 162 e 175.

[2] Vide o *Capitulo* seguinte.

demais habitadas. São mercadores de indios, e transfugas, aventureiros isolados, naufragos de temporaes frequentes nessa região, os primeiros que occupam a ilha e a costa fronteira visitadas de flibusteiros e contrabandistas de tempos a tempos. Pelos fins do seculo XVI vieram chegando os jesuitas e em 1624 havia já na ilha uma florescente missão, mas esses pios trabalhadores viam seus esforços inutilisados pela deshumana gente que ahi aportava ou buscava homisio.

Dous paulistas, Francisco Dias Velho Monteiro e José Tinoco, em 1651, com seus parentes e escravos e camaradas indios vieram estabelecer-se e fundar grandes lavouras na ilha. Parece que, ao que dizem, Monteiro, com uma emboscada, pilhára um navio carregado de thesouros do Perú que aqui arribára e isso lhe trouxera as continuas represalias que houve com os flibusteiros, numa das quaes foi morto. Os seus companheiros, desgostosos voltaram para S. Paulo e d'este modo ficou a ilha de novo abandonada. Outro paulista, Domingos Peixoto de Brito, fundou a povoação de Laguna e desde então, 1656, começou a colonisação regular, ainda que lenta, d'essa região. Em 1723, por ordem real, vieram colonos açorianos e da Madeira que abriram a corrente da immigração laboriosa e util. A povoação de N. S. do Desterro na ilha, substituiu desde 1739 a de Laguna como séde do governo. Para avolumar a população os deportados, que a principio vinham para todo o Brasil e depois para o Estado do Maranhão, de 1794 em diante vieram designadamente para Santa Catharina; felizmente, por muito

pouco tempo (4 annos), pois as auctoridades reputando o clima saluberrimo resolveram de preferencia colonisar com os desterrados o extremo oeste, Matto Grosso e Amazonas (1797).

O **Rio Grande do Sul**, fóra da linha de demarcação não era considerado parte do Brazil nem foi doado a senhores no tempo da distribuição das capitanias. No seculo XVII o dominio portuguez expande-se até o Rio da Prata pela fundação da colonia do Sacramento, 1680; porém ainda nesse tempo as terras intermediarias entre aquella colonia e Paranaguá estavam fóra do dominio official e entregues á iniciativa dos aventureiros e aos emprehendimentos dos jesuitas.

De Laguna foram ordenadas no anno de 1715 duas expedições para determinar um caminho por terra até a colonia do Sacramento; uma d'ellas com grande risco escapou do captiveiro que soffreu em guerra com os indios, e outra logrou chegar até o Rio da Prata, achando o caminho desejado; na volta porém veio a encontrar-se com expedição analoga da parte dos hespanhoes que com os indios civilisados e dependentes das missões vinham escolher localidades proprias para outros estabelecimentos. Nesse ponto (que é o do Rio Grande) encontravam-se assim as duas expansões: a platina e a brasileira; não houve lucta no momento, e os indios levados a Santa Catharina logo d'ahi voltaram para as suas missões levando o aviso de que não era licito aos hespanhoes invadir a região, já agora considerada portugueza. O resultado d'esta reclamação foi que as missões do Paraguay (Paraná, Paraguay e Uruguay), apezar de flo-

rescentes, não progrediram territorialmente para leste. [1]

De anno para anno, no curso do seculo XVIII, foi-se formando no Rio Grande por iniciativa privada a grande industria pastoril, que é a sua melhor riqueza. O terreno aqui é dividido entre as mattas virgens do norte e as planicies e campos do sul, levemente ondulados, os mais proprios do paiz para a criação, porque cortados de mananciaes perennes, nelles se desconhecem a aridez e as terriveis seccas do norte. O governo apenas naquelle tempo interveiu para abrir um longo caminho entre o Rio Grande e o districto de Minas, por onde deviam seguir as rezes de abastecimento do sertão mineiro, ainda sem a criação do gado. Em todo o caso pensou-se em occupar militarmente a região e em 1737 o brigadeiro José da Silva Paes fundou um forte na foz do Rio Grande em redor do qual se estabeleceram indios e açorianos, aldeia transferida depois para uma legua mais a nordeste e foi a origem do porto actual. Porto Alegre, tambem fundada com açorianos em 1743, tornou-se a cidade capital desde 1770; d'esses dous estabelecimentos nos extremos da Lagôa dos Patos irradiou a colonisação da capitania com a fundação de novos nucleos de povoação. E' capitania geral e independente da do Rio de Janeiro só em 1807.

Em todo o curso da sua historia viu-se en-

---

[1] Quando tratarmos dos limites do Brasil e das questões a que deram logar, voltaremos ao assumpto. V. capitulo seguinte.

volvida nas luctas originadas das questões de limites entre as possessões hespanholas e portuguezas.

No seculo actual passaram ao dominio portuguez (1801) as sete missões do Uruguay: S. Francisco de Borja, S. Nicoláo, S. Luiz Gonzaga, S. Lourenço, S. Miguel, S. João Baptista, S. Anjo. Eram ellas governadas theocraticamente com estricta disciplina de costumes e de trabalho e eram o exemplo da capacidade maxima dos indios quando bem dirigidos. Ataques e aggressões não lhes faltaram por parte sobretudo dos paulistas que as intentaram destruir movidos pela ambição do trafico de carne humana: mas a resistencia d'ellas era em egual medida admiravel e terrivel.

Não menos que os indios, os colonos soffriam os embates da guerra e de modo que, diz um escriptor, «o Rio Grande nascia da guerra e tinha de embalar-se e crescer, de educar-se ao som e ao alarido dos toques de rebate e dos impetos da lucta».

Essa eventualidade assignalou desde o berço o caracter do povo.

2

Francezes no Rio de Janeiro. Du Clerc e Du Gay Trouin

Portugal, como a Inglaterra e a Hollanda, auxiliava as pretenções da casa d'Austria quando vacante o throno hespanhol de Car-

los II, o qual Luiz XIV ambicionava para o seu neto Philippe de Anjou. A *Guerra* chamada *da SuccPssão* da corôa hespanhola, aqui repercutiu na colonia portugueza, com as aggressões e represalias dos francezes.

O capitão Du Clerc, da marinha franceza, com uma flotilha de seis navios, veiu investir o Rio de Janeiro por vingar a antiga e mallograda *França Antarctica*, senão principalmente por ser o Rio a cidade mais rica do Brasil, entreposto do commercio do sul e das minas de ouro. A 16 de Agosto appareceu em frente da barra e, encontrando resistencia, fez-se ao mar e desembarcou em Guaratiba mil homens de combate. Sete dias marcharam os invasores atravez de florestas e montanhas, desconhecendo os caminhos, para alcançar a cidade, onde afinal penetraram. Nessa marcha poderiam ser aniquilados, ainda com emboscadas desnecessarias porque o governador do Rio de Janeiro, Castro Moraes, tinha á mão grandes e superiores recursos de gente armada e indios frecheiros.

Francisco de Castro Moraes, porém, era um espirito fraco e cobarde; não se aprestou para a lucta preparando já talvez qualquer composição humilhante e deixou que os inimigos acampassem e pernoitassem no *Engenho Velho* em perfeito socego.

Pela manhã os inimigos recomeçaram a marcha, e para detel-os apenas appareceu um punhado de bravos estudantes commandados por Bento do Amaral Gurgel, que foram logo batidos, e outros dirigidos por um frade trinario Fr. Francisco de Menezes que na descida do morro de Santa Thereza tiveram egual

sorte. Perseguidos pelas ruas e dos morros, os francezes colleiando as montanhas pela estrada de Matacavallos, entraram no coração da cidade, descendo a rua da Ajuda e S. José até o mar. O mestre de campo, irmão do governador, Gregorio de Moraes, e as companhias de estudantes constituiram então a resistencia, que se foi tornando terrivel, ao passo que encurralados num trapiche entre o mar e o fogo inimigo, os francezes já muito dizimados e impossibilitados de agir, sob a ameaça de que far-se-ia saltar com barris de polvora o edificio onde se asylavam, depuzeram as armas e renderam-se.

A negligente fortuna dos portuguezes e fluminenses foi deshonrada pela barbaria com que completaram o malsinado triumpho, deixando os vencidos aqui e alli entregues á canalha das ruas e ao furor das vinganças patrioticas. Numa carta de José da Cunha Brochado lê-se: *Essas acçõens nam se costumam festejar e menos com fanfarronadas*... devia dizer antes, morticinio de centenas de homens apoz a rendição.

A esquadra de Du Clerc appareceu tarde, dous dias depois da catastrophe. Du Clerc ficou prisioneiro no Rio, onde conseguiu aliás a estima da sociedade. Seis mezes depois amanheceu no leito assassinado; o crime parece envolto em mysterio e crê-se que resultou de uma vingança privada. [1]

---

[1] Em todo o caso era obrigação do governo abrir rigorosa devassa, o que se não fez, ficando assim com-

O governo do Rio de Janeiro não cuidou de punir os criminosos e por isso attrahiu sobre si, e de novo, a colera da França, indignada com tamanhos e injustos morticinios.

Coube a **Du Gay Trouin** a empreza de vingar os seus compatriotas. Organisou com abastados mercadores os aprestos da frota e tropas de combate, que o governo concedeu ao habil e já então glorioso official. Eram ao todo dezeseis náos de differente pórte da marinha real e mais quatro de particulares interessados nos lucros do emprehendimento. Seguiu a esquadra a derrota traçada e em 12 de setembro, no meio dos costumados nevoeiros da Guanabara, sem se perceber a presença do inimigo, ouviu-se da cidade o troar da artilharia.

Ainda d'esta vez, não estavamos de todo desprevenidos para a lucta. A côrte de Lisboa tivera noticia da premeditada aggressão e já no porto do Rio se achava a frota real portugueza desde 30 de Agosto e em posição de defeza; mas o capitão Gaspar da Costa, julgando tratar-se de rebate falso, cinco dias depois descuidosamente desembarcou com a sua gente. Ao troar da artilharia o indeciso e negligente capitão, parece que já affe-

---

promettida a fé nacional (Southey, *Hist. do Bras.*, v). Em nota F(ern.) P(inh.) parece levantar a suspeita de que ao proprio governador e governo era incommoda a pessoa do prisioneiro. *Off. do Gov.* de 9 de Nov. de 1710 e *Resp.* do Rei de 7 de Março de 1711. Parece demasiado concluir-se da leitura d'esses documentos a deshonrosa suspeita. Foi crença geral, e a tradição transmittiu, que aquelle crime resultou de uma aventura amorosa de Du Clerc.

ctado da molestia que o abalou mais tarde, não tentou mais resistencia e desorientado, mandou picar as amarras dos navios e ateiar-lhes fogo.

Já nessa hora haviam penetrado no porto as naves de Du Gay Trouin atravez dos fogos das fortalezas. Os habitantes da cidade, do alto das montanhas, viram na manhã seguinte a tomada das ilhas das Cobras, onde os francezes levantaram novas trincheiras e desembarcaram tres mil e tresentos homens, com petrechos de guerra e morteiros que serviriam de artilharia de campanha.

O governador, como da vez passada, entregando tudo ao acaso, deixára-se ficar em desidiosa inacção, que mais se explicava pelo terror que pela falha de tino e prudencia. Os francezes não querendo aventurar-se, como Du Clerc já havia feito, a combater no labyrinto das ruas, fortificaram-se na praia e intimaram a rendição da cidade. Na intimação exigiam a punição dos assassinos de Du Clerc e a satisfação das antigas offensas contra os prisioneiros deshumanamente trucidados. Francisco de Castro respondeu dignamente que defenderia a cidade até a ultima gota de sangue; mas a conducta que teve não correspondeu a esse arranco diplomatico.

Em noite escura de trovoada e ao clareiar dos relampagos, em quanto em mal seguros botes desembarcavam os francezes para os lados de S. Bento, extranho espectaculo se passava na cidade; o povo fugia, homens, mulheres e crianças pelo campo afora precipitadamente no terror que a escuridão e a tempestade tornavam panico e lugubre. Ao vêr

esvasiar-se entre lamentações a cidade ora deserta, os proprios soldados resentiram-se d'essa debandada perdendo o espirito e a coragem. Pensou-se pois em negociar, e logo um embaixador (que foi o ajudante de Du Clerc, prisioneiro) levou ao ousado invasor a declaração de que a cidade se entregava sem resistencia.

Seguiu-se horrivel saque de despojos, alfaias e fazendas pelos soldados francezes, aos quaes se juntaram quinhentos prisioneiros que aqui estavam da guerra anterior e por obra d'estes foram comtudo poupadas as casas de amigos caridosos que os protegeram no captiveiro. Du Gay Trouin com grande brio conseguiu, passando alguns pelas armas, restabelecer a disciplina da esfaimada soldadesca.

A cidade foi então resgatada por 600 mil cruzados, fóra o que já se achava nas garras dos saqueiadores. Chegavam então nesse momento de Minas grandes reforços e era possivel resistir com segura victoria; mas não se cuidou mais nisso e a vergonha do desastre consumou-se inteira.

Por falta de animo e prudencia foi o inepto Governador duramente condemnado a degredo perpetuo na India.

«As nossas injurias, diz um contemporaneo dos successos, tem feito um callo tão forte que são invulneraveis a qualquer golpe de murmuração».

Nesse tempo a preoccupação das riquezas das minas havia com o espirito das especulações amortecido o sentimento militar.

Não pareciam estes os portuguezes das outras eras.

VI

DEFINIÇÃO TERRITORIAL DO PAIZ

(1750 e 1777)

Em 1740 havia o Brasil attingido a sua maxima expansão territorial; conquistára o sul até a margem septentrional do Prata e todo o oeste até o Paraguay, o Madeira e o Javary. Ficou assim definida a sua configuração geographica que a diplomacia ou a guerra consolidou.

1

As Fronteiras

No seculo XVIII tornou-se inevitavel definir a configuração exacta do Brasil. Quão longe estavamos já do tractado de Tordezilhas! Os brasileiros paulistas e os jesuitas haviam, pela occupação e conquista, triplicado a area da antiga colonia. Todo o oeste meridional, até os confins do Paraguay e da Bolivia, e o oeste septentrional, por quasi todo o curso do Amazonas, formavam o immenso sertão continental, augmentado ao patrimonio do meridiano da demarcação. Além d'isso o Brasil, do seu extremo em Santa Catharina, levou a occupação centenares de milhas até o estuario do Prata.

Com essa extraordinaria expansão, veiu o paiz a entrar em conflictos de duas origens: —uns, com a Hespanha, que cercava de quasi todos os lados terrestres a colonia com o seu dominio sul-americano; outros, com a

Guyana, a região do menosprezo, onde repousaram afinal as garras dos europeus, contendores e inimigos do imperio colonial iberico. [1]

As questões de limites a oeste e sul, podiam então resolver-se só com tratar com a Hespanha; a faixa menor do territorio limitrophe com a Guyana tinha e tem aspecto mais complexo, pela multiplicidade (e hoje pela importancia) dos contendores, máo grado a menor importancia das terras. [2]

---

[1] *Guyana* é apenas a expressão geographica do ardente territorio entre o Orinoco e o Amazonas. E' curioso que onde Colombo collocára a *Estrada do Paraizo* (Orinoco) e onde mais ou menos collocou a lenda o *El Dorado*, maior ahi fosse o abandono dos dous grandes senhores da America meridional. Hespanhoes e portuguezes pouco se occuparam da região: os primeiros nem sequer d'ella tomaram posse effectiva, e vindos do Pacifico lançaram os seus ultimos padrões no Orinoco. A região abandonada tornou-se a compensação para os francezes, inglezes e hollandezes, que não conseguiram fixar-se no Brasil.

Formaram, pois, uma **Guyana franceza** (Cayenna), uma **Guyana hollandeza** (Surinan), uma **Guyana ingleza** e por conchavo com a Companhia de Hollanda (1669), uma **Guyana allemã** (a *Neue Teutschland* ou *Hanauisch Indien*, do principe de Hanau), e se a Italia fosse então um paiz uno, teria tambem a sua Guyana. *Por imitação* o Brasil tambem teve a sua Guyana Brasileira.

[2] Tambem nesse tempo o dominio hespanhol limitrophe estava dividido em tres vice-reinados: (o de *Buenos Aires*, o de *Lima* e o de *Santa Fé de Bogota'*, eram os seus nomes e abrangiam respectivamente os Estados de La Plata, sul e sudoeste, os Estados do Perú e os Estados da Colombia). Essa divisão todavia não prejudicava a unidade da questão diplomatica naquelle tempo.

Hoje, com a independencia das republicas sul americanas resurgiu e complicou-se a questão dividida

A expansão do poder colonial tinha até 1644 attingido o cabo Norte expellindo do Amazonas e do littoral circumvisinho os flibusteiros hollandezes e outros que haviam tentado estabelecer-se nessa região; mas assegurado o dominio d'aquella costa, tomou nova direcção, internando-se pelo grande mediterraneo amazonico.

Entre o Oyapoc e o Orinoco, pois, que a Hespanha nem Portugal reclamavam, foram-se fundando estabelecimentos estrangeiros. Os francezes conseguiram fixar-se na visinhança do dominio portuguez e na ilha de Cayenna fundaram uma colonia (1664) que, pertencente á Companhia franceza de Commercio das Indias occidentaes, logo dez annos depois passou ao dominio da corôa de França (1674); os aventureiros francezes de Cayenna foram expandindo o seu commercio até áquem do Cabo Norte e tentaram por vezes, não sem exito, navegar pelo rio Amazonas contra a resistencia das auctoridades brasileiras; por outra parte, nas terras interiores eram frequentes os protestos dos missionarios contra os aventureiros d'aquella nacionalidade. Gomes Freire de Andrada (1685-87), capitão general do Pará, enviou neste sentido uma reclamação ao governador de Cayenna attestando o direito portuguez sobre ambas as

---

entre reclamações da Argentina, Paraguay, Bolivia, Perú, Colombia e mesmo o Equador.

Do lado das Guyanas, excepção feita do contestado francez, os terrenos disputados são interiores e actualmente ao menos, de valia não muito grande.

margens do rio e a sua exclusiva navegação. Era esse protesto tido a conta de inutil impertinencia num tempo em que reinava sobre os francezes o mais poderoso dos seus reis. Não passava talvez despercebido ao orgulho de Luiz XIV o dominio do rio gigantesco do sul a exemplo do que fundava ao norte com a Nova França nas bôcas do Mississipi, guardando assim as chaves dos dous mediterraneos do Novo Mundo. As reclamações de parte a parte degeneraram em franca hostilidade; os francezes apossaram-se do forte de Macapá, que logo depois perderam. Como Luiz XIV queria a boa amisade de Portugal na pretenção do throno hespanhol para o neto Philippe d'Anjou, em Tratado provisorio (1700), e num tratado de alliança (1701) conveiu em renunciar á margem septentrional do Amazonas, sob promessa de apoio da candidatura de Philippe (V). Foram esses tratados logo annullados porque Portugal collocou-se do lado da Inglaterra, Hollanda e Austria em favor das pretenções do principe austriaco, que disputava a succession da corôa hespanhola. Depois da guerra da successão [1] assignou-se a paz de Utrecht, 1713; a França, coagida pela Inglaterra, abriu mão de suas successivas pretenções restringindo a sua Guyana ao limite oriental extremo do Oyapoc e renunciando ao commercio e navegação do Amazonas.

Esse compromisso foi violado pela Repu-

---

[1] Cujos effeitos no Brasil foram as represalias de Du Clerc e Du Gay Trouin, pag. 255.

blica franceza, que apoz curta guerra com a peninsula e pela paz de **Madrid** (1801) exigiu um limite mais ao sul, o do rio *Parapanatuba* e depois pela paz de **Amiens** (1802), por influxo da Inglaterra, o de outro rio mais ao norte, o *Araguari*.

D. João VI, refugiado no Brasil, conquistou a Guyana franceza, que foi depois restituida com o Congresso de Vienna (1815), mas sem determinação dos limites que só mais tarde pela **Convenção de Paris** (1817) foram designados como sendo os do tratado de **Utrecht**, que voltava a ter pleno vigor.

A França todavia reclama até ulterior fixação ao menos todo o territorio do sul até o rio Araguari e esse trecho de terras, ora conhecido pelo nome de Contestado, entre o Amapá e o Oyapoc, foi declarado neutro desde 1841.

As **Guyanas ingleza e hollandeza** tambem não teem limites determinados com o Brasil. Os mais naturaes d'elles seriam a divisoria (ás vezes incerta) das aguas do norte e das do Amazonas pelas elevações ou serras de Tumucumaque, Acarahy, etc. Mas a Inglaterra reclama uma parte da bacia amazonica (Tukutu e Cutingo) e conveio com o Brasil em declarar neutro (1842) o territorio de *Pirara* (entre Rupununi e Cotingo, commum ás duas vertentes); não obstante, frequentes vezes forças militares inglezas teem avassallado o territorio. [1]

---

[1] Recentemente o arbitro na questão de limites entre a Inglaterra e Venezuela concedeu á Guyana in-

A questão de limites com a **America hespanhola** foi nos tempos coloniaes regulada principalmente pelos dous tratados de Madrid (1750) e de S. Ildefonso (1777).

O primeiro accordo entre os dous imperios foi o de **Tordezilhas** (1494) que se tornou obsoleto desde que a Hespanha firmou a posse das Philippinas. Tambem já não conviria mais aos interesses de Portugal no Brasil desde o seculo XVII quando o dominio portuguez ao norte e ao sul e a oeste passára além do meridiano assignalado. [1]

Os hespanhoes da America, conservaram-se muito distanciados da colonia portugueza; ao norte havia um grande hiato deserto entre o Pará e a costa de Colombia; ao sul outro semelhante entre Laguna e Buenos Aires; do lado do oeste, porém, os hespanhoes limita-

---

gleza limites que prejudicariam os nossos direitos. O nosso ministro protestou. Por varias occasiões, como dissemos, os inglezes têm occupado o territorio. O forte de S. Joaquim com o seu primeiro aldeiamento data das guerras hollandezas. Em 1836 ahi se estabeleceu um missionario inglez Youd e ficou por muito tempo apezar das nossas reclamações. Veiu afinal para alli um destacamento militar que arvorou a bandeira ingleza em Pirara (1842).

[1] O meridiano da demarcação com a imperfeição da sciencia e dos instrumentos do tempo seria difficilmente determinado com exactidão. Em qualquer caso no seculo XVII os portuguezes avançaram para além de Belem, ao norte, e além de Santa Catharina ao sul e pelo interior até Matto Grosso e o Alto Amazonas, triplicando a area de influencia que o tratado de Tordezilhas assignalava.

vam-se apenas á região andina e suas proximidades. D'esta arte a expansão portugueza foi-se fazendo sem obstaculos; os jesuitas, os colonos, sobretudo os paulistas, conquistam todo o occidente — pelo Amazonas até ás primeiras missões do Equador, pela região das minas até as povoações bolivianas; e pelo sul desde logo, 1679-80, chegou-se ao Rio da Prata pela fundação por ordem d'el-rei da Colonia do Sacramento. Com essa expansão extrema que se completa no seculo seguinte é que entram em contacto e por todos os pontos, portuguezes e hespanhoes. Nesse seculo, (XVIII) pois, é que se agitam as questões de limites até então, por inuteis, esquecidas.

Nesse interim a occupação portugueza já se tinha realisado em certos pontos essenciaes: as missões de Entre-rios a leste do Uruguay, 1715, (reclamação das auctoridades de Laguna) Minas Geraes, Matto Grosso, Goyaz, 1700-1734; o Guaporé, e Madeira, (Manoel Felix de Leme) 1742; o forte da Lagoa dos Patos, 1737. Eis o Brasil dos meiados do seculo dezoito.

Portugal e Hespanha vivendo nesse tempo em cordeaes relações [1] resolveram amigavelmente assentar os limites dos dous imperios na America. Negociaram o ajuste o Conde de Villa Nova de Cervera e José Carbajal; foi concluido assim o **Tratado de Madrid** de 1750.

---

[1] Fernando VI de Hespanha desposára uma princeza portugueza, filha de D. João V. D. José de Portugal casara-se com a filha de Philippe IV. Eram, pois, os dous reis duas vezes cunhados.

A linha de limites accordada era a seguinte: devia começar ao sul no sangradouro da Laguna de *Castilhos*, (34'° 20' Lat. s.) seguir pelos montes de *Castillos grandes* ás cabeceiras do Rio Negro, affluente do Uruguay, até ás do Ibicuhy e por este rio até o Uruguay; d'ahi descia o Uruguay abaixo até o rio Piperi e deixando o Uruguay pelo Piperi acima até as suas cabeceiras, d'ahi em linha recta até as cabeceiras de outro pequeno rio proximo (S. Antonio) que se lança no Iguassu e por este até a sua confluencia no Paraná, e pelo Paraná até o Iguarei e pelo Iguarei e suas cabeceiras até encontrar o Paraguay, seguindo mais ou menos a linha recta ou a divisão das aguas ou qualquer rio que por ventura existisse, formando-se d'esta arte o limite sul de Matto Grosso. A linha continuava pelo Paraguay acima até a foz do rio Jaurú, d'ahi em linha recta para o occidente até o Guaporé até a confluencia com o Mamoré no Madeira. Descendo o rio Madeira, do ponto medio entre aquella confluencia e a foz no Amazonas, a linha seguiria até o Javari e por elle até a embocadura no Amazonas e em seguida pelo Amazonas até o Japurá, subido este para o norte até as cabeceiras; attingido este ponto, procurar-se-ia a linha divisoria das aguas do Orinoco e Amazonas e por ella traçar-se-ia o ultimo trecho das fronteiras.

O tratado de 1750 consignava, pois, no seu todo e com pequenas e insignificantes differenças, a *configuração actual do Brasil;* pode-se affirmar que a formação territorial do paiz na sua total expansão data d'esta era.

A determinação d'estas fronteiras, ainda

que vantajosa para ambas as partes, sempre se tornou difficil. Desde o momento de concluido o tratado foi mal recebido pela opinião publica de ambos os paizes, a qual sempre está disposta por natureza a hostilisar as pretenções estrangeiras. Duas commissões mixtas foram nomeadas para demarcar a immensa fronteira: uma, ao norte, com o capitão general do Pará Mendonça Furtado e Iturriaga; e outra, ao sul, com Gomes Freire de Andrade e o Marquez de Val de Lirios. Esta logo encontrou opposição e guerra dos indios das missões dos jesuitas, que se levantaram em rebellião por não quererem ser incorporados, como o deviam ser pelo tratado, ao dominio portuguez; foram depois de longa lucta subjugados ou antes exterminados; não podiam os hespanhoes deixar de sympathisar com a attitude dos indios e por isso d'ahi por diante a commissão entrou a malentender-se e a levantar difficuldades por nonadas e bagatelas, sem que o trabalho de demarcação fizesse progressos; nesse interim a politica européa modificava-se com a morte do rei hespanhol. Uma nova convenção feita em 1761 annullava o tratado de Madrid, e repunha o antigo estado de cousas: a Portugal restituia-se a colonia do Sacramento e á Hespanha as desventuradas Sete Missões.

Com esse mallogro, a que se seguiu a guerra durante quinze annos (1761-1777) com sorte adversa assistimos á occupação do sul do paiz pelas forças de Ceballos que chegou a apossar-se do Rio Grande (1762) e até de Santa Catharina (1777). Com a ascenção de D. Maria I (princeza hespanhola e irmã de

Carlos III) chegou-se afinal á paz e a um accordo das fronteiras pelo **Tratado de Santo Ildefonso** (1777).

Pelo tratado de *S. Ildefonso*, eram restituidas as terras conquistadas do Rio Grande e a Ilha de Santa Catharina, e a Hespanha guardava a posse da colonia do Sacramento.

A linha geral das fronteiras d'este tratado é a mesma de 1750, excepto ao sul; agora a linha de separação começa no arroio Chui (33° 45' L. s.) e pela Lagôa Mirim ao Rio Negro e pela divisoria das aguas do Uruguay até a confluencia nelle do Pepiri.

D'aqui por diante a fronteira é a mesma do tratado de Madrid; vê-se por tanto que as Missões do valle do Uruguay voltavam ao poder da Hepanha.

Os demarcadores, divididos em cinco commissões seccionaes, pouco fizeram de util, perdendo o tempo em questiunculas e desintelligencias por espaço de mais de um decennio.

Sobreveio a guerra, a que a Revolução franceza havia arrastado a peninsula em 1801, collocando-se Portugal ao lado da Inglaterra. Os brasileiros tomaram o forte de Jaguarão e dominaram todo o valle oriental do Uruguay, onde as missões indianas, ora entregues á administração leiga, renderam-se indifferentemente aos novos senhores. Os territorios occupados foram reconhecidos nossos mais tarde em tratado com Montevidéo (1819, 1851, 1852 e 1857). [1]

---

[1] Neste seculo a questão da fronteira com a Hespanha multiplicou-se com a creação e independencia

2

As guerras do Sul. A Colonia do Sacramento e as Missões do Uruguay

Para os lados do sul da America, em 1675, o ultimo estabelecimento portuguez era Laguna, e o primeiro hespanhol era Buenos Aires; o largo trecho intermedio do littoral estava desoccupado. Resolveu então D. Pedro II de Portugal crear um posto militar extremo no rio da Prata, sentinella avançada que devia guardar a fronteira portugueza da America. Foi assim fundada em 1680 na margem esquerda do Prata a **Colonia do Sacramento**, pelo governador do Rio, D. Manoel Lobo.

Tornou-se esta colonia, em terras cuja posse ainda não estava regulada, o verdadeiro pomo da discordia, entre portuguezes e hespanhoes.

---

dos paizes novos: Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Bolivia, Uruguay, Paraguay e Argentina. A fronteira com *Venezuela* foi fixada em 1859, a de *Colombia* está ainda em litigio com o Brasil, Equador, Venezuela e Perú, e a falta de marcos naturaes ainda mais a complica; a do *Perú* (tratâdos de 1851, 58, 77) e a da Bolivia (1867) foram reguladas estrictamente pelo tratado de S. Ildefonso; a fronteira do Paraguay, determinada depois da guerra (1872); a da Argentina suscitou questões a respeito da identificação dos rios Piperi e Santo Antonio (para os argentinos estes são o Chopin e Chapecó dos brasileiros). A questão foi resolvida pela arbitragem dos Estados Unidos em nosso favor (1894).

Successivamente é ella tomada, saqueiada, destruida e depois restituida e reedificada, conforme as vicissitudes da politica européa.

Tomada em 1680 por D. José de Garro, é no anno seguinte reintregue aos portuguezes (1681). Tem egual sorte com Valdez (1705) e restituida de novo pelo tratado de Utrecht (1715).

D'esse lado, os hespanhoes tinham em Buenos Aires recursos incomparavelmente maiores que a da pequena colonia tão distanciada do Rio de Janeiro.

Tinha a povoação, todavia, grande vitalidade, que lhe dava o commercio de contrabando, sempre facil na fronteira; os seus habitantes prosperavam e enriqueciam, e se tornavam fortes.

Quando Miguel de Salcedo, governador de Buenos Aires, em perseguição aos contrabandistas, pôz cerco á Colonia do Sacramento em 1735, devastando os campos e plantações em redor, dentro de muros a povoação resistiu com denodo, os habitantes pegaram em armas e supportaram o bombardeio durante dois annos, quando, numa valorosa sortida, romperam o sitio e puzeram em fuga os sitiantes (1737).

Poria termo a essas continuas questões um tratado que firmasse os verdadeiros limites do dominio portuguez e do hespanhol. Foi de facto celebrado o tratado de Madrid, pelo qual perdiamos a colonia do Sacramento, mas ganhavamos o territorio chamado das **Sete Missões.** [1]

---

[1] V. o capitulo anterior.

Nas terras entre o *Piratiny* e o *Ijuhy* os missionarios de Entre-Rios, jesuitas hespanhoes, haviam fundado algumas *reducções* de indios guaranis convertidos e civilisados que trabalhavam na agricultura, sob o regimen patriarchal dos padres que os dirigiam. Viviam nessas missões, por assim dizer, independentes; eram hespanhoes os jesuitas, mas o governo civil e militar de Buenos Aires não intervinha jamais nesses aldeiamentos nem mesmo para cobrar imposto, de que estavam exemptos.

Os guaranis conservavam a tradição de odio e horror aos brazileiros, nomeadamente aos paulistas, por causa do trafico da escravidão que estes exerciam, e não estava esquecida ainda a traiçoeira ruina, eversão e incendio das missões, realisada pelos bandeirantes no Paraná.

Quando pois elles souberam que seriam incorporados ao dominio brasileiro pelo novo tratado, levantaram-se unanimes. Ainda que o governo lhes proporcionasse o direito de transmigração com seus haveres, para outros pontos, onde novas e excepcionaes vantagens lhes eram offerecidas, não lhes sorria entretanto a contingencia de abandonar as terras que haviam cultivado e onde nasceram e se criaram.

Intimaram as tropas brazileiras que guarneciam o serviço de demarcação dos limites a evacuar o territorio, e começando a resistencia obrigaram-nas a pouco honrosa retirada. (Novembro de 1754.)

Só em Janeiro de 1756 foi possivel reunirem-se o exercito hespanhol e o portuguez

para coagir os guaranis á obediencia da lei; foram assim submettidos. Muitos passaram-se para a região hespanhola e outros procuraram asylo na floresta virgem.

Sem duvida alguma entrava por muito na resistencia aos demarcadores a acção ou o conselho dos missionarios jesuitas, ao sul e ao norte do paiz. Nestas e noutras intrigas que os escravistas, os chamados livres pensadores e especuladores avolumavam, firmou-se o Marquez de Pombal, o ministro poderoso, para obter do fraco rei D. José a lei de 1759, que aboliu na colonia a companhia dos jesuitas.

Mais tarde era annullado o tratado dos limites.

Quando em 1761 rebenta a guerra que resultou do chamado *pacto de familia* (dos Bourbons, de França e Hespanha, contra Inglaterra e Portugal) no sul da colonia recomeçam as antigas luctas. D. Pedro de Ceballos, governador de Buenos Aires, com seis mil homens, toma a colonia do Sacramento que não soube resistir, invade e apossa-se do Rio Grande.

Após uma breve paz, com poderosa armada e um exercito desnecessariamente monstruoso, pois era de vinte mil homens, D. Pedro de Ceballos toma a ilha de Santa Catharina e arrasa as fortificações do Sacramento.

Caíra assim todo o sul, aliás pouquissimo habitado (1777), em poder dos hespanhoes de Buenos Aires, mas logo nesse mesmo anno restituido (tratado de S. Ildefonso) perdendo-se comtudo a colonia do Sacramento, as Missões e algumas terras da fronteira meridional concedidas no tratado anterior.

VII

O ESPIRITO DE AUTONOMIA

1

Os antecedentes

O espirito do seculo XVIII na historia geral dos povos é quasi exclusivamente politico. Do livre exame na religião fora-se passando á analyse das fórmas tradicionaes do governo da sociedade. «Um principio unico d'este seculo, diz um historiador, domina os demais e é o da *humanidade*, o dos direitos do homem, da justiça social e o amor da felicidade do genero humano.» Os seus sabios são os economistas ou os philosophos do racionalismo, mais politicos que naturalistas; os seus grandes nomes na litteratura são Rousseau, Voltaire, Montesquieu, e os encyclopedistas. Os proprios reis submettem-se ao espirito novo; é então a era do *despotismo esclarecido*, dos soberanos que praticam as idéas dos philosophos, Frederico II na Prussia, Catharina II na Russia, José II na Austria, pratica sobretudo resumida no desprezo da religião

e no escarneo das antigas tradições, á custa das quaes esses mesmos soberanos se mantinham. Era o perfeito desprezo da historia e nada escapava á furia contra tudo que tivesse por si a antiguidade e a tradição. Toda essa agitação intellectual, revolvendo as entranhas da velha sociedade, produziu a revolução de 1789.

Antes d'esse grande successo, porém, já um povo da America, consubstanciando em formulas politicas os direitos naturaes do homem, havia sacudido o jugo europeu, e realisado a democracia sonhada pelos philosophos. Em 1776 o Congresso de Philadelphia declarava solemnemente que todos os homens eram eguaes e entre os seus direitos inalienaveis contavam-se o da vida, liberdade e trabalho pela propria felicidade e bem estar; e que quando um governo não servia a esses fins, o povo tinha o direito de abolil-o.

O grande acontecimento achou, em toda a parte, universal applauso e sobretudo, secretamente, no coração de todos os americanos que soffriam ainda o jugo do absolutismo colonial.

Repercutiram, pois, no Brasil essas idéas generosas de liberdade.

Pouco importava que não estivessem preparados (e de facto não estavam os nossos oppressores e ainda menos nós) para levar a cabo a tarefa da emancipação do homem. A verdade é que a idéa nova despertou o sentimento da liberdade em todos os corações bem formados.

O despotismo que Portugal exercia no Brasil não era mais violento do que algures havia

e do que havia na propria metropole; ao contrario, pouco a pouco se tinha elevado na mãe patria o conceito da colonia tão instruida como ella e de certo, se fora unida, mais poderosa. As liberdades lá concedidas aqui tambem nos cabiam com relativa largueza; o grande privilegio da municipalidade do Porto (1490) é egualmente dado á do Rio (1642), ás do Maranhão e Pará (1655), e mais tarde ás da Bahia e S. Paulo (privilegios que garantiam os municipes do arbitrio das auctoridades, do recrutamento, prisões arbitrarias, etc.); os senados das camaras representam aqui importante papel e substituem ás vezes nas capitaes os governadores; outra magistratura, a dos juizes leigos *(juiz ordinario* e depois *juiz de paz)*, é de origem popular como o eram os demagogos dos motins e tumultos, os chamados *Juizes* ou *procuradores do povo* que sempre se punham á frente das rebelliões contra a auctoridade (e foram por isso abolidos). Com quanto essas liberdades e outras não garantissem a colonia contra o despotismo illimitado ou a rapina dos funccionarios, certo é que no resto do mundo as cousas não eram muito mais risonhas. Os progressos do absolutismo real favoreceram o bem estar do Brasil em mais ampla medida do que o faria o systema feudal que nos primeiros tempos retalhou o paiz entre os absolutismos minusculos, mas dobradamente ferozes, dos donatarios.

Depois da restauração de Portugal o Brasil é um principado «e é creado um ministerio das colonias», o *Conselho Ultramarino*, onde são estudados com especial attenção os nossos interesses.

Não obstante, a vida communal no Brasil, no seculo XVIII, quasi se supprimiu com a decadencia da vida agricola e com o descobrimento das minas, e de modo que se perdeu a tradição d'essas liberdades. Succedia então o mesmo com os povos da mais alta civilisação: por toda a parte o absolutismo real triumphava. Na colonia como na metropole os espiritos estavam preparados para o despotismo sem freio de Pombal.

Era obvio que essa luxuria de arbitrio para o bem ou para o mal acordasse a reacção dos espiritos mais prudentes. Para aproveital-o, em todos os seus fructos, as tentativas de emancipação deviam apoiar-se na raça mestiça já formada e que abrangia nesse tempo a metade, senão mais, da população livre. O tentamen dos conjurados mineiros não é só uma empreza de litteratos e philosophos; é, tambem, eis a sua falha de momento, uma conspiração de quasi portuguezes contra portuguezes, é o espirito novo e cosmopolita contra os prejuizos nacionaes; é a mesma revolução que se chama *constitucionalismo* em 1820 com D. João VI e se chama, para nós, *independencia politica* em 1822 com D. Pedro I, ou em uma só palavra, é o liberalismo portuguez contra o absolutismo portuguez; a liberdade dos oppressores contra o despotismo dos oppressores.

E' claro que a população mestiça estaria do lado do liberalismo e por interesse proprio; mas esta série de revoluções não é a sua que ella se reservará com todas as forças para o *abolicionismo* e a *republica*, no imperio.

Quaesquer que fossem, porém, os movimentos da historia, já no seculo XVII se havia formado no Brasil a raça nacional, mameluca em maior ou menor gráo de cruzamento e com essa creação ethnica desapparece por inexplicavel, a lealdade, e começam os perjurios. As duas raças que quasi ao meio então dividem o paiz, começam a odiar-se e a applicar-se nomes despresiveis. A *cabrada*, os *pés de cabra*, dizem os lusos dos brasileiros ; *mascates*, *marotos*, *pés de chumbo*, chamam os brasileiros aos seus oppressores.

Como quer que seja, com a raça nova formava-se o que se poderia dizer a base physica da revolução.

O que succedeu aqui succedeu por toda a America latina, onde os mestiços acabaram prevalecendo sobre os elementos não puros, mas mais homogeneos, dos brancos. As revoluções americanas vestem as fórmas liberaes e cosmopolitas mas são no fundo exclusivamente patrioticas e nativistas ; para o europeu que a descobriu a America é a terra commum ; para o americano é a terra exclusiva.

As raças inferiores ou opprimidas jámais consentem repartir o solo com os adventicios, qualquer que seja o espirito liberal das suas leis todas de imitação da litteratura politica estrangeira.

Não podemos pensar que o homem de côr, consequencia semi-hybrida do contacto heterogeneo de raças tão distanciadas que até por eminentes scientistas como Haeckel são consideradas especies diversas, seja a peste da

cultura americana [1] como sentenceiam os sociologos. Mas não cremos com Martius, que aliás com grande attenção observou essas raças, serem ellas susceptiveis de toda a perfectibilidade; evidentemente e como naturalista Martius pensava no cruzamento crescente pela immigração europea que viria afinal supplantar o caracter das camadas primitivas; felizmente mesmo nas raças mestiças ha sempre uma elite intellectual e moral que consegue subjugal-as e dirigil-as.

As raças miscigeneas no seu todo, porém, quaes nol-as representa a America latina, não possuem a capacidade do *self-government.* Embalde adaptam as idéas da civilisação a seu organismo; falta-lhes o sentimento que aquellas idéas presuppõem e as virtudes e qualidades moraes que, ao contrario das theorias, só a educação secular da historia consegue a custo verter no espirito humano. Pode-se dizer d'ellas que são raças catechisadas, mas não christans; o christianismo vive nellas como num pouco d'agua as gotas de vinho indispensaveis para colorir-lhe o aspecto ou alterar-lhe o aroma.

Em geral, assimilam e preferem as theorias e os systemas mais radicaes porque esses são possiveis só com a demolição da sociedade; cortejam assim a civilisação e ao mesmo tempo satisfazem o instincto interior que é, como o das creanças, puramente destructivo. Sem

---

[1] Die Pestbeule der amerikanischen Kultur, ausgestattet mit allen Lastern und keinen der Vorzuege iher Eltern, *Hellwald.*

o apoio moral dos costumes, as mutações de espirito são nellas rapidas e vertiginosas. Da religião passam á impiedade e ao atheismo; do governo ao anarchismo e, pode-se dizer generalisando, na ordem amam a subversão. Aquelles que descendem directamente da escravidão ou da floresta viva nada teem com o passado que a prole d'elles, não tendo nobreza, não cultiva. Nada aceitam da historia que naturalmente lhes é suspeita ou indifferente, e buscam remedio impossivel nas utopias do futuro que a sua fragil moral não comporta; assim sorriem dos reis que a historia consagrou e ainda escarnecem mais dos deuses falsos que elles proprios fabricam e propõem-se inutilmente a venerar. Nem sabem governar nem ser governados; primeiramente porque confundem a auctoridade com a força que para elles é o unico symbolo d'ella; e depois confundem a obdiencia com o servilismo. Tão grande é a alegria no mandar como é ignominiosa a vergonha no obedecer. E como a obediencia é para elles a escravidão, cada um e todos luctam por uma parcella do mando como por um alimento essencial á vida; e por isso pela força ou pela fraude falsificam todos os actos e processos da vida publica que conduzem ao poder. Por isso contam os annos da existencia pelas revoluções e tumultos; desprezam o trabalho (que é sempre de Tantalo porque podem as crises e as revoluções d'um golpe destruil-o) pelos azares e empregos. O governo é, pois, para elles afinal de contas um orgão do communismo, e um agente da redistribuição da fortuna.

O unico remedio para esses povos é o mesmo da antiga colonisação, o povoamento continuo e a immigração européa (ainda que errada, como no tempo de Nobrega) que trabalha nos officios e arroteia os campos, inocula a vida e coordena essas desordens e, como dizia Thomé de Souza, não cobra do thesouro.

Pelas fórmas politicas, puramente exteriores, como pelas modas de vestuario, não é possivel classificar os povos. As idéas e as theorias espalham-se de povo a povo, e cada povo arroga-se o direito de utilisal-as, como pode. A independencia republicana dos Estados Unidos (onde outra solução não era possivel) fez pouco a pouco republicanas todas as nações da America; pouco a pouco o federalismo de que elles eram a expressão espontanea tornou-se a theoria politica de todas as novas republicas. Sem duvida nenhuma, nessa imitação os povos, sem recursos para perscrutar os segredos obscuros da historia, e mesmo não tendo historia definida, foram levados pelo desejo de alcançar, atravez das fórmas, a substancia do bem estar e da liberdade. E' natural que nessas experiencias tenham pago caro os seus equivocos ou seus erros; e a dezena de nações que vivem ao longo da cordilheira attestam ha quasi um seculo os tormentos d'esse sacrificio ainda não terminado.

Entretanto, esse resultado deve considerar-se inevitavel; não era possivel quebrar a lealdade ao rei, sem injuriar a realeza. Toda a America havia de ser republicana e, embora com as incertezas e erros da inexperiencia,

era seu destino representar um grande passo no progresso das instituições politicas.

No tempo da restauração da corôa portugueza (1640) que coincidiu com a lucta entre jesuitas e colonos em S. Paulo, os paulistas acclamaram um rei em Amador Bueno; mas é provavel que a dynastia, se fosse então fundada, tivesse poucos dias de vida e novas acclamações succederiam á primeira; [1] na revolução nativista pernambucana de 1712 pensou-se em constituir uma republica quasi monarchica ou aristocratica sob o modelo da de Veneza, exemplo já experimentado em Pernambuco mesmo com o principado de Nassau, e com um esplendor e liberalidade como nunca mais se repetiu na America.

Agora, o modelo acariciado pelos revolucionarios mineiros é a nova Republica Americana, que excitava o enthusiasmo de todos os espiritos liberaes do mundo e onde os povos latinos enganosamente pareciam vêr realisado o sonho de Rousseau. [2] Como quer que sejam as origens e as fórmas que por deficiencia de originalidade tomavam de emprestimo, a verdade é que o trabalho negativo, o da destruição do regimen absolutista colonial para assentar as novas instituições, era o unico verdadeiramente difficil, mas era o primeiro que se devia executar.

---

[1] Tambem no Mexico em certo momento foi acclamado um imperador indigena, Agostinho I. Este facto (18 de maio de 1822) talvez pesasse na idéa do Imperio, de 7 a 21 de setembro do Brasil no mesmo anno.

[2] G. Jellinek filia a revolução americana ao lutheranismo.

2

Os conspiradores

Os elementos com que ia agir a revolução não podiam ser mais dignos quando se pensa nos espiritos de escolha que nella tiveram parte.

Alli estava o Brasil no escól da sua gente, no que havia de mais elevado e puro.

Excluidos os antecedentes historicos da colonia, os primeiros germens da revolução seriam trazidos pela cultura universitaria européa onde os principios de Montesquieu, Rousseau e Voltaire eram o alimento commum da mocidade. Os brasileiros numerosos que seguiam carreiras scientificas e litterarias estudavam na França ou em Portugal e não podiam ser insensiveis a esse movimento irresistivel das novas theorias. E' uma conspiração de lettrados. Entre esses estudantes europeus, inflammados de ardor patriotico estão José Joaquim da Maia, Domingos Vidal Barbosa e José Alvares Maciel.

O primeiro d'elles, que era tambem um enthusiasta da independencia Americana, chegou a entabolar relações com Thomaz Jefferson, então ministro da recente republica em Paris. Na sua correspondencia com John Gay, o grande politico americano refere a conferencia que teve com o estudante brasileiro em termos muito sympathicos; percebera para os Estados Unidos a vantagem de uma grande alliança ao sul do continente. Na

entrevista que tiveram proximo ás aguas de Aix, recebeu informações exactas da possibilidade de exito de uma revolução se o Brasil fosse amparado pelos Estados Unidos: «numa palavra, dizia o informante, no que respeita a revolução não ha mais que um pensamento em todo o paiz: mas não apparece uma pessoa capaz de dirigil-a ou que se arrisque pondo-se-lhe á frente sem auxilio de nação poderosa; todos temem que o povo os desampare. No Brasil não ha imprensa; os brasileiros consideram a revolução da America do Norte como precursora da que elles desejam, e dos Estados Unidos esperam todo o soccorro».— «Ha um odio (continua o informante, segundo Jefferson), um odio implacavel entre brasileiros e portuguezes. A parte illustrada da nação conhece tanto isto, que tem por infallivel a separação».

Jefferson replicava que não tinha auctoridade e instrucções para dizer-lhe boas palavras a esse respeito mas ponderava que uma revolução feliz no Brasil excitaria o interesse dos Estados Unidos. Já em 1791 a linguagem da sua correspondencia é muito outra e elle escreve de Philadelphia ao coronel Humphreis: «Mandae-nos todas as informações possiveis quanto á força, riqueza, recursos, illustração e *disposições* do Brasil. O *ciume* da côrte de Lisboa a esse respeito vos ha de forçosamente inspirar as *cautelas* necessarias no colher e communicar *essas averiguações*». [1]

---

[1] O interesse crescente de Jefferson manifesta-se ainda melhormente no tempo da revolução de 1817, ou

E' provavel, se prematura morte o não roubasse ainda na Europa, que José Joaquim da Maia que parecia possuir tino pratico, désse melhor curso á mallograda conspiração.

Toda a revolução republicana, contraria ás vistas monarchicas européas não teve nem terá no nosso hemispherio outro caminho de asylo e protecção a não ser o do capitolio de Washington. As republicas da America, livres nos actos de vida interna, estão porém nos de maxima amplitude, nos da vida internacional, sujeitas á vontade omnipotente dos Estados Unidos.

Contava-se no Brasil em geral com o auxilio da massa enorme dos mestiços e com os senhores e os escravos que acompanhariam aos senhores; mas era justamente o servilismo unanime na extensão enormissima do paiz que mais que tudo difficultava e impedia o sentimento do interesse commum; e mesmo hoje, no seculo XX, se não fôra a monarchia, a independencia do Brasil seria ainda um proble-

---

trinta annos depois, quando diz a respeito dos revolucionarios das republicas do sul: «que elles se tornarão independentes da Hespanha não ha questão», e com grande previsão ajunta «Questão, mas questão séria é saber qual será o futuro d'elles. A ignorancia e a superstição tenho por tão improprias para se governarem como qualquer genero de loucura. Caírão debaixo do despotismo militar e ficarão sendo o ensanguentado joguete dos seus bonapartes... Portugal empolgando uma parte dos dominios hespanhoes no sul (conquista da Cisplatina) perdeu a sua grande provincia de Pernambuco e não será para admirar que o Brasil todo se levante e mande a familia real para Portugal. O Brasil é mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruido como a mãe patria. (Carta a Lafayette, 14, maio, 1817).

ma talvez insoluvel; salvo se por independencia do grande imperio colonial se estendesse a sua explosão em mil fragmentos.

Quando os conspiradores de Minas resolveram angariar sympathias longe do foco revolucionario e enviaram *Tiradentes* ao Rio, lavraram só com isso a sua sentença; o que de facto a realidade confirmou. Um seculo antes, Minas confundir-se-ia com S. Paulo, d'onde recebeu o primeiro alento vital, e agora estava tão distanciada dos bandeirantes e principalmente do centro portuguez, adminstrativo e commercial do Rio, como do paiz mais exotico do universo. Asylados no cimo das suas montanhas, de que tanto se inorgulham, os mineiros só encontrariam um echo ao seu grito de liberdade fóra do Brasil, ou em parte nenhuma. D'esse isolamento das velleidades nativistas já podiam illustrar-se com os exemplos de S. Paulo e Pernambuco na historia anterior.

O proprio exito da monarchia mais tarde proveiu de ser ella por si mesma uma força externa, alheia ao espirito local. Os grandes imperios historicos nascem pequenos e crescem por annexações.

O numero consideravel de poetas que figuram entre os chefes da conspiração dá-lhes um certo caracter de elevação intellectual e theorica que em outras revoluções práticas, fica apenas subentendida; mas mostra que não podiam aspirar a outro papel que o de precursores. Tão altos exemplos nunca desapparecem sem deixar um grande proselytismo e pode-se dizer que desde a conjuração de Minas nenhum *homem intellectual* do Bra-

sil podera estar jámais obrigado ao lealismo portuguez. O prestigio dos inconfidentes dissipou o ultimo trabalho dos preconceitos e quebrou, ao menos para os espiritos, as cadeias da escravidão colonial. Para um espirito vidente d'essa geração o Brasil estava condemnado; a nau que navegára tres seculos batera agora nos cachopos. Só um milagre da historia poderia salval-a do naufragio.

Talvez que aos espiritos cultos dos inconfidentes, menos que o medo occorresse a imagem da catastrophe que preparavam, quando subjugados e presos voltaram do sonho á dura realidade. De Alves Maciel diz o seu confessor: «Feliz queda comtudo! converteu os horrores da prisão em puras satisfações... Era um Paulo persuadindo aos demais...»

«Quem deixará de entrever nos peitos d'esses homens as abrasadoras chammas da revolução, quando os seus suspiros são tão energicos!» Todos se confessam perdidos, mas pela loucura e precipitação de juizo; soldados que a fatalidade tornára generaes inhabeis. Habituados ás suas victorias no Parnaso, confundiam o applauso com a solidariedade e os comparsas do jubilo com os cumplices da perigosa façanha.

São todos ardorosos, inconsequentes ou arrebatados. Só por excepção, Claudio Manoel da Costa, um erudito e suave poeta a modo de Petrarca, é de genio sombrio e melancolico e sem esperar o desfecho da tragedia, suicida-se na prisão.

Tendo bebido no seio da cultura universal sabiam que as horas da escravidão da America estavam contadas; mas esta só generali-

sação philosophica não bastava para levantar o exercito libertador. Todas as forças militares de que dispunham eram a da cavallaria cujo commandante o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade mais se distinguia pela «candura e illimitada condescendencia» do que pelo enthusiasmo da idéa nova; para o triumpho julga elle indispensavel alliciar novos contingentes. Tudo estava preparado, quando muito, para um tumulto que um acto de força ou uma concessão prudente da auctoridade poderia annullar. Com tal insufficiencia a mais justa das rebelliões é sempre um crime.

3

Conspiração mineira

Dos meiados do seculo XVIII por diante começou a decahir a industria da mineração; erros economicos e falsas especulações trouxeram cedo a ruina. Muitos dos mineiros entregaram-se então á agricultura e a maior parte á criação do gado, onde os lucros, pequenos embora, eram seguros e sem sobresaltos.

A' antiga *Villa Rica* começou o povo de então, por escarneo, a chamar de *Villa Pobre.* O rendimento do ouro era insignificante e de ha muito não se attingia o *minimum* que a corôa exigia, e que eram cem arrobas annuaes.

Mandou, pois, o governo lançar a *derrama*, isto é, a cobrança dos atrazados e que attingia já uma somma avultadissima. As condições materiaes e moraes da população não a faziam preparadas para supportar esse grande vexame; e antes, na previsão d'elle, sonhava ella libertar-se da dependencia em que viviam.

Essa dependencia já não tinha grandes laços; não eram os povos das minas, na maior parte naturaes do solo, por direito natural sujeitos á fidelidade que não sentiam e nem tão ineptos que não conhecessem os grandes movimentos de liberdade d'esse tempo que prepararam a queda da sociedade antiga e haviam já emancipado a America do Norte da tutela colonial.

Não era tambem sem exemplo nos fastos da colonia a rebeldia que em tempos passados havia conflagrado varios trechos do paiz. E a tradição zelava ainda a chamma do espirito revolucionario que o absolutismo alimentava com incessantes vexames.

Homens doutos e illustrados, tanto como os da metropole, viviam em Minas, e taes eram os jurisconsultos, medicos e poetas, Thomaz Antonio Gonzaga, o auctor de *Marilia de Dirceu*, Claudio Manoel da Costa, Ignacio J. de Alvarenga, alguns padres e varios militares, mesmo de altos postos, que sympathisavam com as idéas revolucionarias que agitavam o mundo.

Combinaram, pois, em levantar o jugo oppressivo e declarar livre a terra onde nasceram (1789).

A conjuração foi encontrando adeptos um

pouco por toda a parte, e sobre tudo entre aquelles que temiam a *derrama* do ouro, proxima a ser cobrada. A alma da propaganda era o alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha originada da sua profissão, o *Tiradentes*, homem de espirito religioso, de grande coragem e de nobilissimo caracter, mas (tão engalanado andava de seus planos) o mais indiscreto de todos.

A revolução, é certo, contava elementos preciosos para o bom exito, mas revelava nas suas traças, mais as qualidades philosophicas e litterarias do que práticas dos seus auctores. Preoccupavam-se estes mais de como haviam de agir *post factum* do que dos caminhos por onde se alcançaria a consummação da empreza.

Haviam já discutido a divisa *Libertas quae sera tamen* (liberdade ainda que tardia) e a bandeira onde figurava um triangulo, symbolo da SS. Trindade, da devoção especial de Tiradentes, e planejavam já muitas leis e reformas liberaes.

A infamia ou o egoismo de um conjurado, pela delação, perdeu a todos. O Visconde de Barbacena, então governador de Minas Geraes, preveniu ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos de que deveria andar pelo Rio de Janeiro em propaganda da revolução o alferes *Tiradentes*, que foi effectivamente preso (na rua dos Latoeiros) e, com elle, successivamente, os outros conspiradores por onde eram encontrados.

O crime teve grande repercussão e a essa ousadia emprestou-se significado e amplitude que de certo não possuia. Para esse effeito

concorrera o ardor dos funccionarios que em taes occasiões procura assignalar-se armando aos favores e ás graças dos potentados.

Aberta a devassa e installada a alçada depois de longo e moroso processo foram julgados os culpados, cujos chefes foram condemnados á morte.

A rainha D. Maria I, por um acto de clemencia, commutou as penas de quasi todos em exterminio para a Africa, e só um, o *Tiradentes*, subiu ao patibulo (21 de Abril de 1792) com grande serenidade e nobresa de animo.

Houve grande excesso neste castigo. O proprio vice-rei, o Conde de Rezende (ao tempo da execução do *Tiradentes*) reprehendeu ao governador de Minas pelo numero excessivo de prisões d'essa inconfidencia; e naturalmente o excesso de zelo proprio das auctoridades arbitrarias, levava a traduzir o descontentamento ou a opposição ao governo como signal de crime execravel.

Um dos conjurados, Claudio Manoel da Costa, legista e poeta notavel, antes de conhecer a sentença, suicidara-se na prisão. Quasi todos se arrependeram amargamente do passo que haviam dado; só o *Tiradentes* sorrio ao saber que não arrastava ao cadafalso os seus companheiros, e confortado na religião, em que era profunda a sua fé, conformou-se serenamente com o fatal destino.

Foi a sua descendencia infamada e o corpo do *martyr* esquartejado; e os pedaços d'elle collocados em postes pelas estradas da capitania, attestavam aos vassallos o premio da rebeldia. Um dos espiritos leaes ao throno,

escreveu que «taes castigos ensinavam a aborrecer a culpa que expunha os homens a perder tudo». A lição porém nada teve de proveitosa; e o martyr *Tiradentes* contribuiu para perpetuar na memoria do povo mais a esperança do que o horror da liberdade.

4

A execução do Tiradentes

No dia 19 de abril entrava na cadeia publica do Rio de Janeiro, rodeado de outros ministros da justiça, o desembargador Francisco Alves da Rocha para lêr a sentença aos réos que dasde a noite da vespera haviam sido transferidos de varios segredos da cidade para a sala chamada do *Oratorio.* Eram onze os criminosos que alli esperavam algemados e cercados de força embalada, a ultima palavra de seus destinos.

A leitura da sentença erudita e cheia de citações durou duas longas horas; ao cabo d'ella eram todos os infames condemnados á forca e a alguns cabia ainda mais o horror de insepultos e esquartejados servirem os seus membros, espetados em postes, de padrão da execravel perfidia.

Quando o desembargador se retirou, diz uma testemunha do acontecimento, viu-se representar a scena mais tragica que se podia

imaginar. Mutuamente pediram perdão e o deram; porém cada um fazia imputar a sua infelicidade ao excessivo depoimento do outro. Como tinham estado tres annos incommunicaveis, era nelles mais violento o desejo de falar que a paixão que a tal sentença cavaria nos cansados corações. Nesta liberdade de falarem e de se accusarem mutuamente estiveram quatro horas; mas quando se lhes pozeram os grilhões e manietados viram-se obrigados a deitar-se, por menos incommoda posição, abateram-se-lhes os espiritos e entraram então a meditar sobre o abysmo da sua sorte.

Dentro em pouco, porém, um raio de esperança illuminou-lhes a torva existencia. O mesmo ministro que lera a rude sentença veio horas depois annunciar a clemencia da rainha que aos conjurados, excepto Tiradentes, poupava o supplicio da morte. Então foram grandes os extremos da alegria e com aquella inesperada piedade sentiram-se rejuvenescer.

Tiradentes tambem, conforme o seu coração bem formado e leal, participou d'esses transportes e dizia que só elle em verdade devia ser a victima da lei e que morria jubiloso por não levar apoz si tantos infelizes que desencaminhara.

Tiradentes era um espirito grandemente forte e na religião achou mais largo e substancioso conforto do que os outros companheiros de espirito leviano ou inconsiderado.

Na manhã de 21 de Abril entrou na sua cella o algoz para vestir-lhe a alva e ao despir-se dizia o martyr que o seu «Redemptor morrera por elle tambem nú».

A cidade estava apparelhada como para

uma grande festa em honra á divindade do governo supremo. Aos sons marciaes das fanfarras saíram de todos os quarteis os regimentos da guarnição, luzidios, com os uniformes maiores: seis regimentos e duas companhias de cavallaria que em tropel corriam a cidade, guardada agora momentaneamente pelos auxiliares. No campo da Lampadosa erguia-se o lugubre patibulo, alto, sobre vinte degráos, destinado ao memoravel exemplo.

Na frente da cadeia publica organisou-se a procissão em acto declarado funebre, com a Irmandade da Misericordia e a sua collegiada, e o esquadrão de cavalleiros da guarda do Vice-Rei. Sahiu o réo que foi posto entre os religiosos que iam para confortal-o e o clero e as irmandades, guardados pela cavallaria.

Tiradentes tinha «as faces abrasadas», caminhava appressado e intrepido e monologava com o crucifixo que trazia á mão e á altura dos olhos. Nunca se vira tanta constancia e tamanha consolação!

Ao prestito juntou-se a turba dos curiosos, e avolumando a multidão era mister que de vez em quando dous cavalleiros a destroçassem.

Pelas 11 horas do dia, que fôra de sol descoberto e ardente, entrou na larga praça por um dos angulos, que faziam os regimentos postados em triangulo, o réo com todo o acompanhamento. Subiu «ligeiramente» os degráos, sem desviar os olhos do santo Crucifixo que trazia e serenamente pediu ao carrasco que não demorasse, e abreviasse o supplicio. O guardião do convento de Santo Antonio, imprudentemente, por mal entendida

caridade ou por não saber conter talvez o seu zelo demasiado, tomou a palavra admoestando a curiosidade do povo sem todavia esquecer o elogio da clemencia real.

Depois do *crédo*, a um fremito de angustia da multidão, viu-se caír suspenso das traves o cadaver do martyr.

Foi profunda a impressão no povo, que apertado e numerosissimo em todo o campo, abalára para vêr o abominavel espectaculo. As janellas apinhavam-se de gente e nas ruas e praças era impossivel o movimento. As pessoas mais delicadas, com tudo, haviam desde a vespera, abandonado a cidade para não testemunharem a execução.

Após o supplicio, um dos religiosos falou tomando o tema do Ecclesiastes: *In cogitatione tua regi ne detrahas... quia aves coeli portabunt vocem tuam.* Não atraiçoes a teu rei nem por pensamentos: as mesmas aves levar-te-iam o sentido d'elles.

VIII

O ABSOLUTISMO E A REVOLUÇÃO

REPUBLICA E CONSTITUIÇÃO

1808-1817-1820

1

Refugio de D. João VI no Brasil

Difficil e sombria era a situação dos negocios politicos em Portugal no principio do seculo; erros, imprevidencias e hesitações tinham conduzido o paiz á extraordinaria crise que as desgraças domesticas do Rei ainda avolumavam, tornando-o alheio, apathico e indifferente ao governo do Estado, principalmente depois da conspiração de fidalgos e ecclesiasticos, que cercavam a leviana esposa de D. João.

Quando Napoleão decretou o bloqueio continental contra a Inglaterra, a esta alliou-se em fim Portugal, depois de vacillações pouco dignas, e caíu assim no odio do grande despota, que fez decretar pelo *Moniteur*, orgão official, a deposição da casa de Bragança.

Quando esta noticia chegára ao reino, já as tropas francezas, de marcha forçada atravez da Hespanha, penetravam em Portugal.

Seria loucura pensar em resistir, quando tudo estava desorganisado e sem recursos. Foi

visto o Rei chorando em segredo, no intimo dos seus paços, quando se viu coagido a fugir aceitando o conselho do ministro inglez, lord Strangford.

E quando já os tambores francezes acordavam os echos da terra portugueza, D. João dizia adeuses ao povo, que no caes de Belem se apinhava saudando entre lagrimas o soberano que partia.

A rainha, indignada, fez grande escandalo, reluctando em altos gritos, e já no caes, a embarcar na galeota.

Muitos portuguezes celebraram então com desvanecimento esse lampejo de patriotismo em pessoa tão falha de virtudes.

A frota real composta de umas vinte náos e muitas outras mercantes, velejou do Tejo a 29 de Novembro. Nella vinham grande numero de fidalgos, funccionarios e familias que emigravam, e tambem as riquezas dos palacios reaes, que foi possivel transportar; e ainda não tinha perdido de vista a terra, quando Junot penetrava em Lisboa e, tomando rapidamente conta da cidade e das fortalezas, aprisionava á bala alguns navios mercantes que iam atrazados, nas aguas da esquadra.

Batida pela tempestade, a frota se dividiu em duas e aquella em que vinha o rei tocou primeiramente na Bahia, a 21 de Janeiro de 1808.

Era a primeira vez que um rei do antigo mundo pisava o solo da America. O povo da Bahia recebeu com grande jubilo os altissimos hospedes, e por um momento pensou que á primitiva capital da colonia caberia agora a primazia da séde do novo reino.

D. João VI, porém, preferiu estabelecer-se no Rio, onde veiu a chegar a 7 de Março.

Ainda na Bahia, e a conselho de José da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú), por uma Carta regia abriu os portos do Brasil ao commercio universal, abolindo assim o odioso monopolio da colonia.

No Rio (1 de Abril de 1808), levantou a prohibição que pesava sobre as industrias, declarando-as livres.

Acabava assim e instantaneamente, o regimen colonial no que tinha talvez de mais odioso. Um facto da historia européa, a que pareciamos alheios, abria-nos a porta da emancipação politica tão heroicamente pelejada e desejada, e sem os inconvenientes e a incerta fortuna das revoluções.

A presença da familia real com todo o seu numeroso sequito, em parte inutil e parasitario, augmentando de subito a população tornou necessarias expropriações de predios para agazalhar todos os hospedes, o que não deixou de excitar justas reclamações.

Mas que valor podiam ter ellas diante dos grandes beneficios realisados? A separação politica do Brasil, ainda que ephemera no sentido da lei, era-o já definitiva no sentido dos factos, porque não só a familia real deixou de regressar no tempo devido como não foi mais possivel restabelecer o monopolio e as leis do regimen antigo. [1]

---

[1] De facto a separação do Brasil durou emquanto Portugal esteve sob o dominio francez (30 nov. 1807, 30 agosto 1808); mas a independencia de Portugal só

Tomou assim o Brasil um impulso extraordinario e excepcional; fabricas e officinas abriram-se ao labor, e o commercio tornou-se livre favorecendo o trabalho e a fortuna e em grande numero os estrangeiros começaram desde então a affluir para as nossas cidades maritimas.

Procura-se corrigir, quanto possivel, os desmandos, arbitrariedades e corrupções dos governadores e seus subalternos, fiscalisados pela auctoridade soberana agora presente. Diminuem os inconvenientes da distancia entre o rei e os vassallos e aquelle sobretudo que era confirmado outr'ora pelo Conselho Ultramarino quando dizia que a dilação indispensavel para informar no Brasil quaesquer negocios era pelo menos de dous annos. Para sahir-se, por exemplo, do Brasil era preciso gastar todo esse tempo em tirar e legalisar o passaporte; e, como no tempo de Thomé de Souza, não eram raros os despachos para pessoas já mortas e enterradas.

O Rio de Janeiro, séde da monarchia, foi provido de grandes instituições magnificas: os bancos e as escólas de medicina, da mari-

---

foi reconhecida definitivamente na Paz geral de Paris, (1814); mais ainda, nessa occasião D. João VI recusou voltar para Portugal e fez-se representar por um governo em Lisboa, e longe de annullar as leis da liberdade commercial e outras já decretadas, ainda mais as ampliou em 1814 e 1815, com grande desgosto dos portuguezes do reino. Os unicos monopolios conservados nunca tiveram grande valor, o do *pau brasil* e o dos *diamantes* (até 1832). Em Carta de Lei de 1815 declarou officialmente o Brasil «Reino do Brasil».

nha, de Bellas Artes, a rica *Bibliotheca real*, o esplendido *Jardim Botanico* e outras numerosas creações. Com a *Impressão regia* começou a imprensa e o jornalismo que d'ahi a poucos annos será a alavanca das agitações revolucionarias da politica.

A prodigalidade era grande e a dispensa ou *ucharia* da côrte de que se mantinha a turba innumeravel dos criados consumia, só ella, seis milhões de cruzados. [1]

O principe D. João, cuja educação fôra descurada por não se suppôr que viesse nelle recaír a corôa, admirava-se de vêr que existiam no Brasil homens de merito, e valor, artistas e sabios cujos serviços, sem sombra de mesquinhos preconceitos, aproveitou e exaltou; e era natural nelle esse sentimento de bondade e amorosa sympathia que, com certo atilamento natural, lhe suppriam as deficiencias de cultura do espirito.

Expellido de Portugal pelos francezes, logo á chegada «levantando a voz do novo imperio que vinha crear» declarou guerra aos invasores da sua patria e em feliz expedição contra Cayenna commandada por Manoel Marques conquistou e annexou a Guyana franceza cujo governador Victor Hugues capitulou entregando a praça e embarcando com a guarnição (1809). [2]

---

[1] Reduzido ao valor de hoje, 16 milhares de contos.

[2] A Guyana franceza depois de oito annos foi restituida a Luiz XVIII em 1817.

2

Reacção do absolutismo

Se vindo para o Brasil, D. João VI nos trouxe o inestimavel premio da autonomia, embora ainda sob as fórmas do absolutismo, entretanto não havia na mesquinheza do seu espirito dotes sufficientes para crear como logo disse «um novo imperio». Desmazelado, futil e collocando vulgares diversões acima dos encargos do governo, ignorante da nova situação que a sua falta de heroismo lhe creára, tendo preferido servir aos interesses inglezes que coincidiam com a poltroneria propria, a succumbir com a patria, aqui chegando no ambiente da America ainda mais olvidou a dignidade de sua posição.

Foi elle entre nós o que desmoralisou a instituição monarchica, já de si mesmo antipathica ás aspirações americanas, suppondo infiltrar-lhe o alento democratico que já na Europa começava a temperar as realesas rudes e guerreiras de outro tempo. Mas sem capacidade para essa delicada adaptação comprometteu para sempre o prestigio do antigo instituto. As antigas dignidades a que estavam ligados os meritos, os serviços, a responsabilidade ou a virtude, foram logo esbanjadas entre pessoas equivocas e nullas. Tal foi o excesso d'essa liberalidade, diz Armitage, que no periodo da sua administração concedeu

mais insignias honorarias do que todos os soberanos da sua dynastia conjunctamente.

Honras e dignidades monarchicas, com a perda do sentimento da hierarchia e do merito, tornaram-se logo ridiculos no ridiculo dos seus indignos possuidores. Os bajuladores e favoritos, e a numerosa comitiva do rei, aos milhares, sem trabalho aquinhoaram-se em empregos novamente creados, pela prodigalidade insensata da côrte, que via nesse improviso dos personagens uma necessidade do seu culto externo. Desde logo, com tão perverso officialismo que se derramou pelas capitanias, renasceu com extranho vigor a antiga corrupção e a venalidade dos magistrados e funccionarios, e parecia-se voltar áquelle tempo em que Frei Manoel do Salvador dizia serem quatro caixas de assucar as bastantes para vergar a vara da justiça. E assim escoavam por um lado as vantagens que por outro tinham vindo da emancipação colonial, e não seria temerario affirmar que apenas os abusos da metropole haviam mudado agora os seus arraiaes para mais perto. Para ennegrecer mais esse quadro punham os desgostos intimos da familia real o sello de desdouro aliás immerecido no caracter puro do principe.

O trabalho da inepcia por sua vez exaggerava em hyperboles gigantescas os recursos e as bellezas do paiz, modo de cortezia propria dos *parvenus*. Tudo no Brasil de então (de 1810 a 1820) no dizer de Eschwege, rios, fabricas, estradas, civilisação dos indios, leis e planos, eram obras gigantescas do homem ou da natureza; os documentos officiaes estavam prenhes de mentiras e estrondosos milagres.

Milhares de pessoas alheias e indifferentes á religião ou aos deveres militares eram feitas subitamente cavalleiros de Santiago ou *commendadores* de Christo, offendendo assim o decoro da tradição, menoscabando o espirito das instituições e fazendo grande mal aos proprios agaloados, mercieiros ou rusticos que empavesados com os novos titulos, abandonavam o trabalho util e por si ou sua descendencia encostavam-se ao orçamento.

Essa nobreza nova, muito mais odiosa e principalmente mais corrupta que a antiga, e que recahia sobretudo nos homens do commercio portuguez, contribuia ainda mais para afundar o sulco de antagonismo entre os portuguezes e os nacionaes, que começavam a vêr na monarchia a velha usurpação tradicional, que nenhuma necessidade aconselhava transplantar para o novo solo. O proprio constitucionalismo parecia-lhes uma nova insidia e preferiam vencer a converter o antigo gentilismo politico.

Era assim e sob tão sombrios auspicios que se implantava aqui a instituição monarchica.

Se pois os portuguezes, tardos e lentos embora, já se preparavam para a democratisação da monarchia pelo espirito do *constitucionalismo* que clareiava no horisonte, por outra parte os *mamelucos*, antiquarios das liberdades, apologistas da revolução americana e da convenção franceza, seguiam isoladamente a sua corrente radical. A reforma politica dos *brancos*, dos *filhos do reino*, surgirá em 1820 com o constitucionalismo europeu; a reforma radical dos nacionaes, com

todos os matizes da população, fará explosão em 1817; em verdade não sentem estes a necessidade de tornar progressiva a monarchia e de melhorar o alheio instrumento da sua oppressão; não hesitam em subverter a ordem para salvar o principio theorico e egualmente duvidoso acreditando que a philosophia pode crear mais solidamente que a historia.

Assim vê-se o *absolutismo* no Brasil sitiado entre dous exercitos adversarios, entre constitucionalistas e republicanos que, embora não se alliem, nem por isso deixam de fazer separadamente, cada um a sua tarefa.

O dever dos *absolutistas* seria reagir até quando soasse a hora da transacção. E com quanto o espirito do principe fosse a negação das qualidades guerreiras, a reacção absolutista exprimiu-se contra o espirito radical em 1801 e 1817, mas com grande animo e clemencia, e principalmente na prevenção com que procurou afastar do paiz o contagio da revolução que já abrasava a America latina e vinha, insidiosa, como outr'ora os tambores de Junot, bater ás portas de seu novo asylo.

Não podia o Governo tolerar que em Buenos-Aires, nas fronteiras, se fizesse a republica; e preparou-se para intervir, impedil-a ou submettel-a. Não faltaram pretextos: primeiramente, as revoluções eram obras satanicas; depois a rainha D. Carlota pretendia-se herdeira dos dominios de Carlos IV e Fernando VII aprisionados por Napoleão; e afinal sempre entre os revolucionarios haveria, como houve Xavier Elio, um caudilho despeitado para aceitar o flagello da invasão estrangeira.

Quando se fez a republica em Montevideo,

e Fernando VII recollocado no throno hespanhol reclamou na peninsula a restituição de Olivença (1814), a politica de D. João VI volveu aos braços do caudilho Elio. Dous exercitos, um por terra e outro por mar, penetram na Banda Oriental e fazendo juncção e protegidos pela esquadra, sitiam Montevideo. A cidade capitula emfim (1817) e com ella as outras povoações da Banda Oriental. [1]

A situação da nova conquista tinha um caracter original diante do direito das gentes porque D. João VI reconhecia o direito hespanhol e classificava a guerra como de pacificação; estava nos seus propositos restituil-a á corôa de Hespanha, e nunca á hydra revolucionaria. Por outro lado, o Cabildo de Montevideo disporá do paiz e incorporal-o-á ao Brasil com o nome de provincia Cisplatina. [2] Nessa época, pelos soldados do exercito pacificador e outros brasileiros e pelos desertores dos bandos de Artigas, foram distribuidos grandes tratos das terras publicas, e assim e ainda hoje, na campanha do Uruguay são numerosos os proprietarios brasileiros.

Esta guerra era antipathica ao mundo inteiro civilisado que acompanhava com enthusiasmo e sympathia o movimento libertador da America; a essa perseguição «*dos nossos*

---

[1] Apenas continua a resistencia o caudilho Artigas, que depois de innumeras guerrilhas ao mesmo tempo contra o Brasil e Buenos-Aires só em 1820 é internado no Paraguay.

[2] Esse nome de Cisplatina, lembrando o da Cisalpina da historia classica, sôa como uma ameaça do imperio aos patriotas de Buenos Aires.

irmãos do Sul» refere-se Jefferson numa de suas cartas quando ao mesmo tempo se alegra com a revolução que rouba ao absolutismo europeu a capitania de Pernambuco (1817).

3

Reacção nativista. Revolução de 1817

A mudança da côrte portugueza para o Brasil não podia impressionar como facto extraordinario ou singular; eguaes planos houve no tempo de D. João IV, e seriam postos talvez em prática, se falhasse a obra da restauração, e houve-os ainda no tempo de Pombal, que em 1761 renovava o projecto concebido por D. Luiz da Cunha em 1736.

Para os espiritos moderados, o acontecimento que trouxe a emancipação da colonia, seria, como innegavelmente foi, uma grande conquista; para a corrente dos espiritos radicaes e da raça que ainda acalentava as tradições revolucionarias antigas, foi uma cilada e uma perversão dos antigos ideaes agora e talvez para sempre sacrificados. Viam estes a sua obra, peior que perdida, deturpada numa transacção ingloria, disfarce do antigo despotismo; nem as qualidades pacificas, nem a bonhomia democratica do principe, lhes moderava os impetos, que antes e talvez por isso mesmo, eram mais desabridos.

A mola principal d'este antagonismo era a antipathia natural entre os *filhos do Reino* e os brasileiros, e desde o seculo XVIII o foco mais ardente d'essa desavença é Pernambuco; o manifesto da revolução intitulado *Preciso* insistirá mais tarde no desvanecimento d'esse antagonismo.

Esse antagonismo é em toda a parte proprio entre povos que derivam um do outro, e aqui ainda mais accentuado pela differença das raças.

Agora o velho resentimento mais se pronuncía, porque a immigração portugueza se avoluma, sobre tudo com elementos arrogantes e futeis, funccionarios, favoritos ou militares. São os militares portuguezes os que mais justificam e inflammam os odios nativistas; grosseiros, soberbos e prepotentes por toda a parte vão semeiando o rancor e a colera. O estado de penuria a que chegou Portugal, quando se lhe tirou o monopolio da colonia, fez varrer do solo a população semi-letrada, parasitaria ou sem emprego, que veiu para o Brasil allegando menos a escassez do que a saudade e a fidelidade ao rei; assim alcançaram, ainda mais que no outro tempo, os empregos publicos e os logares do commercio e das industrias nascentes.

Entretanto, ao mesmo tempo, é verdade que os brasileiros gozavam de muito maior liberdade e bem estar; nos portos do paiz, entregues ao commercio universal, agitavam-se com vigor novo as cidades onde outr'ora a opulencia fôra impossivel ou difficil. As antigas peias do monopolio, relaxadas, no proprio interesse da corôa, favorecia a fortuna publica.

A revolução rebentou em Pernambuco em março de 1816, porém quasi ao acaso, porque se havia os antigos odios e pretextos para alimental-a, no momento ninguem estava preparado para a empreza, e tanto menos quanto o estado da provincia era prospero e o governo d'ella estava confiado a um magistrado integro e pacifico, Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Um negociante, Domingos Martins, natural da Bahia e educado na Inglaterra, era em Pernambuco franco prégador dos principios liberaes mais exagerados e muito partidista dos officiaes pernambucanos, com os quaes se banqueteava e tratava de conspirar. Era homem de cultura pouco notavel, superficial e irrequieto, mas activo e de qualquer modo apto para seduzir os incautos.

Tornou-se tão grave a situação da milicia nos primeiros mezes de 1817, que o capitão-general, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Marquez da Praia Grande, reuniu em conselho a 5 de Março os officiaes generaes portuguezes que estavam no Recife, e com elles deliberou que no dia seguinte e á mesma hora, se effectuasse a prisão de alguns militares e paisanos mais compromettidos.

Dada a situação dos espiritos, era um mal que militassem na mesma fileira officiaes portuguezes e brasileiros, mixto que originava eterna intriga e suspeição de uns para outros. E não teve outra origem a deliberação dos generaes.

Essa resolução ia sendo executada sem difficuldade; alguns officiaes e Domingos José Martins foram presos; mas o brigadeiro Bar-

bosa, querendo além de prender, castigar com reprehensões os officiaes suspeitos do regimento de artilharia, que elle commandava, foi morto pelo capitão João de Barros Lima, um dos seus protegidos a que chamavam o *Leão Coroado*, que o atravessou com a espada, sem que algum dos officiaes se movesse para defender o commandante.

Se bem que a revolta começasse pelo indigno e feio crime do assassinato, a que se reunia mais a acre nodoa da ingratidão do assassino, é certo que antes d'isso, por motivos futeis de jantares, entre nativistas, onde não se comiam eguarias européas, e se fazia o elogio inflammado das idéas revolucionarias, começou a reacção pouco justificada, sobretudo a do brigadeiro Barbosa, portuguez, que não costumava medir as palavras, insultando de *traidores!* a uma turma de officiaes brasileiros, numa occasião em que o antagonismo de nacionalidade desvairava os animos.

O certo é que tanto terror produziram os assassinos chamando e dispondo as tropas para a revolução, como o produziu a fraqueza e cobardia do governador, que ao saber dos successos medrosamente fugiu de palacio recolhendo-se logo á fortaleza do Brum.

Começou então a anarchia: as cadeias arrombadas, despejaram na rua a ralé dos criminosos, milicia improvisada do levante; diante do tumulto, que pelas suas origens e composição deveria ser precario, o governador, perdendo o animo, capitulou no dia seguinte, e partiu para o Rio de Janeiro. Ao governo da capitania cabe por isso a maxima parte nos successos.

Os revolucionarios então organisaram o governo provisorio, onde aliás havia elementos de grande capacidade intellectual senão politica, e eram: o padre João Ribeiro Pessoa, governador; o dr. José Luiz de Mendonça e Domingos Martins. Era ministro do interior o padre *Miguelinho* (Miguel Joaquim de Almeida), e commandante das armas, arbitro da situação, o capitão de artilharia Theotonio Domingos Jorge.

Depois de augmento do soldo das tropas e promoções de 2 e 3 postos dos officiaes, como fazem os governos submissos aos militares, a junta revolucionaria adoptou a bandeira branca da paz, o tratamento de *vós* e aboliu ineptamente alguns impostos num momento em que as despezas iriam decuplicar.

Não faltára entre elles quem considerasse o exaggero do motim, e a impossibilidade prática de uma republica egualitaria com escravos e homens de estirpes heterogeneas, mas o commandante das armas logo cohibiu os mais timidos. [1]

---

[1] Luiz de Mendonça, sob ameaça de fuzilamento, teve que covardemente desdizer-se de suas opiniões, moderadas e lealistas, redigindo o primeiro impresso pernambucano, o *Preciso*, onde se justificava a revolução que antes havia condemnado.

O *Preciso* entretanto é um documento precioso onde vem relatados exaggeradamente os primeiros successos da revolução, por isso transcrevemol-o na integra em seguida. Os revolucionarios, como o governo, não tinham imprensa e aproveitaram o prelo de uma pequena typographia mandada vir alguns mezes antes por um particular, negociante inglez do Recife, e a qual por não saberem manejar jazia abandonada.

Eis o texto do *Preciso*:

«Habitantes de Pernambuco! A Providencia divina que

A revolução propagou-se rapidamente pela acção dos emissarios enviados ao Rio Grande do Norte, Parahyba e Alagoas, que adheriram ao movimento.

No Ceará, o emissario, o joven seminarista José Martiniano de Alencar, foi preso no Crato; ainda mais infeliz foi o emissario Padre *Roma* (José Ignacio de Abreu Lima), que ao desembarcar foi denunciado e preso na Bahia, julgado por uma commissão militar e fuzilado no Campo da polvora (29 de Março de 1817), com monstruoso excesso de auctoridade do governador, Conde dos Arcos, que sem competencia para taes actos, almejava com o criminoso zelo recommendar-se ao favor do rei.

O Conde dos Arcos enviou ainda forças disciplinadas por terra, sob o commando do marechal Leite Cogominho. Foram essas tropas em sua marcha obtendo submissão e avolumando-se prudentemente com voluntarios até que, depois de algumas victorias, chega-

---

pelos seus inescrutaveis designios sabe extrahir das trevas a luz mais viva, e pela sua infinita bondade não permitte a existencia do mal senão porque sabe tirar d'elle maior bem, e a felicidade, consentiu que alguns espiritos indiscretos e inadvertidos de que grandes incendios se podem originar de uma pequena faisca, principiassem a espalhar algumas sementes de um mal entendido ciume e rivalidade, entre os filhos do Brasil e de Portugal, habitantes d'esta Capital, desde a época em que os encadeamentos dos successos da Europa entraram a dar ao continente do Brasil aquella consideração de que era digno, e para o que não concorreram nem podiam concorrer os brasileiros. Porquanto que culpa tiveram estes que o Principe de Portugal sacudido da sua capital pelos ventos impestuosos de uma invasão inimiga, sahindo faminto

ram ao Recife. Já estava a cidade bloqueiada pela esquadra de Rodrigo Lobo, que exigiu soberbamente dos revolucionarios a entrega sem condições. Ao verem-se sitiados por terra, já quando o governo se havia impopularisado e a ruina se antolhava irremediavel, dous mil d'elles com Theotonio Jorge fugiram. Foi então arvorada pelos habitantes da cidade a bandeira real.

Os chefes rebeldes a pouca distancia da cidade discutiram melancolicamente o horror da situação que se tinham creado e procuraram disfarçados e em fuga, evitar o castigo. O padre João Ribeiro suicidou-se.

Dos rebellados, Theotonio Jorge e oito dos seus companheiros subiram ao patibulo; indignado com tantas execuções, ordenadas pela commissão militar, o rei fez suspendel-as, e instituiu uma alçada civil para proseguir no processo. Mas esta, ainda mais sanguinolenta, excitou a animadversão publica e o governador de então, Luiz do Rego Barreto e o

---

d'entre os seus lusitanos, viesse achar abrigo no franco e generoso continente do Brasil e matar a fome e a sêde na altura de Pernambuco pela quasi divina providencia e liberalidade dos seus habitantes!

«Que culpa tiveram os brasileiros de que o mesmo Principe Regente sensivel á gratidão quizesse honrar a terra, que o acolhera, com a sua residencia, estabelecimento da sua côrte e eleval-a á categoria de Reino?

«Aquellas sementes de discordia desgraçadamente fructificaram em um paiz que a natureza amiga dotou de uma fertilidade illimitada e geral. Longe de serem extirpadas por uma mão habil que tinha para isso todo o poder e suffocal-as na sua origem, foram nutridas por muitas indiscrições de Brasileiros e Europeus: mas nunca cresceram a ponto de se

Senado da Camara do Recife representaram ao principe regente implorando a amnistia, que foi concedida no dia da coroação (6 de Fevereiro de 1818).

Se as origens da revolução foram criminosas, no termo d'ella a acção dos realistas foi tão execravel e hedionda que bastaria para justificar a sympathia que ainda despertam as suas gloriosas victimas.

4

O Constitucionalismo

Por tal modo se havia propagado o espirito das novas ideias, que nem em Portugal nem no Brasil poderia mais manter-se o absolutismo. No Brasil poderia naufragar ao embate

---

não poderem extinguir, se houvesse um espirito conciliador que se abalançasse a esta empreza que não era ardua. Mas o espirito do despotismo e do máo conselho, recorreu ás medidas mais violentas e perfidas que podia excogitar o demonio da perseguição. Recorreu-se ao meio tyranno de perder patriotas honrados e benemeritos da patria, de fazel-a ensopar nas lagrimas de miseras familias que subsistiam do trabalho e soccorros dos seus chefes e cuja perda arrastavam comsigo a sua total ruina. A natureza, o valor, a vista espantadora da desgraça, a defeza natural, reagiu contra a tyrannia e a injustiça. A tropa inteira se oppoz envolvida na ruina de alguns dos seus officiaes; o grito da defeza foi geral; e elle resoou em todos os angulos da povoação de Santo Antonio, o povo se tornou soldado e protector dos soldados, por

dos republicanos; porque entre aquelles que melhor exprimiam o espirito nacional nenhuma transacção era desejavel entre o antigo regimen europeu e as aspirações americanas.

O *constitucionalismo* foi no mundo o triumpho maximo que conseguiu a revolução do ultimo seculo. Era licito repellir as formulas da Convenção; mas era já impossivel emperrar-se nos moldes do absolutismo. Ninguem mais acreditava nas theorias antigas do *direito divino* e da *alliança do throno e do altar;* ao contrario, em sua essencia o christianismo está ao lado da fraternidade e da egualdade e foi de certo a grande alavanca da democracia moderna.

O *constitucionalismo* desviava a ficção da soberania, do principe para o povo, do rei para os congressos electivos e a sua obra na Europa vae completar-se logo em seguida com a politica da *unidade* dos povos e raças, dispersos e retalhados pelas combinações e conchavos dos principes.

---

que eram brasileiros como elles. Os despotas atterrados pelo inesperado espectaculo e ainda mais aterrados pela propria consciencia, que ainda no seio dos impios levanta o seu tribunal, dicta os seus juizos, e crava os seus punhaes, desampararam o logar, d'onde haviam feito sahir as ordens homicidas.

«Habitantes de Pernambuco, crede, até se haviam tomado contra os vossos compatriotas meios de assassinar indignos da honra e da humanidade. Os Patriotas no fim de duas horas acharam-se sem chefe, sem governador: era preciso precaver as desordens da anarchia no meio de uma povoação agitada e de um povo revoltado. Tudo se fez em um instante; tudo foi obra da prudencia e do patriotismo.

«Pernambucanos, estae tranquillos, apparecei na capital, o povo está contente, já não ha distincção entre brasileiros e

O *absolutismo* era principalmente antipathico na America, onde o seu plano visivel era o de suffocar a emancipação recente das republicas hespanholas para restituil-as ao dominio europeu.

No Brasil tão pouco poder-se-ia pensar na monarchia como forma definitiva de governo se um dia o paiz se emancipasse do jugo tradicional.

A revolução constitucional é, pois, de origem portugueza. Em Portugal, governava em nome do rei o marechal Beresford, que estava ausente e no Rio, quando a agitação popular do Porto e de Lisboa, em 1820, reclamava o regimen da constituição, a exemplo do que se vira succeder na Hespanha; com isso não queriam mais que reviver o costume antigo das côrtes que para mais de um seculo (1698) não se tinham mais convocado e reunido com grande prejuizo das liberdades pu-

---

europeus, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo Paiz, professores da mesma Religião. Hum Governo provisorio illuminado, escolhido entre todas as ordens do Estado, preside a vossa felicidade; confiae no seu zelo e no seu patriotismo. A Providencia, que dirigiu a obra, a levará ao termo. Vós vereis consolidar-se a vossa fortuna. Vós sereis livres do peso de enormes tributos que gravam sobre vós; o vosso e nosso Paiz subirá ao ponto de grandeza que ha muito o espera, e vós colhereis o fructo do trabalho e do zelo dos vossos Cidadãos. Ajudae-os com os vossos conselhos, elles serão ouvidos; com os vossos braços, a Patria espera por elles; a vossa applicação é agricultura, uma nação rica é uma nação poderosa. A Patria é a nossa Mãe commum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valorosos Lusos, sois portuguezes, sois brasileiros, sois americanos».

blicas e excessivo proveito do absolutismo. O marechal Beresford voltando a Lisboa teve que reembarcar, encontrando o governo já nas mãos de uma *Junta Provisoria*, que logo convocou as côrtes dos tres estados, clero, nobresa e representantes das cidades, para formular a Constituição.

Ao chegar a noticia ao Brasil, por toda a parte a impressão foi profunda. D. João VI, em cuja vida não faltavam desgostos e temores de conspirações no lar e na praça publica, não fazia senão relembrar a situação miseravel de Luiz XVI que parecia egual á sua. O movimento era por sua natureza irresistivel.

No Brasil, as tropas portuguezas adheriram logo ás ideias da revolução patria, primeiramente no Pará (1 de Janeiro de 1821). Na Bahia, a tropa e o povo coagiram o governador, Conde de Palma, a abdicar, e constituiram uma Junta provisoria (10 de Fevereiro de 1821); em Pernambuco a população, por temperamento e tradição, nativista, conservou-se indifferente á revolução portugueza, deixando o absolutismo entregue aos seus proprios destinos.

No Rio de Janeiro, porém, os acontecimentos tomaram maior significação. Logo ás primeiras noticias, o governo de D. João VI procurou contemporisar, sem deixar de dar por illegal a convocação das côrtes e resolver enviar a Portugal o principe D. Pedro «para restabelecer as reformas e melhoramentos e leis que deviam consolidar a constituição portugueza». A resolução e decreto não agradou ás tropas portuguezas sympathicas á revolu-

ção do reino, e varios officiaes da guarnição resolveram de accordo com um advogado conhecido, Macambôa, levantar-se em sedição militar e proclamar desde logo a constituição «tal como as côrtes a viessem decretar». As tropas reuniram-se no largo do Rocio em attitude hostil e seria difficil prevêr a que resultado chegariam se o conflicto fosse inevitavel. Antes parece que bem mediam o alcance da attitude que assumiram, no momento para o qual contribuiram talvez secretas sympathias de alguns politicos. Com ellas veio parlamentar D. Pedro, que afinal trouxe da quinta de S. Christovão um decreto real (com pouca lisura antidatado) em que D. João protestava aceitar e fazer cumprir a constituição da Junta revolucionaria de Lisboa.

Logo em seguida, no meio de applausos enthusiasticos, foi pedida a presença do Rei que, morosa e timidamente saíu de S. Christovão, lastimando-se de tão duros contratempos; atemorisado quando no meio da plebe, julgou chegado o seu ultimo momento de vida; e dizem que desmaiou ao vêr alguns pretos exaltados desatrellarem os animaes da sua carruagem para se substituirem á alimaria. Foi a constituição jurada emfim pelo rei, tremulo e ainda assombrado do desplante, pelos principes e pelos militares, quasi na praça publica ao alarido anarchico de todas as vozes.

Com a submissão do Governo real foram logo as novas instituições acclamadas por toda a parte; e ao aceno das novas concessões á liberdade da opinião, surgiu a imprensa com seus jornaes *Aurora*, *Cegarega*, *Conci-*

liador e *Palmatoria*, em Pernambuco os dous primeiros e os dous ultimos no Maranhão. Entretanto não começa ainda aqui a agitação do jornalismo livre; o unico jornal brasileiro independente de censura era o *Correio Braziliense* que se publicava em Londres, e exercia grande prestigio no mundo dos politicos.

Os liberaes portuguezes que o Brasil tão açodadamente auxiliára, não nos tinham sympathia alguma; ao contrario as côrtes portuguezas reconhecendo o descalabro e penuria do paiz aggravados com a separação do Brasil e a perda do monopolio, visavam fazer só a liberdade para si proprios, e restabelecer a odiosa oppressão para nós outros. Assim uma das suas primeiras indicações é que volte para Lisboa a familia real. Era um desejo da Inglaterra, e por motivos egoisticos e ainda mais inconfessaveis era-o de uns poucos portuguezes que residiam no Brasil, sobre tudo os officiaes e militares que ainda havia pouco obtinham a adhesão de brasileiros de boa fé.

O constitucionalismo assim não nos aproveitava ou nos fugia, dado que não fosse um golpe contra a autonomia, já conquistada da colonia.

O novo ministro Silvestre Pinheiro era contra a ida do soberano e pela do principe D. Pedro. O conde de Palmella, que já estudava as suas attitudes aristocraticas de Lord na futura camara alta e assim o ministro inglez no Rio, aconselhavam a ida do Rei, conforme o voto das côrtes.

No dia 7 de Março annunciava el-Rei a intenção de regressar ao reino e egualmente ordenava que se procedesse ás eleições de de-

putados ás côrtes de Lisboa. Não se conhecia ainda processo regular de eleições e adoptou-se o da constituição hespanhola, segundo a qual a escolha se fazia por muitos gráos differentes: o povo elegia commissarios; estes, os eleitores parochiaes que escolhiam os da provincia; afinal os eleitores provinciaes nomeavam os deputados. Este systema em paizes como o Brazil provam, como provaram, bons resultados, ás vezes superiores aos pretendidos liberalismos.

No Rio, feitas as eleições parochiaes, o Ouvidor convidou os eleitores para uma reunião em que devia annunciar-lhes a regencia de D. Pedro no logar do soberano que devia partir: a inutil reunião teve logar no edificio da Praça do Commercio e foi tumultuosa, parecendo mesmo que agentes secretos tinham nella penetrado para fomentar a anarchia; não havendo ainda a practica e sciencia da esphera propria d'essas assembléas, começou-se ahi a deliberar e a decretar por acclamação medidas extemporaneas e incompetentes a respeito dos interesses nacionaes e da pessoa do soberano. Intimou-se o commandante das fortalezas para comparecer e declarar que se opporia á partida do Rei, e na previsão de que as côrtes portuguezas preparassem qualquer cilada ao Brasil, decretou-se a adopção integral e immediata da constituição hespanhola.

O rei, ao qual se dirigiram os procuradores da anarchica assembléa, accedeu medrosamente a tudo quanto d'elle exigiram.

Ao sabel-o, as tropas auxiliares portuguezas reuniram-se no Rocio. E movendo-se d'ahi, traiçoeiramente, ás 3 horas da madrugada

depois de subita descarga de mosqueteria contra o edificio da Bolsa, assaltaram e dispersaram a assembléa a ponta de bayoneta. Nessa perfidia estavam de certo conchavados com os aulicos e mesmo com o Rei, que não sabia a quem obedecer, como sempre lhe succedia nas conjuncturas difficeis. Mais de vinte dos eleitores foram feridos, e tres foram mortos [1]

Grande depressão do animo publico produziu este acto de força, e aproveitando-se d'ella D. João annullou quanto havia promettido na vespera embarcando com a familia. Ficava D. Pedro regente do governo do Brasil; a experiencia de tantas agitações politicas bem mostrava ao velho rei que a joia do Brasil com facilidade poderia escapar á corôa dos Braganças e foi com esse pensamento que ao despedir-se do filho lhe disse as palavras que a tradição conservou:—*Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fôr, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão d'ella.*

Assim pois consummava-se a revolução constitucional portugueza, cujos primordios, como os da republicana de Pernambuco, datam egualmente de 1817. Alguns officiaes e civis tinham conspirado em Lisboa para de-

---

[1] Attribue-se esta carnificina a manejo de D. Pedro e seu favorito Conde dos Arcos que queriam o regresso de D. João para subirem ao poder; tambem por analogo motivo se attribue a presença de agentes secretos na assembléa a D. João, que não queria voltar para Lisboa. Armitage, I, 33.

pôr Beresford, fazer regressar o Rei, e expulsar da guarnição alguns officiaes inglezes; d'essa conspiração Gomes Freire d'Andrade, de prosapia illustre na historia do Brasil, era sabedor sem ser cumplice; foram todos denunciados, presos e mortos com arbitrarias irregularidades nas sentenças que nem tiveram a sancção regia e não passaram de ignominiosos assassinatos.

Não impediu o terror que tres annos mais tarde a revolução portuense entrasse victoriosa em Lisboa (1820).

IX

O IMPERIO

PROGRESSOS DA DEMOCRACIA

1822-1831-1888-1889

1

A independencia

Depois da partida de D. João VI, abriu-se o periodo das agitações politicas que deviam acabar na separação do Brasil. De facto as côrtes portuguezas, com uma maioria de 130 deputados contra 70, numero nunca completo, de brasileiros, proseguiam no seu plano de *recolonisação* do Brasil, e para essa obra de oppressão contava ainda com as tropas auxiliares, que ameaçavam augmentar em numero e com os funccionarios e a maioria de portuguezes residentes na America; suspeitando, e não sem fundamento, que o principe D. Pedro favorecia as aspirações liberaes dos brasileiros, não deixaram de hostilisar a sua politica, arrancando-lhe todos os recursos e desmoralisando-lhe o prestigio, fazendo depender todas as provincias directamente de Lisboa, e reduzindo-o assim a simples capitão-mór do Rio de Janeiro.

As discussões nas côrtes de Lisboa não se

faziam sem inuteis tumultos; não só não havia a experiencia dos governos representativos, como não falhavam, mesmo entre os portuguezes, vozes auctorisadas e judiciosas como a do deputado Trigoso que tomavam a nossa defeza em questões essenciaes, o que entre elles abria novas e insanaveis dissidencias. A um projecto dos deputados brasileiros de que seria indispensavel crear um congresso legislativo americano e independente das assembléas do velho reino, o espanto e a confusão chegaram ao auge, e dado esse passo, as antigas dissimulações do opportunismo tornaram-se desnecessarias. O deputado portuguez Borges Carneiro, respondendo á ousadia brasileira, clamava que se devia intimar o principe rebelde a deixar a quinta de S. Christovão, onde «respirava apenas o empestado halito de vis e aduladores conselheiros.»

Por outro lado, o Brasil não estando ainda preparado para tão subita regeneração, qual a que aspiravam os seus filhos, dividia-se em partidos e não podia ter a consciencia exacta da revolução que mal ignorada e latente se ia fazendo; uma d'estas divisões formando maior sulco, era naturalmente mais profunda e punha em partes contrarias e antagonicas os portuguezes e os brasileiros. Assim a questão politica, como outr'ora, abrasava-se com a de nacionalidade.

Era lamentavel esta scisão, porque a menos os naturaes podessem fazer a republica, a solução da independencia com um principe portuguez envolvia a conciliação das duas raças e a necessidade de esquecer o odioso antagonismo.

O principe D. Pedro foi o orgão mais precipuo e efficaz d'essa difficil conciliação; não se lhe póde diminuir o estudado esforço, a boa vontade e até mesmo o por vezes doloroso sacrificio com que affrontou todos os trabalhos d'essa ingente empreza; ao realisal-o, sentia egualmente fortalecer-se no sentimento da dignidade que lhe era proprio; inclinado ao apoio do povo, de preferencia ao das tropas auxiliares, cuja indisciplina já o havia magoado, coagindo-o a jurar as bases da constituição (5 de Junho), tambem elle, como o Brasil, era a victima do mesquinho despotismo das Côrtes.

Em Lisboa os deputados brasileiros (entre os quaes se distinguiam Antonio Carlos, Villela Barbosa, Feijó, Araujo Lima, Vergueiro) fatigados de enfrentar o abuso, desmoralisados pela populaça, viram-se coagidos a emigrar para a Inglaterra. As Côrtes declaravam independentes os governos provinciaes, aboliam os tribunaes do Rio, e ordenavam ao principe que regressasse á Europa, *para viajar e aprimorar a educação.* [1]

Com essas medidas, o Brasil, sem governo geral nem tribunaes importantes, guardado por forças portuguezas, retrogradava quasi á época do descobrimento. Por toda a parte pois

---

[1] Para, segundo dissera pouco antes B. Carneiro nas côrtes, «para *aprender a ser constitucional,* ou dentro dos muros da quinta de Queluz *ouvindo diariamente os dictames* do seu augusto Pae, e diligenciando imital-o para ser como elle amado de todos os seus subditos; ou *nesta capital, ouvindo as discussões e deliberações das côrtes.*»

se conspirou ; as maçonarias, as sociedades secretas e um periodico, o *Reverbero*, occulta ou abertamente ousaram pugnar ao menos pela emancipação administrativa do paiz.

«Quando me achei no Rio de Janeiro — dizia pouco depois Antonio Carlos defendendo-se de arguições originadas da sua attitude nas côrtes — ninguem ainda pensava em independencia ou em legislaturas separadas. Foi mister toda a cegueira, precipitação e despejado annuncio de planos de escravisação para acordar do somno de boa fé o amadornado Brasil e fazel-o encarar a independencia como o unico antidoto contra e violencia portugueza.»

«Não tenho tão curta vista, continuava elle, que me escapassem as vantagens de só pertencermos ao pacifico systema americano e nos desprendermos dos laços da revolta Europa».

Antonio Carlos representava o genuino sentimento nacional que optava pela emancipação republicana; maior prudencia na occasião, porém, para impedir a subita explosão das paixões nacionaes aconselhava a aproveitar e aceitar a collaboração do principe regente.

Moções dos partidos, das Camaras e de governos provinciaes (e entre esses a junta provisoria de S. Paulo, de que fazia parte José Bonifacio) chegavam ao principe que, ainda prestando apoio ao rei e á constituição por um resto de sentimento cavalheiresco e leal, hesitava dar o grande golpe definitivo.

No Rio, porém, era impossivel conter o trabalho já realisado com tão seguros elementos. Uma representação assignada por oito mil patriotas foi levada ao principe pelo Se-

nado da Camara e com grande acompanhamento de povo.

José Clemente Pereira, portuguez sympathico ás novas aspirações e presidente d'aquella corporação, foi encarregado de entregar a mensagem ao principe, de quem recolheu a resposta, que transmittiu ao povo que a esperava: «Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico».

«A resposta do principe, diz um dos nossos historiadores, foi uma desobediencia formal ás côrtes portuguezas, uma alliança firmada com os brasileiros, e portanto a primeira palavra da proxima independencia».

Avilez, commandante da *divisão auxiliadora*, fez logo constar a sua demissão; antes porém que ella se verificasse, os dous mil homens d'essa divisão, sahindo de quarteis, (11 de Janeiro de 1822) occuparam o morro do Castello, que domina a cidade.

A' ameaça corresponderam os brasileiros com os milicianos, patriotas e tropas brasileiras, que, vendo em perigo a causa da patria, pegando em armas, reuniram-se a postos no Campo de Sant'Anna. A conflagração ia tornar-se inevitavel; mas Jorge de Avilez, comprehendendo a responsabilidade da irreflectida ousadia, receiando assumir a attitude da resistencia, obedeceu em fim á intimação do principe e capitulou (13 de Janeiro), transportando-se com seus batalhões para o lado fronteiro da bahia, até que lhe fosse possivel embarcar para a metropole.

Nesse dia mesmo da victoria chegava ao Rio **José Bonifacio**, cuja fama nas sciencias e nas letras agora se augmentava com a aureola do

patriotismo. Foi feito ministro do reino e de estrangeiros; o primeiro cuidado de José Bonifacio foi restituir ao Brasil a unidade politica que as Côrtes fragmentavam declarando as capitanias entre si independentes para melhor dominal-as; e assim, convocou um conselho de procuradores provinciaes que deveriam auxiliar a administração. A esse plano de alliança inter-provincial só quatro provincias poderam adherir com efficacia: Rio, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. O norte ardia em guerra.

Subjugada no Rio a *divisão auxiliadora* que era o apoio material dos recolonisadores, póde-se datar de 12 de Janeiro o triumpho da revolução emancipadora; e os seus heroes foram José Clemente, os redactores do *Reverbero*, Gonçalves Ledo, Januario Barbosa e o franciscano Fr. Sampaio.

D'aqui em diante começa a acção constructora de José Bonifacio, que alarga e amplifica o triumpho obtido, mas na verdade não sem immoderação e imprudencia.

Convoca, como dissemos, os procuradores provinciaes para collaborar nas reformas, decreta que nenhuma lei portugueza será effectiva sem o *cumpra-se* do Principe regente; aconselha ao principe a viagem a Minas, onde a sua presença excita a sympathia e os applausos dos mineiros, pondo termo ás desordens do partido retrogrado.

O senado da Camara, indo mais longe, offerecia a D. Pedro o titulo de *Defensor Perpetuo* e pedia-lhe a convocação de uma constituinte brasileira.

Essas deliberações porém seriam letra mor-

ta, sem o terrivel preço de sangue que haviam custar ao nosso patriotismo. O governo iniciou a lucta contra a reacção portugueza, que tinha o seu mais forte quartel na Bahia. Era indispensavel, antes de tudo, expellil-as do immenso territorio do paiz onde, aqui e alli, formavam a base da reacção retrograda das Côrtes. Numa região invia como é ainda a nossa e onde a população está apenas semeiada pelo debrum do mar, em todo o tempo será impossivel egual empreza sem o soccorro das esquadras. O governo contratou com Lord Cochrane, paladino da emancipação sul americano, o commando de uma esquadra brasileira. Assim se fez o bloqueio da Bahia contra a frota militar portugueza ao passo que forças de terra, sob o commando do general Labatut, sitiavam por terra a cidade, então entregue ás forças militares portuguezas do general Madeira. Varias foram as peripecias da lucta, mas afinal teve Madeira que evacuar a cidade com todas as suas tropas.

O almirante brasileiro fez muitas prêzas da esquadra inimiga, que se compunha de trese vasos de guerra e setenta mercantes perseguidos por Taylor até a foz do Tejo.

Algumas das tropas portuguezas, conforme Cochrane verificou numa das suas prêzas, deviam dirigir-se para o Maranhão. Para alli e sem detença aproou Cochrane, onde poude obstar a acção das forças inimigas já desembarcadas e onde obteve a adhesão da cidade. Destacando Grenfell num brigue portuguez ahi capturado, o *D. Miguel*, mandou-o ao Pará, onde o astuto official dizendo-se emissario de grande esquadra ahi proxima, triumphou de todas as indecisões.

Por motivos que se prendiam á causa da propaganda, outra viagem fez o principe a S. Paulo e com identicos intuitos de pacificação, que conseguiu realisar.

Foi justamente na sua volta para o Rio, quando recebendo despachos de Lisboa, a sua irritação chegou ao auge, e então, nas margens do Ipiranga, onde estava, alçou o grito resoluto de: «*Independencia ou Morte!*» (7 de Setembro de 1822).

2

A Constituinte

A' falta de outra que tenha exterioridades mais significativas, os brasileiros tomaram a data de 7 de setembro como a da independencia politica. Foi tão precipitada a marcha da revolução aqui, quanto o foi a serie de reacções retrogradas das Côrtes de Lisboa; mas a distancia que medeia entre o Rio e Lisboa punha grande morosidade nesse memoravel dialogo, e em nenhum d'esses pontos se esperava a deixa do outro. Em verdade, o 7 de setembro não se traduz por acto official algum e d'elle quasi não ha noticia completa e pertence á historia anecdotica do principe; mas esse rasgo de impaciencia tem grande propagação; a divisa portugueza que o principe rasgava no Ipiranga é substituida pela das côres nacionaes, verde e amarella, com que se apresenta no theatro do Rio de Janeiro em 15

de setembro. O decreto de 21 de setembro, correspondendo á petição de José Clemente e do Senado da Camara em favor do «Imperio constitucional» impõe a todos o tope de côres nacionaes para o dia da Acclamação, sendo essa falta um signal de dissidencia punivel pelo banimento da terra. A questão da divisa que se originou no Ipiranga tornou-se caracteristica da nova situação e certamente por isso a data de 7 de setembro marca a da emancipação politica.

Entretanto, a independencia já se havia consumado com as proclamações de 1.º de agosto de 1822. Numa d'ellas declarava-se guerra barbara por todos os meios e recursos contra o desembarque de forças militares portuguezas, declaradas intoleraveis no Brasil; na outra, redigida por Ledo e que começou por uma phrase tirada de uma das proclamações da revolução franceza *(Acabou-se já o tempo de enganar os homens...)* o principe declarava-se defensor da «liberdade e independencia» das provincias e pedia que o grito de união dos brasileiros echoasse do Amazonas ao Prata. [1]

Igualmente se não fôra o antagonismo de raças, que ainda hoje pesa, um dos elementos da revolução, a historia imparcial poderia assignalar como verdadeira data da emancipação colonial aquella em que D. João VI pisou

---

[1] Nesse momento a auctoridade do Principe só era reconhecida nas «provincias colligadas», isto é, do Rio até Montevideo no sul, e no interior, Minas Geraes. Na Bahia, e em quasi todo o norte, dominavam as forças portuguezas.

o solo brasileiro, 22 de janeiro de 1808, na qual se quebraram todos os laços da dependencia portugueza; esta data ligaria a nossa emancipação á mesma causa geral que produzia a da America latina, á acção de Bonaparte. Pelo refugio de D. João VI, na America, ainda evitamos o duplo desastre da fragmentação do territorio e constituição de pequenas republicas de governo instavel.

Além d'isto, que significação poderia mais ter o 7 de setembro no meio de tantas agitações e quando já havia sido decretada a reunião da assembléa Constituinte?

Como quer que seja, d'aquelle momento data a consciencia do passo definitivo que se havia dado. D. Pedro é feito Imperador do Brasil, acclamado pelas camaras (12 de outubro) e depois coroado segundo os estylos e o exemplo de Napoleão, heroe predilecto do principe, a 1 de Dezembro.

A guerra contra a metropole tornou-se inevitavel. O Brasil preparou as forças que podia, engajou mercenarios de terra e mar, entregando a esquadra libertadora a Lord Cochrane que tanto se distinguiu no movimento de emancipação da America latina.

Apertado em rigoroso sitio por mar e por terra, em paiz já infenso ao dominio lusitano, o general Madeira teve que evacuar a Bahia aos 2 de julho de 1823 embarcando com a tropa e grande numero de negociantes portuguezes que por suas idéas reaccionarias não teriam garantias de vida se se deixassem ficar na cidade. Lord Cochrane libertou ainda o Maranhão e o Pará e com a defecção das forças em Montevideo, em todo o Brasil foi arvo-

rado o pendão auri-verde da Independencia (Novembro de 1823).

No mesmo anno em que se consummavam estes acontecimentos, abria-se (na data considerada do descobrimento do Brasil) a 3 de Maio, a **Assembléa Geral Constituinte.** Compunha-se ella presumivelmente dos homens notaveis do paiz, os quaes na verdade não eram numerosos nem de merito excepcional; mas havia entre os deputados alguns de illustração ou de talento pouco commum, os irmãos Andradas, Silva Lisboa, Carvalho e Mello, Carneiro de Campos; ignorantes quasi todos das praxes parlamentares, inda novas por quasi todo o mundo, e muito imbuidos de mal entendida philantropia que facilmente degenerou em anarchismo. A ausencia de partidos tornava difficil a direcção da Assembléa e o deputado Antonio Carlos, irmão de José Bonifacio, era a palavra mais emphatica, para não dizer eloquente, que exercia maior prestigio, sendo que estava entre os que mais contribuiam para a confusão geral. Emquanto José Bonifacio esteve no poder como ministro, Assembléa e governo viveram na maior harmonia. Quando porém os Andradas se passaram para a opposição, a discordia tornou-se inevitavel, porque elles eram no fundo facciosos e prepotentes e só se aquietavam quando a seu sabor dispunham da auctoridade.

No poder e na fala de abertura recitada pelo Imperador, pediam limitações á demagogia com uma constituição onde não entrassem os desvarios theoreticos da metaphysica politica como o demonstravam os desastres das constituições da França, Hespanha e mesmo

Portugal; pediam uma constituição sabia e justa e digna do Brasil e do Imperador. O que fosse uma constituição sabia e justa ninguem de certo o sabia. Mas d'ahi a pouco na opposição são os primeiros que se fazem demagogos violentissimos.

Quando respondendo á fala de abertura, alguns opponentes timidamente extranharam que os constituintes podessem ser suspeitos de elaborar uma constituição indigna do paiz, os Andradas defenderam calorosamente a palavra imperial e d'esta vez com razão porque se tratava de uma constituição democratica monarchica mas não republicana, segundo o recente mas já triste exemplo das republicas da America hespanhola.

Apoz um projecto nativista barbaro de suspeição contra os portuguezes residentes e que teve um defensor em Antonio Carlos, a situação do ministerio enfraqueceu-se; os Andradas caíram do poder, no meio da indifferença da gente seria do paiz. O novo governo (Carneiro de Campos e Nogueira da Gama) enveredaram pelo caminho egualmente errado da reacção, em favor dos portuguezes, sem considerar a existencia e o prestigio dos falsos ou verdadeiros nativistas. Os Andradas, pois, no seu jornal o Tamoyo (nome da tribu dos indios do Rio, alliados de Villegagnon e inimigos dos portuguezes) rompendo em resoluta e anarchica opposição ganharam grande popularidade e nisso ainda eram ajudados por outra folha, a *Sentinella*, onde se prégavam idéas radicaes como as do *Tamoyo*, lisonjeando as paixões dos descontentes e as inclinações vulgares do poviléo. Na Assem-

bléa ligando-se aos patriotas e aos antigos opposicionistas que combateram por exaggerados, creavam todos os tropeços ao governo e fizeram logo passar a lei de que a constituição não dependeria do *veto* imperial, idéa que já havia feito partidarios entre os elementos ultra-democraticos das provincias e approvada numa reunião de patriotas em Porto Alegre. O Imperador respondeu que sem querer augmentar o poder que já tinha, não toleraria comtudo maiores usurpações.

Nesse particular ninguem procurou a conciliação, pois ninguem estava disposto a ceder. Appareceu a 30 de agosto o Projecto da Constituição com todas as liberdades reclamadas pelos opposicionistas radicaes e patriotas, elaborado sob o influxo e direcção dos Andradas. Por outra parte, sentindo acordar o sangue de seu orgulho real contra a audacia de homens novos que a exploração de outros conduzia, começou o Imperador a favorecer os portuguezes e sobretudo os soldados e officiaes prisioneiros da Bahia, que de novo foram reintregues nas fileiras, para oppor-se pela força material contra a acção das novas forças da tribuna e da imprensa facciosa de que não dispunha.

Assim iam as cousas quando um periodico, a *Sentinella*, publicou um artigo violento contra os officiaes portuguezes da guarnição, sob o pseudonymo de—*O brasileiro resoluto*, que se attribuiu a um boticario açorinho David Pamplona [1] que foi aggredido em seu domi-

---

[1] Desde esse tempo entre os nativistas mais exaggerados contam-se alguns portuguezes.

cilio e maltratado e quasi morto por dous officiaes de Artilharia. Esta selvageria tornou-se logo uma questão de partido e em vez de queixar-se ás auctoridades de que talvez nada esperava, o offendido dirigiu-se á Assembléa Constituinte.

Antonio Carlos propoz que os offensores fossem immediatamente banidos do imperio; á agitação da Assembléa juntou-se a da imprensa opposicionista que redobrou de violencia contra a soldadesca lusitana e attribuindo o crime ao Imperador antevia-lhe a sorte miseranda de Carlos I e de outros reis, que pagaram no patibulo a traição á patria. Na assembléa, o povo invadia as galerias e pensava-se em transformar a Constituinte em Convenção.

O Imperador tomou prompta deliberação e fez escrever á Assembléa exigindo a expulsão dos Andradas; mas o acto não teve apoio no ministerio que, temendo entrar no caminho da reacção, se demittiu. As tropas portuguezas vieram a S. Christovão por impulso de livre fidelidade, e dedicação, rodeiar e garantir o Imperador ameçado por qualquer golpe de mão da demagogia.

A Assembléa, dominada pelo povo que a invadira e excitada por Antonio Carlos, tolhida a acção dos moderados que não se animavam a oppôr cousa alguma, declarou-se em *Sessão permanente* pelo perigo que corria, e pediu ao governo explicações pelo apparato d'aquella força, na tarde de 11 para 12 de novembro, chamada a *Noite da Agonia.*

Toda essa memoravel noite esteve reunida a Assembléa em sessão; alguns davam tudo

por perdido e sem remedio; outros, os exaltados, criam no levante do povo para sustental-os ou vingal-os. Amanheceu o dia 12 e nelle veio por exigencia da assembléa prestar explicações o ministro do Imperio. Afinal á 1 hora do mesmo dia aproxima-se a tropa do edificio onde deliberavam e d'ella destacando-se, entrega um official ao Presidente da Constituinte um decreto em que o Imperador declarava «ter convocado aquella assembléa afim de salvar o Brasil dos perigos que lhe estavam imminentes... mas que havendo ella perjurado na defeza da patria e da sua dynastia havia por bem dissolvel-a».

Ao saírem os deputados, foram presos Antonio Carlos, Montezuma, Martim Francisco, e egualmente José Bonifacio, então já em seu domicilio, e ainda outros. Foram logo embarcados e deportados. Passeiou o seu triumpho pelas ruas o Imperador, por ventura com os mesmos applausos d'aquelles que, horas antes, povoavam as galerias da Assembléa.

Este acto de força do Imperador, com quanto agradasse á populaça do Rio, não era de natureza a provocar a sympathia e ainda menos o applauso. Logo a imprensa opposicionista desapparecia e já ninguem se julgava seguro; olhavam todos anciosos para as provincias, onde o favoritismo nos seus inicios não havia ainda destruido o espirito publico.

Não era de certo a intenção do Imperador, pela dissolução da constituinte, retroceder ao absolutismo; ao contrario, apesar da sua educação incompleta e de sua inexperiencia, elle sempre foi o que um poeta mais tarde cha-

mou o *Rei da liberdade* [1] epitheto bem merecido do soberano que deu a constituição a dous paizes. Pensou pois em reunir uma commissão que elaborou immediatamente a carta constitucional do Imperio, que foi brevemente acclamada e jurada pelos povos do Rio e pelo Imperador (25 de março, 1824) e mais tarde pelas camaras municipaes.

Essa Constituição, onde os radicaes viam garroteada a liberdade nas malhas do despotismo, era obra da sensatez e do mais puro espirito liberal.

Em Pernambuco rebentou a revolução a 24 de julho. A outhorga de uma constituição excluia o principio theorico de que ella devia ser a representação da vontade nacional. A dissolução da Constituinte pareceu pois um attentado sem nome; por toda a parte excitou a reprovação e mesmo no Rio, os exaltados tentaram assassinar o Imperador e a elles se attribue o incendio do theatro no dia do juramento da Carta que ahi tivera logar. De qualquer modo o partido federalista, antipathico ás constituições monarchicas, e que existia embora indisciplinadamente por todo o Brasil, em Pernambuco onde era mais forte e mais robustecido pela tradição, não perdeu o ensejo de manifestar-se. Um dos patriotas da revolução de 1817, Monoel de Carvalho Paes de Andrade, poz-se á frente da reacção republicana e publicando um manifesto contra o grande «traidor» a quem se attribuia o plano de reintregar o Brasil no antigo regimen co-

[1] José Bonifacio, o moço.

lonial, proclamou a **Confederação do Equador**, nome a cuja senha deviam agora unir-se os estados do norte que adherissem á federação e á republica. As adhesões foram mais palavrosas que effectivas desde Alagoas ao Ceará. [1] Em Pernambuco mesmo um lavrador de grande prestigio (o Marquez do Recife) arvorando a bandeira imperial formou o nucleo dos voluntarios monarchistas que fizeram juncção com as forças do general F. Lima e Silva, enviadas do Rio, e de combinação com a frota de Lord Cochrane bloqueiaram o Recife. Os republicanos foram afinal batidos; o presidente da confederação, Paes de Andrade, conseguiu salvar-se refugiando-se a bordo de um navio de guerra inglez. Assim terminou a *Confederação do Equador*.

3

A abdicação

Muitos foram os acontecimentos que encheram de vida e agitação o reinado de D. Pedro I. Não só a guerra da independencia preoccupára todo o paiz onde ainda o prestigio dos portuguezes que não haviam adoptado a nova ordem de cousas era grande e apoiado na força, mas ainda havia que combater as re-

---

[1] No Ceará os successos tomaram differente curso e aceitamos a rectificação que da nossa narrativa fez o dr. Araripe Junior e a qual não reproduzimos aqui porque já se acha no excellente prologo que exorna esta segunda edição.

bellições e a anarchia oriunda da diversidade ou antagonismo de opiniões que sempre caracterisa esses momentos.

Afinal houve inteira submissão por toda a parte onde deveria havel-a. Um trecho porém do nosso territorio, indevidamente conquistado á raça differente, producto antes elaborado por outra historia que não a nossa, a *Provincia Cisplatina*, com o auxilio dos governos de Buenos Aires que ahi fomentavam as revoltas e com a mediação da Inglaterra, conseguiu libertar-se do dominio imperial constituindo-se em republica independente, com o nome de Banda Oriental do Uruguay. A guerra para submettel-a era impopular e foi o triumpho dos separatistas uma feliz solução apesar de que as ultimas victorias foram nossas.

Tambem successos da politica internacional e precipuamente o reconhecimento da emancipação das republicas sul americanas que tanto haviam trabalhado pela independencia propria, facilitaram o reconhecimento da nossa pelo governo portuguez, sob a mediação de Inglaterra. Sir Charles Stuart, embaixador inglez, negociou a nossa emancipação politica, que apezar de conquistada a fogo e a sangue nos custou ainda dous milhões esterlinos.

Na politica interior continuavam as antigas difficuldades.

«As camaras brasileiras creadas pela constituição, diz Rio Branco [1] reuniram-se pela

[1] No admiravel resumo de *Le Brésil*, por Levasseur.

primeira vez em 1826; em todo o reinado de D. Pedro I a opposição, composta de liberaes monarchistas partidarios do systema parlamentar inglez, de uns poucos federalistas e republicanos, formaram a maioria da camara dos deputados. Faziam-se então no Brasil os primeiros tentamens do systema representativo e se era o imperador joven ainda, impetuoso e inexperiente, por egual careciam os partidos, e a imprensa, de educação politica. O ministerio Paranaguá, no poder desde 1823 e o de seu successor, o Visconde de S. Leopoldo (16 de Janeiro de 1827) compunhamse de senadores ou de pessoas que não faziam parte do parlamento. A 20 de Novembro de 1827 o Imperador organisou em fim um ministerio parlamentar com o deputado Araujo Lima (Marquez de Olinda); mas com a exoneração dada ao ministro da guerra por occasião da revolta dos batalhões estrangeiros, que foi logo e energicamente reprimida, o ministerio todo se demittiu. Dois membros dos mais influentes da camara, Costa Carvalho e Vasconcellos, recusaram a incumbencia de novo gabinete, missão que foi em fim confiada ao deputado Clemente Pereira, logo abandonado dos liberaes. Esse ministerio como o seguinte de Paranaguá (4 de Dezembro de 1829) encontraram viva opposição da Camara e da imprensa.

Multiplicavam-se os jornaes federalistas e republicanos, e muitos candidatos d'esses dous partidos triumpharam nas eleições de 1830. Ministros e senadores que se mostravam dedicados ao Imperador eram taxados desde logo de absolutistas.

A 19 de março de 1831, D. Pedro, cuja

maior pecha era a de haver nascido portuguez, e que já não tinha a popularidade de outro tempo, procurou governar com um ministerio liberal (F. Carneiro de Campos); os rancores entre brasileiros e portuguezes eram ainda demasiado vivos para restabelecer a concordia; e quando estes ultimos fizeram manifestações imperialistas, não houve evitar sanguinolentos conflictos nas ruas. [1] Formou então o Imperador um gabinete exclusivamente composto de senadores (ministerio Paranaguá).

Este ministerio, todo tirado da facção aulica, e composto de homens (marquezes de Inhambupe, de Baependy, do Aracaty, de Pa-

---

[1] *A noite das Garrafadas.* «Uma das mais fortes accusações contra D. Pedro, diz A. e Lima, era que protegia os interesses e as paixões hostis dos portuguezes; esta idéa havia calado no animo da *mais baixa classe* da população livre e foi a principal causa que lhe fez perder a popularidade. Desgraçadamente foram os portuguezes os que mais se empenharam nos obsequios publicos com que queriam celebrar a volta do Imperador; este acto de dedicação particular a que elle era inteiramente extranho provocou um conflicto sanguinolento (de 13 a 14 de Março, chamada a *Noite das Garrafadas*) entre o partido *exaltado*, no qual se achavam envolvidos muitos officiaes do exercito e o que se denominava portuguez. Desde esse momento parecia impossivel qualquer reconciliação e os animos se irritaram a ponto que reviveu todo o antigo odio contra os nascidos do outro lado do Atlantico. A offensa da nacionalidade e por consequencia do amor proprio dos nascidos no paiz, fez reunir então todos os brasileiros, clamando que era mister reprimir a insolencia dos estrangeiros. Comtudo, D. Pedro não estava ainda directamente compromettido, pois que havia permanecido em S. Christovão em quanto se passavam aquelles

ranaguá, Conde de Lage e Visconde de Alcantara), que passavam por servos humilissimos da vontade imperial, antes que representantes de qualquer opinião, muito desagradou ao povo. Grande ajuntamento se formou no Campo de Sant'Anna, do povileu que alguns demagogos excitavam á revolução.

Não querendo impopularisar-se, o Imperador deixou de aproveitar a indecisão das tropas para dominal-as e á frente d'ellas dissolver a arruaça, e conservou-se inactivo.

Uma deputação popular veio fallar-lhe em S. Christovão, pedindo a restituição do antigo ministerio. «*Tudo farei*, disse D. Pedro, *tudo farei para o povo; nada porém pelo povo*».

---

acontecimentos, e só fez a sua entrada publica na capital no dia 17 de Março.

«Depois dos successos de 13 e 14 reuniram-se 23 deputados e um senador, em casa do padre José Custodio Dias, e alli redigiram uma representação ao Imperador, energica e ameaçadora, na qual se exigia do governo uma reparação da affronta que se havia soffrido, e o castigo tanto das auctoridades que conniventes ou indifferentes tinham deixado de dar providencias, como dos delinquentes compromettidos na aggressão. Este documento, publicado pela imprensa, produziu o effeito que se esperava, exaltando ainda mais o espirito de revolta, tanto no Rio de Janeiro como nas outras provincias, quando se teve noticia d'elle».

O estado de agitação popular continuou por alguns dias e era alimentado pela conspiração dos clubs e dos exaltados. Foi por esse tempo e já depois da organisação de novo gabinete que tendo comparecido a um *Te Deum* na egreja de S. Francisco de Paula, o Imperador foi cercado de povo e saudado com *vivas, emquanto constitucional*. Não passou despercebido o remoque ao Imperador, que respondeu ao pé da letra e serenamente: *Sou, sempre fui e serei constitucional.*

Ao receber a resposta, o povo declarou-se em revolução e a ella adheriram pouco lealmente os tres irmãos Lima e Silva, generaes de muita popularidade, e que deviam a fortuna ao Imperador. A adhesão do exercito, objecto de desvelos e até causa da impopularidade do monarcha, pareceria quasi uma traição e seria difficil ao historiador justifical-a, quando nem mesmo duvidosamente se podera allegar o reclamo de patriotismo.

Foi mandado o major Miguel Frias aos paços de S. Christovão, á meia noite, para buscar a decisão imperial.

Com calma, frieza e indifferença, sentimentos que acaso lhe dava a superioridade moral da sua conducta, recebeu o Imperador a noticia da infidelidade de suas tropas: «Não quero, disse, que ninguem se sacrifique por minha causa». E mandou com verdadeira grandeza d'alma que um resto de tropa aquartelada em S. Christovão se fosse reunir aos seus camaradas.

Duas horas depois, e sem ouvir o conselho dos seus ministros, escreveu o seu acto de abdicação: «*Usando do direito que a Constituição me confere declaro que hei muito voluntariamente abdicado na pessoa do meu muito amado e prezado filho, o senhor Dom Pedro de Alcantara.* Boavista, 7 de Abril de 1831».

Escolheu José Bonifacio para tutor do imperador infante e ao romper do dia embarcou com a familia, excepto os principes, na náu ingleza *Warspite*, d'onde poude saber de longe e com alegria das festas da acclamação do novo imperador nos paços do Senado.

4

O Sete de Abril e Evaristo da Veiga

«A intervenção militar na revolução de 7 de Abril, diz Joaquim Nabuco, era summamente injusta, por quanto o melhor amigo do exercito era o Imperador. Pedro I, quaesquer que fossem as suas faltas, tinha em relação ao exercito uma comprehensão muito mais clara da sua necessidade e do seu papel do que a legislatura cuja hostilidade o derribou. Ao liberalismo brasileiro a efficiencia militar do exercito parece sempre secundaria; a sua funcção primordial consagrada a 7 de Abril e em 15 de novembro é a grande funcção civica libertadora. No primeiro reinado ninguem levou a mal sinceramente o mallogro das armas brasileiras no Prata, a série dos insuccessos ligados aos nomes de cada um dos generaes para lá mandados. O historiador do reinado (Armitage) attribue mesmo aos nossos desastres militares os mais salutares effeitos na ordem civil. Segundo elle, a constante má fortuna das armas brasileiras produziu o resultado de desanimar as vocações militares e de inclinar as energias da geração nova para as carreiras civis, o que preservou o Brasil de uma completa anarchia...

«Não havia sinceridade na alliança da opposição com o exercito. A propria defecção d'este será severamente julgada mais tarde

pelos que se serviram d'elle para os seus fins. Pouco depois da revolução, o partido que havia aproveitado a acção do exercito em 7 de Abril só tinha um desejo: dispersal-o, dissolvel-o, deportal-o para os confins. A grande reputação da Regencia será a de um estadista, o padre Feijó, que revelou a maior firmeza de caracter na repressão da anarchia militar, a qual sobreveiu, como se devera esperar, do pronunciamento do campo. Baseia-se sempre em alguma equivocação, e por isso é ephemero o pacto politico do exercito com partidos extremos e elementos revolucionarios. Foi essa a primeira grande decepção do 7 de Abril: a do *exercito*, condemnado, licenciado pelo partido que elle tinha posto no poder.

«A segunda decepção foi a dos *Exaltados*, dos homens que haviam concebido, organizado, feito o movimento, e que no dia seguinte tambem foram lançados fóra como inimigos da sociedade pelos *Moderados* que só se manifestaram depois da victoria. Para aquelles a revolução foi uma verdadeira «*journée de dupes*». A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possivel fazel-as, e com elles é impossivel governar. Cada revolução subentende uma lucta posterior e alliança de um dos alliados, quasi sempre os exaltados, com os vencidos. A irritação dos exaltados trará a agitação federalista extrema, o perigo separatista que durante a Regencia ameaça o paiz do norte ao sul, a anarchisação das provincias.

«Outro desapontamento foi o dos patriotas. A força motora do 7 de Abril, a que deu impulso ao elemento militar, foi o resentimento

nacional. Em certo sentido o 7 de Abril é uma repetição, uma consolidação de 7 de Setembro. O Imperador era um *adoptivo* suspeito de querer reunir as duas corôas (de Portugal e Brasil...) O fermento politico da revolução foi secundario; a excitação real, calorosa, foi o antagonismo de raça, então facilmente exploravel. O tope nacional concorreu mais para a revolta da tropa do que as excessivas declamações da opposição. O exercito não era mais aquelle cuja exacerbação, sete annos depois, levara D. Pedro, *apezar da sua timidez*, na expressão do padre Feijó, a dissolver a Constituinte e desterrar os Andradas, acto que aquelle uma vez qualificou de *violento, mas necessario* e como tendo dado paz e tranquillidade ao paiz por dez a doze annos...

«A maior decepção de todas, porém, foi a da nação. A abdicação tinha-a profundamente surprehendido, quando ella esperava do Imperador sómente uma mudança de ministerio ou antes o abandono de uma camarilha que lhe era suspeita. Os espiritos não se tinham preparado para solução que não anteviam, e como sempre acontece com os movimentos que tomam o paiz de surpreza e vão além do que se desejava, as esperanças tornaram-se excessivas, os espiritos abalados pelo choque exaltaram-se, e deu-se então este facto que não é nada singular nas revoluções: os mais ardentes revolucionarios tiveram que voltar, a toda a pressão e sob a inspiração do momento, a machina para traz e para impedil-a de precipitar-se com a velocidade adquirida. Foi esse o papel de Evaristo sustentando a todo o transe a monarchia constitucional con-

tra os seus alliados da vespera. Os revolucionarios passavam assim de um momento para outro a conservadores, quasi a reaccionarios, mas em condições muito mais ingratas do que a do verdadeiro partido conservador quando defende a ordem publica, porque tinham contra si, pelas suas origens e pela sua obra revolucionaria, o resentimento da sociedade que elles abalaram profundamente. Foi essa a posição do partido moderado que governou de 1831 a 1837 e que salvou a sociedade da ruina, é certo, mas da ruina que elle mesmo lhe preparou.» [1]

Essas bellas palavras provam a quasi inutilidade da aventura de 7 de Abril que a propria prudencia dos revolucionarios salvou retrogradando ainda em tempo.

O elemento, o agente exterior ao menos da agitação foi a imprensa.

Deve-se fazer datar do primeiro imperio a liberdade da opinião. E' certo que já vinha de mais tempo a imprensa; n'ella só tinham agazalho, com tudo, a opinião do governo ou a materia indifferente ao curso das idéas politicas; tal foi a imprensa e foram os raros jornaes do tempo de D. João VI na Bahia ou Rio; apenas uma revista impressa no estrangeiro (O *Correio Braziliense* de Hippolito da Silva) ousava ainda na era do absolutismo defender os interesses da liberdade na America. Com a independencia porém e desde o tempo da Constituinte os jornaes de opposi-

---

[1] Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Imperio*, tomo I, 26 e seg.

ção multiplicam-se e é impossivel imaginal-os mais aggressivos, apaixonados e virulentos.

Não era porém a virulencia uma qualidade exclusiva dos exaltados, era-o por egual dos reaccionarios e governistas; o governo sem ser despotico era mais do que convinha arrogante. Uns e outros ambicionavam a dictadura intellectual de suas parcialidades, qual defendendo as conveniencias da America, qual a perfeição dos institutos europeus. Estes viam naquelles theoristas inexpertos que as paixões da mocidade transviavam.

Eram assim, pois, os orgãos da imprensa. De todos porém, aquelle que maior influxo exerceu foi a *Aurora Fluminense* de Evaristo da Veiga.

«No meio dos homens notaveis do primeiro reinado e da regencia entre os que figuraram distinctamente e notavelmente influiram (diz um seu eminente biographo, Silvio Romero) teve Evaristo da Veiga certas qualidades que foram só d'elle; era o mais novo, o que não tinha tradições, o que não possuia titulos academicos, o que appareceu mais inesperada e rapidamente, o que morreu mais moço, mais a tempo e mais a geito; foi o que nunca sahiu do Brasil.

«Bem como na ordem litteraria era preciso que individuos sahidos do povo e inspirados no seu sentir levantassem o brado contra o servilismo do pensamento, assim na esphera social era mister que um homem sahido das classes populares, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizesse adorado d'este, desse batalha aos poderosos do dia, e desmantelasse as malhas do velho ser-

vilismo politico. Este é o significado da acção social e politica de Evaristo, e tanto basta para dar-lhe importancia immensa. Ha outra consideração a juntar que vem completar esta nota: a arma de que se serviu e o rumo que deu á sua doutrinação foram os mais acertados e poderosos para o tempo: a arma foi o jornal e o rumo o liberalismo da Constituição.»

Esses traços caracterisam com grande vigor a physionomia do publicista; todavia o seu tardio liberalismo constitucional foi já um traço da madureza. A sua calma tinha qualquer cousa de postiço e era mais um artificio do toucador do que da sua physionomia propria.

Evaristo da Veiga quiz com a *Aurora Fluminense* fundar um jornal escripto com simplicidade, sem a affectação bombastica das folhas opposicionistas e demagogicas, mas tambem sem a mentira e o servilismo das folhas officiaes. Queria antes ser sincero que brilhante. A sua intenção, comprehendendo que vivia numa nacionalidade de inexperientes, era vulgarisar por extractos e traducções as idéas dos economistas e philosophos politicos inglezes e americanos, mal conhecidos e peior interpretados. Essa formula de actividade intellectual estava entre nós na moda d'essa época; compunham-se anthologias do liberalismo europeu e norte-americano, onde fracções de pensamentos fortes desprendidos das soluções em que pousavam, agora agiam como venenos violentissimos.

As hyperboles dos brasileiros que Eschwege notava no reinado de D. João VI são agora quintessencias politicas.

Evaristo foi um d'esses manipuladores. Ao começar o seu jornal não se encostou a facção alguma das que disputavam o poder, e comquanto fosse elle antagonista do despotismo imperial, a sua principal intenção era a de ser independente. A folha, unica no seu genero, ganhou logo enorme circulação e tornou-se a primeira de todo o paiz; a linguagem de Evaristo, elegante e ás vezes ironica, tornou-se desde ahi o padrão de estylo dos jornalistas que depois d'elle vieram.

A sua eloquencia (e era quasi o unico dote de escriptor que possuia) carecia de imaginação, mas tinha agudeza e certa ironia fascinadora.

Era porém original em tudo isso, porque ainda cousa original e nova era a imprensa politica do paiz. Pouco a pouco vae sendo a victima das suas mesmas armadilhas, e o agitador vae-se transformando em orgão da moderação.

Foi de qualquer modo esse homem quem conteve a onda demagogica que se desencadeára com a revolta de 7 de Abril e que teria abismado o imperio se o jornalista pozesse a sua penna ao serviço do radicalismo, e das ambições federalistas, flagello da America do sul, que despovoava então, e ainda hoje, o novo Mundo com a epidemia lethal da guerra civil. Evaristo da Veiga oppoz-lhe a acção das sociedades e classes que por todo o paiz sustentavam a unidade nacional.

Tal foi o jornalista e o homem politico que no dizer do escriptor citado «nunca fez parte do governo e morreu pobre».

5

A Regencia

Com a abdicação do Imperador, coagido pela indisciplina militar, desencadeiou-se a anarchia por quasi todos os pontos do paiz. Os partidos exaltados, que o freio da auctoridade a custo continha, ameaçavam subverter a nova nacionalidade, quando, no dia immediato ao do triumpho revolucionario, por feliz inspiração, senadores e deputados se reuniram e escolheram uma Regencia interina (Marquez de Caravellas, Brigadeiro Francisco de Lima e Silva e Campos Vergueiro), que tomou a peito a manutenção da ordem.

Exaggeradamente dizia o novo governo no — Manifesto á Nação — que os inimigos d'elle eram «tão poucos e tão fracos, que não mereciam consideração; mas que velava sobre elles como se fossem muitos e fortes».

Com grande trabalho iniciou o governo a pacificação na Bahia onde, sob pretextos de antigas desforras, os nativistas massacravam os portuguezes; egualmente agiu em Pernambuco e em Minas.

Quando eleita regularmente pelas duas camaras a **Regencia Permanente Trina** (Brigadeiro F. Lima e Silva, Costa Carvalho e Braulio Muniz), continuaram com maior intensidade

os tumultos militares no Rio, que o ministro da justiça, Diogo Antonio Feijó, revelando grande capacidade politica e energia, conseguiu reprimir, dissolvendo os corpos de linha amotinados, creando a *Guarda Nacional* e com esta submettendo um corpo de artilharia sublevado.

O grande incitador das revoltas, quando não o apoio d'ellas, era o exercito, então corroido desde a revolução de 7 de Abril pelo cancro da indisciplina; será elle egualmente a victima principal da revolução. A discordia divide as fileiras e cria entre ellas abysmos irreductiveis: soldados expellem officiaes e uns e outros depõem os seus commandantes. E é no seio d'essas miseras intrigas e á custa d'ellas que, ao menos na capital, se formulam e se definem os partidos extremos.

Nas provincias a situação ainda era mais sombria, e longas e duradouras revoltas as enluctavam; todas sentiam os vexames naturaes dos governos e aproveitavam agora o momento para vingar ultrages e aggravos que o tempo não havia ainda dissipado; no Pará, as tropas amotinadas depunham os generaes, aprisionavam ou assassinavam os governadores, com o auxilio faccioso de todos os desordeiros, e só ao cabo de quatro annos poude o brigadeiro Soares Andrea, com 1:000 homens, apoiado em forças navaes, restabelecer a ordem e o prestigio da auctoridade; em Pernambuco, a discordia durou outros tantos annos; soldados ebrios e allucinados pozeram a cidade em saque, como em guerra de exterminio, e o povo sahindo fóra de muros teve que pegar em armas para abater a soldades-

ca; [1] no Maranhão, os anarchistas tentaram eliminar a *elite* da sociedade, expulsando os magistrados, o presidente (Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy) e o commandante das armas; no Ceará um restaurador, Pinto Madeira, que considerava nullo o acto da abdicação, perturbava a provincia com os seus asseclas, que se renderam afinal a Labatut; até no remoto Matto Grosso a anarchia cobrava o tributo de sangue.

Nunca o Brasil atravessou periodo tão difficil e calamitoso, e se o coração do paiz, S. Paulo, Minas e Rio, não lhe désse o nutriente alimento da paz, como na guerra da independencia, é certo que naufragaria.

Os politicos do momento reflectiam nas correntes dos seus partidos a mesma instabilidade social. Havia os *Exaltados*, que mais proximos estavam dos sediciosos; os *Moderados*, que sustentavam a regencia; e os *Restauradores*, que anceiavam cegamente reconstituir o passado e que era de certo o partido dos homens mais eminentes da época (José Bonifacio, Cayru, Paranaguá), cujo prestigio

---

[1] Esse altivo exemplo da reacção, em que pereceram trezentos dos indisciplinados ás mãos do povo e foram aprisionados oitocentos, não conseguiu comtudo estabelecer duradoura paz. Alguns mezes depois repetiram-se os mesmos horrores, quiçá mais sanguinolentos. Em *Panellas de Miranda* rebentou a revolta dos *Cabanos* com as atrocidades proprias das guerras sertanejas, com toda a arte da insidia e da emboscada. Quatro annos durou a lucta dentro das mattas e só a palavra piedosa do Bispo poude alcançar contra a colera dos rebeldes o que não o apparato ou a acção de seis mil homens de guerra.

entretanto a revolução havia demolido em proveito dos homens novos.

Os processos da revolução, em geral, com seus lances de arbitrio e de força, não comportando a prudencia dos homens experimentados, expontaneamente cahem nas mãos dos homens novos sem ligação com o passado. E a um regimen novo tanto mal fazem os reaccionarios como os exaltados.

Na propria côrte, o governo teve que bater uma revolta de exaltados e outra dos restauradores.

Não conseguindo comtudo tirar a José Bonifacio o cargo de Tutor do joven imperante, alma de um dos partidos rebeldes, a Regencia apresentou a sua exoneração (30 de Julho de 1832), que não foi acceita pelas Camaras; mas a politica geral tomou um novo rumo desde que se accentuou a supremacia do partido moderado.

A expressão mais cabal d'essa politica encontra-se no *Acto Addicional* que satisfez ao espirito local pela creação das assembléas provinciaes e aboliu o Conselho de Estado e reforçou a auctoridade do Governo central, reduzindo os Regentes a um unico; com grande prudencia poude-se obstar a fragmentação do territorio, que o seria a adopção de presidentes electivos das provincias e assim outras propostas radicaes que não acharam approvação.

No fundo, o que abrasava essa época era a questão de toda a America entre federalistas e unitarios. A Regencia resolveu esse grandioso *desideratum* por uma sabia transacção com as doutrinas extremas.

O partido restaurador, depois de destruidos os seus orgãos, a *Sociedade Militar* e a imprensa, preso José Bonifacio, desappareceu da scena politica com a morte de D. Pedro I (1834).

A experiencia logo demonstrou, apezar do trabalho insano realisado, que não se havia vencido o federalismo extremo das provincias, e a indisciplina das tropas e a rebeldia dos turbulentos.

A eleição de 1835 entregou a segunda Regencia ao homem de maior energia do tempo, o senador **Diogo Antonio Feijó**.

A guerra civil e a lucta parlamentar absorveram o estadista, cuja popularidade não deixou de soffrer com tamanho golpe.

A revolução federalista do Rio Grande do Sul, rebentou a 10 de Setembro de 1835. O caudilho dos revolucionarios, Bento Gonçalves, com seus asseclas expelle do territorio as auctoridades legaes e domina a provincia, até que afinal é batido e preso (Outubro de 1836), e enviado para o Rio de Janeiro. Os seus camaradas então proclamam em *Piratinin* a republica e proclamam presidente o prisioneiro do Governo central; o principal chefe dos legalistas rio-grandenses, B. Maciel, a cujo prestigio e força o governo devera a victoria, passou-se para os republicanos, tomou *Caçapava* com toda a guarnição e deu grande importancia á rebellião.

O presidente prisioneiro, Bento Gonçalves, transferido do Rio para o *Forte do Mar* na Bahia, evadiu-se e voltou para o Rio Gran-

de. Por esse tempo as mutações rapidas da politica dando grande versatilidade ao prestigio dos homens, enfraquecia a auctoridade dos que governavam e que no dia seguinte podiam ser afastados pelo ostracismo. As evasões de prisioneiros politicos são então frequentes e a energia dos que mantem a ordem dissolve-se na relaxação de todos os laços da disciplina e da obediencia.

O poderio dos separatistas tomou proporções taes que nem esse nem o governo subsequente conseguiram annullar ou sequer restringir, e só no tempo do governo pessoal de D. Pedro II, poude o grande pacificador barão de Caxias, em 1844, submetter os revolucionarios, que depuzeram as armas e aceitaram a amnistia imperial.

Na lucta parlamentar e politica o facto de maior amplitude foi a creação do partido **conservador**, formado pela alliança dos restauradores reaccionarios com os liberaes moderados, o que foi obra de Bernardo de Vasconcellos [1] e Araujo Lima (Marquez de Olinda). O novo partido triumphou nas eleições de 1830, e Feijó demittindo-se chamou ao governo o chefe da opposição **Araujo Lima**. A renuncia do grande estadista originára-se das agruras da lucta parlamentar. A guerra civil do Rio Grande, as leis de limitação da liberdade da

[1] Quando ministro fundou o *Collegio de Pedro II* (1837) hoje *Gymnasio Nacional.*

imprensa e a opposição do parlamento haviam abalado profundamente a sua popularidade. A nação evolvia para o parlamentarismo e Feijó oppunha-se ao que lhe parecia excessiva usurpação do parlamento. Não querendo formar ministerio tirado da camara, nem podendo formal-o fóra d'ella sem impopularisar-se, preferiu quebrar a ceder, e ir-se embora antes que transigir. Já nesse momento fallecera Evaristo da Veiga, o espirito conciliador, e a fuga de Bento Gonçalves do *Forte do Mar* excitava as paixões dos monarchistas. Todavia, o acto da renuncia explodiu no meio das luctas politicas com espaventosa surpreza, conhecida como era a energia indomavel de Feijó, afinal abatida.

Desde então regularisaram-se as duas correntes politicas, *conservadora* e *liberal*, que apoz incertezas, vieram dar ao governo parlamentar do segundo reinado a belleza e esplendor da opinião livre, como ella existe nos paizes mais cultos. A Camara torna-se então preponderante segundo as praxes inglezas, que ficam sendo o modelo de nossa vida constitucional.

Em 1840, o partido liberal pediu a declaração da maioridade do imperador. O governo da regencia ainda era bastante forte para resistir a essa violação constitucional, ainda que a guerra civil do sul e as agitações proprias dos governos electivos o impopularisassem. D. Pedro tinha apenas quinze annos de edade, mas demonstrava madureza de animo e qualidades excepcionaes, e queria de facto assumir as redeas do governo. Aproveitando essas disposições os liberaes consegui-

ram fazer passar nas duas Camaras reunidas a declaração da maioridade (23 de Julho de 1840).

Estava já esse golpe preparado por manifestações populares que se faziam sentir em arrruaças e em tumultos nos dias mais tempestuosos da camara. Assim era mutilada a constituição logo em começo do reinado, que a fadiga das revoluções fazia prever tranquilo e auspicioso.

A Regencia, com seu governo electivo e democratico, com a fragil sympathia de um partido sem tempera despotica, e infenso ás asperezas da lucta, sem apoio e com a animadversão declarada do exercito, sitiada entre os restauradores e os exaltados sem mendigar o favor d'essas extremas parcialidades, e antes combatendo-as, foi de certo a era da maior virilidade na historia politica do Brasil.

E' grandioso o espectaculo de tantas vocações que surgem, o escrupulo moral, a grandeza heroica e o desinteresse de todos os seus vultos que só o amor da patria inspira e inflamma.

As primeiras e bellas palavras da Regencia: «Devemos temer de nós mesmos, do enthusiasmo sagrado do nosso patriotismo, do amor da liberdade e pela honra nacional que nos poz as armas na mão», exprimem os compromissos que de facto ella realisou. Defendeu a honra da Nação e conteve o patriotismo dos exaltados que previdentemente temia e a si mesmo se corrigiu, fazendo concessões prudentes em vez de encarreirar no declive da reacção.

Atravez de todas as temperaturas conser-

vou a mesma solidez e inteireza do seu programma de justo meio entre os que contavam demasiadamente com o passado ou com o futuro.

Vinda a revolução de 7 de Abril, não quiz a Regencia amplial-a formando a republica, nem tão pouco diminuil-a proclamando a restauração.

A sua grande obra, pois, foi a Reforma constitucional que salvou o imperio e a unidade da grande patria, em cuja producção dolorosa perdeu a popularidade do momento para ganhar a admiração das gerações vindouras.

6

O segundo reinado

Ainda depois de declarada a maioridade de D. Pedro II numerosas guerras civis que vinham das agitações anteriores ensanguentaram o paiz num periodo de nove annos, de 1840 a 1849. Poz-lhes termo com grande sabedoria o Imperador, servido pelo mais glorioso general do imperio o **Duque de Caxias**, a cuja prudencia e valor se deve a submissão de todos os dissidentes.

Nascendo da situação revolucionaria e das agitações dos governos regenciaes, na qual se punham em duvida o decoro da auctoridade e a sabedoria das resoluções e actos officiaes, o novo imperio ganhou grande prestigio restabelecendo o *Conselho de Estado* (23 de no-

vembro de 1841) que emprestará toda a sua força moral ás grandes questões de ordem e interesse publico e promulgando o *Codigo do Processo* (3 de Dezembro do mesmo anno) medida que fortalecerá a auctoridade, nesse tempo enfraquecida pela audacia dos agitadores e das chamadas *influencias* locaes.

A opinião do soberano quanto ás rebelliões e guerras civis era de que essas rebeldias não passavam de equivocações sanaveis com o tempo e com a generosidade do governo, que em todos os casos acabava concedendo ampla amnistia.

Assim terminaram a revolta de S. Paulo com o combate de Venda Grande e a de Minas com o de Santa Luzia (1842) e em 1845 a revolução republicana do Rio Grande do Sul.[1]

---

[1] Em Minas, a revolução começára em Barbacena e propagou-se intensamente pela provincia. O chefe do movimento era J. Feliciano Pinto Coelho (Barão de Cocaes), e dispunham os amotinados de grandes forças, cerca de 3:000 homens, armamento completo e artilharia. Por um habil estratagema, fazendo-os descer d'uma eminencia onde estavam, o Barão de Caxias, simulando a fuga, retrocedeu e bateu os revoltosos.

Já anteriormente havia abatido a rebeldia dos paulistas, que em Sorocaba haviam-se levantado, e proclamado presidente o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.

Para essas revoltas, filhas do partidarismo extremado, não havia outras causas senão as das fraudes e violencias que caracterisaram as eleições geraes de 1840, immoralidade ainda hoje corrente na vida politica dos partidos. Os liberaes crearam o *Club* secreto *dos patriarchas invisiveis*, que se ramificou pelo paiz. Em verdade não queriam senão simular um movimento de armas para coagir os adversarios á renuncia do poder.

D'ahi por diante, estabelecida a paz no interior, o Brasil realisou grandes e rapidos progressos, com o florescimento de todas as liberdades publicas e privadas e o esplendor das leis e da justiça.

Os dotes de espirito do soberano, que já se revelavam na época da maioridade pouco a pouco iam-se expandindo á medida que com a edade o seu caracter se fortalecia na experiencia dos homens e das cousas.

Democrata, simples e modesto, mas sem perda da distincção pessoal, generoso e desinteressado, sem affectação, grangeiou melhor que a popularidade a sympathia respeitosa da multidão.

A opinião universal a respeito do soberano fal-o o prototypo das virtudes sociaes. Era-o sem duvida na sua vida privada e publica; mas, no ponto de vista constitucional, a opinião dos politicos que com elle serviram ao paiz nem sempre lhe foi favoravel. Accusavam-no de exercer demasiado o influxo pessoal que decorria naturalmente da sua condição de imperante, cujas ideias proprias a todo o transe fazia prevalecer. A opinião melhor esclarecida verifica que, de facto, frequentes vezes o Imperador dissentia dos seus ministros porque não pertencendo aos partidos comprehendia com maior isempção os interesses nacionaes.

Estava nos seus altos deveres e mesmo no espirito fundamental da instituição cohibir as ambições das parcialidades ou cotejar com a porção minima da opinião politica, a outra maior que a imprensa, o espirito da epoca e outros signaes imponderaveis e delicados re-

velavam. Assim elle não raro desgostava os politicos para, na maioria dos casos, favorecer a opinião. Comtudo poderiam, entre as suas falhas, notar-se alguns resaibos de resentimentos pessoaes; da edade madura em diante muito mais vasto foi o esquecimento de todas as offensas, e o perdão até de algumas villanias.

Não lhe faltam todavia grandes culpas.

A maior do segundo reinado (que entretanto não o impopularisou) foi rehaver criminosamente a tradição, já esquecida no primeiro, da supremacia militar e politica nos pequenos Estados do Prata, já de si mesmos infelicitados pelo flagello da corrupção e das tyrannias. Essa teve um echo universal e durante toda a guerra do Paraguay onde julgavamos representar a civilisação, entretanto toda a civilisação e o mundo todo só tinha sympathia pelos nossos inimigos.

Outra culpa do imperador foi a de abandonar o exercito ao menosprezo que era proprio do seu temperamento de democrata e philosopho e sua aversão ás cousas militares, aversão que a saudade paterna e o amor filial avivavam e que desde os tumultos da soldadesca na Regencia passou ao animo de todo o povo politico. Nisso tinha a verdadeira intuição de americano, que não estando sujeito ás duras contingencias da politica européa, encara sem prazer e antes com desgosto a triste necessidade de instituições militares.

Para resgatar essas culpas ou imprevidencias, bastava-lhe o ter sido no seu tempo aqui, como só nos paizes saxonios, illimitada a liberdade da opinião.

Por isso justificada foi a memoria e a saudade da sua época a que se tornou inevitavel quando a varia fortuna das revoluções succedeu ao periodo pacifico e esclarecido e antimilitar do seu longo reinado. Estava porém no seu animo e na sua convicção que a democracia era o unico regimen compativel com a vida e os costumes americanos. [1]

---

[1] Guerra contra Rosas. Durante muito tempo deshonrava a civilisação platina um hediondo tyranno, Rosas, que inimigo dos que elle chamava os *selvagens unitarios,* mantinha o povo sob os horrores e atrocidades da guerra civil. Quasi não havia differença de sorte entre ser dos seus apaniguados ou dos seus inimigos, de modo que todos secretamente desejavam pelo termo do desprezivil caudilho. Com esta situação perigava a independencia do Uruguay, que aos nossos interesses convinha sustentar; o tyranno platino com as degolações e a instituição das sociedades de *mazhorca* e seu invencivel horror contra estrangeiros, attraía a todo o momento o raio da intervenção dos povos cultos — o que de facto se deu, mas inutilmente e com grande accrescimo de força moral e auctoridade para o monstruoso caudilho.

O Brasil porém pensou em tomar decidida attitude contra Rosas e achou uma alliança em Urquiza, o governador de Entre Rios, sobre cujos máos costumes politicos e rapacidade os seus proprios conterraneos se exprimem com grande inteireza. Não havia porém que fazer escolha nesta materia. Com Urquiza e conciliando a sympathia de Garzon, oriental, o Brasil apenas declarava limitar a sua acção militar á libertação de Montevideo, que Oribe sitiava, e á deposição de Rosas que em Buenos Aires se mantinha invicto.

Caxias com o exercito nosso obrigou Oribe a levantar o sitio a Montevideo, onde entramos a 8 de Outubro de 1851. Quatro mil homens destacados para reunir-se a Urquiza e alliados aos faccionarios d'este apoz a victoria do Passo de Tonelero, e ainda de concerto

8

Guerra do Paraguay

Depois de largo periodo de paz em que é preciso assignalar entre outras conquistas do progresso a *Suppressão do trafico* (1850) e as primeiras linhas de navegação a vapor trans-oceanicas e fluviaes e o telegrapho, que fortaleceram e consolidaram tanto e melhor que exercitos a unidade do governo e da nacionalidade, o Brasil é arrastado de novo á politica (muito pouco justificavel, dissemos) de supremacia sobre os estados do Sul.

Os Estados do Prata foram para nós durante muito tempo e é possivel que ainda o sejam, visinhos pouco leaes e incommodos, e com cuja amizade não se podia contar attenta a perpetua instabilidade e desmoralisação dos governos de senhores ou tyrannos sob os quaes viveram.

De vez em quando os nossos interesses, que são grandes nessas regiões, se viam envolvidos nas malhas dos partidos que com o costumado escandalo disputavam o poder.

---

com a esquadra brasileira de Grenfell, iniciaram a campanha que apesar da desidia e erros militares dos combatentes, terminou com a victoria decisiva de Monte Caseros nas proximidades da capital. Rosas refugiou-se a bordo de um navio inglez e a cidade caíu em poder da soldadesca de ambos os partidos, até que os proprios cidadãos e mais tarde os chefes triumphadores estabeleceram a ordem.

Nessas republicas em geral, o partido oposicionista só alcançava o triumpho pela revolução; a esse recurso violento vinha o Brasil offerecer outro peior, o do appello á invasão estrangeira. A civilisação e as idéas liberaes nunca poderiam servir de pretexto e ainda justificar a immoralidade d'esta conducta.

Com quanto conviesse aos nossos interesses que taes republicas tivessem governo regular e acatado pela opinião d'ellas proprias, não era todavia pela *mediação armada* que poderiamos chegar e jámais chegamos a semelhante resultado.

Os rebeldes que ahi protegiamos eram de tão má catadura como os tyrannos que malsinavamos. Taes foram Urquiza, Flores e outros.

Com razão desejavam esses povos o advento da republica no Brasil, esperando com ella politica ao menos differente da imperial.

Por não serem satisfeitas justas reclamações brasileiras junto ao Governo de Montevideo, então do partido *blanco*, o Brasil declarou a guerra e invadiu a republica, de alliança e concerto com o partido *colorado*, explorando assim em seu proprio proveito as dissidencias domesticas do estado visinho.

A aggressão foi intempestiva, injusta e inesperada, quando ainda se ultimavam as negociações diplomaticas. O Brasil transpoz a fronteira e não foi inquietado; o almirante Tamandaré entretanto ataca o vaso de guerra unico da republica, o *Villa del Salto.*

O exercito une-se a um general grosseiro e inhabil, o *libertador* Flores, typo d'esses

demagogos platinos que vivem de preiar os campos e as fazendas e passam melhor com a guerra do que com a paz ou mesmo o triumpho.

Mena Barreto e o general Flores invadiram *Paysandú* (1865), e em seguida marcharam contra Montevideo, que sitiada por terra e bloqueiada por mar pela esquadra do almirante Tamandaré, teve que capitular (28 de fevereiro de 1865). Dous mezes apenas durara a guerra; o general Flores, chefe dos *colorados* e amigo do Brasil, foi feito presidente da Republica.

Com essa pouco digna e humilhadora intervenção do Brasil houve um estado do Prata, o *Paraguay*, que sentindo-se ameaçado, se declarou contra o Brasil. Não se havia descuidado a pequena republica de preparar-se para a guerra que antevia certa; o Paraguay desde longos annos vivia sob o regimen absoluto, mau grado e exterioridade de algumas formulas republicanas, e os seus habitantes coagidos, sob ferrea displina, obedeciam cegamente aos seus dictadores. Em falta de virtudes tinham o fanatismo religioso e politico, segundo os proprios exclusivismos de sua cultura nacional, infensa a todo o commercio com o resto do universo. A lei marcial ou o estado de sitio estava sempre em perenne vigor no Paraguay.

Com a guerra ao Brasil, o dictador Francisco Solano Lopez, que não tinha maiores defeitos que os seus congeneres visinhos, sobreexcitado pelas inevitaveis derrotas e pelas necessidades que impunha o seu orgulho de salvar o paiz ou succumbir com elle,

tornou-se de facto o tyranno execravel que a lenda no Brasil perpetuou. O dictador suspicaz e cruel com os morticinios e supplicio de suas victimas perdeu a aureola de heroismo que lhe concederia a historia.

Lopez, sem declaração de guerra, depois de aprisionar um vapor brasileiro, invadiu o Brasil pela provincia de Matto Grosso; indefesa, a provincia rendeu-se a 10.000 paraguayos não sem gloriosa lucta, e os proprios vencedores não se animaram a tomar a capital Cuyabá, ficando todavia em poder d'elles toda a região do sul (dezembro de 1864).

O exercito do Lopez era de 80.000 homens senão bem equipados, ao menos reunidos sob rigida disciplina. D'esses, 30.000 invadiram a Republica Argentina sob o commando do general Robles e occuparam Corrientes. Essa violação de paiz neutro atirou a Argentina aos braços do Brasil. A diplomacia brasileira habilmente aproveitou a situação fazendo assignar em Buenos-Aires o tratado da Triplice alliança, entre a Argentina, Uruguay e Brasil, alliados contra o Paraguay.

Esse tratado equivale para o Brasil á victoria mais importante d'esta guerra: se porque não moderou a antipathia universal combatendo a republica ao lado de outras que não seriam suspeitas, abriu aos exercitos brasileiros os unicos caminhos praticos essenciaes á offensiva.

O mundo não deixava entretanto de perceber quam precaria era a sorte das tres republicas que ao lado do Brasil figuravam de satellites da sua politica exterior.

Procuraram logo os paraguayos destruir a

esquadra brasileira que estacionava na bôca do Riachuelo, e oito vapores descendo o rio a toda a força rebocando *chatas* lançaram-se pelo meio da esquadra; travou-se então a batalha naval em que Barroso (Barão do Amazonas) ganhou immorredoura fama, 11 de Junho de 1865.

Quando as tropas paraguayas, sob o commando de Estigarribia, invadiram o Rio Grande, D. Pedro II correndo ao theatro da guerra assistiu á rendição do inimigo em Uruguayana.

Em abril de 1866, ainda não haviamos tomado a offensiva; os exercitos alliados eram de 33:000 brasileiros do commando de Osorio, 2:000 uruguayos do general Flores e 11:000 argentinos de Mitre, a quem cabia o commando em chefe. Acamparam em Corrientes na margem esquerda do Paraná, onde estacionava a esquadra brasileira; em frente (Passo da Patria) na margem direita, acampava Lopez com forças ainda maiores e protegido pelos alagadiços e trincheiras.

Com mil difficuldades poderam os brasileiros atravessar o rio, protegidos pela esquadra; os couraçados e canhoneiras obrigaram Lopez a recuar o seu acampamento para além das linhas fortificadas entre Humaytá e Curupaity.

Uma vez passado o rio e com a victoria de Estero Bellaco, os alliados, avançando a marcha, acamparam perto de Tuyuty, em frente ás trincheiras de Sauce e Rojas.

Alli em verdade ficaram immobilisados, porque, com a falta de animaes mortos á fome, a cavallaria estava a pé; ainda consegui-

ram bater as tropas paraguayas que vieram atacal-os, sob as ordens de Resquim, Barrios e Dias.

O terreno encharcado, inhospito e pestilencial augmentou a desordem e a molestia nas fileiras. Os proprios generaes entraram a discordar apoz alguns insuccessos; Flores pensava em retroceder, Osorio adoeceu e demittiu-se do commando.

Aqui experimentaram os alliados alguns desastres, até que, com a vinda do 2.º corpo brasileiro (do Conde de Porto Alegre) e de combinação com a esquadra de Tamandaré, tomaram o forte de *Curuzú*, onde perdemos mais de vinte mil homens e um encouraçado, o *Rio de Janeiro*, destruido por um torpedo e onde a heroica guarnição paraguaya preferiu succumbir a render-se.

Curuzú era apenas obra avançada de *Curupaity*.

Depois da tomada de Curuzú, surgiram divergencias e discussões; comtudo, o general Mitre ordenou o assalto de *Curupaity*, que foi uma derrota. [1]

Este desastre produziu grande consternação; entre os officiaes aggravou as antigas dissidencias. Flores e Tamandaré incompatibilisados retiraram-se; e só o heroismo da nação levantando novas legiões, dando novo commando á esquadra com Inhauma e appellando para a gloria do antigo pacificador,

---

[1] Eram 9.000 os argentinos e 10.000 os brasileiros. As perdas foram para os alliados de mais de 4.000 homens fora de combate.

Caxias, poude de novo erguer o espirito de disciplina e conduzir as nossas armas á victoria.

D'aqui em diante, o Brasil quasi que exclusivamente supporta a responsabilidade da guerra; os contingentes argentinos chamados em parte e a todo o momento para suffocar as rebelliões da republica, vão successivamente sendo reduzidos.

Depois do desastre de Curupaity, que produziu extranha e profunda impressão nos povos alliados, o marechal Caxias com o commando das forças brasileiras, agora avolumadas de voluntarios e patriotas, abre uma serie de victorias difficilmente ganhas, e condul-as ás proximidades de Humaytá. A occupação de Tayi, acima de Humaytá, pelos alliados cortava a communicação dos Paraguayos com o interior e capital, e a elles não era menos incommoda a occupação de Tuyuty, que Caxias tornara a base das operações.

Esse novo plano, de seguir uma curva interior ao rio e que não occorrera a Mitre, de qualquer modo sitiava Humaytá pela collocação d'esta fortaleza entre dous pontos occupados pelos nossos.

Travou-se então a segunda batalha de Tuyuty, onde, depois de derrotarem o contingente argentino, os paraguayos (superiores em numero) tiveram que debandar ante o assalto das forças brasileiras, deixando em campo o terço do seu effectivo.

Na madrugada de 19 de fevereiro de 1868, a esquadra brasileira, sob o commando do glorioso almirante Inhauma, forçou a passagem da inexpugnavel Humaytá, sob terrivel bombardeio. Esse feito naval, por assim dizer de-

cidiu dos destinos da guerra. Desde esse momento Lopez abandonou a fortaleza que elle julgava invencivel e foi atravez do Chaco organisar novas linhas de fortificações em Tebicuary; nesse caminho acompanharam-no mais tarde as tropas, que sitiadas e não podendo mais resistir, evacuaram Humaytá, em debandada cujos destroços foram obrigados a render-se (Lagôa Iberá).

Caxias então abriu caminho atravez do Chaco, protegido pela esquadra que o acompanhava pelo rio acima. São ganhas as victorias da ponte de Itororó, tomada e retomada varias vezes, e a victoria de Avahy, (11 de dezembro) sobre as forças de Caballero, em campo raso; e Lomas Valentinas, onde os paraguayos viram Lopez pela primeira vez no meio d'elles procurando talvez, com a morte, poupar-se o espectaculo da ruina da patria.

Durou 6 dias (de 21 a 27 de dezembro) o ataque ás linhas de Lomas Valentinas, que afinal cahiram em nosso poder. Custou-nos a victoria o termos metade de nossas forças fóra de combate, mas foi aniquilado o exercito paraguayo.

Lopez achou a salvação na fuga.

Caxias, proseguindo, tomou Angustura e logo depois entrou em Assumpção, que deserta e abandonada não offereceu resistencia ao exercito triumphador.

Podiamos ter ahi parado com todas as vantagens do triumpho.

Caxias declarou que a guerra ahi havia terminado e, como estava doente, voltou para o Rio.

Estava terminada com effeito a guerra e a capacidade de lucta regular do inimigo. Infelizmente o nosso egoismo de vencedores, desconhecendo a sentença humana de Caxias, preferiu exigir o supplicio da heroica nacionalidade.

Effectivamente tambem nos incitava a essa violencia a loucura de Lopez, que preferia sacrificar toda a nação antes que submetter-se. Retirando-se para a cordilheira de Ascurra, Lopez reuniu antigos elementos esparsos e outros novos, cerca de 16.000 homens com 110 canhões, e formou um novo exercito. Então tomára o commando dos alliados o Conde d'Eu, esposo da princeza imperial D. Isabel. Agora renascia a lucta, menos brilhante, porém cheia de difficuldades pois o theatro da guerra era o interior e o sertão virgem do Paraguay. Os alliados tomaram *Pirebebuy*, a nova capital de Lopez, bateram Caballero com o grosso das forças inimigas em *Campo Grande*. Estava arruinada a resistencia paraguaya, que apenas se limitára agora a pequenas sortidas com os fragmentos do exercito vencido.

Começou uma guerrilha feroz de surprezas e emboscadas á caça do misero dictador. Barbaro epilogo que não deixava de empannar o brilho das nossas grandes victorias.

Expedições parciaes foram lançadas á cata do tyranno fugitivo. Uma d'ellas, a do General Camara, surprehendeu Lopez em Cerro Corá, ás margens do *Aquidaban*, quasi na fronteira de Matto Grosso. Lopez tinha apenas uns poucos soldados fieis que o acompanhavam; não quiz entregar-se e foi morto por

um dos nossos soldados (1.º de março de 1870).

Já por esse tempo funccionava em Assumpção um governo provisorio de paraguayos, organisado por Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) que decretou a emancipação dos escravos da republica.

9

A Abolição e a Republica

Em todo o seu reinado sempre D. Pedro II procurou incutir nos seus ministros o sentimento de que era necessario fazer alguma cousa em favor da emancipação dos captivos.

Fomos dos ultimos povos a fazer a emancipação dos escravos; a questão era entre nós mais difficil que n'aquelles que, apenas um seculo para cá e na Europa, fizeram a abolição.

Nos paizes coloniaes, nas possessões tropicaes européas, a escravidão durou até os meiados do seculo; e até nos Estados Unidos, onde a vida industrial já poderia compensar a ruina da lavoura, e onde a população escrava era relativamente duas vezes menor que a nossa, a abolição custou o sacrificio da mais cruel e monstruosa das guerras civis.

A lei que entre nós desde 1831 aboliu o trafico, só veiu a ser cumprida em 1850 (Eusebio de Queiroz). Mas a suppressão do infame commercio não extinguiu a escravidão.

A guerra civil dos Estados Unidos veiu

de novo relembrar a questão, e mostrar ao mesmo tempo que só com meditada prudencia e successivas reformas poder-se-iam evitar as atrocidades hediondas da guerra da seccessão.

A politica do Imperador era a da emancipação gradual. Com sympathia approvou elle um projecto do conselheiro Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente) (1866) que correspondia ás suas vistas; mas os governos d'então não queriam assumir a responsabilidade da reforma e em todo o caso pediam que fosse adiada para quando terminasse a guerra do Paraguay. Em 1867, o Conselho d'Estado approvava as differentes disposições d'aquelle projecto, excepto a que fixava a emancipação total para 31 de dezembro de 1899.

Acabada a guerra parecia-se protelar a reforma, cujo principio era completar a suppressão do trafico de 1850, tornando livres os recem-nascidos. Mas triumpharam os desejos do Imperador, que organisou um gabinete com Pimenta Bueno (29 de Setembro de 1870) dando-lhe o ensejo de representar a opinião no momento em que ella ia manifestar-se pela reforma; mas Pimenta Bueno, timido e sem experiencia das tempestades politicas, resignou o poder que coube então ao Visconde do Rio Branco. A 28 de Setembro de 1871 foi votada a grande lei, no mesmo dia sanccionada pela princeza.

Era assim entre nós applicada a fórma da abolição já decretada em varios paizes e mesmo em Portugal no tempo de Pombal.

Com essa lei estava acabada a escravidão; mas alguns espiritos liberaes e outros exal-

tados proseguiram na campanha da abolição, que queriam o mais breve ou immediatamente. Formou-se então um partido abolicionista, a que se alliaram os homens da imprensa das cidades, litteratos e politicos, oradores e escriptores. Começaram as concessões dos governos que se tornariam impossiveis desde que não soubessem transigir. Vem então o projecto Dantas, que não se transformou em lei; a lei Saraiva-Cotegipe de 1885, que não podia satisfazer os abolicionistas. Por iniciativa privada as provincias do Ceará e Amazonas libertam-se da escravidão negra (1884); agricultores do sul e do norte dão o exemplo libertando os seus escravos. E em alguns logares os escravos abandonam o trabalho.

A princeza imperial então regente emquanto o Imperador convalescia de grave molestia na Europa, encarregou de organisar novo ministerio ao senador João Alfredo, e do qual veiu fazer parte outro senador, um dos grandes fazendeiros que tinham tomado a iniciativa de emancipar os seus escravos. Na tribuna da Camara notavel abolicionista recebia o ministerio, dizendo que d'esse momento em diante cessava a voz dos partidos. Foi assim proposta a lei da abolição immediata da escravidão (1888, 13 de Maio) recebida com os applausos, quasi unanimes, da nação.

Entretanto essa lei, mais que todas humana e christã, ameaçava o trabalho e feria gravemente os interesses dos agricultores; ainda havia no Brasil mais de setecentos mil escravos que representavam o valor appro-

ximativo de quinhentos mil contos. A humanitaria reforma produziu pois innumeros descontentes entre aquelles que respresentando a fortuna publica, eram por isso mesmo os esteios da Monarchia conservadora, instituição a custo tolerada pela população das cidades e mal soffrida pelos exaltados e radicaes que estavam quasi todos, como era natural, entre os abolicionistas.

Muitos dos agricultores passaram-se ao partido republicano ou ficaram indifferentes ao ataque das instituições ; e quando outros descontentamentos surgiram nas fileiras do exercito e a imprensa republicana com habilidade os aprofundou, umas e outras forças reunidas levantaram-se em revolta e depondo as antigas instituições proclamaram a Republica (15 de novembro de 1889).

A Republica era já, como vimos, uma aspiração antiga do povo genuinamente nacional. Ao passo que a *monarchia* era uma transacção e o triumpho moral da conciliação entre portuguezes e brasileiros, a republica, que seria o triumpho exclusivo dos nativistas, já no segundo reinado podia ser uma aspiração politica universal, menos partidarista e sem a eiva que caracterisava, em tempos passados, os seus primordios. A monarchia havia feito baqueiar o regimen colonial e contribuira assim para dissipar o velho e estreito antagonismo.

Entretanto ainda os echos amortecidos da mesquinha tradição, uma ou outra vez se avigoraram aos primeiros passos do novo regimen, mas baldou-os o desprezo da opinião.

Na sua historia mais recente, a aspiração

democratica renasce com a fundação do *Club Republicano* e a creação do orgão a *Republica* (1871) onde se reunem varios elementos liberaes da politica monarchica. A abolição (1888) é o ultimo golpe. Não fossem, porém, as origens militares da republica, a paz do primeiro momento seria talvez perturbada, mas seria incomparavelmente maior e mais solida a sympathia immediata da opinião.

SYNOPSE CHRONOLOGICA

DOS

PRINCIPAES SUCCESSOS DA HISTORIA DO BRASIL

1500 — Descobrimento (22 de Abril).
1534 — Capitanias hereditarias.
1549 — Thomé de Souza.
1567 — Expulsão dos francezes do Rio de Janeiro.
1580-1640 — Dominio hespanhol em Portugal e Brasil.
1615 — Expulsão dos francezes do Maranhão.
1616 — Fundação do Pará.
1621 — Estado do Maranhão e do Pará.
1524-54 — Guerra hollandeza.
1624 — Invasão hollandeza na Bahia.
1627 — Invasão hollandeza em Pernambuco.
1635 — Retirada de Mathias de Albuquerque.
1637 — Mauricio de Nassau.
1645 — Insurreição pernambucana.
1647-48 — Primeira e segunda batalha de Gararapes
1654 — Capitulação de Taborda.
1661 — Paz de Haya.
1680 — Colonia do Sacramento.
1684 — Rebelião de Bekman.
1708 — *Emboabas em Minas.*
1710 — Du Clerc; du Gay Trouin (1711) no Rio.
1711 — *Mascates em Pernambuco.*
1750 — Tratado de Madrid.
1777 — Tratado de Santo Ildofonso.

1789 — Conjuração mineira.
1792 — Execução do Tiradentes.
1808 — Refugio no Brasil de D. João VI.
1817 — Revolução republicana em Pernambuco.
1820 — Revolução constitucional no Porto.
1821 — Regresso a Portugal de D. João VI.
1822 — Sete de Setembro. Independencia do Brazil.
1822-31 — *Reinado de D. Pedro I.*
1823 — A constituinte.
1831 — A abdicação.
1831-40 — *Governos regenciaes.*
1840 — Declaração da maioridade de D. Pedro II.
1840-89 — *Reinado de D. Pedro II.*
1851-52 — Guerra contra Rosas.
1864-70 — Guerra do Paraguay — Riachuelo (11 de junho, 65; Humaytá 16 de fevereiro, 68; morte de Lopes (1.º de março, 70)
1871 — Emancipação do ventre escravo. Lei de 28 de setembro.
1872-75 — Questão religiosa.
1888 — Lei de 13 de maio. Abolição da escravidão.
1889 — Quinze de Novembro. Proclamação da Republica.
1890 — Congresso Constituinte. Presidencia do Marechal Deodoro (1890-1891).
1891-94 — Presidencia do marechal Floriano Peixoto.
1894-98 — Presidencia do Dr. Prudente de Moraes, primeiro presidente civil e eleito pelo suffragio universal.
1898 — Presidencia do Dr. Campos Salles.

Nota A.

(PAG. 16 E SEGUINTES)

Primeiras explorações. Não citamos pelas razões dadas senão uma unica de Americo Vespuccio. Mas ha certeza de duas de Vespuccio dos annos 1501 e 1503, respectivamente commandadas por *André Gonçalves* e *Gonçalo Coelho* (pag. 18); ainda devem ser citadas as de *Fernando de Noronha* (que descobriu a ilha d'este nome) a de *João Coelho* que reconheceu a costa N. do Cabo de S. Roque ao Maranhão; ambas de 1503. A expedição de 1505 *(D. Nuno Manoel?)* descobriu o rio da Prata e percorreu a costa meridional até a bahia de S. Mathias, na Patagonia. D'ahi em diante contam-se as esquadras que arribam para refrescar nos portos do Brasil, as da india, de Affonso d'Albuquerque e Tristão da Cunha; as hespanholas de Soliz e Pinzon (1508), ainda uma vez Soliz (1516) Magalhães (1519) Garcia e Caboto (15[illegible]). Deste ultimo anno é afinal a expedição de *Christovão Jacques* (V. Barão de Rio Branco — *Le Brésil par Levasseur*).

Bibliographia

Foram muitos os materiaes de que dispuz durante a composição d'este livrinho. O mais importante foi a collecção da *Revista Trimensal do Instituto Historico* e depois d'ella, as obras dos nossos antigos escriptores e chronistas. Dos escriptores modernos apenas mencionarei aqui os que são vivos e de cujos trabalhos uma

ou outra contribuição me aproveitou; são elles Joaquim Nabuco, Rio Branco, Ramiz Galvão, Silvio Romero, José Hygino, Araripe Junior, Alencar Araripe, Oliveira Lima, Capistrano de Abreu, José Verissimo, Xavier da Veiga, Teixeira de Mello, Homem de Mello, Th. Sampaio, Zeferino Candido, Felisbello Freire, L. Azevedo, Moreira Azevedo, Padre Galanti, Mattoso Maia, G. Studart, e outros.

Em algumas cousas segui o pouco conhecido mas excellente livro de Handelmann (*Geschichte von Brasilien*) que me parece ser a melhor historia do Brasil depois da de Southey; a de Varnhagem, ainda que a mais exacta e erudita, não tem os attractivos da verdadeira historia, e o seu auctor é alheio a toda a emoção que não seja puramente critica, a de verificar datas, notar e descobrir os desacertos ou falhas dos que lhe desagradam.

Segui á letra as indicações de Martius sobre a legislação a respeito dos indios (*Reise im Brasilien*, III, S. 925-935) e do trafico de escravos (*Ibidem* II, S. 664-570, e os admiraveis conselhos da sua dissertação: *Como se deve escrever a historia do Brasil* (na *Rev. Trim. do Instituto*, t. 6).

Na segunda edição ainda recorri ás mesmas e a outras fontes da nossa historia, principalmente algumas monographias publicadas a proposito do *Quarto Centenario*. Numerosas cartas recebi onde, a par de louvores immerecidos, apprendi a rectificar alguns erros ou lapsos e omissões d'este livro. Contribuiram d'este modo para melhorar esta obrinha os snrs. Capistrano de Abreu, Xavier da Veiga, Araripe Junior, Nelson de Senna . . . .
e outros que delicadamente me enviaram rectificações que, é escusado dizer, aceitei com jubilo, e aqui agradeço.

FINIS

INDICE GERAL

II

Tentativa de unidade e organisação da defeza

III

Lucta pelo commercio livre contra o monopolio

IV

A formação do Brazil. *A)* A historia commum

V

A formação do Brasil. *B)* A historia local

VI

Definição territorial do paiz

VII

O Espirito de autonomia

VIII

O Absolutismo e a revolução — Republica e constituição

IX

O Imperio. Progressos da democracia

IN FINE: